Um convite-livro que instiga o leitor a reescrever a sua visão de mundo.

A Caveira de Hamlet

QUESTIONAMENTOS
MALCOMPORTADOS
SOBRE A VIDA,
A VERDADE E
O FUTURO



HOMERO SANTOS
coautoria FERNANDA SANTOS

A Caveira de Hamlet

Questionamentos Malcomportados sobre a Vida, a Verdade e o Futuro

Homero Santos

coautoria Fernanda Santos

1ª. Edição 2012

Copyright ©2012 , Homero Santos, 1ª. edição

Consultoria Editorial

Cláudia Ferraz

Projeto Gráfico

Desígnio Ecodesign

Capa

Érika Cezarine Cardoso

Coordenação Geral e Revisão de Texto

Donatila Pinski

Fotografias dos Autores

Rogélia Alba

Maria José freire

Os Autores

O livro é resultado de uma parceria entre pai e filha, que se uniram no intento de formular questionamentos e propor reflexões sobre o modelo civilizatório e seus fundamentos, em particular o modelo econômico vigente, desde os pontos de vista tanto pragmático como filosófico.

Homero Luís Santos



A dministrador de formação e ex-executivo, é palestrante e consultor na temática da responsabilidade social, da ética, da governança corporativa e da sustentabilidade.

Maria Fernanda Cardoso Santos



G raduada em psicologia, é professora universitária e mestre em filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Dedicatórias

Dedico este livro a meus queridos netos Bianca, Carolina, Guilherme, Khaliu, Maria Morena e Sebastian, como gesto amoroso e ato simbólico, pois aqui eles estão representando, para mim, as gerações atuais e vindouras que em breve estarão no comando da nossa sociedade global. Neles todos, os nomeados e os simbolicamente representados, deposito a esperança de que serão os atores da elevação da consciência coletiva e os protagonistas das transformações institucionais que viabilizarão a continuidade, hoje ameaçada, da espécie humana na Terra, de que somos hóspedes e guardiães.

Homero Santos

Dedico estas reflexões aos que vieram antes de mim – meus ancestrais, minhas raízes - e à minha filha Maria Morena, fruto dessa grande árvore que é a vida. Também as dedico a todos os meus companheiros sonhadores - capazes de duas coisas essenciais: maravilhar-se e indignar-se. Este livro é nosso, um grande sonho tecido com disposição crítica, alegria e entusiasmo. Celebremos e sonhemos juntos, pois.

Fernanda Santos

Agradecimentos

Nosso reconhecimento inicial vai para a nossa amiga, a publicitária e futurista visionária Christina Carvalho Pinto, que nos estimulou a empreender estes escritos a partir do momento que abriu, no portal de sustentabilidade Mercado Ético, um *blog* – denominado Repaginando – em que fomos ao longo de mais de um ano publicando os *posts* que, ao final, agrupados e editados, geraram este livro.

Igualmente, contar com personalidades como Ricardo Young, autor do prefácio, e Luiz Seabra, que fechou a obra com o seu posfácio, é um privilégio ímpar que nos faz emocionadamente gratos a ambos.

Dispor-se a ler e comentar originais é um gesto de grande amizade e consideração. É a chamada "leitura crítica", que acaba resultando em sugestões enriquecedoras do texto, funcionando, para os autores, como uma espécie de controle de qualidade. É extenuante para quem se dispõe a fazê-lo... Por isso, recebam a nossa gratidão os amigos Luciane Lucas, Rita Mendonça, Sérgio Vaisman, Carolina Daniel e Amaryllis Santos, que aceitaram exercer o papel de "leitores críticos" e o fizeram com notável dedicação.

Intervieram como protagonistas da trama do livro, figurando em não menos que cinco capítulos, Iracema Macedo, doutora em filosofia e poeta; Tarcila Ursini, mestre em desenvolvimento sustentável e economista – identificada por sua vontade pelo pseudônimo Nathalie Zoe; Luciane Lucas, doutora em comunicação e pós-doutora em sociologia; e Satish Kumar, pensador, educador e escritor indiano. A todos os quatro, o nosso especial agradecimento pela disponibilidade e confiança: as suas contribuições atribuíram valor singular aos escritos, enriquecendo as passagens de que participaram. Merecem também menção especial os amigos José Roberto Kassai e Cid Alledi por haverem posto à disposição dos autores modelos conceituais valiosos que foram utilizados para enriquecer o texto.

É oportuno ressaltar que todos os demais personagens que aparecem em interação com os autores são fictícios: são criação nossa, na intenção de dar mais colorido e fluidez aos textos.

Contamos ainda com a atuação competente e inspirada da jornalista Cláudia Ferraz, como consultora de edição na formatação do livro a partir dos *posts*; da designer Érika Cardoso, que emprestou seu talento artístico para a ilustração e diagramação do livro, com destaque para a criação da capa; e Tila Pisnki, que administrou para os autores toda a cadeia de ações que vão da impressão gráfica ao lançamento e distribuição. Nossos sinceros agradecimentos a essa tríade de dedicadas colaboradoras.

Finalmente, deixamos aqui o nosso carinhoso abraço à equipe que opera o Mercado Ético, Henrique Camargo e Letícia Freire, pela acolhida amistosa e prontidão no atendimento, ao longo de todo o período de publicação dos *posts* que viraram livro.

Homero e Fernanda

Apresentação

Christina Carvalho Pinto
Publicitária e presidente do portal Mercado Ético

Meu primeiro encontro com Homero Santos foi duplamente inesquecível. Ele havia marcado uma visita à sede do nosso Grupo e não tínhamos a menor ideia do que motivava a ida do respeitado professor e consultor. A surpresa que ele nos levava já seria mais do que suficiente para tornar aquele encontro único: a Fundação Dom Cabral tinha acabado de eleger o Grupo Full Jazz como exemplo de inovação empresarial no País. Imagine a honra e o estímulo que aquilo significou para nós. Mas havia um segundo aspecto marcante naquela visita: ele usava um anel que me magnetizou a ponto de eu não me conter e pegar a mão do compenetrado mestre, aproximando-a ao máximo dos meus olhos para melhor observar. E foi aquela pedra em forma de escaravelho que me apresentou, de imediato, o Homero fascinante de quem me tornei amiga para sempre.

Quando, tempos atrás, Homero me pediu um humilde espaço no portal Mercado Ético para postar o resultado de algumas conversas com sua filha Fernanda, eu não podia imaginar, nem remotamente, que aquele espaço seria o aeroporto para a decolagem de tão poderosa nave como esta cujas portas Homero e Fernanda nos abrem neste momento, através das próximas páginas. Nave desenhada em pleno voo, durante a viagem mágica e profunda que pai e filha realizam ao redor da Terra, por latitudes e longitudes que dificilmente o olhar humano contemporâneo tem alcançado. omeroHo

O título do livro – A Caveira de Hamlet – hermético à primeira vista, surpreende por rapidamente nos fazer íntimos de todos os ângulos dessa que, enquanto símbolo da Morte, é também evidência da passagem pela Vida.

O que você tem em mãos, caro leitor, é a revelação, através de riquíssimas linguagens, do caminho que a humanidade percorreu para trazer a chamada “civilização” ao ponto em que nos encontramos; da batalha entre o Ser e o Não-Ser (a caveira interna e a externa); entre a clareza da Identidade e a sombra por detrás do Consumo; o impulso natural de cuidar e a impulsividade de depredar.

O livro começa com a citação de Nietzsche: “Deus está morto”.

Homero e Fernanda fazem minuciosa autópsia e tornam públicas as tantas formas pelas quais assassinamos – em nós próprios, na comunidade humana e no planeta – o Sagrado; e através de que mecanismos o substituímos por ávidos deuses de neon aos quais erigimos hoje templos suntuosos e com os quais barganhamos, ofertando o melhor de nossas vidas e o sangue de Gaia.

Num dado momento da narrativa, a divindade se apresenta a Homero através de Maria, que lhe revela a essência do feminino e as consequências de sua extirpação do circuito do poder instituído.

Lembrei-me das reflexões de Homero e Fernanda sobre o dogma do modelo econômico que nos submeteu por tantos séculos, esse dogma chamado CRESCIMENTO; e entendi a mensagem da deusa, pois crescer é uma dinâmica Yang – masculina; a ausência da contrapartida Yin – feminina no âmago desse modelo levou a sociedade planetária ao desequilíbrio fatal.

Me explico. Crescer é maravilhoso. Expansão é uma das grandes magias do Yang/masculino em seu esplendor. Na natureza, tudo cresce quando o ambiente (Yin/feminino) está fértil. Para depois decrescer, recolher-se, repousar, renutrir-se nas misteriosas entranhas...depois voltar a crescer, florescer, frutificar...e depois recolher-se, reoxigenar-se, revitalizar-se no silêncio...e assim por diante, até o Grande Recolhimento Final, semente para futuras expansões...

Um sistema socioeconômico que impõe o crescimento sem trégua certamente opera estrangulado, limitado à pulsação Yang.

É como se, durante a respiração – em que Yin e Yang operam juntos – apenas inspirássemos e inspirássemos e inspirássemos sem jamais nos permitirmos o expirar. A explosão seria (como de fato está sendo) inevitável.

Homero e Fernanda examinam o dogma suicida do sistema vigente e nos convocam a reintegrar, a toque de caixa, a misericordiosa força Yin, hoje amordaçada, que habita tudo e todos, sem a qual não se faz a Vida.

Viajando pelas alturas do conhecimento histórico, mitológico, filosófico e socioeconômico, e mergulhando pelos recônditos onde residem os mais singulares *insights*, Homero e Fernanda nos presenteiam com a visão libertadora do Todo e apontam caminhos urgentes e possíveis para o resgate da inteireza em

cada um de nós e, consequentemente, em Gaia, a Grande Mãe Terra, hoje espelho de nossa automutilação.

Obrigada, Homero e Fernanda. Ao fazer do portal Mercado Ético o ponto de partida para esta obra de mestres, vocês descortinam também o verdadeiro sentido da expressão Mercado Ético, conforme concebido pela grande economista evolucionária Hazel Henderson, criadora original do nome e da plataforma: Mercado, não essa deformidade hoje implantada e tão bem dissecada por vocês, mas sim o ambiente para trocas de tudo o que é saudável, necessário, criativo e justo; ou seja, de tudo o que é, realmente, riqueza; e Ético porque só valerá a pena se todos saírem ganhando.

Ganhei muito com a leitura deste livro magnífico e tenho certeza de que você também chegará à última página muito, muito mais rico.

Prefácio

Ricardo Young
Empresário e ambientalista

Naquele fim de tarde, entre caixotes de papelão, imaginávamos o que seria o projeto que se colocava à nossa frente. As questões que nos moviam eram muito similares. Buscávamos na responsabilidade social empresarial uma nova lógica para orientar as empresas. Assim, Homero e eu criaríamos uma entidade encarregada de sistematizar os conhecimentos de até então sobre sustentabilidade e desenvolver cursos.

Mas naquela primeira conversa, entre o fim de 2.003 e início de 2.004, o tema da sustentabilidade era completamente marginal. A visão entre atividade empresarial, meio ambiente e ações na sociedade eram totalmente compartimentalizadas. As ONGs ambientais nos olhavam com desconfiança. Os empresários que constituíam o Ethos acreditavam no diálogo com a sociedade civil organizada, mas de forma cuidadosa.

E havia sempre certa indisposição, com certo radicalismo dos ambientalistas. Nós não poderíamos abordar a sustentabilidade pela sua vertente econômica e também não poderíamos abordá-la pelo seu ponto de vista ambiental.

Ali, no 12º. andar de um prédio na Rua Francisco Leitão, em São Paulo, buscávamos uma nova visão, uma nova cultura empresarial que tornasse as empresas artífices do novo. Nós sabíamos que a economia que tinha eleito a questão do lucro como seu principal motor, alavancada pelo processo, à época, da globalização, não poderia prosperar. Sabíamos também que a abordagem preservacionista tradicional precisaria dar lugar a uma visão articulada de uma nova concepção de uso dos recursos naturais, de forma que a própria atividade econômica portasse a resiliência necessária para que o meio ambiente não entrasse em colapso.

Para que nosso trabalho não nascesse já superado, precisaria incorporar uma dinâmica que naquela época era muito nova. Era preciso que o tema da sustentabilidade fosse atualizado e ao mesmo tempo atualizasse. O que Homero

e eu e outros do Instituto Ethos começávamos a fazer era um esforço de abordagem transdisciplinar de um tema que não conseguíamos formular ainda, mas nos parecia inexorável. Depois de muitas outras conversas com Homero, nasceu o UniEthos e essas discussões se ampliaram e se desenvolveram.

Tempos depois, no final de 2.011, Homero e eu nos encontramos profissionalmente e ele me deu um grande abraço, dizendo: “Ricardo, preciso falar com você.” Quando Homero, com seus olhos sempre perscrutadores, diz que quer falar com você, certamente uma revelação irá acontecer. “Estou escrevendo um livro e gostaria muito que você prefaciasse.” E eu disse: “Mas, sobre o que é o livro?” Ao ouvi-lo responder que era sobre sustentabilidade, e acostumado que estou a ler sobre o tema, apostei que o livro de Homero seria um arrazoado competente da fronteira da discussão sobre sustentabilidade. Prontamente aceitei!

Até que eu recebo o manuscrito, ou melhor, a primeira versão do livro, e levo um susto – um susto pela coragem moral que moveu Homero a fazer incursões nas diversas áreas de conhecimento na tentativa de entrar no âmago da discussão desse tema. Embora prometa a regeneração da nossa civilização, a sustentabilidade é tão complexa quanto nossa própria capacidade de encontrar, partindo da natureza de predadores que temos sido, uma nova natureza para reinventar o mundo em que vivemos.

Homero dá sua partida inspirado na crise existencial de Hamlet. Guiado pelas três dimensões da caveira, entra nos temas complexos da filosofia, da metafísica e da física; da filosofia grega, das diversas escolas da filosofia clássica. Discute as perspectivas existenciais a partir dos filósofos da modernidade, entra em profundidade nos temas ligados à economia, à arte, à literatura. E o que poderia em um primeiro momento parecer uma obra eclética, com todos os riscos que o ecletismo encerra, acabou se tornando um dos mergulhos mais competentes e provocativos dentre os pensadores da sustentabilidade de nosso tempo.

Haja coragem para discutir Nietzsche e Lacan, para perscrutar a dimensão espiritual das razões e das limitações que fazem do homem o predador de si mesmo e, mais do que isso, o devorador da vida no planeta. É preciso coragem para mergulhar nos temas mais delicados que confrontam e checam a própria competência da economia, enquanto dita ciência, a responder à crise sistêmica contemporânea.

É preciso desprendimento para usar artifícios de diálogos com anjos a visões inspiradoras como elementos metodológicos e pedagógicos dessa mesma narrativa. É preciso grandeza para que no processo questionador se questionar também. E autor e criatura são submetidos a um duro rito de crítica e limites.

A forma que Homero usa para fazer isso é das mais inusitadas. No melhor espírito Socrático, conexões fazem com que o seu diálogo tenha ressonância e a ressonância dos diálogos no mundo inspira os seus próprios. Fernanda, sua filha, uma jovem inquieta, professora universitária, tem no livro a dura tarefa de questionar o pai e de buscar outras dimensões do questionamento do pai, cujo vasto repertório não tenha aprofundado com a devida competência. E assim, Fernanda surpreende. Surpreende porque não deixa que a figura paterna – intensa, intelectualizada, brilhante – em nenhum momento diminua a sua ousadia nos questionamentos e nas colocações. Ao mesmo tempo, resguarda o espaço afetivo da relação, de forma a garantir que todo e qualquer conflito de ideias evolua para a melhoria do posicionamento dos interlocutores. Não seria exagerado dizer que em diversos momentos Fernanda e Homero entram em diálogos do tipo 3 ou 4 da Teoria U, onde se perde a noção de quem fala e de quem ouve, e o fluxo de ideias converge em um contínuo que traz a sensação de um uníssono inspirador. É isso que ocorre em diversos momentos do livro. É arrebatador! E é ao mesmo tempo uma fonte extraordinária de informações que mostram: o tema da sustentabilidade está longe de ser resolvido.

Àqueles que pensam que a sustentabilidade já é um tema batido porque a mídia dele se apropriou e, ao repeti-lo à exaustão, faz-se pensar que está resolvido, digo o contrário. O livro prova: todas as fontes a brotar das múltiplas disciplinas que buscam uma visão sistêmica de um novo padrão civilizatório ainda não produziram um rio. Ainda não produziram a veia principal que vai irrigar o pensamento econômico, filosófico, político do século XXI.

Ao se voltar para uma narrativa romanceada, mas sem em nenhum momento fazer concessões à superficialidade, o livro prende o leitor desde o início. E não solta! Apesar de ter esse aspecto hipnótico, é desejável que o leitor o leia em *tablets* ou ao menos com uma conexão ao Google para não perder o passo da narrativa. As citações são feitas, e são feitas às centenas. Não são, como muitas vezes observamos, de um exibicionismo cultural ou intelectual. São citações que procuram localizar em um grande sistema complexo os atratores e eventualmente os vetores daquilo que pode dar consistência a esse mesmo

sistema. Ter acesso a uma Wikipédia, para dizer o mínimo, é aconselhável. Como aquele comandante que, mesmo conhecendo a rota, de tempos em tempos olha para os instrumentos para confirmá-la e ter a segurança de que a viagem será ótima.

Recomendo os capítulos "Simplicidade, Desprendimento e a Busca da Felicidade" e seguintes, porque poucas vezes na discussão sobre sustentabilidade se enfrenta o dilema da ética, da busca existencial e espiritual dos indivíduos na equação desse novo padrão civilizatório. Tendemos a falar de *triple bottom line* e esquecemos o que seria a quarta dimensão, ou a plataforma de todos os outros pilares, que é o sistema de valores e de ética que orienta as decisões na sociedade global.

E os capítulos "Economistas, Anjos e Filósofos: uma Teoria de Todos" e "Vaidades, Verdades e Mitos: as Controvérsias da Economia", porque eles postulam as treze questões-chave para a sustentabilidade. Ao trazer a essência do pensamento de Manfred Max-Neef e de Herman Daly, além de outros economistas ecossistêmicos, os autores contrastam aspectos centrais que o pensamento econômico tradicional reluta em enfrentar. Reluta porque não conhece e porque não se arrisca a romper com o modelo de acumulação corrente, que o mantém sob tutela quando não o subjuga completamente.

Espero que o leitor tenha ao ler esse livro o mesmo prazer e a mesma inquietação que tive: prazer intelectual, interrogação existencial e... algum mal estar. Um mal estar por sentir que se pode fazer mais – mas para fazer mais, teremos que fazer diferente. E talvez nem seja o desafio de se fazer mais, mas fazer melhor, muito melhor, a partir da nossa espantosa condição humana.

Sumário

ABRINDO O JOGO

Para que serve um livro como este?

Conversa livre e aberta sobre as origens e a motivação da obra.

PRÓLOGO

Os Sucessores do Deus Morto

- **Eros, Tanathos e os Novos Deuses da Modernidade**

  A onipotência que atribuímos aos deuses é a projeção compensatória da nossa vulnerabilidade.

A TRILOGIA

Hamlet e os Três Aspectos da Caveira

LOGOS 1
A Caveira Interior

- **Cosmos, Caos e o Sistema de Crenças do Mundo Globalizado**

  A força das crenças usualmente suplanta as evidências fenomênicas, na determinação das nossas ações.

- **O Nó Górdio do Crescimento**

  Houve uma palavra primordial, um big bang *verbal do qual se desdobrou a linguagem e a cultura.*

- **Entropia, Vida e o Futuro da Civilização**

  Tamanho é potência, mas toda grandeza está sujeita à métrica de um limite...

• **Auto sobre o Sentido da Vida ou a Interminável Contenda entre Gaia e Medéia**

Pode-se suspeitar de que a ideia de Deus conflita com o anseio humano de Liberdade?

LOGOS 2

O Interior da Caveira

• **Ensaio sobre o Delírio: Repensando o Futuro Turbulento**

A loucura é uma forma desordenada de lucidez que os gênios sabem organizar para as suas criações.

• **O Dia de Maria ou a Epifania do Feminino**

Tudo que é negado ou rejeitado acaba um dia ressurgindo para reverter a iniquidade imposta.

• **Simplicidade, Desprendimento e a Busca da Felicidade**

Aparenta ser uma contradição crer na viabilidade de uma vida humana simples, dada a extrema complexidade da Teia da Vida.

• **Pessoas Felizes! e o Planeta, como está? Sinalizando caminhos para o Desenvolvimento com Sustentabilidade**

A felicidade e o bem-estar são incompatíveis com uma Natureza em processo de degradação.

• **Planeta Saudável! e as Pessoas, como estão? Sinalizando caminhos para a Sustentabilidade com Desenvolvimento**

Dissociar desenvolvimento de crescimento poderia nos levar a aprender com a sabedoria do mundo natural e a mimetizar suas soluções arquimilenares consagradas.

LOGOS 3

O Exterior da Caveira

• **Dinheiro, Incerteza e Lucro: o Trio Elétrico do Capitalismo**

"*Dinheiro é Vida", condição imposta como fruto da incerteza existencial que nos subjuga a todos.*

- **Muito Prazer, Caro Cidadão!...ou Caro Consumidor!???**
  O consumo é um fenômeno que não pertence mais à teoria econômica. Acha que não? Consulte um publicitário...

- **Consumo Consciente, um Caso de Amor Platônico**
  Ora! Não espere que o cabrito seja o zelador da horta!

- **Economistas, Anjos e Filósofos: uma Teoria de Todos**
  A colisão entre teorias e conceitos antagônicos traduz a inevitável disparidade dos diversos modelos mentais e, por isso, não deveria se inserir no campo sombrio da culpabilidade.

- **Vaidades, Verdades e Mitos: as controvérsias da Economia**
  A vaidade atua na lucidez da mente como a miopia na acuidade da visão, evidenciando amiúde a falsidade e a distorção das percepções e conclusões.

- **Quero Mamãe de Volta ou Construindo o Argumento do Retorno a *Physis***
  Somos órfãos da ingenuidade e do encantamento dos primórdios. Ah! Que saudades...

- **O Mundo e seu Povo ou Quem Somos Nós Afinal**
  A genética faz os humanos semelhantes e próximos entre si: são a tradição cultural e o poder econômico que instalam as rivalidades e os separam em castas.

EPÍLOGO

Da Cabeça ao Coração: transcendendo a Caveira

- **A Trindade Holística: Solo, Ser e Sociedade**
  A observação do mundo, desde que despojada da vigilância dos modelos mentais paradigmáticos, nos faculta tecer laços

de intimidade com os integrantes da Comunidade da Vida.

ABRINDO O JOGO

Para que serve um livro como este?

A pedido de um dos autores, a jornalista Danuza Milani aceitou realizar uma leitura crítica do livro ainda no formato de manuscrito. Além das sugestões que apresentou, várias incorporadas ao texto, propôs realizar um papo-entrevista com ambos para responder à pergunta acima, que segundo disse lhe assomou durante a leitura. Argumentou que via no livro mais do que um conjunto de questionamentos com interessantes ou instrutivas respostas e gostaria de explorar com ambos essa sua visão. Eis o que resultou.

Danuza: *Que os motivou a escrever este livro?*

Homero: Todos conhecemos a expressão “grito parado na garganta”. Aplica-se aqui, até certo ponto. Há coisas que, se não são ditas, oferecidas a compartilhamento, acabam adoecendo quem as retém. Talvez essa explicação seja genérica demais... Que autor não se torna tal justamente porque tem algo a dizer ou expressar? Mas há mais, no nosso caso, e acho que foi isso de que você suspeitou...

Danuza: *É verdade. Que seria então esse algo adicional, no caso deste livro?*

Homero: Para situar-nos melhor, tenho que declarar que nenhum de nós, nem minha filha Fernanda nem eu, temos tradição alguma como escritores. Permanecemos sempre – e eu, por condições etárias óbvias, por muito mais tempo – do lado de cá, do lado dos leitores, e leitores gulosos, devoradores de páginas e páginas de papel e, hoje em dia, também de caracteres nas telas eletrônicas. Minha motivação pessoal para me enfiar nessa empreitada em momento avançado da minha existência foi fazer um convite e uma provocação.

Danuza: *Muito bem. Então explique melhor esse convite e essa provocação.*

Homero: A ideia é que este livro, cujo título leva o aposto de “questionamentos malcomportados”, atue nos leitores como uma meta-mensagem, que seja também um meta-livro, e já vou explicando isso para não aborrecer você com um excesso de rodeios. Ele assume a condição de meta-mensagem quando sugere: todos nós, cidadãos comuns, podemos lidar com temas profundos e de longo alcance e sair do rebanho a que alude Nietzsche em sua obra *Da Genealogia da Moral*. Essa é a provocação: saiam do rebanho dos certinhos e comecem a pensar suas vidas livremente – a liberdade não é universalmente aceita como um bem supremo? – a pensar seus entornos, as instituições, ainda

que sejam cidadãos comuns que não ostentem uma titulação acadêmica ou não sejam especialistas. Não existe essa coisa de ser “especialista em vida humana”: a vida de cada um de nós é para ser vivida e entendida na amplitude capaz de nos tornar maiores por dentro, ou mais realizados nas nossas potencialidades, a cada ciclo de tempo que passa. Ou ainda mais felizes... se conseguirmos extrair satisfação dessa autonomia conquistada, o que significa não sermos pautados sobre o que e como pensar. Não necessitamos de terceiros que nos digam o que é melhor para nós. Mas, para essa conquista, há três condições: estar disposto a ser verdadeiro consigo mesmo, crer na própria capacidade criativa e exercê-la efetivamente criando visões próprias. Nesse sentido, este livro é uma demonstração do “livre pensar”, do questionar, do não comprar pelo preço de etiqueta o que nos querem vender como o melhor e que, muitas vezes, nos custa justamente nossa liberdade e nossa identidade. Nesse sentido é que se coloca como um meta-livro, portador de uma provocação um tanto barackiana: “Todos nós podemos. Você pode!”.

Danuza: *Essa é a provocação. E o convite, qual é?*

Homero: Talvez provocação e convite se mesclem de alguma forma, mas a primeira é mais forte e decisiva, sem o que não cabe o segundo. O convite é que nesse processo de desfazer as amarras não optem por caminhos acanhados e triviais, desfaçam-se das verdades instituídas ou pelo menos as questionem e concluam por si. Busquem o que está na raiz do que incomoda ou do que julgarem inadequado, aceitem as evidências que encontrarem, não se prendam a um único saber: exercitem a transdisciplinaridade, ajustem se necessário sua visão de mundo.

Danuza: *Isso é tudo quanto ao livro?*

Homero: Claro que além dessa meta-mensagem que comentei, o livro, qualquer livro, tem que oferecer um conteúdo suficientemente atrativo para ser lido e, antes disso, tem que sugerir um valor aparente para ser adquirido. O teor de **A Caveira de Hamlet** é denso, reconhecemos isso, mas procuramos tratar os vários temas de uma forma casual e lúdica, como ocorre nas rodas de papo, onde costumamos expor nossos desconfortos, reclamações, indignações em relação àquilo que vivemos ou experimentamos, e disso tiramos algum proveito, no mínimo é catártico. Mas como construção estruturada a coisa habitualmente acaba morrendo aí... e no nosso caso, virou publicação.

Danuza: *Nota-se pela leitura que cada um de vocês dois assume papéis bem definidos ao longo dos capítulos. Como é isso?*

Fernanda: É interessante, Danuza, até mesmo necessário, remontar a como tudo começou. Fazia já algum tempo que meu pai dizia que há um sem número de aspectos da sociedade que são sempre tratados de forma desconectada entre si, principalmente no que diz respeito ao hoje tão em voga conceito de sustentabilidade e as ideias consagradas pela teoria econômica. Depois que voltou de uma viagem à Índia, onde pôde conhecer novas formas de organização da produção, achou que tinha que juntar todas essas peças numa formulação razoavelmente unificada que nunca tinha encontrado nos vários modelos que andam por aí. Passou por um período de desânimo, depois de indignação e, como fruto desse desconforto decidiu que iria parir um livro, e me convidou para ser sua parceira. Ele diria como estava percebendo as coisas e eu, como acadêmica, buscaria no amplo domínio do pensamento filosófico quem e quando tinha abordado as várias temáticas de que ele tratasse, e quais haviam sido as propostas de então. Assim, entabularíamos um diálogo entre a experiência descompromissada e o saber estruturado, o que, de fato, foi por mim exercido com uma certa liberdade coloquial menos usual num contexto universitário. Nesse vai e vem de conversas e mais conversas, nós os autores terminamos por ser personagens de nós mesmos, assim como inúmeros protagonistas que intervieram e que são fictícios. É que, na verdade, nós dois nunca cumprimos os passeios e as rotinas que são relatados e, em certos cenários, nem mesmo estivemos juntos – ao menos em corpo físico... (risos) É certo que em alguns capítulos retratamos diálogos com pessoas reais, que de fato participaram, mas as circunstâncias em que ocorreram essas trocas não são factuais: foram construídas para se ajustar a uma narrativa romanceada.

Danuza: Como vocês coordenaram toda essa produção?

Fernanda: Fizemos inicialmente uma sinopse do livro, mas assim mesmo ficamos um tanto perdidos quanto a por onde começar. Foi então que meu pai teve a ideia de propor que cada capítulo fosse um *post* a ser publicado em um *blog*. Criaríamos um blog somente pra isso? Era uma dúvida. De repente, conversando com sua amiga Christina Carvalho Pinto, que dirige o portal de sustentabilidade Mercado Ético, recebeu dela a oferta da criação de um *blog* nesse site para hospedar os *posts*: criamos o nome do *blog* – **Repaginando** – e fomos em frente, postando periodicamente matérias mas conscientes de que estávamos escrevendo um livro. A coisa foi fluindo organicamente, um tema

puxando o seguinte. As dificuldades com a distância de quase três mil quilômetros que nos separa, ele na região de São Paulo, eu no Rio Grande do Norte, foram vencidas mediante o uso de meios tecnológicos: Skype, gravações de voz e transcrições, idas e vindas de e-mails, com alguns encontros presenciais de permeio – mas pra nós foi tudo muito divertido! Sendo o Mercado Ético um site de alta frequência de visitas, fomos obtendo notoriedade e, o que é mais importante, recebendo *feedback* sobre o que publicávamos. A boa aceitação dos textos de fato foi o empurrãozinho final para nos animar a publicar tudo, claro que com os ajustes necessários, sob a forma de livro.

Danuza: *Uma coisa de certo modo me intrigou no livro, durante a leitura crítica. Não há notas de rodapé, nem bibliografia, tampouco algo como um índice onomástico ou remissivo. Qual a razão de ter sido assim?*

Homero: Bem, claramente **A Caveira de Hamlet** não é um livro didático, muito menos, uma obra acadêmica ou uma leitura de passatempo. É um conjunto de reflexões, sob a forma de diálogos ou de trocas remotas de notas. O subtítulo já diz: **questionamentos**, não proposições assumidas como verdadeiras e que, portanto, careceriam de respaldo em autores consagrados ou no conhecimento científico. Quando conversamos sobre algo não entremeamos a conversa com citações de fontes, páginas, ou casas editoras. Fernanda e eu trocamos ideias sobre isso e tomamos essa decisão: nada de referências. As menções a autores ou livros, ou figuras ilustres, que surgiram no conversatório ou na troca de textos estão lá já explicitadas, com menção ao autor e ao contexto ou obra. Está certo que isso complica às vezes para um leitor menos informado, mas seguimos a máxima de Saramago: as pessoas devem ler livros que estejam acima da sua compreensão imediata, só assim se constrói um conhecimento novo. Por sorte, hoje em dia há uma infinidade de meios de aprofundar por conta própria uma leitura, seja a partir de simples buscas no Google, no Yahoo ou no Bing, até consultas a dicionários eletrônicos – e os de papel ainda existem... A *Amazon.com* e outras livrarias *online* chegam a publicar junto com os livros à venda críticas espontâneas de leitores comuns, não de críticos profissionais, tornando possível saber o que leitores pensaram de um livro antes mesmo de que o compremos. As fontes e demais referências que resolvemos não publicar à parte estão disponíveis para quem quiser ir além, aprofundar-se, ou meramente decifrar palavras ou conceitos mais complexos. É só ir atrás... faz parte da nossa intenção criar esse hábito, faz parte da ideia de meta-livro.

Danuza: *Está bem, convenhamos que essa é uma postura não tão usual... Agora, quanto à edição. Transformar um conjunto de escritos num livro não é uma tarefa trivial. Fale um pouco sobre isso.*

Homero: O curioso é que a ideia de estruturar o livro em torno do conceito da **caveira** se deu quase no final da série de *posts*. Mas parecia que já estava latente, inconscientemente, desde o início, nós é que não nos dávamos conta disso, cada produção ditava a próxima. Foi, como disse a Fernanda, tudo muito orgânico... Agora, Danuza, voltando ao princípio, com seu questionamento – questionamentos são sempre bem-vindos! – *Para que serve um livro como este?*, eu diria que nem sabemos ainda se servirá para algo... Convenhamos, os leitores é que terão a palavra final, ou melhor: vai depender dos humores do deus Mercado. Para saber mais sobre esta divindade, leiam o livro! *(risos)*

PRÓLOGO

Os Sucessores do Deus Morto

“Gott ist tot!”
Friedrich Nietzsche

"Deus está morto" é uma frase que tem custado à memória do filósofo e escritor Friedrich Nietzsche uma enxurrada de injustiças. Diferentemente de como possa ser entendida pelos desavisados, essa afirmação de Nietzsche surgida pela primeira vez em *A Gaia Ciência*, e repetida em outros escritos seus, quer nos advertir de que nós mesmos, os humanos civilizados, fomos os algozes do Deus, ou dos deuses, que nós mesmos criamos como expressão das nossas crenças e esperanças. Nossa gratidão a Nietzsche por nos despertar para essa faceta da nossa civilização e por nos presentear, a nós, autores, com o mote que inspirou esta obra.

Prosseguiremos agora com nossas próprias considerações, já despregados de todos os desdobramentos profundos com que o notável pensador teuto brindou a *intelligentsia* nesse tema: não caberiam na moldura deste despretensioso ensaio.

De pronto, uma advertência: claro fique que aquele ente supremo que muitos de nós humanos concebemos como arquiteto, autor e mantenedor de tudo o que existe, do Universo, e que se convencionou denominar de Deus, decerto está absolutamente acima dessas questiúnculas que envolvem seu alegado óbito. É obviamente uma metáfora falar na morte de Deus...

A noção de destinação transcendental da existência humana, fundada na crença de uma ordem cósmica à qual nos integraríamos, algo que saciasse a ânsia humana de divisar propósito e finalidade para a vida e para a morte, e que tem sido o apanágio das tradições seculares e das religiões instituídas, ficou perdida no meio da caminhada rumo ao progresso – esse como que pronome que se coloca no lugar do nome que no momento melhor calhe –, e ademais nada que não seja abençoado pela chancela científica merece credibilidade.

Podemos enumerar alguns fatores que mataram definitivamente os deuses criados: o ataque destrutivo ao sagrado através do crescente avanço dos valores

materiais sobre os espirituais; a interveniência manipuladora dos que se avocam a si mesmos a representação da divindade e a interpretação dos seus desígnios, amiúde em escuso proveito próprio; os morticínios realizados em seu nome na defesa de verdades alegadamente divinas...

E nota-se que, em paralelo, a vida humana, e junto com ela as várias outras formas de vida, foram gradativamente perdendo força como categoria de valor intrínseco, transformando-se em moeda de troca para o atendimento de conveniências, políticas e econômicas, de grupos de poder, a serem atendidas a custos que nos estão conduzindo, como civilização, a uma situação de colapso global.

Sem dúvida, tudo isso reflete uma deterioração difusa: perdemos a noção da ética e contraímos uma héctica moral.

Perdeu-se em algum lugar nessa escalada materialista a capacidade de entender as coisas do mundo como uma totalidade. O próprio pensamento filosófico, que na sua origem se destinava a buscar o sentido da existência e entender a morte, mesclando-se com as religiões nesse propósito, hoje se entretém na explicação de por que não conseguimos ainda ser indivíduos continuamente felizes e pacíficos uns com os outros. Gerou-se um vácuo no mundo metafísico mas, como "*natura abhorret vacuum*", todo vazio criado é imediatamente ocupado por um novo locatário. Parodiando o dito popular: "Deus morto, deuses postos".

Ainda no campo dos provérbios, sabe-se que "o dinheiro ruim expulsa o dinheiro bom" e foi assim que ao Deus que tínhamos, fosse uno ou trinitário, ou uma plêiade de divindades num vasto panteão, outros de estirpe distinta se sucederam. Foi um deicídio cometido por toda uma civilização de fartos apetites, inspiração curta e espiritualidade embotada – Nietzsche apenas o proclamou.

Parecia um ganho poder sair do rebanho e conquistar a vontade de potência e a superação contínua do super-homem, aquele que assume seu destino sem tutelas – e aqui nos permitimos mais uma vez recorrer ao nosso inspirador, ainda que de passagem –, mas o vácuo deixado atraiu pastores, agora laicos, para assumir a orfandade do rebanho, suprema ironia!

Vamos agora, na sequência, ser apresentados formalmente aos novos deuses, entronizados como locatários desse espaço desocupado, porque conhecê-los...

ah! isso já o fazemos. São nossos velhos mentores que, despidos de suas vestes sacerdotais, muitos trajando seu impecável terno como Gregory Peck no filme *The Man in the Gray Flannel Suit*, ainda que talvez não mais cinza – cores são hoje secundárias, desde que a grife seja nobre –, frequentam nossa vida no modo ianque 24-7, ou mais explicitamente: vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

À leitura, companheiros, que devanear é saudável, saber é necessário e questionar é preciso!

EROS, TANATHOS E OS NOVOS DEUSES DA MODERNIDADE

A onipotência que atribuímos aos deuses é a projeção compensatória da nossa vulnerabilidade.

Estranho como certas palavras ficam mais que outras. Aquelas ficaram. Ecoavam ainda muito tempo depois da conversa. Foi um diálogo à beira-mar, daqueles que acompanham sol, passos na areia e o cheiro deliciosamente invasivo de maresia. Ela, Fernanda, se lembrava muito bem de cada palavra. Ele, Homero, pai dela, ambos em jovial prosa deambulante, tinha dito assim: “Se fôssemos falar de uma mitologia da nossa civilização, três deuses seriam os regentes máximos do nosso panteão: Mercado, Ciência e Morte. Atualmente domina com mais vigor o Mercado.”

Inquieta com a declaração, Fernanda ponderou: “Mas e as tradições, as religiões? À vista delas, como ficam esses três bizarros deuses?” Ao estímulo, Homero, dissertativo, foi desfiando: “As tradições e religiões estão aí, mas os dogmas estabelecidos pelo Mercado vão substituindo-as e subjugando-as. O Mercado nos oferece bens e confortos e, com isso, amortece nossas vontades. Tais artefatos nos dão mobilidade, permitem turbinar nossas ações, são extensões de nossa anatomia, permitindo que o corpo ultrapasse seus limites físicos e sensoriais. Mas o Mercado não trabalha sozinho: se serve do deus Ciência para nos assegurar uma dominação ainda que precária dos fenômenos da vida, brindando uma sensação de segurança na sua prolongação e no combate à morte. E este é o terceiro deus – o deus Morte. Tanto fugimos dele que ele acaba por nos reger. Aí temos! Estes são os deuses da Santíssima Trindade da civilização: Morte, Ciência e Mercado. O deus Ciência se alia ao deus Mercado e ambos buscam reverenciar o deus Morte para aplacar a sua ira, dando aos humanos, através dos bens e demais artefatos civilizatórios, uma ilusória noção de vitória sobre a inevitável e progressiva degradação da vida humana. Mercado e Ciência buscam promover a vida, mas é o contrário disso que vem acontecendo. Ambos se revestiram da índole de Medéia dos tempos atuais, ameaçando sobrepor-se à força nutridora de Gaia.”

Ela calou-se. Calou-se e pensou por dias, repetindo o trajeto naquela mesma beira do mar. O mar, incansável em seu vai e vem, parecia bem alheio a esses deuses. O mar, o vento, a maresia, a areia desobedecem aos deuses humanos? Mercado e Ciência conseguem realmente subjugar a Natureza? Às vezes há um triunfo aparente, mas o curso natural das coisas culmina, pensava ela, com a

morte. É isso que faz da Natureza muitas vezes uma adversária temerária: faz-nos lembrar que tudo tem um ciclo e que a finitude espreita a cada passo nosso. “Isso também passará”, é o que a Natureza parece repetir. O que fica então?

Platão em Fédon discute a ideia de que a filosofia é uma preparação para a morte. Filosofar é ser amigo da sabedoria, é buscar ser sábio. Bem, se é assim, ser sábio tem a ver com encarar a morte? De que maneira? O que poderia acontecer se ousássemos entrar na sua intimidade? Já havia falado e ouvido (tanto!) sobre isso. Mas tem dias em que palavras parecem repentinamente encher-se de sentido. Será que encarar a morte levaria a conhecer outras divindades? como seriam? deuses da Natureza? deuses que teriam a ver com o vai e vem das ondas; ou a própria superação dos deuses, como no *super-homem* de Nietzsche?

De todas as questões, uma certeza: os problemas atuais – aquecimento global, degradação do meio ambiente, crise energética – são muito mais profundos e remotos do que se imagina. Tocam no que somos como humanos, em como temos conduzido nosso existir, e com que valores. Era sobre essas coisas que ela queria seguir conversando. Precisava de outros passeios à beira-mar... ou alhures.

Passaram-se alguns dias e, afinal, prevaleceu o alhures da última caminhada... O papo entre ambos, pai e filha, prosseguiu portanto num cenário campestre. Desde o passeio anterior, não tinham mais se falado, mas de certo modo a conversa havia continuado em segundo plano. Fragmentos daquelas ideias sobre a civilização e seus deuses se faziam presentes no cotidiano de cada um deles, gerando reflexões e indagações.

O cheiro de maresia deu lugar à mistura de aroma de terra, de umidade e de ciprestes. Caminhando sob um belo céu de inverno – azul e límpido – entre um passo e outro ele divagava: “Estava pensando que poderíamos incluir outros deuses nas considerações que elaboramos, além de Mercado, Ciência e Morte. Veja a tradição védica: temos, dentre os muitos deuses menores ali existentes, a suprema tríade de Brahma, Vishnu e Shiva, chamada de Trimúrti. Observando bem, a trindade Mercado-Ciência-Morte corresponde de forma invertida a essa Trimúrti. Brahma é, no hinduísmo, o Criador da Vida enquanto, na trindade que identificamos antes, o deus Morte elimina vidas ainda que para viabilizar outras vidas ao longo da cadeia alimentar. Vishnu é o Mantenedor da Ordem enquanto o deus Ciência cria a desordem na ordem natural, tentando subjugá-la. E Shiva é

o Transformador do Mundo, correspondendo ao inverso do deus Mercado, anestesiador da vontade de mudança, já que oferece a saciedade acomodatícia".

Ela reconheceu a ressonância dessa proposição com outra, que reúne vida e morte numa dualidade oposta e complementar. Pensou em Freud e sua pesquisa acerca daquilo que impulsiona nossas ações. E emendou: "O psicanalista dirá que o que nos move são as pulsões, duas pulsões básicas das quais se originam as demais – pulsão de vida (*Eros*) e de morte (*Tanathos*). Ao lado da pulsão de vida – que busca o prazer e evita o desprazer – há a pulsão de morte, que busca a aniquilação e é um não-querer, uma espécie de movimento niilista que conduz ao inorgânico, ao inerte. Eros e Tanathos seriam opostos e complementares como Brahma e Morte."

E prosseguindo nas considerações: "O interessante é que um dos caminhos que Freud percorreu para formular a ideia de pulsão de morte foi observar a brincadeira de uma criança pequena. Toda vez que a mãe da criança se ausentava, a criança arremessava um carretel para longe de seu berço para depois recuperá-lo pela linha presa aos dedos, sempre pronunciando nesse vai e vem as palavras *Fort-Da* (em alemão: *Fort* – longe; *Da* – perto). Freud interpretou essa brincadeira como um jogo representacional em que a criança se apoderava do próprio processo de perda da mãe. Perdia-a e a recuperava simbolicamente, repetindo uma experiência desagradável, mas dessa vez com controle sobre ela. Enquanto a repetia, a controlava e elaborava: ao sofrimento pela perda contido no *Fort* (Cadê?) sobrevinha a alegria do reencontro do *Da* (Achou!)."

Já estavam quase no fim da trilha que serpenteava entre relvas e ondulações do terreno quando ela, depois de alguns passos em silêncio, disse: "Nessa brincadeira encontramos de maneira emblemática os deuses da trindade: vida e morte impulsionando nossas ações, criando uma ordem humana e subjugando a natural, através da Ciência. Ambos vigorando através dos mecanismos de saciedade que o Mercado oferece. Tal como a criança pequena, nessa brincadeira nós desenhamos maneiras de jogar e recolher o carretel, buscando controlar a inexorabilidade de nosso destino."

A essa altura, o sol ardido do inverno recomendava uma pausa sob a copa de uma árvore qualquer e um sorvo providencial de água. Pairava uma atmosfera de reflexão entre os dois e parecia que a parada no trajeto tinha posto um ponto

final ao papo. Foi quando ele, parecendo que fisgara algo no vórtice de ideias que se agitavam no seu pensamento, reiniciou o diálogo como que buscando uma conclusão, um fecho: “Eros e Tanathos ou, na nossa elucubração, Brahma e Morte, delimitam os extremos de nosso universo ético, estabelecendo um intervalo pendular de condutas possíveis. Explico melhor. Primeiramente, aquilo que parece distinto e oposto na verdade são faces da mesma moeda. Para preservar a vida do indivíduo amiúde contribuímos para a morte da espécie, da nossa espécie e das demais espécies que sustentam toda a vida, aí incluída a nossa própria. Vivemos do sacrifício de indivíduos de outras espécies para obter o alimento necessário à nutrição da nossa. Todas as espécies fazem o mesmo, com a diferença de que recebemos do deus Ciência, em resposta à nossa devoção, as ferramentas para ampliar nossa ação no mundo, criando extensões de nós mesmos com as quais multiplicamos infinitas vezes nosso impacto, desproporcionalmente à nossa massa corpórea. Em nome do conforto e do progresso, matamos mais, muito mais do que aquilo que seria necessário para...apenas sustentar a nossa vida humana.”

“E é o deus Mercado quem nos disponibiliza esses aparatos, é lá no seu altar que em troca das nossas oferendas monetárias logramos encontrar toda a sorte de meios, que tanto salvam e prolongam vidas como decretam o fim destas, em holocausto ao deus Morte cuja outra face, aliás, é Brahma. Ufa! Vida e Morte, Eros e Tanathos, posições extremas do mesmo pêndulo. Aí se situa o fosso profundo onde está encravada nossa civilização!” Na verdade, esse não foi um fecho, foi a abertura de uma nova rodada de conjecturas.

A essa altura, algumas nuvens já começavam a aninhar-se sobre as suas cabeças. Sob a sombra que se criava, começaram a caminhada de retorno. Um tanto atordoados, diga-se de passagem...

A TRILOGIA

Hamlet e os Três Aspectos da Caveira

A cabeça, onde se localiza a caveira, deve ser realmente uma peça importante na anatomia humana, pois ocupa a cobertura do edifício somático. De fato! É o salão nobre onde se instala a governança do Homo Sapiens Sapiens S.A. Como nas corporações econômicas, é o resto do corpo que sustenta a cabeça, mas sem a cabeça o resto do corpo, o povo lá de baixo, perde o rumo, fica acéfalo – que aliás quer dizer “sem cabeça”. Uma mão lava a outra, mas ainda assim às vezes uma delas permanece mais suja que a outra...

Seria cedo demais para introduzir aqui o clássico conflito Capital-Trabalho mas, só para avivar a memória das mentes bem informadas, “cabeça” e “capital” provêm do mesmo vocábulo latino: *caput*.

Já “trabalho”, bem... uma vez que falamos de um, não deveríamos omitir o outro. Trabalho tem também origem no latim: *tripalium*, um “instrumento de tortura” inventado na Roma antiga. *Trabajo* em espanhol, *travail* em francês, *treball* em catalão, *traballo* em galego são todas expressões fiéis ao étimo romano, mas em italiano temos *lavoro* para trabalho, atribuindo-se a *travaglio* o sentido de “sofrimento, tormento” – sabe-se lá por quê, talvez por proximidade histórico-geográfica...

Ai, ai, ai! Fomos longe demais para uma mera introdução! Mas fica aqui a informação para se refletir nos momentos de ócio criativo que costumam entremear a leitura de um livro.

Voltemos à caveira. Nos seres humanos, é composta por crânio e mandíbula. O crânio, formado por 22 ossos – seria daí que surgiram os 22 Arcanos Maiores do Tarô? – é um conjunto de partes separadas que se unem na marra, ou na amarração: todos os 22 ossos são atados entre si por suturas, articulações rígidas que possibilitam apenas mínimos movimentos de acomodação.

Já a mandíbula tem permissão para agir por conta própria: articula-se com o crânio mas preserva em relação a ele uma quase independência de movimentos. É nela que se fixam os dentes da arcada inferior, assumindo assim metade da função alimentar – se a mandíbula entrar em greve, o corpo ficará em sérias

dificuldades para se nutrir. Greve é um atributo do ser livre, uma forma de protestar contra o *tripalium*.

Liberdade de expressão é um valor central e explícito da sociedade atual, digamos, do que chamamos de civilização, o conjunto dos civis, dos cidadãos. Nossa anatomia já sinaliza isso: a flexibilidade da mandíbula em face à rigidez do crânio nos pode sugerir a independência do falar em relação ao pensar e sentir, mas não nos esqueçamos de que o peixe, assim como o homem, morre pela boca – pelas incontinências da mandíbula quando age desconectada do crânio.

Na recíproca, a caveira meio que ignora a mandíbula pois se ocupa da função fundamental de proteger o crânio. A mandíbula está ali como uma edícula até certo ponto dispensável do ponto de vista da caveira – se é que podemos formular essa metáfora sem descair para a banalidade. Mas sem a mandíbula as funcionalidades instaladas no crânio ficam adstritas à manifestação escrita ou gestual, e se perde a sublime faculdade libertária de bradar aos oito ventos – há mais quatro pontos intermediários aos cardeais, os nautas e aeronautas sabem da sua importância – o que pensamos, sentimos, desejamos e repudiamos.

Mas que fazia Hamlet no drama shakespeariano com uma caveira segura em uma das mãos – os atores aí têm exercido uma certa licença cênica, alguns usam a destra, outros, a sinistra... – confessando-lhe suas dúvidas, suas hesitações, seus medos? Hamlet confessava-se com sua **caveira interior** ali exteriorizada, com esse atributo da caveira que reúne vida e morte. Como expressão do destino, a caveira interior reúne Vida enquanto comanda a presença no mundo, enquanto governa as ações; e Morte, quando já tendo cumprido seu papel cimeiro no complexo psicossomático, se desprende do restante do corpo e se libera da matéria que envolvia e que a envolvia, restando apenas como memória simbólica das tragédias e comédias vividas, dos prazeres e das amarguras.

Ah, sim, das amarguras! Foram elas que nos tornaram humanos porque proveram o aprendizado de existir e de resistir, tal como no dizer de Hamlet: “armando-se contra um mar de desventuras” – e assim é a vida dos humanos, ainda hoje e, quiçá, sempre será. Não foi em vão que Calvário, o nome dado à colina onde o Jesus dos cristãos foi sacrificado, recebeu esse nome, porque por ali espalhadas jaziam as caveiras daqueles que como ele pereceram na cruz. Gólgota, em aramaico, tinha o mesmo significado: o “lugar das caveiras”.

Caveira provém do latim ‘*calvaria’*, derivado de ‘*calvus*’, crânio, dando origem ao termo calvário como substantivo comum, que se usa para designar uma sequência infinda de sofrimentos. Um calvário, intercalado de penosos e inevitáveis aprendizados, assim é a verdadeira vida para quem a tenha realmente vivido. É aí que “trabalho” e “calvário” se assemelham – semanticamente, bem-entendido... Ambos nos elevam a consciência, desde que sejamos capazes de amar nosso destino, como preconizava Nietzsche.

A instância que perscruta o exterior da caveira sobre “ser ou não ser” é o **interior da caveira** de Hamlet, essa central governadora das decisões, a sede das memórias que instruem os pensamentos e sentimentos. É a instância, o *locus* de onde provêm as indagações sobre o sentido daquilo a que a caveira interior, nosso destino, nos propõe e, amiúde, nos submete sem apelação. Se a caveira interior é o continente, o interior da caveira é o conteúdo a ser protegido, nosso cérebro ou, numa visão mais abstrata, nossa mente. Ao expressar a sua perplexidade ou a sua dúvida – fica isso ao talante de cada intérprete no palco –, Hamlet se configura como o protótipo do ser humano em despertamento, no exercício da dúvida, da perguntação, do questionamento. A pergunta em si se apresenta mais importante que a resposta, como na maiêutica socrática, na qual com perguntas simples o sábio grego levava seus discípulos a duvidar do seu próprio conhecimento e assim, de dúvida em dúvida, a ampliar seu saber, a novamente parir a si próprio. Etimologicamente, maiêutica, do grego *maieutiké*, significa “a arte da parteira”.

Se Hamlet hesitava quanto a continuar ou não existindo, ao avaliar mirando a caveira o que era mais vantajoso: “morrer, dormir; dormir, talvez, sonhar” – o mesmo Hamlet na presença de dois de seus cortesãos, Guildenstern e Rosencrantz, proclama sua visão da espécie humana nesta tocante elegia: “Que obra-prima é um homem! Quão nobre no raciocínio! Tão infinito na capacidade! Em aspecto e como movimento, quão preciso e admirável! Em ação, se parece com um anjo! Na compreensão, é como um Deus! A beleza do mundo! O paradigma dos animais! Que é entretanto para mim essa quintessência de pó? Os homens não me proporcionam prazer: não, as mulheres tampouco, embora pelo vosso sorriso pareçais dizer que sim.”

É o revestimento da caveira interior, o **exterior da caveira**, manifestando-se pela mandíbula posta em atividade ressonante: aí não se nota dúvida ou questionamento, estão encobertos por um fraseado irônico e desencantado. Há

nessa peroração uma peremptória manifestação que na sua intensidade procura ocultar da vista dos demais, vale dizer, do conhecimento do mundo, as inquietudes íntimas que fervilham em seu crânio. No exterior da caveira é que se aninham as energias que nos movem à ação, ainda que em conflito com o que se assenta na caveira interior, cuja complexidade de conteúdos no mais das vezes mais nos confundem que nos guiam.

LOGOS 1

A Caveira Interior

Morrer, dormir; dormir, talvez, sonhar. Oh! aí é que está o nó; pois, nesse sono da morte, que sonhos poderão vir para dar-nos sossego, quando houvermos desembaraçado todo o novelo fatal...

Hamlet, Ato III, Cena I

O que significa...

Simboliza o deus Morte.

Metaforicamente, é uma intangibilidade: evoca nosso implacável fim, a extinção física, e expressa os restos que deixaremos como sinal de nossa passagem pelo mundo. É o testemunho da entropia que inexoravelmente nos subjuga a todos.

É o chassis que diferencia a máquina humana das outras máquinas viventes.

Sua imagem plana ou sua forma tridimensional suscita reflexões sobre a finitude da vida e a transcendência do espírito.

Corresponde em astrologia à Cabeça do Dragão, onde se encontra sinalizado o nosso destino.

Pelos seus atributos, a Caveira Interior guarda relação com o Brahma do hinduísmo, o doador da vida que a recolhe na ocasião da morte.

Na tradição judaico-cristã, poderia ser associado ao Jeová dos hebreus ou ao Deus Pai da Santíssima Trindade dos cristãos.

...e como se manifesta.

É intrínseco da Caveira Interior – para aqueles poucos que a têm como símbolo da finitude da vida – insinuar indagações sobre a ordem do universo e porque essa presumida ordem nos leva, quando quer, embora do palco da vida.

É intrínseco também à Caveira Interior induzir a reflexão sobre o ciclo que rege a vida: surgimento, crescimento, senescência, desaparecimento – e sobre quais leis estarão embutidas nessa dinâmica, com destaque para a entropia. A questão que deriva disso tudo é: por que a existência de todo ser humano ou mesmo não

humano está sujeita à dualidade do ser agora e, a qualquer momento seguinte, desaparecer como vida pulsante?

Entende-se que apenas os humanos podem dar-se conta dessa tragédia por portarem o que denominamos consciência – “sei que sou e que posso deixar de ser”. Foi o legado com que o Criador, Jeová, Deus Pai – afinal, não há efeito sem causa! – nos abençoou... Abençoou?

É só virar a página que a coisa começa, e haja suco gástrico para dar conta dessa deglutição toda que por aí vem!

Cosmos, Caos e o Sistema de Crenças do Mundo Globalizado

A força das crenças usualmente suplanta as evidências fenomênicas, na determinação das nossas ações.

No meio da tarde de um dia frio de outono, Homero e Fernanda receberam a visita de uma representante da editoria da seção cultural de um conceituado periódico mensal, para uma entrevista conjunta. Conversaram por quase três horas com essa jornalista, por motivos de brevidade identificada a seguir como **IB**. De todos os diálogos havidos, resultou o texto que, já publicado, está reproduzido aqui.

Repórter IB – *Hoje já é quase consenso que o mundo globalizado sofre de uma generalizada instabilidade ambiental, social e institucional. Qual é, na visão de vocês, a causa ou a origem desse estado instável em que vivemos?*

Maria Fernanda – Vejo que a origem da crise global que vivemos está muito relacionada ao nosso sistema de crenças, aos nossos dogmas, às nossas verdades arraigadas e não questionadas. Lidamos com os valores que governam o mundo globalizado como se fossem verdades absolutas, quando estes em realidade são dogmas. O culto a Mercado, a Ciência e seus produtos tecnológicos e o tabu em torno da morte são partes de um sistema de crenças, e vivemos como se isso sempre tivesse sido assim e assim inevitavelmente fosse continuar. O domínio da trindade invertida – Morte, Ciência e Mercado – não é uma condição da natureza humana, mas uma realidade construída por nós e pode, aliás deve, ser reconstruída ou, pelo menos, questionada.

Um pouco do que se pensava na Grécia antiga a respeito. Os gregos empregavam a palavra *doxa* para referir-se à ideia de dogma, a verdade comumente aceita, o senso comum. É daí que vêm as palavras ortodoxo, paradoxo, heterodoxo, para significar conformidade ou desconformidade com o senso comum. *Doxa* se opõe a *aletheia*, que em grego significa verdade e, etimologicamente, "não esquecimento". Bem, seguindo essa ideia, se associamos verdade a "não esquecimento", podemos nos perguntar: o que faz com que "tenhamos esquecido" daquilo que um dia soubemos e apreendemos como verdadeiro? Esquecemos do que soubemos porque *aletheia* aparece como uma revelação fugaz, no instante em que emerge. No entanto, logo *doxa* vai encobri-la com um véu. É dessa forma que a verdade se vela outra vez e é por isso que nos referimos a "revelação". É difícil pensar a verdade como revelação porque

normalmente a temos como algo que permaneceria de forma clara e evidente. A questão é que no fundo isso, que se toma por verdade, pode ser uma *doxa*. Daí a importância de sermos críticos e questionadores.

No seu sentido de revelação, *aletheia* tangencia o tema da religião, mas não se refere necessariamente à vontade ou à palavra divina revelada, pois a religião, por suas próprias características, acaba se tornando *doxa*. Nesse sentido *doxa* é crença, e acolher *aletheia* é deixar um espaço aberto à incerteza, a novas possibilidades de pensar e ser. Em última instância, a liberdade possível aos humanos é desvencilhar-se da *doxa*, é questionar e rever crenças.

IB – *Nessa perspectiva, que crenças, valores ou propósitos estariam subjacentes ao modo como organizamos nossa sociedade, ou seja, à maneira como está estruturada a ordem mundial?*

Homero Santos – Podemos, para tanto, nos remeter à trimúrti dos hinduístas e à outra trindade por nós forjada e que rege comportamentos, àquela trimúrti invertida: Morte, Ciência e Mercado. O primeiro deus que nos assombra é Morte. Morte é o grande deus que nos atemoriza e cuja fúria nos leva a querer aplacar, incitando-nos a fugir de sua ação sentida como deletéria. É aí que vem o deus Ciência como segundo membro da trindade. Ciência se constitui de tudo aquilo que o ser humano foi acumulando como conhecimento e cultura instrumental ou conceitual, para lidar com a realidade externa ameaçadora da sobrevivência e, num segundo momento, para buscar o bem-estar e a felicidade. Essa cultura dotou o ser humano da capacidade de desenvolver objetos que poderiam facilitar a vida por serem extensões de si mesmo, multiplicando seu poder contra as adversidades e criando artefatos para o conforto do dia a dia. Daí surgiu a possibilidade de transação com esses objetos, mediante cessões e aquisições... E esse é o conceito de Mercado, o terceiro integrante da trindade, portador de atributos divinos porque nos hipnotiza e subjuga com seu irresistível poder de sedução.

O mercado real de nossos dias é um sítio físico ou virtual onde coisas são trocadas, pela intermediação de operadores. Essa função de intermediação mostrou atribuir poderes e se generalizou para outras áreas: temos os operadores da morte – os exércitos, as forças bélicas e policiais, as calamidades, e até as doenças, por exemplo; os operadores da ciência – acadêmicos, cientistas, estudiosos da realidade que procuram decifrá-la para poder dominá-la; e os operadores do próprio mercado – aqueles que utilizam conhecimentos adquiridos

na produção e transação e que fazem com que os objetos sejam desejados, comprados e consumidos, que negociam tudo que possa ter valor, acumulando por esse meio riquezas que crescente e circularmente lhes ampliam os poderes.

Essa trindade invertida talvez daqui a séculos seja vista, em retrospectiva, como algo que nossa sociedade atual realmente cultuava como um conjunto de deuses – daí a designação alegórica de deuses que optamos por atribuir-lhe. Podemos até imaginar que tenham aparecido sacerdotes, codificadores, doutrinadores dessa antirreligião, pois tal coisa não é religião no sentido estrito de religar com o sagrado; é, mais precisamente, alienadora do sagrado, por isso a ideia de antirreligião. Aliás, se é que já não se constituíram tais arautos – estou convencido de que sim! – que podem ser encontrados como *habitués* das altas rodas do poder...

IB – *Que importância tem essa ideia de deidades para descrever ou auxiliar na crítica à forma de organização socioeconômica das várias sociedades que existem no mundo, ou daquilo que representa a sociedade globalizada hoje em dia? Para que trazer deuses para essa conversa?*

HS – Trazemos deuses para essa conversa por vários motivos. Todas as grandes civilizações acabaram por eleger um ser superior como criador e organizador – o Ordenador – de tudo o que existe. Todos os demais conceitos, as consequências que daí advieram como comportamentos que caracterizaram e caracterizam tais civilizações, de alguma forma se conectam com o perfil com que esse deus foi concebido. Ocorre que, claramente – e essa é nossa visão – esse tipo de deus é apenas uma criação humana.

Que nos desculpem os ateus, que negam qualquer tipo de ser superior, mas a noção e presença de um princípio organizador é tangível, palpável, sensível a cada momento, ainda que esse ente ou princípio ordenador seja um conjunto de todos os DNAs que existem e que, imaginemos, isso componha uma imbricada teia que configura um DNA cósmico. Neste caso, por exemplo, esse seria o princípio organizador, já que é o princípio organizador de nosso corpo, do corpo dos demais seres vivos, enfim de nossa realidade. Tal princípio organizador pode ser visto também, de forma poética, como uma “mente cósmica”. Mas este seria um Deus inconcebível, intocável, e que podemos apenas supor que exista. Muito diferente do deus criado dentro de uma sociedade, de uma cultura, e que é suscetível de uma série de vieses, que basicamente responde àquilo que desafiou essa cultura, essa comunidade inicial. Por exemplo, povos que se estabeleceram

em locais muito frios podem conceber um deus que acalenta e provê recursos escassos; outros que viveram à beira-mar, acabaram criando um deus que tem a ver com o oceano, uma grande fonte de vida e sustento mas ao mesmo tempo também uma grande ameaça; outros ainda que padeceram no cativeiro forjaram um deus guerreiro e libertador. Ou seja, são deuses construídos a partir de realidades concretas. Por isso temos que separar o deus construído do deus por suposição existente. Temos que separar esses dois tipos de divindade: um tipo que pode ser concebido como criador e organizador de tudo o que existe; e outro tipo que criamos para responder às nossas incertezas, aos nossos medos – medo da morte, medo da agressão com que a natureza pode nos castigar, por exemplo. Isso pensando no que vem ocorrendo desde os primórdios, na forma como a sociedade foi se constituindo ao longo dos séculos, dos milênios, desde quando o homem se transformou no *Homo sapiens* e então desenvolveu a linguagem, e conseguiu formular e transmitir ideias.

IB – *Bem, ainda não ficou clara a razão pela qual trazer para a cena divindades nos possa ajudar a entender melhor as mazelas do mundo moderno...*

HS – Aí é que está o nó da questão. O problema é que o deus construído normalmente é associado com a ideia de ordem, ou cosmos, como se a desordem, ou caos, não pertencesse a esse deus. Teríamos um deus, ligado à ordem, e um demônio, que se encarrega de conduzir à desordem, ou caos, e mantê-la. Podemos até imaginar que, se Hegel se confrontasse com essa situação, diria que esse deus é a tese, seu demônio é a antítese e que deveria haver um deus-síntese, que abarcaria tanto cosmos quanto caos. Isso se acharmos que existe realmente a desordem e não que ela é uma ordem ainda não percebida pela mente humana. Enfim, deveríamos pensar Deus como algo que contém ordem e desordem, cosmos e caos.

Quando vemos o Universo composto da ordem que o deus antropomórfico garante e da desordem que o demônio opositor sustenta, acabamos, sem perceber, concluindo que o bom é aquilo que é ordenado e que aquilo que é ordenado, organizado, é aquilo que deve ser praticado. E parece que é daí que surge a moral: desta construção abstrata, mental. E é daí também que se cria a noção de pecado, aquilo que cria a desordem, a desagregação. Bem, talvez não pudéssemos ter chegado até os momentos atuais como civilizados e com o tipo de vida que temos, em que há um certo conforto e segurança, se não tivéssemos operado em cima dessas duas vertentes.

De qualquer forma, vejo que a religião não resulta de uma experiência significativa com a vida em nosso entorno e sim de uma vida vista através de uma divindade criada pela mente, e sustentada e difundida pelos vários sacerdotes e doutrinadores que se atribuem credenciais para postular em nome de seu respectivo deus. A moral, nessa perspectiva, é portanto uma construção cultural baseada no medo e na incerteza criada em relação ao deus Morte – dirigida a prover segurança na vida após a morte...

IB – *Isso significaria que as religiões são instrumentos de condicionamento e dominação?*

HS – A religião na sua acepção pura, que nos reconectaria a *aletheia*, à verdade primordial, vemos que termina por nos desligar de propósitos mais significativos, limitando-se a prescrever a prática de comportamentos certos e a condenar a tentação de cair nos errados, como meios últimos de alcançar a graça *post mortem*. Os deuses construídos vêm para cumprir nosso propósito de evitar o deus Morte, para fazer-lhe oferendas que aplaquem sua ira. E para, através do deus Ciência, amenizar as forças que dele derivam e, através do divino Mercado, entreter-nos com bugigangas para evitar a dor aumentando a própria alienação. Isso não é religião, religação, mas negação de si. Vivemos uma era de negação!

IB - *O que significa essa negação?*

MF – É a negação de ser quem somos. Nossa sociedade é muito mais mórbida que trágica. Basta ver com que gosto nos deleitamos, através dos meios de comunicação, com a dor alheia. Há, de certa forma, ainda que com horror, um culto à desgraça dos outros – um grande interesse por acidentes, catástrofes, fatalidades. É claro que há solidariedade e simpatia para com os que sofrem, mas há também um inevitável sentimento do tipo “dessa me safei”. Ser espectador mórbido livra o ser humano de se defrontar com o desafio de existir fora do seu conforto, lhe dá a ilusão de estar protegido por poder assistir, e não viver, à fatalidade. Sem viver a fatalidade, muitas vezes não vivemos, simplesmente existimos.

Penso muito nesse gosto mórbido de ver o horror como o resultado de uma negação do aspecto trágico da humanidade. Por trágico, entenda-se aqui aquilo que impulsiona o herói a lutar, malgrado o destino se apresente como fatalidade. Na tragédia, o herói se afirma perante o seu destino, aceitando-o, sem querer apenas safar-se dele. “Apesar de”, o herói luta e assim corre riscos. Na morbidez,

se assiste à fatalidade sem disposição ao que Nietzsche chama de “sacrifício alegre”. O herói trágico é capaz de um “sacrifício alegre”, tem coragem de aceitar também a dor, a miséria, os riscos de ser quem é. Nietzsche resgata a máxima de Píndaro – “Torna-te quem tu és” – para exortar a afirmarmo-nos como humanos. Tornarmo-nos quem somos implica em cumprir a máxima délfica do “conhece-te a ti mesmo” para, através da aceitação do que somos – de nosso *érgon*, nossa função no mundo, nossa missão – superarmo-nos e chegarmos a “ser quem somos”. Essa é a verdadeira revelação que nos conecta com o sagrado que se aninha em nosso íntimo, fazendo-nos conhecer e amar nosso destino – o *amor fati* de Nietzsche. Por isso, vemos que o grande desafio ético não é uma questão de encontrar novas crenças para substituir as que temos, mas sim um repto: conhecermo-nos a nós mesmos e superarmo-nos continuamente, desapegando-nos da *doxa*.

IB – *Finalmente, que conclusão se pode extrair de tudo isso? Que mensagem fica?*

HS – Será muito saudável pensar Deus como princípio regedor do Universo que ele mesmo criou – nesta função, podemos denominá-lo *big bang*, se preferirmos. Um Deus que tem exercido nisso a máxima liberdade que corresponde ao seu máximo poder, sem nenhum compromisso com uma coerência tal como a concebemos, posto que sempre tem operado segundo “a sua coerência” que nos escapa porque transcendente é. Com isso descolaríamos o conceito de Moral do conceito de uma ordem divina... e restauraríamos a independência da Ética, fazendo-a brotar do nosso modo de perceber o mundo e nele atuar. Uma Ética emersa da nossa relação com o sagrado, uma espécie de “paganismo esclarecido”...

A tarde já estava nos seus estertores anunciando uma noite ainda mais fria e enevoada. Era hora de encerrar a conversação e degustar um chocolate aconchegante, que foi servido com rosquinhas integrais. Na descontração desses momentos informais, falou-se, ainda que por alto, sobre como os valores que temos assumido automaticamente como dogmas – a *doxa* sempre à espreita e que nos aprisiona – estão na gênese de nosso modelo de organização social. Eis assim que, senão quando, foi aberto outro tema para novos desdobramentos, certamente para outra ocasião, num futuro próximo...

O Nó Górdio do Crescimento

Houve uma palavra primordial, um big bang *verbal do qual se desdobrou a linguagem e a cultura.*

Pouco mais de uma semana após a entrevista concedida à amável repórter IB, Homero, acompanhado de sua filha Fernanda, recebeu, para passar um fim de semana em seu *loft* rural, cercado de mata, pássaros nativos e flores silvestres, a visita de dois amigos, um casal. Ele, Cláudio, geógrafo e pesquisador de tradições de civilizações extintas; ela, Heloísa, bióloga dedicada a catalogar o comportamento de primatas e entender sua capacidade de aprendizado.

Na noite do sábado, enquanto saboreavam um *fondue* de queijo *emmenthal* regado a um suave Merlot andino, os quatro enveredaram pela discussão de percepções e pontos de vista. Tudo começou com a referência aos assuntos abordados na entrevista de dias antes.

O papo foi esquentando, nem tanto em função do calor da lareira acesa mas, muito provavelmente, pelo afrouxamento que as libações etílicas costumam provocar nos superegos, tornando o senso crítico mais liberado – desde que as doses sorvidas não derrubem a lucidez racional do ego pensante... De todo modo, parece que a máxima voltou a se confirmar: *In Vino Veritas*.

O papo rolou solto e passou por inúmeras digressões, elucubrações e – pasmem! – achados e descobertas. Por sorte, quando se tornou claro que a coisa iria ficar robusta, Fernanda apareceu com um gravador e tudo passou a ser registrado. Dias após, a conversa foi transcrita e resumida, com identificação das autorias dos vários cometimentos filosóficos. Veja a seguir o vai e vem desse papo que começou algo descontraído e terminou bastante cabeça.

“Lembram-se da entrevista?”, introduziu Homero. “Os gregos, há mais de dois milênios, se saíram com essa história de *doxa*, a grande enganação. Navegando nessa corrente, pergunto: haverá uma *doxa-mater*, mãe de todas as *doxas*, que esteja enraizada no fosso profundo do espaço-tempo da história da humanidade e que sustente a estrutura lógica da civilização global?”, provocou em seguida. E prosseguindo: “Costumamos fugir das explicações simples, receando estar praticando algum tipo de reducionismo. É esse um receio razoável, pois todos os que lograram alargar sua visão de mundo o fizeram escapando de armadilhas mecanicistas e simplificadoras. Pensar complexamente, sistemicamente, é o mantra da modernidade intelectual, aliás premissa forçosa para uma percepção

mais abrangente e aprofundada das coisas e suas causas. O fato é que, não obstante, continuamos buscando coisas tão singulares como a origem do Universo, aquele grão primordial do qual tudo se teria desdobrado... não é mesmo?" E, contrito, reflete: "O que tem me ocupado agora a mente é buscar o *big bang* conceitual da nossa civilização. Sim, decerto foi algo como uma impressão, uma palavra, uma ideia que deu origem a todo este emaranhado dentro do qual nos debatemos hoje em dia. Pois com certeza vivemos sob o feitiço de alguma cassandra perdida na noite das idades..."

Fernanda engatou na deixa: "A busca de um princípio que ao mesmo tempo inicie e reja o Universo é uma marca dos primórdios do pensamento filosófico ocidental. Os pensadores pré-socráticos buscaram, por muito tempo, tal princípio – Tales de Mileto o encontrou na água, Heráclito no fogo e Demócrito no átomo. Também nos ensina João, no Novo Testamento: 'No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus'."

"Concordo plenamente", assentiu Homero. "Na origem esteve decerto uma palavra, portadora de uma impressão, de uma ideia, de uma concepção. Recorramos à sabedoria ancestral, pois decerto é nessa raiz que encontraremos o grão primevo. Gosto de perscrutar as religiões. As religiões são antes de mais nada coleções de tradições, repositórios de percepções genuínas, independentemente da sua veracidade teológica – aliás, não é isto que vem ao caso no momento. Podemos até fazer uma concessão: se não foi uma palavra, pode ter sido um som – um som estaria na origem de tudo..."

Nisso, Cláudio interveio: "Vejam só! No hinduísmo, temos o mantra que resume o criador e todas as criaturas: AUM. No taoísmo, o Ki que como som se desdobra em *yin* e *yang*. No Gênesis, Jeová pronuncia o *fiat lux*, e a luz se faz, dando curso a toda a criação até então trevosa. Sob que manto se esconderia essa sensação, que se tornou percepção, que virou ideia, que se materializou num som, que se assumiu palavra – uma palavra que subjaz oculta em nossa mente coletiva e que vem regendo toda a vida em sociedade e a própria evolução da espécie humana como fenômeno sociológico? Ufa..."

Estimulada pela fala de Cláudio, Heloísa ensaia uma explicação: "Acho que sei do que se trata. Esse mantra, essa palavra é: CRESCER – o crescimento como um mandato, com força de gene e de meme – já ouviram falar de meme? É uma criação de Richard Dawkins, estudioso inglês da evolução darwiniana das

espécies. Ele nos propõe que o gene, a unidade que codifica os princípios da vida física, tem um único propósito: duplicar-se. Segundo ele, o meme é uma unidade análoga ao gene atuando porém na propagação das culturas humanas às quais dá substrato. O meme comunga com o gene o mesmo propósito: duplicar-se!" E prossegue: "É certo que a biologia está embebida dessa determinação: duplicação, multiplicação, enfim crescimento – não importa para quê: crescimento como pulsão. É tão certo também que, graças à ação dos memes, as culturas seguem a mesma norma: duplicar-se, expandir-se, crescer como...compulsão! Pois 'Crescei e multiplicai-vos' não é o mandato divinal do Gênesis? Esse mandato, emerso da tradição judaica, expressa uma compulsão, um meme presente em todas as culturas, mesmo nas germinadas anteriormente a Abraão. É um arquétipo que o Velho Testamento hebreu apenas expressou." Assim falou a bióloga, mostrando-se muito à vontade nas incursões filosóficas...

Em cima da fala anterior, Fernanda teoriza enquanto expande conceitos: "Nesse sentido, uma das coisas que a memética, que organiza a abordagem dos memes, sugere é a concepção de 'linguagem como vírus'. O raciocínio é o seguinte: os memes são o substrato da cultura, e cultura é linguagem, no seu sentido mais amplo; se os memes se autopropagam como entidades independentes, à revelia da nossa vontade, num processo viral, de progressiva contaminação, então... a linguagem é vírus! Bem, essa noção de linguagem como vírus aparece de certa maneira também na filosofia. Heidegger já dizia que erramos a nos ver como senhores da linguagem. Seria justamente o contrário: a linguagem é que nos domina. Diz ele, na frase que já virou jargão no meio, que 'a linguagem é a morada do ser'. Ou seja, se morar, habitar remete ao significado mais profundo de *ethos* (etimologicamente, hábito e habitação), a linguagem é o cerne mesmo do nosso modo de existir, de ser. Existimos na e pela linguagem, e essa tem a sua lógica própria, a sua ordem, que não está sob o nosso domínio total." E as considerações se estendem: "Para a psicanálise também, sobretudo na leitura que Lacan faz de Freud, é a linguagem que nos conduz, não o contrário. Freud postula o determinismo do inconsciente – algo em nós que desconhecemos é o que, em verdade, nos conduz –, enquanto Lacan afirma que 'o inconsciente é estruturado como linguagem'. Se algo em nós, que desconhecemos, é estruturado como linguagem e nos rege, é nas e pelas palavras que se desenha alguma racionalidade do modo de existir humano."

"Voltando novamente aos memes, é por sermos seres de linguagem que os memes se propagam de forma viral", contra-ataca Heloísa. "E é nessa

propagação que, oposta à *aletheia* – conforme explanado na entrevista de vocês dois –, a *doxa* se alastra na surdina, sem nos darmos conta, e acaba nos regendo de maneira inevitável, pois é parte da condição humana a impossibilidade de abarcar tudo, de saber tudo. Algo sempre fica na sombra, algo sempre resta por saber; e é nessa sombra que cresce e se alastra o tal vírus-*doxa*, vírus acoplado à própria linguagem. A situação parece sem escapatória mas na verdade impõe a necessidade do constante exercício crítico de, humildemente, se colocar à escuta, na espera de que a *aletheia* possa deixar-se ver. Que acham?"

Isso inflama Homero, que replica entusiasmado: "Então está desvendado! Heureca! Tintim, gente! A *doxa-mater*, a palavra mágica, o meme-mestre que tem sempre imperado sobre as nossas vidas individuais e a nossa existência coletiva, sobre a nossa vida comunitária, é: **crescimento** – aliás, o verbo crescer é intransitivo, dispensando objetos e complementos adverbiais. Crescer se apresenta absoluto e bastante! Pois não é a lógica dos memes crescer em todos os sentidos e direções? Crescimento viral, crescimento como princípio e como finalidade. Como é próprio dos memes, crescer se faz aceito como valor máximo sem passar pelo crivo da razão, é aceito sem questionamentos, como verdade inconteste. Crescer como *doxa-mater* é um meta-meme..." Em seguida, vai do entusiasmo à reflexão: "Mas isso, se estiver certo, me assusta sobremaneira, vejamos por quê. A vida das várias espécies não humanas, de amebas a elefantes, tem o seu crescimento limitado à disponibilidade de alimentos, à ação de predadores e à eventual infestação de enfermidades e epidemias, ou mesmo à ação de desastres naturais. Já as comunidades humanas podem expandir-se ilimitadamente. Partindo da pulsão biológica do crescimento, conseguem suplantar a falta de alimentos, extinguir possíveis predadores e combater os males que acossem seu corpo físico, por doença ou acidente: tudo por virtude e eficácia das inúmeras extensões que os humanos vêm criando desde os primórdios e que lhes possibilitam esse avanço sobre os limites naturais que cerceiam o restante dos entes vivos. Extensões que, como nos lembra Jorge Furtado no curta-metragem Ilha das Flores, derivam do 'telencéfalo desenvolvido e do polegar opositor' de que nos tornamos portadores. Assim a biosfera cresce – é a lógica dos genes; a noosfera, reino da mente humana, comanda ações de crescimento da nossa espécie como valor máximo – é a *doxa* fundamental de sempre; contudo – e é aí que reside o trágico – a geosfera é estável, para não dizer limitada... Por conclusão, essas são três realidades que inevitavelmente se desencontram! A ação humana avança sobre o domínio da

geosfera e do restante não humano da biosfera, na compulsão do crescimento: crescer sempre e mais! Destruindo, se necessário, o que acaba sempre acontecendo em graus variados... A devoção ao crescimento como meta suprema, ao mesmo tempo difusa e sutil, se manifesta nos incontáveis – para não dizer todos – domínios da vida quotidiana: queremos que nossos filhos cresçam... que nossa renda pessoal cresça... que nossa produção de alimentos cresça... que nossa conta corrente bancária cresça... que o faturamento e o lucro de nossos negócios cresçam... exercitamo-nos para fazer crescer nossos músculos (tamanho é documento!) ... regozijamo-nos com o aumento da população de nosso país: 'somos maiores!'... e festejamos o crescimento do PIB!!! e da renda *per capita*!!! Há raros esforços para fazer decrescer algo: por exemplo, nos esforçamos para fazer decrescer a nossa cintura quando beiramos a obesidade, mas o fazemos para... fazer crescer o nosso charme, a nossa performance estética – no limite, a nossa higidez... Enfim: a qualidade suprema é a quantidade crescente – essa é a *doxa* que nos engolfa!", concluiu triunfante.

Tomando fôlego, prossegue Homero: "Somos servos, cativos, subjugados, rendidos ao CRESCIMENTO!!!! Vivemos sob o domínio dessa *doxa*. Como então acreditar que seja possível assumir como nova diretriz civilizatória a bandeira do Desenvolvimento Sustentável, proposta que tenta regenerar o termo 'desenvolvimento' com o adjetivo 'sustentável' para mascarar – sem sucesso, acho eu – a vocação incontornável de crescimento embutida no conceito de desenvolvimento? Estamos frente a um eufemismo, sob a forma de oximoro! Queremos fazer a prestidigitação do crescimento para forçá-lo viável num planeta de recursos finitos onde a *doxa* do crescimento empunhada pelos humanos ameaça a extinção de todas as formas de vida, inclusive a dos próprios autores da façanha! Seremos capazes de sobreviver sem crescer? Será que um dia vamos entender que 'sustentabilidade' nasce nas nossas mentes – desde que tornadas Mentes Sustentáveis, como nos ensina Evandro Ouriques – rendidas à reverência ao sagrado que surge do resgate da *aletheia*? Como crer que podemos aceitar as propostas de decrescimento que hoje despontam, sem resgatar a *aletheia* do tamanho viável – anulando a adoração a esse tal meme tirano? Mas não nos iludamos: crescer é uma forma de fugir do decrescimento final, a morte!!!" Essa enxurrada de invectivas derrubou o tão inflamado e improvisado tribuno. Prostrado, o remédio foi haurir mais uma taça de vinho para, aquecendo o corpo, arrefecer a mente.

Aproveitando o átimo de silêncio, Cláudio aventurou: “Resta uma questão, gente! Ei, ainda temos neurônios disponíveis? Bem, vamos lá! No que se refere ao convívio humano, a ideia de linguagem como vírus e ao mesmo tempo *habitat* nos remete a um *logos*, a um discurso ou lógica que, malgrado se assenhoreie de nós, nos parece decifrável a cada caso, pela tal postura crítica de abertura e escuta. Mas quando pensamos o Todo, o Universo, como identificar o princípio que o regeria para além da dimensão humana? Que é que se autopropaga como ‘discurso cósmico’, *logos* universal? De que nos fala esse Universo? A resposta pode estar em outra pergunta: o duplicar-se, o crescer indefinidamente, como tudo isso se coadunaria com a Lei da Entropia, que no fim dos tempos inexoravelmente levará tudo à extinção, de galáxias a bactérias?”

Aí já não havia mais ouvidos nem energia mental disponível para prosseguir. Restava aquela modorra pós-prandial pairando em torno da mesa, todos sorridentes e gastronomicamente gratificados, o fervor cerebral já diluído em reticências. Assim, passaram ao licor *Beneditino* e ao café com *After Eight*, e foram para o relento contemplar – quiçá ouvir – estrelas... Havia sido um verdadeiro ágape!

Coisa curiosa, ao reler todo esse relato brotou em Homero, e em Fernanda não menos, uma estranha sensação de que nada disso havia acontecido. Terá sido uma fantasia, um daqueles sonhos cinematográficos com laivos de realidade, uma viagem psicodélica? Houve mesmo esse banquete platônico, com epílogo estelar? Irrelevante! O que importa é que tudo isso faz sentido, muito sentido...

Entropia, Vida e o Futuro da Civilização

Tamanho é potência, mas toda grandeza está sujeita à métrica de um limite...

Homero Santos e Nathalie Zoe marcaram se encontrar numa confeitaria. Não foi para se deliciarem com a ingestão das quase irresistíveis iguarias calóricas exibidas na vitrine, mas para levar uma conversa informal porém séria sobre temas igualmente sisudos. De todo modo, o cardápio não foi ignorado mas os chás mereceram a preferência.

Recuando um pouco no tempo. A amizade entre Homero e Nathalie era antiga mas ambos se viam apenas esporadicamente em eventos públicos ou em algum grupo de estudos, dos vários de que participavam. Nathalie, uma jovem talentosa e de sólida formação na área humanistica, se dedicara a escrever peças infantis como meio de transmitir às novas gerações elementos que pudessem contribuir para a formação na meninada de uma visão de mundo compatível com os desafios de uma sociedade cada vez mais complexa e cheia de desigualdades e contradições. Poderia dizer-se que Nathalie havia decidido reunir em uma só atividade sua paixão por influir e educar – sua liderança inata – e seu irrefreável pragmatismo, evidente no conteúdo metafórico das suas produções. Mas algo que Nathalie jamais abandonou foi seu gosto pelo questionamento e pelas discussões exploratórias, e talvez disso brotasse o manancial para as suas inspirações. É aqui de fato que a história começa.

Homero havia recebido um e-mail de Nathalie sobre inúmeros pontos de vista debatidos numa conversa havida anteriormente entre os dois, fazendo perguntas e delicadamente manifestando algumas discordâncias. No final do e-mail, Nathalie insinuava: “Sinto falta agora de uma conversa em torno de uma necessária nova economia, uma economia que possa ser reinventada, não apenas recuperada.” Disso resultou o lanchinho de fim de tarde, onde os dois estabeleceram um bate-pronto mais com cara de perguntas e respostas do que de diálogo. Eis o que rolou nessa conversação.

Nathalie: O que me inquieta, Homero, é que a lógica do crescimento ilimitado do PIB, assim como da população, é algo insustentável, provocando enormes impactos negativos, criando uma grande corrida mundial sobre energia e outros recursos e não gerando o desenvolvimento. Além do mais, essa lógica se baseia em um consumismo desenfreado, que não satisfaz a ninguém e afasta cada vez mais o homem da sua essência. Alguns vêm então falando num “necessário decrescimento da economia”...

Homero: Acho, Nathalie, que minha primeira colocação aumentará mais ainda a sua inquietude! É que considero que o decrescimento tanto como o crescimento podem ser movimentos contrários à continuidade da espécie humana sobre o planeta. Nós, seres humanos, continuando a multiplicar-nos como indivíduos e a consumir, ainda que sem aumentar o padrão atual, não teremos condições de sobrevida. E ninguém quer apenas manter o padrão atual... E o que é pior: o padrão atual de consumo, mesmo o padrão médio do mundo, se demonstra insuficiente para atender boa parte do contingente da população humana. Mas decrescer, em princípio, agravará ainda mais as desigualdades existentes e desatenderá grandes porções da população mundial que apenas sobrevivem numa quase miséria total.

Nathalie: De fato, não podemos falar em decrescimento se considerarmos a expectativa do Banco Mundial de um bilhão de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza em 2.015... Decrescimento, por mais criativo que seja, causará exclusão social e desemprego! Desemprego gera pobreza, violência e degradação ambiental. Será que existe um caminho do meio? O que você acha, Homero?

Homero: Face a esse cenário, nós teríamos que continuar crescendo. Mas continuar crescendo o planeta não suporta, porque o planeta é um sistema cíclico, e os sistemas cíclicos, uma vez esgotados os seus recursos para realimentar o ciclo, estão inexoravelmente destinados a perecer, a não mais poder refazer o que foi desfeito. Perdem a resiliência e isso nos leva a falar em entropia. É a entropia, fenômeno físico universal expresso pela Segunda Lei da Termodinâmica, que está presente na progressiva extinção das estrelas quando transformam todo o seu potencial energético em luz e calor e, ao final, perecem, transformando-se, nos seus estertores, em buracos negros. Entropia não é só dissipação de energia, é dissipação de matéria também. Todos os sistemas do Universo estão subordinados à Lei da Entropia.

Vamos admitir, e é verdade, que existe uma entrada de energia solar permanente no planeta: 24 horas por dia, o Sol está injetando na Terra essa energia, ininterruptamente. Esse processo se dá, entretanto, com o aumento contínuo da entropia do Sol. Nosso astro rei está em processo de extinção como as demais estrelas, ainda que na perspectiva de milhões de anos, e compensa o aumento da entropia a que, como lei universal, o planeta Terra está sujeito. Para essa energia solar resgatar, reverter a entropia gerada na Terra, requer-se que haja um processamento que apenas o fenômeno da vida consegue realizar. Toda a

comunidade da vida consegue transformar a energia solar, combinada com os ingredientes que a Terra oferece, em matéria organizada e energia concentrada, revertendo a degradação, ou seja, indo na direção oposta à da entropia. É assim que, quando ingerimos um prato de comida, destruímos esse alimento em nosso processo digestivo, mas adquirimos energia para transformar aquela comida em ação, em trabalho. Depois os dejetos vão para a Natureza – suponhamos um despejo direto desses dejetos no meio natural – e são reaproveitados graças à existência de micro-organismos que os transformam e que sobrevivem em função da entrada de energia solar neste sistema aberto. A Terra é um sistema aberto, já que ele recebe energia e a dissipa para o espaço, ao passo que o Universo como um todo é um sistema isolado, onde não pode haver teoricamente entrada nem saída de nada, não obstante a existência dos intrigantes buracos negros...

Então crescer sempre, continuadamente, não dá mais, dado o nível de consumo dos recursos do planeta que atingimos, pois destruiríamos em certo momento à frente, e em tempo não tão distante, as condições que sustentam a Teia da Vida, como a denominou Fritjof Capra, e é essa teia que compensa os efeitos degradadores da entropia. Por outro lado, se optarmos por decrescer, a situação precária da qualidade de vida da humanidade – considerando a população mundial no seu todo – será ainda mais agravada. É uma enrascada... e das grandes, Nathalie!

Nathalie: Então, não dá para abraçar o instável decrescimento nem o inviável crescimento, como afirmou o professor Tim Jackson no relatório *Prosperity without Growth*? Enfim, na sua opinião, como poderemos construir uma nova economia?

Homero: Quando falamos de sustentabilidade, falamos da sustentabilidade do ser humano sobre a crosta terrestre, não estamos falando da sobrevida do planeta em si ou mesmo da continuidade do restante da vida, da continuidade da vida dos seres não humanos, micro e macro-organismos. Vimos já que decrescimento ou crescimento, os dois caminhos, são adversos ao ser humano. São adversos em razão de uma função matemática simples e sintética **I = f (P; A; T)**, onde **I** representa o Impacto do ser humano sobre a biosfera, que por sua vez seria função de **P**, que representa População (número de habitantes); de **A**, que representa Afluência (o mesmo que riqueza, que se desdobra em suas duas dimensões, dois aspectos do mesmo fenômeno: produção e consumo); e de **T**, que representa Tecnologia (meios que utilizamos para produzir e consumir,

falando bem genericamente). Aumentando a população, o impacto aumenta. Aumentando a produção e, consequentemente o consumo, o impacto aumenta. Conforme o grau de intensidade e difusão do uso das tecnologias, o impacto aumenta. Estes dois aspectos – aumento da produção e consumo, e intensidade do uso de tecnologia – têm a ver com nosso conceito de progresso. E todos queremos o progresso! O problema é que o conceito de progresso está atrelado à dinâmica do crescimento econômico. Nós estamos bastante entalados aí, Nathalie, não há muita saída...

Nathalie: Aí divergimos, Homero. Não me contento com a assunção de que o caminho natural seja a extinção do ser humano, que esse processo faça parte da entropia. Para mim essa afirmação é excessivamente negativa, gera pouca ação, gera conformismo e, como não temos certeza de nada nesta vida, temos que agir, temos que viver no presente, e lutar por todas as formas de vida, pela evolução. É o Princípio da Precaução, é a postura de minimizar arrependimentos futuros, como nos propõe Nicholas Georgescu-Roegen.

Homero: O que se pode prever que ocorrerá é que, em determinado momento, se continuarmos a viver da maneira como vivemos atualmente, nos defrontaremos com uma incompatibilidade matemática como reflexo de uma inviabilidade prática. É assim: com a economia mundial crescendo numa média de 3 a 3,5% ao ano, sobre uma base de um PIB atual de 70 trilhões de dólares (o que dá pouco mais de 2 trilhões de dólares por ano, cerca de um Brasil por ano; em 10 anos, serão 10 brasis o que vai dar aproximadamente 40% de crescimento da economia mundial no período), estaremos provocando um impacto brutal, desagregador, sobre um planeta que já tem 50% da sua resiliência, da sua capacidade de regeneração, prejudicada. Em outras palavras, já ultrapassamos em 50% o ponto de equilíbrio entre a biocapacidade que a Terra nos oferece e a pegada ecológica gerada pela ação humana. Ou seja: não vai dar, não vai dar para continuar crescendo...

E decrescer talvez seja muito mais difícil que crescer e sucumbir, talvez decrescer represente uma impossibilidade porque teríamos que mudar toda a nossa cultura, que hoje já não é mais apenas ocidental, é uma cultura global, e o desafio é muito maior. China, Índia, os países que andaram meio isolados ou defasados da dita afluência durante séculos, ou milênios até, hoje estão na ponta da atividade econômica. A China, em termos de PIB, já é a segunda maior economia do mundo, tendo ultrapassando o Japão, que também ficou isolado durante milênios, fechado em sua pequena ilha. Nós não temos muita saída. A

busca seria uma mudança cultural radical, uma nova concepção do que é o mundo, um novo entendimento; e eu não vejo que o ser humano tenha um grau de altruísmo suficiente para fazer algum tipo de renúncia ao seu conforto em função da continuidade da espécie ou da continuidade de boa parte da vida que ele arrastará consigo para o buraco, caso venhamos a ter uma descontinuidade da presença humana no planeta. Não será o ser humano que vai desaparecer, será todo um segmento que sustenta a vida que vai implodir. A Vida não obstante continuará, Nathalie...

Nathalie: O fato, Homero, é que eu acredito em uma ordem organizadora da vida, uma força maior e desconhecida pela ciência e que contraria a tendência natural da entropia.

Homero: A entropia é uma inexorabilidade no Universo, e por consequência no planeta Terra, mas não inviabiliza necessariamente toda forma de vida, num horizonte de tempo medido por métricas humanas. Mas pode inviabilizar esta vida mais sofisticada que é a vida humana, que se foi constituindo com uma dependência extrema – extremada mesmo! – das extensões exossomáticas, como diria Georgescu-Roegen que você citou. Haveria que mudar isso, o que é muito fantasioso e muito distante da maioria das pessoas e mesmo da maioria dos líderes, que querem muito mais apenas mitigar do que reformar, transformar.

Bem, talvez tenha chegado o momento de começarmos a interiorizar as extensões ou substituí-las por mecanismos endossomáticos, através do nosso poder da mente e da utilização inteligente das propriedades do nosso próprio sistema bio-psíquico. Só para dar um exemplo do que seria essa interiorização, a telepatia, embora tenha sido sempre considerada marginal pela ciência oficial, foi provada existir e funcionar, como testemunharam Joseph Rhine, na Duke University, e o já extinto serviço secreto russo. Mas nós não nos dedicamos a desenvolver a telepatia como fizemos com as telecomunicações. Tivéssemos ido por esse caminho e desenvolvido essa faculdade, e teríamos substituído por ela todo um grande segmento da atividade humana que está vinculado às telecomunicações.

Alguém dirá: mas isso é uma tolice porque, afinal de contas, como poderíamos ter feito com que isso acontecesse, que suporte nos poderia ter dado a ciência para tal, e mais: se tivesse que acontecer, já teria acontecido.... Não, não! Nós fizemos as escolhas! A grande escolha que fizemos foi criar próteses externas, desenvolver aparatos tecnológicos, e não ativar potencialidades latentes internas. Há inúmeras destas potencialidades internas que hoje nós desprezamos como

coisas ligadas à superstição e ao charlatanismo. Mas essa é apenas uma hipótese e talvez seja um caminho... Creio que é muito pouco viável dentro de nossa deificação da ciência oficial que condena essas digressões, mas é um caminho possível, pelo menos deveríamos investigar.

E mais: essa entropia, que levará o Universo todo à extinção, não extinguirá necessariamente a vida, ou a extinguirá numa perspectiva de 3 a 7 bilhões de anos, para arriscar um intervalo numérico. Nosso planeta existe há 3,5 bilhões de anos. A vida na Terra surgiu há 2 bilhões de anos. Quem sabe, portanto, num raciocínio reverso, fossem necessários mais 2 bilhões de anos para extinguir toda a vida e, enquanto houver um laivo de vida, existirá a possibilidade de que seja retomada, ou seja, de que essa faísca preservada gere uma nova evolução, numa perspectiva de milênios e milênios, de centenas de milênios, não importa.

O que poderá vir a acontecer é que, antes disso, venhamos a destruir a possibilidade de manutenção desta onda de vida dentro da qual nós nos encontramos hoje. Mas não será por efeito da entropia natural alinhada a um processo planetário e sim pela aceleração que nós vimos imprimindo ao uso de energia e matéria no complexo produção-consumo que o PIB captura como grandeza mensurável. Nós somos, Nathalie, autores do nosso próprio destino, não tem jeito...

Nathalie: Continuo pensando diferente de você, Homero. Deveríamos considerar essa “força organizadora” que mencionei, essa ordem cósmica, como determinante da origem e manutenção da vida.

Homero: Mas quem disse que existe uma ordem cósmica, como nós entendemos o termo ordem? Vejo que existe uma realidade cósmica, dual, paradoxal na aparência, de ordem e desordem. Ordem e desordem fazem parte do mesmo Universo. Aliás fica a pergunta: há desordem ou se trata de uma ordem que nós ainda não entendemos ou da qual não gostamos? Há aí uma questão complicada que passa por crenças.

A entropia existe, sim, universalmente. Podem existir também os buracos brancos, porque se existem os buracos negros que drenam toda a matéria e energia, toda substância existente para dentro de si, indo isso parar sabe lá onde (imaginemos que isso vá parar em outro universo, paralelo ao nosso...), isso sugere que este Universo não seria um sistema tão isolado como se diz. Pode-se imaginar que cada universo – haveria muitos, tanto quanto (descobrimos recentemente) há incontáveis galáxias como a nossa – tenha um ralo pelo qual se

escoam elementos constituintes tragados e haverá adutoras conectadas com outros universos através das quais se injeta aqui, neste Universo, também matéria e energia. Pode ser até que a entropia seja uma lei local deste nosso Universo. E, de qualquer maneira, isso é tão distante no tempo futuro, tão remoto, em termos de bilhões de anos à frente, que as coisas que nos afetam não têm muito a ver com essa entropia cósmica, com essa fatalidade de nos tornarmos absolutamente indiferenciados, ou seja, mortos, inertes, extintos – pelo menos, por essa razão... Mas, considerando a aceleração no uso de recursos que o ser humano alimenta, através do I = f (P; A ;T), podemos terminar por realizar essa aniquilação...

Erwin Schrödinger coloca a vida como um dos abrandadores da entropia: todo o fenômeno da vida, porque é um processo orgânico, um processo de organização, regenera energia e matéria dispersas. Preservar a Vida é armar uma cruzada contra a entropia que nos ronda, ameaçadora. Isso então talvez nos dê essa esperança que você tanto busca, Nathalie...

Já era quase noite. Nathalie estava pressurosa por voltar para casa, render a babá e supervisionar o jantar dos dois filhotes, inspiradores domésticos da sua imaginosa produção teatral, e do marido, leitor de primeira hora e crítico dos seus textos originais.
Modernamente, Nathalie e Homero racharam a conta e cada qual foi buscar seu carro em estacionamentos diferentes. Homero seguiu pensando em como reagiria Fernanda a esse bate-papo, em como isso se enquadraria na abordagem mais sóbria e estruturada da filosofia. E se anteviu – porque era esse o pressuposto da parceria que constituíram – propondo-lhe um “direito de resposta”. Seria, aliás, uma excelente isca para a produção do próximo capítulo...

Auto sobre o Sentido da Vida ou a Interminável Contenda entre Gaia e Medéia

Pode-se suspeitar de que a ideia de Deus conflita com o anseio humano de Liberdade?

1º. Ato – A PERGUNTAÇÃO

Prólogo do 1º. Ato

O arqueiro dispara a flecha na intenção de acertar o alvo colimado mas, supremo império da casualidade, um pássaro cruza a rota do projétil e zás! é atingido e se precipita ao solo agonizante, o dardo cravado na carne. Já viram isso acontecer? Neste caso, supondo que o arqueiro não fosse avesso à caça nem vegetariano, e a ave não fosse o papagaio do vizinho, a casualidade lhe teria sido benfazeja: decerto, uma refeição garantida! Assim costuma ser a vida real... cheia de incertezas e de imprevistos, estes amiúde bem-vindos.

Fernanda estava digitando as primeiras palavras de suas considerações sobre o capítulo anterior, que acabara de ler – havia já disparado o "dardo da criatividade" – quando irrompeu na tela do *notebook*, numa janelinha de *chat*, sua amiga Iracema, filósofa e poeta, anunciando: "Olá, Fê, tudo bem? Andei lendo os textos que você me mandou. Preciso te dizer umas coisas. Podemos prosear? Você pode levar um plá agora?". Surpreendida, Fernanda assentiu.

Amigas desde o tempo em que as pessoas ainda se trocavam cartas, agora mantinham uma constante comunicação virtual, que sempre tocava em temas de interesse comum – filosofia, poesia, arte, a vida, o futuro.

Foi sem dúvida um pássaro atravessando a trajetória do dardo que mal havia largado o arco, uma casualidade benfazeja. É o que o dito popular nos ensina: "Atirou no que viu, matou o que não viu." Mais que casualidade, sincronicidade pois, ainda que não sabendo o que Fernanda fazia no momento, Iracema no primeiro lance da partida entregou a bola de graça e a cortada de Fernanda foi fatal: o placar estava inaugurado. Vejamos por quê.

Cena 1 – Diálogo: Desfilando dúvidas

"Acredito que Mercado, Ciência e Morte são mesmo deuses que criamos na virada do século XX para o XXI", foi como irrompeu o discurso de Iracema. E engatou ela, em disparada: "A própria ciência acabou se tornando mercado na

medida em que virou produto através da tecnologia e, ao mesmo tempo, ambos tentam nos iludir em relação à morte. Estamos morrendo de muitas maneiras diferentes, estamos nos esquecendo, perdendo a *aletheia*, mergulhando cada vez mais num rio de perdas.” Apanhada desprevenida, Fernanda deixou fluir o veloz raciocínio da amiga, esperando que o fraseado se fechasse para então entrar em cena.

E lá foi Iracema deitando fala: “Será que estamos mesmo condenados à entropia, ao processo de desgaste e desordem cósmicos? Ou será que essa desordem, não é – como está dito numa dos escritos anteriores de vocês – algum tipo de ordem que não podemos ainda compreender? O conceito de cosmos, no sentido grego, implica em uma ordem em relação ao caos, mas tanto na Grécia antiga quanto hoje na ciência, acredito que esses conceitos tenham sido criados pela nossa experiência humana, por aquilo que pudemos ler no Universo: é um mundo que inventamos.” Fernanda foi dando passagem: “Hum, hum...correto! Vai em frente...”

Finalmente, Iracema arrematou: “O filósofo luso Boaventura de Sousa Santos nos diz em seu *Discurso sobre as Ciências* que, assim como antes Descartes decidiu adotar a dúvida como método, nós precisamos hoje aprender a conviver com a incerteza. Parece-me que a ciência não está acenando com uma certeza, são tentativas de explicação do Universo. Assim, de alguma maneira e na visão de alguns, a Lei da Entropia seria uma tentativa de explicar a dinâmica do mundo. Talvez precisemos inventar leis universais e certezas, como uma ilusão para suportar a navegação no caos, nessa ideia de que ‘tudo agora mesmo pode estar por um segundo’, lembrando os versos de Gil que você, Fê, costumava cantarolar.”

Enquanto Iracema ia despejando as ideias em pequenos blocos, que se uniam por reticências no fim de um e no princípio do próximo, Fernanda rapidamente ia sacando que a casualidade – benfazeja! – tinha atravessado aquela passarinha amiga na sua linha de tiro, e não foi à toa: iria trabalhar em cima de todas aquelas, digamos, provocações. O texto que iria começar a digitar já estava começado, por uma delegação tácita... ou, quem sabe, obra de uma inusitada telepatia? E melhor, o dardo, por virtual que fora, não abatera o alvo móvel que lhe atravessara o caminho: passara raspando e apenas lhe aumentara a vivacidade e a excitação mental.

Face a essa leitura de contexto, Fernanda interrompeu, ainda que timidamente, o jorro verbal da amiga, e digitou tudo de uma só enfiada, tentando, ao tempo que assimilava as palavras recebidas, sobre elas replicar: “Olha que coincidência, Ira, estava mesmo para começar a trabalhar sobre esses temas! Então vamos lá. Penso que nossa peleja é, em verdade, com o destino e com a liberdade. Decifrando as leis do mundo, o destino torna-se controlável e não um capricho dos deuses ou puro acaso. Assim foi desde os primeiros filósofos e assim viemos seguindo: vivemos ainda sob o legado cartesiano que defendia a *mathesis universalis* – uma ordem universal decifrável e traduzível matemática e abstratamente. Chegamos com a ciência aonde chegamos graças à premissa de que tudo é decifrável e, portanto, susceptível a uma manipulação a nosso bel prazer. Assim temos a ilusão de que nós é que fazemos nosso destino: é o deus Ciência tomando o lugar de um deus instituído, judaico-cristão, muçulmano, ou o que mais seja. É a busca da certeza posta no lugar do cultivo da fé.”

Interlúdio

Era de ver: duas jovens mulheres filosofando com entusiasmo, cena por exemplo muito improvável na Grécia socrática, que as confinaria no gineceu para dedicarem-se a atividades frívolas; ou no medievo, onde arderiam na fogueira como bruxas porque pensantes. Algo de muito bom nos trouxe a modernidade...

Bem, era hora de uma parada para digerir e redigir notas finais. Despediram-se, sinalizando a continuidade oportuna de uma nova interação. Fernanda decodificou o dialeto digital das postagens, traduzindo-o para o português legível e... teve uma ideia: “Vou enviar isto tudo para meu pai ler e comentar. Quem sabe ele bota algumas alcaparras nesse salmão...”

“Que surpresa!” pensou Homero ao receber a maçaroca. “Pensei que ia passar ao largo desta vez, mas essas ideias me desafiam, me instigam, quero mesmo dizer algo!” E, com afinco, foi enfileirando as palavras que lhe vinham aos borbotões para encontrar uma expressão adequada do que estava pensando – buscava *les mots justes*. Eis o que resultou.

Cena 2 – Monólogo: Botando os mitos para correr

“Vejo que continuamos contaminando o conceito de Deus, associando a essa abstração a noção de bondade infinita. De fato, é resultado de uma projeção maciça de nossos medos. Como fator de defesa biológica e, por extensão,

psíquica, o medo ativa a secreção da adrenalina e nos põe em prontidão para enfrentar as ameaças e incertezas. Mas excesso de adrenalina, além de quebrar o equilíbrio orgânico e trazer desconforto físico, é tóxico, levando-nos à depressão e ao estresse e pondo de novo em risco a nossa integridade. A adrenalina desperta uma pulsão agressiva que se expressa como raiva, como movimento dirigido a combater a situação de perigo. O medo assim leva à raiva, e ambos, esses dois 'gigantes da alma', como os denominou o psicólogo hispânico Emilio Myra y Lopez, são prejudiciais ao bem-estar individual, à estabilidade coletiva, ao equilíbrio dos seres humanos em convívio."

"Quem nos pode então salvar desse perverso ciclo psicossomático? Um ser superior, Deus, ser transcendido que não tem medo nem raiva: é bondoso, compreensivo... Um deus antropomórfico, por nós criado para nos apaziguar e proteger! As hierarquias sacerdotais historicamente se apossaram dessa representação imagética e passaram a falar em nome dela, ditando normas de comportamento que estabelecem uma sutil ligação entre Deus, ordem, conduta correta – a que nos assemelha à divindade! – moralidade e... subserviência: 'Aceite o que ele ordena ou você perde o seu amor e a sua proteção, e o medo e a ira passarão de novo a habitar a sua alma, levando-a à perdição eterna'. E eis-nos subjugados! É aí que, de fato, mora o perigo de que queremos nos desvencilhar. Bondade e maldade são extremidades de um mesmo *continuum*, são paradoxos que se conciliam num nível superior de resolução, como nos ensina a transdisciplinaridade. No nível cósmico, ambos interagem na recriação e manutenção do mundo, e Deus, essa abstração de fato incognoscível, seria entretanto suficientemente abarcador para acomodar a dualidade que surge primordialmente do enjaulamento a que submetemos nossa consciência. Mas a liberdade não estaria em eleger novos deuses imagéticos estranhos a esse Deus de bondade, como a tríade Mercado, Ciência e Morte: de novo, sacerdotes surgiriam – como já os há aí aos milhares! – para falar em nome deles e ditar normas de conformidade. A liberdade surge da relação íntima do sujeito consigo mesmo, do discernimento construído a partir de uma observação descontaminada. Mas isso vai contra a norma instituída e ai de quem salta fora da norma... quem arrosta a cultura dominante! É marcado pelos patrulhadores do sistema, sujeito a ser desfigurado com desqualificações e a marginalização. É disso, dos comportamentos alienados, conformados, de rebanho, que derivam todos – concedamos, quase todos – os males da nossa civilização, que afinal

acaba por não garantir ‘qualidade de vida para as gerações futuras’, para citar uma frase na moda, como já não o faz para as gerações presentes”.

“Ao focalizar comportamentos de submissão, surge seu antagônico: a autonomia. Isso remete a dois temas tratados sob várias formas no que conversaram Iracema e Fernanda: Destino e Liberdade. Aí vamos! Claramente, quanto mais aceitarmos que somos predestinados, ou seja, que nossa vida é regida por um Destino, menos espaço estaremos dando para a Liberdade, entendida esta como nossa capacidade de escolher os rumos da vida. Isso é óbvio! Há entretanto aí um meio-termo.”

“Vêm-me à memória dois conceitos que nos meus anos de vida corporativa costumávamos utilizar para descrever a lógica do processo de gestão: autonomia tática e heteronomia estratégica. Funciona assim: todo executivo, aquela figura que responde com sua equipe pela gestão de segmentos de um negócio, está subordinado a definições organizacionais que delimitam o propósito ou a direção das suas ações gerenciais. Essas definições dizem respeito aos rumos que foi decidido imprimir aos negócios pelo mais alto nível da organização, a sua alta direção e, no seu conjunto, constituem a estratégia da organização. Em relação a cada executivo, a estratégia tem caráter mandatório, é uma norma condicionante que deve estar refletida em todas as suas ações individuais. Para entretanto alcançar os objetivos do cargo que ocupa, é facultado ao executivo fazer escolhas que traduzam seu senso de prioridade, seu estilo de gestão e seus valores pessoais, enfim, escolhas com certo grau de liberdade – desde que não infrinjam as estratégias definidas, ou melhor ainda, assegurado que contribuam à realização da estratégia corporativa.”

“Esses graus de liberdade na ação individual constituem sua **autonomia tática**. Sua dependência das normas determinantes de nível superior é a expressão da **heteronomia estratégica** a que está sujeito. **Destino** seria assim a heteronomia estratégica que condiciona nossa vida a trilhar grandes linhas de ação ou a atender a vocações predefinidas. **Liberdade** seria a expressão da nossa autonomia tática para fazer as escolhas pessoais comportadas e regidas pelo destino. Pelo menos no plano filosófico, Destino e Liberdade podem coexistir e se conciliar, o difícil é identificar no curso da vida onde começa um e termina outra. Na organização, isso é mais fácil: está tudo explicitado no modelo de gestão e nas definições institucionais que dele decorrem. Lamentavelmente, não

dispomos, os humanos, de um ‘modelo de vida’ que nos dê essa resposta, quando muito podemos nos valer de artifícios mágicos como um bom mapa astrológico ou um ensaio divinatório segundo a numerologia pitagórica... que podem até confortar a nossa alma e reduzir a nossa ansiedade, mas não há escape: a nossa jornada vital é inerentemente impregnada da incerteza. Pronto! está relativizado o Destino e exaltada a Liberdade.

“Ainda sobre a Liberdade. O Prêmio Nobel Amartya Sen, um dos criadores do IDH - Índice de Desenvolvimento Humano adotado pela ONU à guisa de complemento do PIB – uma tentativa de fuga de um puro economicismo –, coloca a liberdade como a meta central da busca da qualidade de vida, mas associando-a ao desenvolvimento sustentável – esse fatídico oximoro! – o que acaba por isso mesmo resultando num equívoco. De novo, o fantasma do crescimento econômico está nas redondezas, levando, a meu ver, a uma espúria relação entre liberdade e superação de privações, que implicam em mais atividade econômica para atender um consumo mitigador ampliado, com os impactos conhecidos no futuro imediato sobre os ecossistemas e na viabilidade das gerações vindouras. Mas qual seria a alternativa? Esse é talvez o magno dilema político do presente: conciliar liberdade, consumo e justiça social, sem desintegrar de vez os ecossistemas que sustentam toda forma de vida. Complicado, muito complicado...”

“De todo modo, quando coloco como espúria essa conexão entre liberdade e crescimento econômico, é porque isso transforma a liberdade em dependente de fatores externos ao ser humano, não tratando-a como uma categoria ontológica, a ser construída a partir – com ênfase no ‘a partir’ – da expansão da consciência, derivada esta de uma nova visão de mundo e de uma ética dela decorrente.”

<u>Interlúdio</u>

Nova sessão de teclagem entre as jovens pensadoras, agora com hora marcada e desta vez sem “flechas atingindo passarinhas de raspão”. Não se sabe bem ao certo qual foi o impacto das considerações encomendadas por Fernanda a Homero, nem se foram compartilhadas na íntegra com Iracema. Mas auspiciosamente o assunto entre as duas enganchou – ao menos pareceu – no espírito da coisa dita, porém introduzindo novos temas para reflexão.

<u>Cena 3</u> – Diálogo: Fazendo Nietzsche sorrir

“Oi Ira, vamos então prosseguir no nosso papo?”, convida Fernanda, já ambas conectadas. E cutuca: “Quero saber sua opinião sobre um assunto que vimos discutindo. O que você pensa: será o crescer realmente nosso meme imperial, nosso imperativo cultural análogo ao genético?”

“Gostei da questão, Fê!”, logo assente Iracema. “Creio que o crescimento do ser humano, entendido como sua realização máxima em suas escolhas conscientes e inconscientes, é possível para algumas pessoas em certas fases de suas vidas. Penso que é impossível estarmos realizados plenamente durante todo o nosso tempo vital, mas há momentos, sim, em que nos sentimos em nossa Máxima Potência, como a definiu Nietzsche. Máxima potência é esse sentimento de liberdade que nada tem a ver com livre-arbítrio mas com as nossas próprias atitudes. O problema é que, do ponto de vista da dinâmica social, é usual alguns se realizarem às custas de muitos outros. Há uma crueldade na nossa índole que o pensamento da revolução científica cartesiana não admitia e que pensadores posteriores começaram a admitir... o que entendo é que Descartes não quis admitir o Mal nem no humano nem no mundo: Deus sendo sumamente bom, garantiria o nosso progresso sempre, e para o Bem. Penso que Freud e Nietzsche, e antes deles Hegel, encararam o mal, admitiram o Mal como parte integrante do processo da existência.”

“Tem mais”, prossegue. “Sou levada a concordar com o Homero quando afirma ‘... eu não vejo que o ser humano tenha um grau de altruísmo suficiente para fazer algum tipo de renúncia ao seu conforto em função da continuidade da espécie ou da continuidade de boa parte da vida que ele arrastará consigo para o buraco’” – há que explicar que Iracema tinha tido acesso aos originais em elaboração. “Penso que Freud e Nietzsche também viram o ser humano dessa maneira e é algo, por exemplo, bem diferente do que Descartes pensava no início da revolução científica no século XVII. Com Nietzsche e Freud, soubemos que é bem diferente. Temos motivações inconscientes, não somos seres racionalmente bons e muitas vezes somos mesmo perversos. Voltar à esperança no ser humano enquanto espécie parece algo difícil, mas me parece que nem Nietzsche nem Freud pensaram que sendo assim isso seria o fim de tudo...”

“Isso me remete à questão que me ficou, a partir da fala da Nathalie, conforme meu pai me contou logo após o encontro”, intervém Fernanda. “Gostaria de ter podido perguntar à Nathalie por que razão se mostrou tão incomodada com a

ideia de um fim. Por que pensar-nos finitos, como espécie humana, nos faria tão pessimistas? Parece-me também que a ideia de entropia nos fere narcisisticamente. Freud dizia que três descobertas foram feridas narcísicas para a humanidade: a de Copérnico, de que nosso sistema é heliocêntrico e não geocêntrico; a de Darwin, de que guardamos parentesco com os macacos; e a da existência do inconsciente, de sua própria autoria. Digo que a ideia de entropia seria uma quarta ferida narcísica. Tanto fazemos, tanto construímos para no fim tudo se acabar! Talvez seja esse o incômodo que a ideia de entropia gera e por isso o pessimismo que sentimos decorrer dela."

"Mas podemos pensar nesse fim usando o reverso da moeda: a idéia de 'eterno retorno', de Nietzsche. No eterno retorno, em lugar de tudo tender para um fim, se postula que o tempo seria circular e que tudo que vivemos voltaria eternamente a acontecer, *ad infinitum*. Bem, pensemos por um momento como seria nossa vida se nunca se acabasse, se tudo apenas se repetisse, carecendo de começo ou fim, em movimento circular. Se assim fosse, o que estamos agora vivendo já estaria definido, o destino nos teria marcado irremediavelmente por ações passadas. Para que fazer algo, se tudo já está marcado pelo que já fizemos? Para que fazer algo se o decreto de que tudo se repete se imporá inexoravelmente? Tanto como a ideia de entropia, o eterno retorno pode nos conduzir a um pessimismo, ao niilismo, à falta de um sentido para a existência. Nada alentador, não é?"

"Mas o interessante é que face a esse niilismo, a essa falta de um *télos*, de um rumo para a existência, Nietzsche nos conclama a reagir de forma ativa e não a aceitar passivamente", contrapõe Fernanda. "Do núcleo da falta de sentido e da inexorabilidade do destino, brotaria um imperativo: viver cada momento como se fosse repetir-se eternamente. Ser capaz de ter coragem, mesmo sabendo-se predestinado, fadado, com um fardo a carregar. É esse o *amor fati*, amor ao fado, ao destino, de que nos fala o filósofo! É o amor que anima o herói trágico que, não importa o que faça, tem seu destino já traçado pelos deuses e, ainda assim, tem coragem e vai à luta. O eterno retorno de Nietzsche e a entropia, a outra face da moeda, me fazem pensar que quiçá é irrelevante se tudo perece ou continua: o que vale é a coragem de arriscar-se, de afirmar-se, de construir mesmo aquilo que está fadado a perecer ou a repetir-se eternamente. Tanto faria..."

“Sim! É o poder de dizer SIM”, se entusiasma Iracema. “Em Nietzsche há esse imperativo que corresponde à ideia de eterno retorno: ‘Que seja sempre assim!’. Se o Universo tende irremediavelmente para o caos, podemos dizer sim? Podemos afirmar a vida mesmo nessa ‘tragicidade’? Acho que é isso que tentamos quando, apesar de tudo e de todos, não fugimos: estudamos, trabalhamos, temos filhos, damos aulas, amamos e desamamos, nos desiludimos, e voltamos a nos iludir, a amar novamente...”

“Mas toda vez que me ponho a pensar seriamente sobre a autoafirmação e a máxima potência, me vem um receio de que isso seria mais do mesmo – um lema para a apologia do progresso pelo progresso, para o afã de dominação cada vez maior”, pondera Fernanda, com certa contrição. “Mas daí me lembro de Nietzsche em Zaratustra, em *Dos Pregadores da Morte*, quando diz: ‘Vós todos que amais o trabalho furioso e tudo o que é rápido, novo, singular, suportai-vos mal a vós mesmos: a vossa atividade é fuga e desejo de vos esquecerdes de vós mesmos’. Isso aparece lá num momento em que ele fala daqueles que pregam a morte ou, usando a nossa metáfora, dos devotos do deus Morte. Bem, a atividade excessiva, o crescimento pelo crescimento, é um jeito de agir que pode levar a morrer de conforto, como você mesma, Ira, comentou uma vez. Crescer por crescer é se esforçar para dominar a Natureza por completo, para controlá-la inteiramente, mas nesse movimento ignoramos a incerteza e fugimos da dor e, consequentemente – já que a dor faz parte da vida –, de nós mesmos. Ao postular o crescimento indiscriminado, fugimos da própria vida e nos devotamos ao deus Morte.”

E vai Fernanda aduzindo: “Nesse sentido, poderíamos pensar o que você disse da maximização da potência como um crescimento também, mas não em qualquer direção e sim em direção à vida, à sua expansão. No entanto, já vimos que caminhando lado a lado com a pulsão de vida está a de morte, como diz Freud... É necessário, portanto, que adotemos uma postura de contínua escolha para a vida, escolha muitas vezes fadada ao insucesso, pois é impossível ter certezas absolutas, como já vimos. Estamos no fundo falando de uma reinvenção constante em que, parafraseando Clarice Lispector, ‘a direção é mais importante que a velocidade’, e em que devemos, na medida do possível, exercitar o ‘pratyahara’, o olhar para dentro de que falam os indianos. Seria um outro jeito de nos desenvolvermos – crescer não ocorre só ‘para fora’, nas extensões somáticas, no exossoma, mas ‘para dentro’ também.”

Embora empolgada com o encadeamento que construíra, Fernanda buscou arrematar: já podia finalizar seu pensamento. “Realmente, admitindo que o hipotético desenvolvimento da telepatia nos livraria de toda uma parafernália exossomática, a índole do ser humano não permaneceria entretanto intocada? Nesse sentido concordo com que devemos voltar o olhar para outra direção, mas num outro sentido, naquele que Foucault, ao estudar as práticas de subjetivação desde a Antiguidade, chamou ‘cuidado de si’, nome que ele deu a todas as práticas de autocultivo, de construção e reinvenção permanente de si mesmo, visando a um melhor autogoverno. Cultivar-se, cuidar de si, implica em conhecer-se a si mesmo e portanto lidar com muitas sombras. Creio que vimos fugindo de nossa condição de finitude, da tragicidade que a vida carrega, da responsabilidade enorme de fazer da nossa vida uma obra de arte, de nos tornarmos nós mesmos. Porque cuidar-se implica em conhecer-se, em lidar também com perdas, com sombras, com a dor. Lidar com as sombras e com a dor, eis o nó da questão...”

Epílogo do 1º. Ato

Há horas em que o corpo todo pede para parar, começando por provocar coceira na cabeça, forçando-nos a chicotear o cabelo de um ombro a outro (válido apenas para cabeças com longas madeixas ou generosos apliques), fazendo-nos compelir a mão a ajeitar incessantemente os papéis sobre a mesa, e outros sintomas quejandos de inquietude. E começa também o linguajar monossilábico, no caso a teclagem: “Hum, hum... É, tá, tá bom... É isso aí!”

Os sinais de fadiga presentes, aliás bilateralmente, foram atendidos e ambas combinaram parar. Mas o papo em andamento ainda iria adiante, agendaram um novo conversatório. Fernanda cumpriu seu ritual de tradução das falas para o português legível e... oh! insopitável tentação! resolveu enviar de novo ao pai todo o material para nova intervenção, melhor dizendo, contribuição – aliás dever implícito de escrevinhador parceiro.

2º. Ato – OS RESPONDIMENTOS

Prólogo do 2º. Ato

“Não me dão folga! Pelo jeito gostaram da coisarada que enviei”, murmurou Homero para si mesmo, com uma réstia de orgulho escapando pelo semicerrado

do olhar, ao receber da filha mais aquela leva de trocas filosóficas para comentar. “Mas gostei da refrega anterior. É como esticar as pernas: melhora a circulação”, pensou, referindo-se ao trabalho de pôr para girar, mais uma vez, a engrenagem dos neurônios sempre sob o risco de emperramento. E foi o que fez satisfeito, e o que fez se segue.

<u>Cena 1</u> – Monólogo: Um meme a vista, todos a ele!

“A oposição ‘entropia - eterno retorno’ nos leva a uma sutil descoberta. A ideia de entropia universal – tudo o que existe tende a um estado indiferenciado na progressão da linha do tempo – sinaliza ao menos ser esta, a entropia, uma finalidade, ainda que trágica, para o Universo, aí incluída toda forma de vida, conhecida ou não, inserida nisso a nossa vida humana. Conceito-chave: finalidade, análoga ao *télos* que a Fernanda menciona. Ao forjar a figura retórica do ‘eterno retorno’, Nietzsche pareceu estar querendo dizer: como a vida não vem acompanhada de uma finalidade, então à falta dela, que se existisse nos guiaria, o imperativo a reger nossa conduta é considerar que tudo que estamos fazendo a cada momento nos perseguirá eternamente, como um adesivo que se colasse em nosso destino. Isso nos poria reflexivos a cada ato significativo que praticássemos, pois teríamos que arcar com os ônus de tudo o que fizéssemos, ou mesmo nos agraciaríamos com os bônus do que fosse bem feito. Vejo um parentesco disso com o princípio ético proposto por Georgescu-Roegen: minimizar arrependimentos futuros.”

“No fundo, uma finalidade tão genérica, como aquela que nos sugere a entropia, equivale a nenhuma finalidade, o que a faz ao mesmo tempo oposta na dinâmica e idêntica no sentido ao eterno retorno: ambos levam a um niilismo, a uma indiferença quanto à continuidade das coisas. Entretanto, a adoção do conceito de eterno retorno como linha de conduta nos levaria a uma atitude verdadeiramente responsável no trato do bem comum, principalmente em relação à utilização dos recursos naturais e ao comportamento para com outras formas de vida que não as humanas, uma vez que os danos que provocássemos nos remoeriam a consciência tempos sem fim. Valeria também para nos guiar no relacionamento com nossos semelhantes – a denominada dimensão social que a definição de sustentabilidade nos propõe – pois o que fizéssemos aos outros ficaria pregado no nosso mural existencial para sempre.”

“Resumindo, a entropia nos diz que, ao agir, você inexoravelmente destrói, e essa destruição é cumulativa e progressiva no tempo, chegando a um final de anulação universal. O eterno retorno nos dá conta de uma imutabilidade simbólica que, no final, significa a ausência de uma finalidade. Mas o niilismo defendido por Nietzsche é, na verdade, um niilismo ativo que exatamente preencheria o vazio criado pela ausência de um *télos*, de uma finalidade ontológica. Esse niilismo ativo nos levaria a viver cada momento com disposição heroica, principalmente no enfrentamento da tragédia – que os platônicos extirparam das considerações da filosofia. Curioso! Nietzsche é visto como aquele que matou Deus: ‘Deus está morto!’, mas seu conceito de eterno retorno me parece cristão (sua família era luterana...), comparável ao ‘Faz aos outros o que querem que te façam’.”

“Agora, retomando a questão do crescimento. Não há que confundir finalidade – esteja ou não explícita – com compulsão, e crescimento é compulsão, um meme, um ente viral que, esse sim, tem uma finalidade: replicar-se em nossas mentes e por essa via instalar-se nas várias culturas. A compulsão ao crescimento induzida pelo meme não só acelera a degradação entrópica do planeta como, do ponto de vista do eterno retorno, é eticamente inaceitável.”

“Um outro aspecto. O exercício da máxima potência postulado por Nietzsche e que nos levaria à condição de super-homens pode ser tomado como a apologia de um certo tipo de crescimento. Esse risco se neutralizaria na medida em que a máxima potência fosse dirigida à expansão da consciência e ao desenvolvimento de nosso endossoma, ao qual Georgescu alude. Esse crescimento para dentro, endossomático, esse sim seria altamente desejável e bem-vindo, e mesmo necessário, como meio de enfrentamento e superação da tragédia da proliferação desmedida dos aparatos exossomáticos – as engenhocas tecnológicas que amplificam exponencialmente nosso impacto no mundo –, os quais nos alienam de nós mesmos e nutrem a expansão desmedida da atividade econômica. Essa é a excruciante e fulcral tragédia de nossos tempos, que requer que o herói interno exsurja do âmago do homem comum e combata a boa causa.”

Interlúdio

Reinício da mesma rotina. Na data e hora marcadas, ambas encetaram um novo *round* de considerações a distância, após cada qual ter lido as ponderações monológicas de Homero. Nessa coreografia que se estabeleceu, as falas

recebidas passaram a operar como alavanca para destampar, sem maiores comentários, uma nova caixa de Pandora, isentas ambas as dialogantes, como isentas se sabiam, dos riscos que por idêntico gesto vitimaram Prometeu ao suplício eterno.

<u>Cena 2</u> – Diálogo: Mitigando as chagas

“Quero agora retomar Descartes”, introduziu Iracema. “Tudo bem, Fê?” Nenhum sinal significou: prossiga! e foi o que Iracema fez. “Mesmo sabendo que Descartes tem as limitações da sua época, nós teríamos que tecer uma rede de bom senso acreditando que o cuidado de si, a razão com a sua sombra, da qual não podemos fugir hoje, pode ser a nossa melhor escolha. Isso teria que ser uma invenção nossa. Os iluministas pensaram mais ou menos assim: mesmo que o homem seja mau, há chance de trazer luzes às sombra da sua razão; seria essa ideia de caos, e mau é tudo que gostaríamos de negar se pensamos o homem como bom. Há quem diga que a corrupção de tudo, a entropia, o desgaste, a desordem são inevitáveis, e o jeito é mesmo saber lidar com as sombras. Quando nos encontramos em meio à treva, nós seres humanos tendemos a buscar luz! Será?” Segue-se uma pausa.

Pouco a pouco as palavras de Fernanda vão aparecendo no monitor de Iracema: “Sim! Mas e se o mercado, ou a religião e a ciência nos oferecem essa luz como dogmas? Não acabaremos por querer ignorar as sombras outra vez? A sombra é muito incômoda, ninguém a quer!”. Palavras que Iracema acolheu prontamente: “Acho que é isso mesmo! Inventamos luzes falsas: mercado, religião, ciência... e se a gente não puder viver sem essa falsidade? O pior é entender a falsidade e não poder fugir dela, não poder se libertar. Voltamos à caverna de Platão: as luzes falsas são as sombras do mundo da caverna. Já estou sentindo o desconforto das conclusões da nossa conversa. Não me sinto à vontade sabendo que realmente vivo na ilusão!”

O silêncio se alongou. Curioso como essa conversa, que começou prolixa, foi murchando na medida do incômodo do tema. Finalmente saltaram as letras de Fernanda na tela da amiga: “Sabe? Uma vez li algo que achei muito interessante, já não sei mais de quem é. Dizia: se a ilusão é algo tão ruim assim, por que é que, quando alguém está triste, dizemos que está ‘desiludido’? Não sei se a ilusão é boa ou ruim, mas admitir sua existência leva ao movimento, ao constante rever-se e reinventar-se, a ter uma certa flexibilidade com aquilo em

que cremos. É a tal da *doxa* sempre à espreita, sempre nos enganando. Essa é uma constatação que às vezes choca mas, como já disse antes, acho que essa é a nossa liberdade, a de não nos apegarmos às crenças. Em termos de mundo globalizado, em escala mais ampla, social, essa liberdade tem um impacto menor. Mas vai nos vacinando contra a morte pelo conforto. E isso é algo que vai criando 'marginais' num bom sentido, gente que não compra tudo o que vê. Creio que todo esse afã por consumir – e consumir tudo: produtos, ideias, amores, comida – vem dessa dificuldade em lidar positivamente com nossa precariedade. Essa é, segundo vejo, a tragicidade que deveríamos resgatar, a capacidade de viver na incerteza e de lidar com o vazio e de, ainda assim, 'apesar de', ter coragem e se afirmar."

Essa fala levantou o ânimo de Iracema: "Pois é! Com o tempo, a gente aprende que o mundo não vai trazer toda a beleza em que a gente acreditava, mas por outro lado aprendemos a entender melhor o que é feio e a ver que isso faz parte de uma vida plena também. E a reinvenção pode significar aprender a lidar com a destruição do que a gente acreditava, ou pelo menos com o caráter fictício disso. Realmente, creio que temos a liberdade de não nos envergonharmos de carregar muitas perdas, muitas mortes, caos, desilusões e ainda assim querermos a vida!!! Precisamos conviver com nossos vazios!" As últimas asserções conduziram Iracema a abrir várias indagações e a concluir em um fecho pesaroso: "Mas será que podemos mesmo ser marginais? Digo 'marginais' no sentido de quem escapa ao rio das ilusões? Será que a gente consegue? Ou a gente tenta e a vibração afirmativa é essa tentativa de sempre buscar uma luz menos falsa para nossas vidas? Vamos caminhando aos poucos, sabendo que não há totalidade, que não há certeza, mas a gente busca alguma coisa diferente. Um certo psicanalista me disse que em Lacan existe a ideia da transformação do que é 'contingente em necessário', seria algo parecido com a ideia de amar a fatalidade. O que passa de contingente a necessário, a meu ver, é que não podemos fugir das feridas, podemos afirmá-las! Hoje, enquanto sociedade, fugimos da dor de todas as maneiras possíveis! E isso nos veta a alegria, por consequência..."

Interlúdio

Esgotamento de argumentos e inspiração em fuga, por cumprimento do dever – e lá se foi mais uma sessão virtual. É incrível como, com duas ou três repetições, já se fica automatizado. Ninguém questionou o que deveria ser feito, agora, com

mais essa rodada de conversas concluída. Fernanda sem hesitar pôs-se a ajeitar o texto dando uma “freada de arrumação” nas frases, para encadear melhor o raciocínio, e despachou tudo para o diligente papai.

Homero, o pai cônscio das suas tarefas, não demorou para iniciar a redação da sua peroração. Leu tudo de um só lance. Parecia que já sabia de véspera o que tinham escrito e o que teria de dizer, e foi direto ao texto.

<u>Cena 3</u> – Monólogo: Correndo atrás de necessidades

“Dedicar-se a reflexões sobre o sentido da vida, buscar e identificar uma finalidade que nos pautasse como o propósito último da existência, são com certeza ocupações que acometem a poucos, muito poucos. É restrito àqueles que dispõem de interesse e energia psíquica para indagações de caráter metafísico. É tema secundário à maioria, pois o deus Mercado rouba esse tipo de energia para os rituais sedutores do consumo.”

“Vem assim bem a calhar, como uma aproximação menos ambiciosa e mais pragmática dessa temática de baixo ibope, o modelo desenvolvido pelo psicólogo Abraham Maslow, que, se não trata de buscar finalidades e encontrar o *télos* grego, pelo menos nos oferece uma visão bastante instrumental das bases do comportamento humano, vinculando-o em essência à busca da satisfação de necessidades: são as necessidades, tais como sentidas pelas pessoas, que geram motivos para agir. Vale para o indivíduo, vale para grupos e organizações, vale para entender a sociedade humana – e de uma forma bem descomplicada.”

“Comecemos pelos **motivos**, cujo surgimento na psiquê humana se assenta sobre dois fundamentos: **valores**, o conjunto de critérios que nos orientam na definição do que é e do que não é aceitável na relação com o mundo; e **percepções**, as leituras que nosso cérebro faz dos dados do mundo exterior e da realidade psicofísica interna, captados pelos nossos sentidos.”



“ É curioso notar que esses três aspectos, Valores, Percepções e Motivos, podem ser associados aos elementos que Mário Sérgio Cortella propõe como caracterís-ticas que definem a Ética, expressas por três verbos: **devo**, para Valores; **posso**, para Percepções; e **quero**, para Motivos. Isso põe que a fonte de todo comportamento é a postura ética do indivíduo e seu motivo é satisfazer algum tipo de necessidade. Motivos são assim a ponta de lança de Valores e Percepções, e são acionados pelo hiato criado por uma necessidade ainda não atendida.”

“Quando Maslow hierarquizou o conjunto de necessidades que poderiam estar presentes em toda pessoa, e as distribuiu da base ao topo numa pirâmide, quis significar que aquelas mais próximas da base, segmento por definição mais extenso, eram dominantes sobre as que estivessem mais próximas do vértice, estas aí colocadas por serem usualmente de menor urgência e de intensidade motivadora mais branda. E mais, estabeleceu que as necessidades de maior premência, as mais próximas da base, enquanto não satisfeitas se apossariam de toda a motivação, deixando pouca energia disponível para o indivíduo se ocupar, e mesmo perceber, da existência das necessidades de nível superior.”

“Ora, próximas à base da pirâmide se situam as necessidades ligadas à manutenção da vida, à sobrevivência, fazendo-as os grandes e principais impulsores de nosso comportamento. Satisfeitas tais necessidades primárias, aí então poderiam emergir como motivadoras as outras necessidades, que vão desde relacionar-se e conviver com os semelhantes, até ser reconhecido pelo valor intrínseco e, no ápice, deixar no mundo a marca pessoal através de uma autoexpressão calcada em altos valores éticos e estéticos – aliás, seria daí que brotam os impulsos da arte e da filosofia.”

“Assim, a motivação, despertada que é na busca da satisfação de necessidades, seria, em síntese, moldada por uma configuração ética preexistente e condicionante, e realimentada pela experiência vivida com os comportamentos praticados, migrando para necessidades de maior complexidade à medida que as básicas fossem sendo atendidas.”

“Esse modelo joga luz sobre os motivos dominantes nos comportamentos coletivos que se observam na sociedade, e que sinalizam uma forte orientação à satisfação de necessidades de menor nível, fisiológicas e de segurança – em relação às quais, boa parte da humanidade ainda vive em situação de intensa carência. Para os afluentes, aqueles que já superaram as agruras da sobrevivência, encontram-se atuantes as necessidades de nível mais alto, notadamente as sociais, que envolvem pertencer a grupos, comunidades, organizações; e de estima, que incluem a conquista de status e o reforço da identidade. E mais: quanto mais se sobe na hierarquia de necessidades, maiores são os graus de liberdade conquistados, essa é a regra. De fato, o percurso para se chegar às necessidades de autorrealização, que abrigam valores elevados e interesses altruístas, passa pelo atendimento apaziguador das várias categorias de necessidade anteriores.”

“Observamos, porém, que a maioria das pessoas não conseguiu ainda se despregar dos dois primeiros estratos da pirâmide ou, se conseguiu, está ainda agarrada a patamares intermediários. Como então pensar em mobilizar as populações para condutas de consideração aos direitos das gerações futuras – que dizer dos direitos desatendidos da presente geração! –, sensibilizá-las para legar uma vida com qualidade aos nossos descendentes e, em última instância, engajá-las em ações que expressem cuidados com a preservação da espécie humana, se apenas uma minoria dispõe de energias acumuladas para essa prática desprendida?”

“Num mundo onde o individualismo e a competitividade são culturalmente entronizados, pergunto: que espaço de fato existe para gestos expressivos de autorrealização individual, cuja recompensa é subjetiva e de foro íntimo, cuja contrapartida é uma autogratificação que consiste, em essência, em sentir-se eticamente íntegro? Finalmente, indago quantos estão, dado esse cenário, genuinamente dispostos a deixar de lado o apenas ‘ficar bem na foto’ e assumir a

postura do super-homem nietzschiano, enfrentando heroicamente a tragédia de uma civilização em decadência acelerada?”

Epílogo do 2º. Ato e Final

Para ler a terceira contribuição de Homero, as duas amigas combinaram um encontro na casa de Fernanda, no final do dia. Iracema leu em voz alta o texto recebido, Fernanda acompanhando numa cópia impressa em papel reciclado, que era ela bem cuidadosa com essas coisas de ecologia. Pararam um pouco no meio da leitura para elaborar melhor a dinâmica da pirâmide de Maslow, já familiar a ambas mas que não frequentava o dia a dia de suas filosofias: “Muito esquemático!” Mas afirmaram o gosto pela praticidade da proposta.

Fizeram ainda rápidas e displicentes digressões sobre “necessidade e contingência” segundo Leibniz, mas logo pararam, meio desinteressadas de continuar lidando com coisas densas e abstratas. Acharam que a peça estava terminada, ou melhor, que a interlocução uma-a-uma-mais-um tinha já se esgotado. Numa rápida troca de frases curtas, as duas criadoras, como Jeová no sexto dia, deitaram seu olhar ao que haviam feito e se declararam satisfeitas com a criatura. Era a hora da Preguiça, o divino pecado capital do sétimo dia.

A noite já ia avançando e uma brisa suave amenizava o calor do dia, acumulado no solo. A Lua lá fora convidava à contemplação e suscitava devaneios e pensamentos românticos. Ambas ligaram seus sensores íntimos no modo poesia e, já com a cerebração aquietada, se puseram a caminhar em silêncio, sob a luz prata, para lugar nenhum...

LOGOS 2

O Interior da Caveira

“Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que são sonhadas na tua filosofia.”

Hamlet, Ato I, Cena V

O que significa...

Simboliza o deus Ciência.

Tudo se esconde na sua cavidade: é uma “caixa preta” ou, se preferirmos a mitologia, uma “caixa de Pandora” – eis aí o perigo! – onde se elaboram os pensamentos, se interpreta o passado e se criam, virtualmente, os futuros.

É o continente das intenções. Sede da razão e armazém dos sentimentos e emoções. Comanda o soma e move a psiquê.

É o motor da máquina humana.

Corresponde em astrologia ao Sol, que define a forma como processamos a realidade percebida.

Pelos seus atributos, o Interior da Caveira guarda relação com o Vishnu do hinduísmo, o mantenedor da vida.

Na tradição judaico-cristã, poderia ser associado ao Ruach Ha'Kodesh dos hebreus, ou ao Espírito Santo da Santíssima Trindade dos cristãos.

...e como se manifesta.

No Interior da Caveira tudo é inquietude, movimento permanente. Silencioso movimento de uma miríade de descargas elétricas por nanossegundo que faíscam continuamente através dos neurotransmissores, portando percepções colhidas, elaborando emoções, costurando compreensões e sentidos, formulando conceitos e planos, e promovendo movimentos do restante da estrutura somática.

É aqui que se tecem as estratégias de como atuar no presente para alcançar futuros que se mostrem, ao menos na tela mental ali instalada, como aliviados da pesada carga do passado e promissores de dias mais felizes. É aqui que se alojam a esperança e as utopias ou ferve a indignação – ambos motores da mudança. É

ainda aqui que se urdem os maquiavelismos ou se cultivam as bondades, e que se desenrolam os sonhos e os pesadelos. Aqui é o palco da alucinação dos alienados, bem como parece daqui se irradiar o êxtase dos místicos que elide a consciência de vigília. Tem a fama de ser o quartel-general da racionalidade, da objetividade, das verdades e certezas. E ainda: onde localizar o controvertido inconsciente, senão no Interior da Caveira? Um desafio para os iluministas...

A massa que habita o Interior da Caveira aparenta ser dotada, até por virtude de todos esses atributos, de uma potência absoluta. É que a sua regência imperial sobre o resto do complexo somático provém em grande dose dos humores hormonais que ali se originam, boa parte regulando os altos e baixos das sensações e disposições, e da lucidez do raciocínio. Mas sem o sangue que sobe do coração e por ali trafega, ah! sem esse, o Interior da Caveira jazerá inerte, tornar-se-á inútil. Cessará...

Querem exemplos nossos do que é capaz o Interior da Caveira? Virem a página e comecem a navegação pelas palavras vertidas pelas dobras do encéfalo dos autores, que aqui assumem teor nem sempre muito convencional. Tudo na tentativa bem-intencionada, diga-se assim por verdade que é, de conceber trilhas capazes de conduzir a grei humana a um mundo menos desordenado, onde imperem cenários harmônicos e no qual o bem-estar seja mais homogeneamente distribuído.

Ensaio sobre o Delírio: Repensando o Futuro Turbulento

A loucura é uma forma desordenada de lucidez que os gênios sabem organizar para as suas criações.

O restaurante do Torcuato, na praça do belo Albayzín, é uma parada obrigatória para saborear um vinho, de preferência um Tempranillo Crianza de extração local, acompanhado das indefectíveis *tapas*. Fernanda estava em Granada, a cantada "*tierra de sangre y de luz*", para onde foi cuidar de meros trâmites acadêmicos. Mas a felicidade nunca é completa e duradoura... Foi para lá com a tarefa assumida de produzir reflexões sobre o tema Simplicidade Voluntária, numa tentativa de romper com o impasse "crescimento X bem-estar", que ficou estabelecido nos capítulos anteriores. Caderninho sobre a tosca mesa do Torcuato, tentava rabiscar algumas ideias entre sorvos discretos do Tempranillo e mastigadas de um tira-gosto de *pulpo* e *calamares*. O livro *Dinheiro e Vida*, de Vicki Robin, um *vade mecum* no tema, jazia na mesa ao alcance da mão, como garantia de socorro para dúvidas mais atrozes. Seguem as anotações de Fernanda.

"Por que 'simplicidade voluntária'? Por que deveríamos buscar uma vida mais simples, de maneira voluntária? Por que a simplicidade anda tão rara que tem que haver um movimento apregoando-a para que seja lembrada?"

"Primeira resposta: porque vivemos em uma sociedade consumista, que se move pela busca quase que 'involuntária' (pois irrefletida) de cada vez mais bens. E quanto mais consumo maior a produção, maior produção leva a crescimento econômico, e não podemos mais crescer!"

"E por que não podemos mais crescer? Aonde nos levará o crescimento como meme, como nossa máxima compulsão viral e visceral?"

"Bem, já vimos que o crescimento se torna um grande problema quando se direciona apenas econômica e exossomaticamente. Mas por que esta direção do crescimento econômico mundial é inviável? Uma boa resposta é a análise epistemológica do paradigma econômico que apoia esse crescimento, e essa nos leva a pensar a relação entre esse paradigma e a física. A argumentação que sustenta essa relação é longa e tortuosa, leva a uma perspectiva histórica e à relação Natureza (leis da física) e Cultura (leis humanas). Mas o que vale a pena ressaltar, numa explicação rápida sobre o assunto, é que o modelo atual se baseia

nas leis da física clássica, entendendo o sistema econômico como um fenômeno mecânico.”

“Usando o modelo da física clássica newtoniana, a economia neoclássica enfatiza o aspecto da conservação de matéria e energia – na natureza nada se perde, nada se cria: tudo se transforma – que coincide ser a Primeira Lei da Termodinâmica. Essa noção acaba por embasar a *doxa* de que os recursos naturais têm reversibilidade e permanente resiliência, *doxa* que não tem correspondência, como vemos, na nossa realidade cotidiana. A intuição que hoje se confirma com desastres e sentimentos apocalípticos – de que a ‘mãe natureza’ não está mais dando conta de alimentar-nos – tem um embasamento científico: a Segunda Lei da Termodinâmica. Esta lei postula que, em um sistema isolado, a entropia – a dissipação e degradação de matéria e energia – tende a atingir um máximo e que este processo é irreversível. Isso quer dizer que em escala universal, já que o Universo é um sistema isolado, a entropia tende a atingir seu máximo. Há uma irreversibilidade dessa dissipação universal de energia que atinge todos os fenômenos de transformação de calor em energia. Esse processo está presente desde a fotossíntese até a nossa queima de calorias diárias. E presente, portanto, na produção e nas trocas econômicas humanas. Ou seja, os recursos naturais – nossa fonte de energia – estão se dissipando irreversivelmente, tornando-se inaproveitáveis para o trabalho. E isso faz com que de um lado estejamos sempre extraindo recursos nunca cem por cento renováveis (mesmo com a maior tecnologia possível, pois não podem fugir à lei entrópica) e, do outro, produzindo resíduos continuamente, resíduos estes tampouco reaproveitáveis por completo, ainda que numa situação próxima à ideal.”

“Conclusão: crescer não é fisicamente, concretamente viável, digam o que queiram os defensores de panaceias tecnológicas que possam otimizar os recursos energéticos ou mitigar os efeitos colaterais da produção econômica. Deveríamos então decrescer? O problema é que, como disse Nathalie anteriormente, decrescer levaria grande parte da população, apartada da afluência de uma minoria, à miséria crescente. E agora? Agora depende de uma decisão ética de pelo menos desmistificar o que temos, para abrir espaço para a busca de novas soluções. E essa decisão acaba se restringindo à adoção de valores individuais, na forma da virtude ecológica da autolimitação, de Leonardo Boff, e da Simplicidade Voluntária da qual Vicki Robin é um dos arautos.”

Todos esses entre aspas ficaram caligraficamente registrados no *cuadernillo* de Fernanda, e logo passaram à forma digital e foram despachados para o parceiro genitor que, é de invejar a mobilidade da dupla, estava na Índia, onde, sem dificuldade nessa nova Meca tecnológica, recebeu e leu a produção da pimpolha parceira.

Para Fernanda, ter rabiscado tais reflexões nessa região ibérica tinha sua magia. Na década de 1.490, habitaram o palácio de Alhambra, próximo do Albayzín e dele separado por um vale, os soberanos do reino de Castela e Leão, a rainha Isabel I e seu marido Fernando II. A alguns quilômetros dali, Isabel I assinou o termo de financiamento da viagem de Cristóvão Colombo, que resultou na descoberta do Novo Mundo. O nome da cidade, Granada – denominação que alude aos grãos da fruta romã, farta na região –, naquele momento evocava para ela o grão gerador de uma nova esperança, a esperança de nas terras descobertas por Colombo se construir uma civilização renovada e regeneradora dos vícios de um mundo envelhecido. É explicável: é humano nutrir esse gênero de expectativa quando nos aproximamos de um evento desconhecido que polariza esperanças. Nessa sintonia histórica, Fernanda matutava: “Que curioso, eu aqui neste lugar semente me ocupando de como poderemos resgatar nossa civilização dos seus descaminhos”. De fato, uma cena emblemática...

Enquanto Fernanda dormia no Albayzín cigano, seu pai se deslocava de Dehradun, onde estivera por uma semana no Bija Vidya Peeth, fazenda-escola de Vândana Shiva, para Rishikesh, a Cidade dos Templos, ali na mesma região, a três horas de aventura automobilística. Debaixo do braço – modo de dizer: na mochila – levava a papelada impressa das reflexões de Fernanda para ler no sossego turbulento do local. Circulou pela frenética multidão de peregrinos, cada qual à busca da sua divindade particular para oferendas e rezas, e se banhou discretamente no Ganges, “banho de gato”, como se costuma chamar uma mera ablução. Já exausto, rumou para o hotelzinho ascético onde decidiu hospedar-se, meio que imerso na profusão de construções místicas circundantes – *ashrams*, santuários, oratórios, mesquitas, enormes estátuas de Shiva e Ganesh. Instalado num exíguo dormitório, e sob a luz mortiça de uma lâmpada avermelhada de quarenta watts, principiou a reler, no lusco-fusco do anoitecer, pela terceira vez, as anotações de Fernanda: queria prosseguir na montagem da linha de reflexão por ela encetada. Milagre indiano: quem sabe sob o efeito da energia radiante de algum *sadu* das imediações, as poucas folhas de papel que tinha em mãos foram se tornando transparentes franqueando a visão a um recinto meio enevoado onde

um grupo se movimentava sob uma tênue e difusa luz azulada, gesticulando e como que argumentando entre si. Homero quase instantaneamente se viu no meio do grupo e um dos presentes se dirigiu a ele: “Então, caro Hesíodo, cabe a você, historiador dos primórdios, registrar este nosso encontro e torná-lo memorável, para que todos saibam o que pensamos”. Demonstrando-se muito à vontade nessa nova identidade, Homero, ou melhor, Hesíodo sentou num banquinho de madeira e replicou: “Vão falando que meu gravador já está *stand by*. Podem começar”. Um assombro! Esse Hesíodo arrancado vivo da saga grega surpreendia pela desenvoltura tecnológica. É que já reinava solto o mundo fantástico dos sonhos. Homero estava a esta altura em sono profundo, imerso no universo onírico de todas as possibilidades.

O interlocutor que rebatizou Homero era ninguém menos que... José Saramago. Sim, nosso inesquecível gênio da narrativa lusa, naquela tertúlia exercendo uma natural liderança. Informou que estavam ali reunidas celebridades ainda vivas na carne ou vivas agora apenas no espírito, para exprimir seu pensar sobre o mundo atual e suas mazelas. Disse mais: cada qual estava em comunhão com um aspecto da realidade. Saramago disse que sua conexão era com tudo que fluía, como fluente foi sua escrita: cursos d’água, corredores eólicos, lava de vulcões...

Nosso Nobel deu a partida empunhando o bastão da palavra consentida – prática habitual dos ritos xamânicos ali restaurada: “Há que cuidar o cuidado das mães desveladas das águas, das fontes da vida enxovalhadas pelas matérias tóxicas que lhes atiramos, pelo esterco de nossos intestinos, pelo quimismo expelido pelos nossos aparatos de conforto e medicamentosos. Não podemos continuar contaminando a essência da vida, o oxigênio que avermelha o sangue dos vivos, com o carbono que alimenta as árvores que abatemos para plantar a comida que vira esterco, que lançamos às águas da vida, à pureza que sustenta a vida, como se nossos corpos inteiros e dos demais animais mais irracionais que nós, machos e fêmeas da espécie humanoide, prefiro eu assim denominar, não dele dependessem para vivos continuarmos. Um basta à depredação das artérias pulsantes da rede da vida, o trato devido às águas, ventos e fluidos que combinados irrigam a flora, fauna, sociedade e neurônios clamo, é requerido. Se não virão como refluxo de maré violada os jorros da energia líquida concentrada como magma nas profundezas da crosta para cobrar essa espúria fatura em aberto contra a integridade das várias existências pulsantes. De volta já! ao culto sagrado dos pagãos, às tetas gordas e feridas da Mãe das Mães, da deusa Gaia

encarnada como Natureza viva e agora moribunda na sua anatomia, fisiologia e função!”

Importante esclarecer o leitor desavisado que ali tudo seguia rito e procedimento próprios. Começando pelo lugar: “ali”... Que lugar seria esse, que designação dar-lhe, já que existia, parece, fora do eixo tridimensional? Fica em aberto o topônimo... Bem, “ali” as palavras ditas apareciam simultaneamente à fala como uma espécie de *closed caption* televisivo: em *displays* holográficos flutuantes, todos visualizavam de frente o texto literal onde quer que estivessem – e olha que estavam desordenadamente dispersos em um semiarco de barril... Assim, acompanhar Saramago e o seu estilo avesso à pontuação seria impossível, não fora essa indescritível geringonça mágico-tecnológica.

Engatando na enxurrada de Saramago, entrou Edgar Morin, que dele arrebatou amistosamente o bastão, proferindo um português louvável para um francófono: “Já não basta mais pensar em mudanças, o momento exige uma radical metamorfose. Carregamos nos ombros uma dupla responsabilidade: a de atores e a de testemunhos. A degradação que Saramago pincela com brilhantismo literário não se limita aos sistemas naturais e que dão suporte à vida. Permeia todas as esferas, todos os sistemas de forma emaranhada. O nosso lar terráqueo é hoje uma nave desgovernada. A biologia entretanto nos sinaliza uma dinâmica: a metamorfose, que resgata a lagarta inchada e moribunda para fazê-la eclodir em beleza na borboleta, exatamente após um período de morte aparente, um período de... transmutação. Estamos hoje nesse estágio, de larva enferma. Há crise em todos os eixos, no econômico, no social, no demográfico, no político, no ideológico, no religioso; na ética, no pensamento, na forma de viver; nos ecossistemas, na vida como um todo. Perdemos o controle dos quatro grandes motores da civilização: a ciência, a tecnologia, a economia e o lucro. Para onde quer que olhemos, todavia, percebemos, lado a lado, a ameaça e a promessa, a desintegração em curso e os sinais de uma transformação incipiente. Vemos, aos milhares, crisálidas, vegetais, animais e humanos no seu processo metamórfico de transcendência. A lagarta traz em si uma pré-organização que se manifesta e assume o comando no momento mesmo do seu perecimento como larva. O processo avançará por si, mas podemos, nós, seres pensantes e volitivos, colaborar para torná-lo menos lento e traumático, integrando-nos num movimento coletivo de Metamorfose do Mundo. A banda corrompida do coletivo da humanidade tem assomado avassaladoramente nas últimas décadas mas está agora pronta para metamorfosear-se num novo modelo, mediante o

exercício, em coesão planetária, dos Sete Saberes que a redimirão. Em mim, a esperança se sobrepõe ao assombro...”

Um silêncio de introspecção pairou por algum tempo no ar azulado, Hesíodo pigarreou, ia dizer algo, mas outro personagem se adiantou. Desta vez, o bastão migrara para as mãos de Carlos Drummond de Andrade.

Bastão em punho, Carlos desfiou: “Hoje, nesta minha nova condição imaterial, sou um venerador do mar. Não foi à toa que me puseram – aliás, minha escultura em bronze, fique bem claro – sentado à beira-mar em Copacabana. Só que me plantaram de costas para o mar... Por favor, me libertem dessa pena, me ponham mirando o horizonte por onde se despeja o oceano! Aliás, não me reponham mais os óculos que sempre furtam – sou eu que induzo os ‘malvados’ a fazê-lo –, pois deles nesta condição não mais necessito. Com a visão restaurada, agora deixei de fazer poesia, a poesia em mim resultava do olhar para dentro, posto que me faltava o acesso natural às vastas paisagens... Hoje me tornei um cultor das imensidões, e nesse planeta o mar é a maior delas.” Essa revelação causou um certo *frisson*: “O Drummond tem cada uma...” foi a essência do murmúrio que circulou volátil. “Vejam só, não é mais poeta! E não há poesia no mundo das coisas?”, aduziu amuado Manoel de Barros, à espera de uma brecha para entrar em cena.

Cessado o rumor, prosseguiu o trovador de Itabira: “E esse mar que me seduz não brota das gretas da Terra, nasce e se mantém das múltiplas águas que ele recolhe e acolhe, as águas dos rios e das chuvas, que todas para ele correm lépidas e ávidas. O ar em turbilhão também manifesta sua graça beijando e lambendo o mar, e o mar sorve em beijos infinitos a sustância sólida que os ventos carregam, sorve do ar o carbono dos fósseis queimados e das árvores vivas que arderam no fogo, transformando-o em vida quando os raios do sol copulam com a água salgada de amor. É o milagre da fotossíntese que o mar realiza a cada átimo, é o maior cadinho transformador da vida sobre a crosta do planeta, pois dali emergimos um dia, rastejando, para a terra seca, o ar livre e a evolução das espécies. Hoje essa imensa concha do caldo da vida está perecendo mercê da insensatez que impera no ápice da coluna evolutiva. Te pergunto, Saramago: e agora, José?”

Manoel não se conteve e tomou o bastão num gesto rápido: “Ei Drummond, você diz que não é mais poeta mas quanta poesia nas tuas palavras! Espero que não venha agora a querer me desbancar da condição de cantor das minudências

do chão, das pequenas criaturas malemolentes de brejo que se escondem nos bolsos das pedras esculpidas de cortiça... A fala cantada das encrencas embrenhadas de vida é minha praia, fique você com as imensidões que me encolho de perereca no lodo do Pantanal" arrematou soltando uma rouca, sincopada e amistosa gargalhada. E foi em frente: "O Pantanal, ah... o Pantanal, as águas de xixi de passarinho tornadas peçonha de cobra e fazendo virarem carcaça os lambaris e as suçuaranas. De novo, aqui o veneno do bicho-homem mata mais que urutu-cruzeiro. Será que o asfalto e o avião são mais gente boa que terra de minhoca e revoada de tuiuiús? Cadê a Carta de Direitos das Aves de Arribação? Esse negócio de civilização engole de um só sorvo o lago inteiro, os sapos-martelo, os peixes-boi e os poraquês, vomitando de volta uma tristeza de pio de uru na mata quieta de chuva miúda. Mas parece que o Sérgio tá querendo botar falação, toma aí o bastão, Sérgio."

Da boca saía um som gutural, era o francês de Serge Latouche que, entretanto, chegava aos ouvidos e às telas de *prompt* num português impecável, coisa absolutamente natural nesse ambiente de inusitados malabarismos onde, para completar, só faltava um unicórnio de estimação roçando nas panturrilhas do pessoal. Lá foi ele: "Tenho dito e comprovado que atingimos o limite do crescimento econômico. Mais produção, para atender a mais consumo, com produtos e serviços novos diariamente sendo despejados no mercado, já esgotaram há tempos a saúde dos ecossistemas. A vida humana, vale dizer, todo o processo civilizatório, estão sob ameaça de colapso. As palavras de ordem na economia, e que a sociedade avaliza, têm sido sistematicamente 'inovar' e 'crescer'. Nossa capacidade de inovar tem sido extraordinária porém sempre na direção de criar novos aparatos que estabelecem novos hábitos de consumo, o que leva necessariamente ao ciclo vicioso do aumento da produção e consequentemente do lixo, exaurindo o que resta dos recursos naturais. Mas nada disso mitiga a fome no mundo, que em termos relativos permanece no mesmo patamar trágico." Uma pausa para um gole de um líquido que, por certo, seria água ou, quem sabe, uma poção fluida de matéria etérea... E prosseguiu Latouche: "Nossa imensa capacidade de inovar deve, a meu juízo, se concentrar em reinventar a economia, orientando-a em direção ao decrescimento, embora reconheça que esse é um grande desafio face às desigualdades sociais que permeiam os povos, e à extrema pobreza que coexiste com a riqueza abusiva nos quatro cantos do mundo, mormente nas nações mais abastadas. Antevejo e mesmo constato grandes resistências a esse propósito, pois contraria o interesse das grandes corporações e dos governos que se nutrem da sua pujança

financeira.” Silenciou de súbito, lábios contraídos como que em sinal de desalento.

Chegara a vez de Hesíodo tomar o bastão para se fazer ouvir. Fê-lo, logo direcionando a sua fala: “Acho que quem pode dar continuidade a essa proposição do Serge é o Nicholas, que sempre postulou a inviabilidade do modelo econômico neoclássico face aos recursos limitados do planeta, cuja garantia de disponibilidade futura está limitada à ação degradadora da entropia.” E passou o *token* do direito à fala para Georgescu-Roegen, aquele que um dia não muito distante no tempo, quando ainda habitava a crosta, foi cognominado o “economista dos economistas” e o “professor dos professores” pelo Prêmio Nobel Paul Samuelson, mas que passou seus últimos dias no ostracismo a que os pares o lançaram – as suas ideias eram carga muito pesada para a frágil caçamba das suas cabecinhas.

“Já não tenho muita disposição para continuar repetindo e repetindo as mesmas ideias para plateias despreparadas e desinteressadas, cansei e me aborreci no limite. Mas aqui estamos num ninho de mentes lúcidas e de boa cepa intelectual, além de sensíveis às consequências adversas e nefastas que o desatino humano está atraindo para toda a vida no planeta”, iniciou Georgescu com tangível amargor. “Serei breve e direto: ou criamos uma nova economia, uma bioeconomia, que incorpore nas suas equações a entropia sofrida pelos recursos naturais, ou vamos inviabilizar de vez a civilização humana. Acho o decrescimento problemático. O próprio Serge vê obstáculos, diria eu culturais e políticos, à sua viabilização, mas há uma máxima ética que pode nos conduzir nesse emaranhado: em todos os nossos planos e ações, busquemos minimizar arrependimentos futuros. Isso nos obrigará a avaliar riscos caso a caso, aprofundando responsavelmente o conhecimento da lógica e da dinâmica dos sistemas que operamos; em particular, nos levará a avaliar com mais seriedade e competência os impactos sobre os ecossistemas. Mas não sou nada otimista...” E calou-se, olhos baixados.

Guimarães Rosa se levantou de onde estava e caminhou até Nicholas, que se havia agarrado ao bastão com a cabeça pendida. “Me dá isso, amigo, estou precisando desovar.” Chegara a sua vez e assim desabafou: “Tudo isso me faz melancólico, troncho de entristecimento. Ai meu sertão, ai meu cerrado sendo alvo de cometimentos sestrosos. Ali é a fonte das águas desse brasilzão, nele a bicharada vive livre e por momentos até tem gostança dessa jagunçada que se

mata em emboscadas por qualquer toma-lá-dá-cá-essa-palha. Isso não prospera, a bicharada toda alegre da vida livre vivida nos campos agora sobrevivendo ameaçada de abandonar suas tocas ou até de extinguir sua vida e a das suas espécies. É que as várias terras por esse mundaréu afora cada qual tem seu sertão, e cada um desses sertões nas estranjas também está se desmilinguindo, virando campo de produção de comida de bicho encarcerado, dessa boiada toda, dessa porcada toda que vai pra degola no facão do magarefe. E vira carne na mesa dos ricaços enquanto os antigos posseiros da terra foram catapultados para as cidades entupidas para viver na safadeza do crime. Crime mesmo é esse desapossamento da terra, que era o cantinho de criar galinha ciscando e leitão engolindo a lavagem dos restos do rancho de cada dia, ao lado da horta de couve manteiga, tomatinhos e cheiro verde. O mundo virou de cabeça pra baixo", arrematou num muxoxo. E logo João, oferecido, brandiu no ar a bengala do direito à fala e no outro canto do amplo espaço alguém levantou a mão, candidatando-se. Era o Chico, o cândido Francisco Cândido Xavier.

O médium principiou brandamente, agora dispensado de canalizar outro espírito: já era ele próprio o canalizado: "Fora do Amor, meus irmãozinhos, distantes do espírito do Criador, nada restará em pé, não restará pedra sobre pedra. Todas as desditas que cercam a humanidade no presente não são de hoje: o homem nunca primou pela bondade e compaixão. Mas hoje vemos a desídia se acelerar e as instituições, mormente a família, a *cellula mater* do Amor, se desintegrar engolfada nos egoísmos e no descaso do outro, na busca do prazer e da vantagem pessoal a todo custo. Somos divinos na nossa origem, e isso nos impõe condutas compatíveis. Nada subsistirá se continuarmos esgarçando a cadeia do Amor. Sabemos pelas descobertas da física quântica que o Universo se sustenta pela ressonância que une elétrons numa única imbricação, e isso é Amor, concebido não como sentimento que o iguala à paixão, à cobiça do outro, mas como condição coesiva, como amálgama que rejunta as partes dispersas no vórtice da separatividade. O Meigo Nazareno já nos ensinou: 'Amai-vos uns aos outros como vos amei, pois ofereci minha vida em sacrifício para salvação de vossas almas embebidas nas trevas da materialidade'. Não bastará entretanto apenas amar o Criador, é mister exercer o quotidiano Amor também às Suas criaturas, como nos exemplificou São Francisco de Assis. Essa é a estrada que leva à salvação de tudo que ameaça ruir: Amor difuso e incondicional, com renúncia às veleidades que distraem a alma de seu foco superior. Que a Paz Profunda inunde vossos corações, meus amados", e assim terminou sua fala-

oração o beato Chico Xavier, expondo sua visão de um mundo místico e destinado à harmonia da criatura com o Criador e das criaturas entre si.

Hesíodo moveu-se então até Chico que, terminada sua prédica, caíra em transe profundo, a barra de direito à fala tombada ao lado. Apanhou-a e passou-a ao mais próximo. Esse era o poetinha, o inesquecível Vinícius de Moraes, que agarrou com energia o passaporte que lhe faria verter o coração. Começou: "Aqui, vocês sabem, patota amiga, não se pode molhar o bico com um *scotch* 12 anos, coisa que já dispensei há tempos sem fim – há no mínimo um quê de infinito nessa abstinência... Hoje entro no clima da poesia pela meditação. Que diriam os companheiros de boemia e papos sem fim do antológico Antonio's – ícone da amada Ipanema da garota famosa que o Sinatra cantou na versão gringa – se soubessem que eu troquei o *on the rocks* quotidiano pelo *pranayama* ao nascer e ao pôr do sol... A meditação me empurrou para dentro de mim mesmo, me ensimesmou. Minha poesia, agora, é o repouso da mente no vazio do pensamento. Depois do bálsamo com que o Chico nos aspergiu, restame apenas complementar que a 'coisa mais linda, mais cheia de graça' passou para mim a ser muito mais do que aquela dengosa ninfeta de biquíni que um dia nos seduziu: essa lindeza graciosa é o Amor, o Amor Universal, esse profuso liame cósmico. Por meio dele, chegaremos aonde nosso destino sonhou: à felicidade verdadeira, inesgotável chama que embalará nossos dias e noites para sempre. Volto agora para a contemplação do infinito de nós todos, ponto final."

Quando a mais nova e bela flor do Lácio murchou na boca do poetinha, pairou no ambiente um silêncio tão grande que podia ser ouvido, para parafrasear a famosa frase sobre a Idade Média forjada por Edward McNall Burns, colega de profissão de Hesíodo, o historiador primordial – que era aliás quem empunhava o bastão naquele exato momento.

"Bem, é oportuno a esta altura do nosso conversatório que eu faça um resumo parcial dos depoimentos apresentados." E Hesíodo propôs: "Ponto 1: estamos à beira de um colapso geral, ambiental e social, que envolve vários colapsos parciais. Ponto 2: de todos esses colapsos parciais, a exaustão dos oceanos com o empobrecimento e quase extinção da vida marinha que sustenta as demais formas de vida é o mais grave. Ponto 3: é iminente a exaustão da disponibilidade de água doce para irrigação dos plantios e potável para uso humano. Ponto 4: existe uma saída, temporária talvez, na redução ou mesmo reversão do crescimento econômico, porém isso pode agravar a situação do imenso

contingente de pobres no mundo. Ponto 5: somente uma postura ética de intensa e sincera responsabilidade do ser humano pelos efeitos das ações que pratica pode, de fato, redirecionar o futuro da civilização. Ponto 6: dispomos de um poderoso e indestrutível recurso espiritual que pode proceder à gigantesca metamorfose que poderá resgatar nossa civilização: o Amor – essa entidade intangível e onipresente que responde prontamente a todos que a acionarem com gestos de compaixão, cuidado e respeito.” Tendo concluído, Hesíodo pôde divisar algumas figuras presentes que haviam permanecido caladas, ou pelo menos muito se pareciam com elas: poderia haver enganos naquela atmosfera nebulosa e estavam todos dispostos numa zona de penumbra. Ostentando bigodes notáveis viam-se lado a lado Gurdieff e Nietzsche, com Karl Marx e Richard Dawkins um pouco mais ao fundo. Dois que cochichavam entre si pareciam ser Mario de Andrade e Manoel Bandeira, sob o olhar de esguelha de outro Andrade, o Oswald e a contemplação serena de Guilherme de Almeida – definitivamente essa era uma confraria que evocava a Sociedade dos Poetas Mortos. “Alguém gostaria de acrescentar algo?” tentou ainda Hesíodo, pensando em dar voz aos até então silentes.

Em resposta, uma voz estereofônica ecoou reverberando por todas as paredes invisíveis: “Estamos já no final da sessão, já se passaram 50 minutos. Vamos encerrar por hoje. Certo, Hesíodo?”

“OK, Sig! Quando nos encontraremos de novo, então?” indagou. “Nossa próxima sessão de grupo será aqui nestas mesmas coordenadas, anotem: ‘Dimensão Fractal 2,7’. Começaremos às 17 horas em ponto na sexta-feira, dia...” (*pein pein pein pein*). Caiu! Foi-se a conexão! Cerrou-se o portal da fantasia...

Homero sacudiu a cabeça, esfregou os olhos, sentou-se na cama, atordoado. Um minarete bem próximo anunciava as orações da tarde, o som atravessava vibrátil todo o casario da região e retinia nos ouvidos. Foi esse o despertador que arrebatou Homero de volta ao espaço-tempo do aqui-agora, o qual, com um pé ainda na “dimensão fractal 2,7”, meio que se sentia rachado em dois, cada parte numa distinta realidade. Lembrava – ainda! – de tudo o que ouvira e presenciara, mas sua experiência com sonhos ou o que equivalha lhe ensinara que rapidinho tudo se dissipa. Com esse pensamento, apalpou nervosamente a tampa da mesinha de cabeceira para agarrar o gravador ali deixado. “Encontrei! Será que aqui estaria registrada toda nossa... nossa... sessão? Sessão!?? foi uma terapia???

de grupo??? Sig era o Freud???” Clic. E o gravador começou: “Há que cuidar o cuidado das mães desveladas...”. Era o Saramago abrindo a... sessão. Tudo gravado! A magia da Índia tudo pode e sempre salva os mais desenganados pecadores...

Agora era só transcrever, o que imediatamente foi iniciado. Pronto o material, Homero ainda revisou a produção que havia recebido de Fernanda: “Nada a acrescentar!” e enviou o texto que consta acima, até este exato ponto em você está, paciente leitor, para sua filha em Granada. E eis o que veio de volta, como resposta de Fernanda.

“Nada a acrescentar! O seu conclave, terapia de grupo, delírio esquizoide, viagem psicodélica, sei lá o que foi, teceu no atacado tudo que eu havia começado a costurar no varejo. Só uma coisa quero destacar: o grão genético do novo, gestado no ponto zero de Colombo, Granada, brotou, cresceu e frutificou no ponto alfa da civilização indo-europeia, a Índia do Rig Veda. Ocidente e Oriente se encontraram num simbólico enlace fraterno e sororal de celebração do Amor.”

E mais não se disse nem escreveu por supérfluo que seria...

O Dia de Maria ou a Epifania do Feminino

Tudo que é negado ou rejeitado acaba um dia ressurgindo para reverter a iniquidade imposta.

Tendo deixado Nova Delhi quatro horas para trás, Homero submetia-se a contragosto a uma interminável espera numa sala de trânsito do monumental aeroporto-conceito de Dubai. Era recorrente a lembrança da tertúlia psicodélica vivida em Rishikesh, duas semanas antes. Estirado numa cadeira incompatível com a fisiologia humana do sono, assim mesmo cochilou largadamente enquanto o tempo se arrastava sem pressa. Ao cabo de seis horas, Homero finalmente embarcou, chegando a Istambul ao amanhecer.

Duas razões motivavam Homero a passar pela Turquia: o Museu Topkapi, em Istambul, e as ruínas da antiga cidade de Troia. Já banhado e refeito do cansaço, Homero rumou diretamente para Topkapi. Algo ali o atraía irresistivelmente: o singular mapa de Piri Reis, cuja existência era noticiada no livro de Erich Von Däniken *Eram os Deuses Astronautas?*, um dos preferidos de Homero na adolescência. Que havia de especial naquele mapa? Recorramos ao que nos conta a história, ainda que sem tudo desvendar.

Apaixonado por cartografia, o Almirante otomano Piri Reis desenhou – em 1.513 –, sobre uma pele de gazela, uma carta terrestre que cobre todo o território da Europa e das Américas, parte da África e a porção setentrional da Antártida, com uma precisão e abrangência que requereriam uma visada desde milhares de metros de altitude. Como teria isso sido possível em 1.513? Teriam as tomadas sido feitas a partir de naves espaciais de alienígenas, com poderes olímpicos, e oferecidas generosamente ao almirante cartógrafo, ou os mesmos alienígenas teriam utilizado para o mesmo fim potentes telescópios instalados desde a Lua? Von Däniken deixa todas as possibilidades como essas em aberto, o que fez proliferar ao redor do mapa uma aura de mistério que permanece até hoje: ninguém pôde ainda explicar satisfatoriamente como foi gerado.

O notável mapa estava exposto na biblioteca do museu e Homero pôde, finalmente, contemplá-lo a poucos palmos de distância, olhos arregalados e pulsação acelerada. Plenamente satisfeito, poderia já, após um *tour* convencional pela cidade, seguir então para Troia, o seu segundo alvo. Troia o atraía especialmente pelo magnetismo das narrativas da Ilíada, de cujo autor Homero carrega o nome: com certeza não teria outra chance na vida de fazer vibrar essa corda. Ocorreu que o agente de turismo incluiu, por sua própria iniciativa, a

cidade de Éfeso no roteiro: “O senhor não pode perder a chance de conhecer aquele lugar de tantas tradições”, e Homero, ainda que meio hesitante, aceitou.

A passagem por Troia, contudo, não superou as emoções despertadas pelo filme homônimo, firmando a impressão de que as produções hollywoodianas quase sempre suplantam as sagas históricas. A corda por isso permaneceu lassa... Por essa um tanto decepcionante incursão, a ida a Éfeso ia sendo cancelada: Homero, aborrecido, estava preferindo retornar logo a Istambul e fechar o périplo iniciado dois meses antes, antecipando seu regresso ao Brasil.

A amável insistência do motorista que o conduzia no passeio, entretanto, o persuadiu de bater em retirada, argumentando que não poderia renunciar a Éfeso, que seria inesquecível sua passagem por lá e outras dissuasões. E enumerou, num inglês sincopado e gutural, as principais atrações do local: o templo de Diana, uma das sete maravilhas do mundo antigo, o templo de Adriano, a Biblioteca de Celso, a Acrópole de Pérgamo e... a casa onde viveu a Virgem Maria, a mãe de Jesus, muito visitada por cristãos e muçulmanos, segundo enfatizou. Estava certo o loquaz condutor, que ostentava um fez cor de vinho e invejável bigodão, pois logo na chegada a Éfeso o deslumbramento do lugar de pronto subjugou Homero.

Enfim, após um giro pelas várias edificações e sítios obrigatórios, chegaram ambos, motorista e passageiro, ao lugar onde – segundo inúmeras narrativas – Maria viveu em companhia do apóstolo João Evangelista. Ressalte-se que não é necessário ser religioso praticante ou mesmo crente a distância para ser tocado por esses mitos arquetípicos tão difusos na nossa cultura, razão pela qual se desencadearam em Homero memórias primitivas da sua infância: as falas do catecismo, o rosário das sextas-feiras com suas Ave Marias e Salve Rainhas, os Filhos de Maria do Colégio São Luís, as visitas a Aparecida...

Não foi dito que no percurso de Troia a Éfeso, rendido pelo cansaço que o perseguia desde a Índia, mercê de tantas e tão intensas peripécias, Homero meio que cochilara no táxi. Na verdade, caiu num estado hipnagógico no qual lhe veio à lembrança o episódio onírico de Rishikesh, que ele associou naturalmente a uma outra passagem do tal livro de Von Däniken que tanto o impressionou em sua adolescência. Tratava-se da história de uma peça guardada no Museu de Bagdá, tida oficialmente como “objeto de culto” indeterminado, até que o aparecimento de uma espécie de ácido que dela se filtrava levou a testar-se uma hipótese: será que não se tratava de uma bateria elétrica? Poderia ser, quem

sabe? E era! Aplicando-se uma carga nas extremidades, o artefato armazenou energia elétrica e operou como uma pilha comum dos nossos dias. O incompreensível é que tal “objeto de culto” datava de 200 anos antes de Cristo... Intrigante, inextricável mesmo! Como podia um objeto ser capaz de acumular energia elétrica quando, na sua confecção, há mais de dois mil anos, sequer se imaginava a existência da eletricidade, pois o que chegava ao solo pela ação de um raio era tido como uma manifestação da divindade, cujo fulgor era apenas pura magia, passageira e assustadora... Mas o que unia as duas experiências – isso foi o que assomou à mente vagante de Homero – é que no episódio de Rishikesh a posse de um bastão xamânico fazia a palavra migrar de pessoa a pessoa. Semelhantemente do ponto de vista das excentricidades, um bastão ancestral de propósito desconhecido era capaz de acumular uma energia à época totalmente desconhecida, segundo o relato do livro *Eram os Deuses Astronautas* e, pasme-se, o recente aval do *BBC News*, na internet. Sem dúvida, ambos os bastões tinham em comum serem portadores de dons prodigiosos e de poderes especiais, evocando a baguete mágica das bruxas e feiticeiros... E o devaneio ficou nisso.

Exposta a digressão havida no percurso, a cena retorna a Éfeso, à casa de Maria, a Virgem. Homero, já na fila para entrar no prédio quase em ruínas, viu à sua direita uma tenda de *souvenirs* e, dentre os vários badulaques expostos, divisou um bastão: “O báculo de Maria”, pensou de pronto, “símbolo do seu poder espiritual! Deve ter poderes...” Imediatamente adquiriu a peça, impulsionado pela reverberação dos devaneios hipnagógicos sobre bastões eletrificáveis, bastonetes, baguetes e sua capacidade mágica. Homero estava finalmente no interior do recinto e logo se deparou com a imagem da Virgem sobre um altar ao fundo. Instintivamente agarrou com força o báculo, e – assombro! – uma corrente elétrica percorreu, num torvelinho, todo o seu corpo e lhe turvou a visão – mal chegou a uma possível associação entre o choque, o artefato do Museu de Bagdá e o báculo empunhado: já estava em outro ambiente.

Houve uma imediata transfiguração da imagem de gesso de tons marrons, repousada no altar, numa Maria agigantada nas suas dimensões e com as vestes matizadas de difusos tons azulados. Era uma figura diáfana e espectral porém radiante de paz e serenidade. Um dossel de tule azul claro conformava uma bolha em forma de iglu em cujo interior restaram apenas os dois: via-se a santa flutuando ao fundo em meio a uma nuvem cerúlea, realçado seu rosto suave e

branco como um lírio, e, à sua frente, com expressão de quem espera que algo mais aconteça, porém calmo, estava plantado Homero.

E Maria principiou a falar para Homero: “Aqui onde estamos sou Maria, porque esse é o nome que toca os corações dos que vêm a este lugar para se religar à mãe de um homem santo e lendário, um Filho de Deus. Mas em verdade, em verdade vos digo que represento todas as divindades femininas que os seres humanos até hoje criaram, como também a Mãe Maior de todo o Universo: a mãe dos deuses e a mãe dos humanos.” E à medida que pronunciava pausadamente essas palavras, suas feições iam mudando de aspecto, como numa cascata de *slides*. Era um desfile de muitos rostos pertencentes a uma só essência: Maria ia se transmutando em Ísis, a regente do Nilo; em Guanyin, a deusa chinesa da compaixão; em Durga, a consorte amorosa de Shiva; em Iemanjá e em Oxum, as rainhas do mar e das cachoeiras; em Saraswati, a contraparte de Brahma; em Mayadevi, a mãe de Gautama Buda; em Lakshimi, a deusa da prosperidade dos indianos; em Jaci, a mãe Lua dos tupis; em Sofia e em Episteme, as deusas gregas da sabedoria e da ciência; em Frigga, a deusa máxima dos nórdicos; em Tara, a deusa da compaixão dos tibetanos... e, passada uma vez, cada imagem surgia de novo ao longo da fala, numa rápida repetição cíclica. Ciente de que esse desfile de fisionomias estava causando grande assombro, Maria – continue-se a chamá-la assim – dirigiu-se a Homero e interpretou: “Há que se entender que o feminino é um só, é o *yin* do Tao, são as águas da placenta, é a fertilidade pululante de vida do terreno arado das plantações, é a própria vida manifesta. Não importa o nome que se dê a cada manifestação do feminino ou o grau de santidade que se lhe atribua: o próprio Universo é um caldeirão sagrado onde fervem as águas da Mãe Divina, um incomensurável ventre em cujo bojo se revolve toda a criação, numa gestação, nascimento, extinção e renascimento infindáveis. É um útero latejante, que expele e recolhe de volta matéria, energia e vida, para novamente expelir e recolher, expelir e recolher, num pulsar incessante. Sem o feminino, a alquimia da Vida não se realiza, tudo mirra e fenece.”

Homero olhava inquieto e intimidado, procurando decifrar o sentido da fala. “Aonde quero chegar?”, indaga Maria, como que captando a pergunta no ar. “Vieste aqui impelido por uma força que desconheces, buscando respostas, um bálsamo para pensar tuas feridas conceituais, uma luz para clarear tua compreensão sobre para onde caminham os homens e as mulheres no seu afã de vida, progresso e felicidade, e que destino os aguarda à frente. Esperavas receber

apenas uma benção piedosa que te mitigasse por um tempo as incertezas que te rondam, não é mesmo?” Meio desconcertado, Homero acabou assentindo. “Então, percebe e transmite a quem possas: o conjunto de todas nós é a vossa Mãe Terra, por vós rebatizada de Gaia, a Deusa da Vida. Ora então pensas tu: uma deusa pagã! e como essa pagã pode carregar na sua materialidade o espírito divino que todos vêm em Maria e nas deusas dos vários panteões? E eu, Maria, te respondo: onde há vida, há espírito, e o espírito é o masculino, o *yang*. Quando agredis ou desprezais Gaia, o feminino nas suas várias manifestações, estais, todos vós do mundo dos patriarcas, assassinando o mesmo espírito de que vos arvorais guardiões, até porque construís templos para exaltá-lo, mas isto não basta. O verdadeiro sagrado está no útero das mulheres e das fêmeas dos animais que geram a vida, e nas corolas das flores que preparam os frutos, e na polpa das sementes de que jorram as árvores, e não entre as quatro paredes dos templos das religiões ou das edificações suntuosas da vida profana, tão caros aos portadores da virtude do masculino. Portanto sagrada, na verdade, é a Terra, que sustenta todas as formas de vida.”

Como que não entendendo tamanho anátema à obra das civilizações, Homero perguntou: “Excelsa Maria, grande mãe, quereis dizer que o verdadeiro culto do sagrado só se faz sobre as dádivas e as virtudes de Gaia?” “Precisamente, meu filho! Ah! então era essa a questão que te inquietava... Em verdade vos digo, não há salvação para a civilização se não for restaurado o culto e o respeito às inúmeras formas de vida que habitam Gaia, ela mesma a síntese de todas elas. E a isso podemos, ou melhor, devemos denominar Amor, nas suas três formas que os gregos, que aqui nestas plagas habitaram ao longo de séculos, concebiam: ‘ágape’, o amor entre os humanos e o espírito criador na sua forma masculino-feminina; ‘filos’, o amor aos semelhantes humanos e não humanos; e ‘eros’, o amor a vós próprios como obra perfeita que sois na vossa essência. Amor é cuidado, amor é respeito. Cuidado com o sagrado, para não maculá-lo e degradá-lo: os demônios que acicatam a humanidade são o produto da degeneração e da inversão do sagrado, profanado pelos próprios humanos. Respeito para com o outro e seu direito de também existir, que nasce da transidentificação: ‘eu sou porque tu és e me vejo em ti como se eu mesmo fosse, portanto o que é justo e bom para mim deve também ser assegurado para ti’. Respeito e cuidado são os raios luminosos que emanam do verdadeiro Amor. Disse já tudo o que neste momento precisavas ouvir. Que haja Luz no teu entendimento e Paz no teu coração!”

E num estalar de dedos tudo em volta retornou ao normal, dissipou-se abruptamente toda a aura de encantamento. A imagem da Virgem em tons marrons de novo se mostrava lá, no mesmo altar... O tempo do relógio indicaria, se consultado tivesse sido, a passagem de um átimo: a fila de peregrinos havia caminhado apenas alguns metros, arrastando Homero junto consigo. Estavam já ingressando no corredor de saída. Ao redor da mão direita de Homero, ainda aferrada ao báculo, delineava-se uma discreta mancha de suor, tamanha a intensidade com que o objeto fora agarrado por seu portador durante toda a sua curtíssima imersão nas esferas místicas.

O impacto dessa vivência inusitada e desconcertante afetou os planos de Homero. Resultou disso que dispensou o diligente motorista com seu vistoso bigode retorcido e resolveu retornar a Istambul de navio, navegando pelos mares Egeu e de Mármara, em direção ao Norte. É certo que dentre as várias jaças da índole de Homero – nem tantas, aliás... – não se encontrava a ingratidão. Foi assim natural a bonificação de um bom punhado de liras turcas com que recompensou o motorista de fez vináceo ao dispensar seus serviços, ele que foi aquela alma inspirada que convenceu Homero a manter em seu roteiro o palco da epifania vivida com a santa. Não menos importante foi Homero manifestar um certo tipo de gratidão pelo báculo abridor de dimensões, prestando-lhe cuidados de mãe zelosa ao acondicioná-lo com ternura entre o macio das roupas na bagagem. Seria a um só tempo troféu e artefato mnemônico para recuperar, sempre que desejasse, a coleção de revelações que a sua empunhadura lhe brindou, um verdadeiro *pen drive* armazenador do *replay* da segunda incursão de Homero, esta otomana, numa fresta fractal, talvez na mesma dimensão 2,7 de Rishikesh.

A lógica da opção marítima era clara. O balanço das ondas no trajeto até Bósforo favoreceria a arrumação na cabeça de Homero de todas aquelas peças ora em desarranjo, posto que ali foram alojadas por processo tão turbulento. Avaliou que passando por Dardanelos, um dos estreitos que separam Europa e Ásia, poderia por ressonância fazer também a separação, em seu espírito, entre as ideias e conceitos absorvidos e as fortes emoções despertadas pelo contato havido, e assim recobrar seu equilíbrio interno, um tanto abalado. Finalmente, chegou a Istambul no entardecer do dia seguinte. Ao desembarcar no porto encravado numa das barrancas do estreito de Bósforo – o segundo hífen que, separando-as, une Europa e Ásia –, a arrumação psíquica de Homero já estava consumada.

Novas mudanças de planos, entretanto. Parecia que a impermanência postulada por Heráclito, um dos famosos nativos da Éfeso de tantas emoções, tinha se instalado na vida desse viajante agora de rumos a toda hora remanejados. Era bem esse o caso presente. Fernanda deixara um recado sucinto na recepção do hotel: “Pai, me liga, estou em Évora”, e se seguia um telefone. Consequência: lá se foi Homero em direção a Lisboa e, de lá, para o destino onde encontraria a filha.

“Olá! Olá! Que saudades! Muitas saudades! Como foi tudo? Tudo bem? Tudo bem! Com você, tudo bem? Tudo bem!”, e por aí afora seguiram os cumprimentos e as saudações afetivas, as de praxe e as espontâneas, que fazia dois meses que não se viam, pai e filha. Já sabia Homero que Fernanda viera a Évora para encontrar Luciane: tinham havia algum tempo agendado uma conversa a três, e a Fernanda ocorreu fazê-la presencial. Para tanto, aproveitaria sua estada na península – pois se encontrava antes em Granada – articulando-a com a possível escala – que ocorreu como desejava – do pai a caminho do Brasil.

“A parada em Dubai foi muito demorada mas a vista ao Topkapi em Istambul valeu a pena. É incrível como partimos com uma dada intenção e depois as coisas se modificam. A minha era, além resgatar *in loco* algo da antiga civilização greco-otomana, conferir a real existência daquele intrigante mapa do almirante Reis a respeito do qual já havia comentado com você. Mas novos rumos se apresentaram e quero te contar tudo.” Foi com esse introito, já ambos assentados no salão de entrada do hotel ao redor de uma confortável mesinha e servidos por um garçom também de bastos bigodes, que Homero passou a contar à filha toda a sua peripécia desde Istambul até Troia, com detalhes que não poupavam cada ação ou movimento e as emoções a eles associadas. Até que a narrativa chegou ao momento da decisão, induzida pelo motorista de palavras mansas e bigodes de taturana, de manter a visita a Éfeso que ficara sob o risco de ser cancelada, quando então o tom de voz de Homero passou ao confessional. “Fê, está vendo este bastão aqui, que trago comigo? É chamado báculo, símbolo de poder, do poder espiritual da Virgem. Comprei lá em Éfeso, pouco antes de entrar na casa da Virgem Maria. Esse báculo para mim se conecta com a história do tal artefato, da pilha elétrica do Museu de Bagdá, já te falei dessa tal pilha. O fato é que foi ele que, estou convencido, me proporcionou uma das mais incríveis experiências que já vivi. E conforme já testei durante a viagem por mar,

tudo que vivi na casa de Maria ficou, sabe-se lá como, armazenado nesse báculo: basta apertá-lo com uma certa contrição interna, e alguma fé em que funcione, para tudo de novo vir à tona, quer ver? Feito! Olha aí, estou lembrando de tudo, como se fosse agora que estivesse acontecendo". Assim começou Homero a pormenorizar à sua filha a história de sua epifania.

E, mantendo o báculo empunhado com firmeza, não perdeu palavra, gesto ou cena particular, tudo veio à superfície da sua memória e foi dito. Fernanda contemplava o pai com olhar interessado e um tanto encantado, porém com algum estranhamento. Ao finalizar, comentou: "Não vou questionar nem um tico a validade, a autenticidade do que você vivenciou. Entendo porém que foi um fenômeno do seu mundo interior, um afloramento de conteúdos íntimos seus que explodiram na consciência, ou na sua semiconsciência, melhor dizendo. Percebo enfim que foi um brotamento de elaborações profundas das suas inquietudes e de intuições difusas até então não trabalhadas. Essa é a psicóloga falando... Mas para você, sem dúvida, a coisa toda foi um contato místico, e isso é o que deve ser considerado. Compro tudo pelo preço de tabela, sem barganhas." E Fernanda deu uma parada para sentir como o pai recebia esse comentário. Face à boa acolhida, prosseguiu: "Mas me surge uma percepção que quero te colocar: você já se deu conta de que sua 'tertúlia psicodélica', aquela sua viagem onírica lá da Índia, envolveu somente homens, que nenhuma mulher apareceu na sua... 'sessão terapêutica freudiana'?", arrematou Fernanda com uma pontinha de zombaria. "E que agora ocorreu exatamente o oposto, que desta vez houve um transbordamento do feminino? Quem sabe essa 'epifania', como você a está chamando, esse banho de feminilidade que você tomou em Éfeso, não é um contraponto àquele encontro exclusivo de marmanjos, àquele Clube do Bolinha transcendido?"

Fernanda pegou Homero na veia! "É mesmo, Fê! Acho que você tem toda razão!", de pronto reconheceu. "Lá no meu sonho de Rishikesh só havia barbados... Por que será que não se apresentou nenhuma mulher, hein?", perguntou-se Homero, intrigado, logo aduzindo, em descoberta: "Já sei, já sei! Éfeso foi na verdade uma continuidade, um coroamento, já te explico. Lembra que todos os que se pronunciaram, os ainda vivos na carne e os já vivos apenas em espírito, todos, sem exceção, se posicionaram em defesa da vida, da preservação da natureza, em favor do cuidado, do respeito – em favor do Amor, enfim, como arrematataram o Chico e o Vinícius em suas falas?" E aí emendou, assertivo: "Lá houve a manifestação do feminino a partir do masculino, e essa é

hoje a grande dificuldade que os homens vivem: confunde-se masculino como postura com masculino como sexo – e o mesmo vale para o feminino. Veja só, na verdade o ser completo é o ser andrógino – o Andrógino da mitologia grega que Zeus cindiu com uma espada em duas metades , daí surgindo *andros*, o Homem, e *gynos*, a Mulher. É que, integrando os opostos num todo uno, o Andrógino esbanjava completude e poder, e representava uma ameaça ao deus supremo, tamanha era a força de que um ser completo – masculino-feminino – seria portador. Daí ter sido partido em dois, pela ira de Zeus."

Contente com o que avaliou como sucesso da sua sacada, Homero prosseguiu à vontade no fluxo do raciocínio: "Dessa cisão, simbólica, e como resultado da necessidade do homem primitivo de desenvolver suas habilidades de caçador e guerreiro para sobreviver, com o tempo foi se instalando nas tribos o predomínio do patriarcado, foi sendo reforçado o masculino dos homens – o lado *yang* do Tao –, fazendo com que fosse sendo abolido em si próprios o feminino como princípio, como energia *yin* complementar do *yang*. Disso se gerou nas sociedades supervenientes um desequilíbrio nas energias dominantes, que foi se difundindo e ampliando ao longo de todas as eras da história. E a mulher, como consequência, teve seu próprio feminino abafado pela força coercitiva do *yang* dominante no homem, e foi sistematicamente sendo posta a serviço do patriarcado. O matriarcado dos primórdios, porque nos primórdios ele reinou, restou abandonado na memória dos tempos..."

"Faz sentido, faz sentido", reforçou Fernanda, sinal verde para a dissertação prosseguir. "O efeito opressor do desequilíbrio acabou por atingir níveis insuportáveis para a mulher. Assim, a supressão do *yang* na mulher, da energia guerreira e empreendedora, levou-a a buscar como requisito de sobrevivência física e psíquica o resgate do seu masculino, vide movimentos feministas das últimas décadas. Entretanto, reações a estados extremados sempre acabam levando a exageros e distorções no sentido oposto e, ao invés de incorporar em si a energia *yang*, a mulher propendeu para a imitação do masculino dos homens, incorporando-os na sua manifestação exterior, no seu comportamento, sufocando assim o seu próprio feminino, e a imitação resvalou para a farsa. Ironicamente, mais pontos para o *yang* absoluto..."

Homero se certificou de que Fernanda o acompanhava, e foi em frente numa enxurrada: "O equilíbrio de forças na sociedade virá quando os homens, o sexo masculino, deixarem despontar em si o feminino que se sintetiza no amor: não o

amor entendido como mero sentimento, como paixão, como movimento de desejo, mas aquele que se manifesta como prática de cuidado e respeito. É diferente o amor sentimento, emoção – igual a paixão e apego – do amor comportamento, que é cuidado, é respeito, é ver-se no outro e amá-lo como se ama a si próprio. Esse equilíbrio se consolidará quando a mulher permitir que seu feminino acolha seu masculino, seu *yang*, fazendo florescer sua intelectualidade e sua independência interior, seu entendimento racional do mundo – prerrogativas até há muito pouco tempo quase que privativas apenas dos homens, que tipicamente exerceram tais características sem as premissas do amor e sim turbinados pelo ânsia do poder sobre o mundo material e da dominação generalizada."

"Como a balança pendeu por milênios para o prato do *yang*, o momento agora é de uma compensação por assim dizer indenizatória, em que se deva dar passagem ao feminino das mulheres e nas mulheres, para conseguir regenerar as destruições de vida que se praticaram; e deixar emergir o feminino dos homens nos homens para serenar a sua aflição endêmica de ser incompletos e para que deixem de buscar no mundo exterior o que está latente no mundo da alma, esperando sua vez, ou seja: reintegrar em si mesmos o feminino equilibrante."

A essa altura, sentindo já uma certa impaciência na filha, Homero se antecipou: " Vou concluir." E assim o fez: "Essa, assim interpreto, foi a mensagem da arquetípica Grande Mãe Maria, que – de fato, Fê, concordo muito com você! – jazia já dentro de mim e necessitava de um estímulo externo para aflorar. A magia do bastão e a energia irradiante das pedras circundantes que conviveram com Maria foram o gatilho disparador. Interessante ainda notar mais isto: quem entronizou Gaia como a Rainha do Mundo, atribuindo ao nosso planeta a qualificação de entidade viva e feminina, foi um homem, decerto com seus *yin* e *yang* bem equilibrados: James Lovelock."

Ao terminar a dissertação que ouvira atenta, e nutrida pela exaltação daquilo que lhe dizia tanto respeito – a feminilidade –, Fernanda endossou enfaticamente todas as conclusões do pai. Em seguida, pragmática, rapidamente mudou de assunto, propondo: "Temos alguns dias para passear por aqui, a Luciane deve chegar só no fim da semana. Vamos aproveitar o tempo bom e dar agora um giro pela região? E que tal começar pelos menires e megálitos celtas?".

Terminaram o chá com pasteizinhos de Santa Clara, que não havia como não usufruir da irresistível culinária local, e saíram em seguida para locar um carro: desta vez, Homero queria estar na direção, não mais estava aberto a aceitar interferências desorganizadoras na determinação das rotas...

Já na estrada, foram conhecer as construções célticas de Almendres, as principais da península ibérica e as mais antigas de toda a Europa continental. Quem sabe lá, nessa Stonehenge lusitana, Merlin a postos não lhes propiciaria novas revelações?

Simplicidade, Desprendimento e a Busca da Felicidade

Aparenta ser uma contradição crer na viabilidade de uma vida humana simples, dada a extrema complexidade da Teia da Vida.

Após a curta passagem vespertina pelo sítio arqueológico no dia anterior, decidiu a dupla pai e filha repetir a visita ao Cromeleque dos Almendres, situado na freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe, nas cercanias de Évora. Havia muito a contemplar naquela coleção de monumentos megalíticos. Obra dos celtas, o conjunto antecipou-se em 2.000 anos ao famoso Stonehenge britânico e às pirâmides do Egito. Facilmente despertava fantasias que perpassavam a figura lendária de Merlin, o grande bruxo dos celtas, e, na sua esteira, toda a saga da Távola Redonda: o Rei Artur e seus doze cavaleiros, Camelot e a busca do Santo Graal. Sítio de grande magia... propício a arroubos e devaneios.

Homero quebrou o silêncio: “Depois de tudo que me tem acontecido, em nada estranharia que de supetão Merlin se materializasse aqui e nos fizesse revelações sobre as sombras e luzes que o futuro nos reserva, a toda a humanidade e a nós dois, estas singelas pessoas. É sobre isso que temos trabalhado nestes últimos tempos, não é mesmo?”, concluiu displicente, dirigindo-se à sua filha Fernanda que esquadrinhava os arredores, procurando ângulos para fotografar.

“É sim, pai, seria muito bom”, respondeu meio distraída. Em seguida, entusiasmou-se: “Vamos tentar?!” E aproveitando que estavam sós naquela imensidão, principiou a invocar, gritando para o vazio: “Merlin, onde está você, grande mago? Ei! Apareça! Venha nos contar sobre os seus presságios!!! Que nos tem a dizer, Merlin???” Fernanda não esperava mesmo nenhuma resposta... Propôs então ao pai que se fossem, já que tinham visto o suficiente e estavam cansados do calor e das andanças.

À noite, no hotel, decidiram por uma janta leve e um bom sono, o passeio tinha sido fatigante. No quarto, já deitada, Fernanda repassava o dia e procurava ainda assimilar os acontecimentos da Turquia, narrados pelo pai. Segundo relatou no dia seguinte, achou que tinha adormecido.

Foi quando viu projetada na parede à sua frente, a luz já apagada, uma figura majestosa: era Merlin. “Estavas à minha procura? Não é necessário ir a lugares especiais para me buscar... Eu me encontro em todos os lugares, aliás o

conceito de lugar inexiste onde vivo, situamo-nos em faixas de frequência, se me podes entender. Para me trazeres para perto, é só me chamar, pensar intensamente em mim, entrar na minha frequência... e isso tu fizeste hoje durante todo o passeio. Portanto, aqui estou...”

“Merlin!!!”, exclamou Fernanda, encantada. “Vieste!!! Ah! o que mais quero é ter mais clareza sobre o futuro, alguma certeza do que virá. As coisas andam tão embaralhadas... Por mais que tentemos decifrar o que vem por aí, parece que sempre, a cada vislumbre conseguido, mais turvação se forma no horizonte. Há alguma certeza fundamental que possa nos guiar, querido mago?”

“Nada poderei resolver da tua inquietude, jovem buscadora. A única certeza que tenho – e não te esqueças de que ainda sou humano – é que o futuro é por nós construído. Vamos para onde decidimos ir...”, e gargalhou como os bruxos fazem. “Mas não vou decepcionar! Vou te surpreender com algo diferente, vou te conduzir comigo em uma viagem. Me dá a tua mão”, e estendeu a canhota em direção à destra de Fernanda.

Fernanda recuou como se quisesse apanhar algo. “Não, não! Não é necessário levares nada contigo. Nessa viagem não haverá bilhetes aéreos nem precisarás de documentos ou passaporte. Vais assim como estás vestida. Vamos nos deslocar através de um buraco de minhoca. Isso mesmo, um buraco de minhoca, mas não te assustes: não haverá vermes no trajeto! Ha-ha-ha-ha! É uma rota privilegiada, nossa velha conhecida para fugas estratégicas de inimigos astrais, que vossos cientistas apelidaram de ‘ponte de Einstein-Rosen’, um atalho no espaço-tempo que permite viajar acima da velocidade da luz. Vou levar-te à tua casa no Brasil, na pacata Parnamirim de belas praias, lá há alguém à tua espera...” E lá se foram pelos ares, ou melhor, pelo éter ou lá o que seja...

Em nanossegundos, estavam no destino. Fernanda foi largada suavemente na copa de uma jaqueira que marca o centro da propriedade. De abrupto, Merlin, à moda dos seres do mundo dos elementais, se dissolveu na brisa suave, fragmentando-se em cintilações de purpurina prateada. Nada disse, nem um ‘até já!’. Aliás... será que voltaria para apanhá-la? Ovelha desgarrada, foi deslizando para baixo pelos galhos da árvore como se navegasse na armação de dutos de um parque aquático. Era noitinha e os grilos e sapos entoavam uma zoada quase ensurdecedora. Dirigiu-se à varanda do chalé. Pronto, tinha chegado em casa!

A materialidade da sua presença não abrigava dúvidas, pois estava fisicamente onde estava, tudo muito diferente de uma possível projeção, digamos, holográfica. Portanto, foi se comportando como fazia costumeiramente no seu dia a dia, avançando porta adentro para o interior da habitação, no que foi verificando se as coisas estavam na mesma ordem em que deixara antes de partir para a viagem, e estavam.

Segura de que reinava a normalidade, sentiu-se tentada a bebericar um vinho sob a luz lunar, impulso que a brisa constante e amena reiterava, ao fazer os coqueiros dançarem a timbres marítimos... Sorvendo essa brisa e suspirando longamente, Fernanda viu-se fazendo coro a Drummond: “Eta vida besta, meu Deus!” Na varanda ao lado, um casal se enroscava na rede relaxando depois do atarefado dia, enquanto lá à frente se via uma moça toda faceira, aprontada para enfrentar a boemia, distanciando-se com passos leves e soltura no gingado.

Essa é a Vila Feliz, denominação da afortunada morada de Fernanda e de mais um punhado de famílias que, vero milagre, convivem em casinhas separadas por apenas seis ou sete passos, em surpreendente harmonia e fraternidade. Embebida em tanta poesia, Fernanda esqueceu-se por momentos dos mosquitos que principiaram a devorá-la, em ritual já habitual, e da tepidez que no cair das noites a fazia lânguida e preguiçosa, subvertendo amiúde a sua necessidade invariavelmente urgente de trabalhar, o computador sempre à espera. Agora o vinho ganhava o estatuto de inspiração para a labuta noturna que se impunha sem mais delongas – lembremo-nos que ela caiu na sua rotina quotidiana sem mais considerações ou questionamentos.

Com a taça na mão, sorvendo o tinto em goles pequenos e distraídos, Fernanda fez o que mais a arrebatava: deixar o pensamento vagar por entre veredas de palavras e ideias que compunham o repertório de sua longa amizade com a sabedoria, fugidia e caprichosa mas sempre presente, ainda que por vezes enigmática. Por verdes ainda estarem os fatos, tinha inconclusas as suas reflexões sobre o consumo e a tal simplicidade voluntária, começadas na mesa do Torcuato e desencadeadoras do delírio onírico-poético-literário do pai. Essa temática, como todo o resto que habitava a sua trama neuronal, havia viajado junto com ela pelos corredores da dobradura espaço-tempo e, ali ativa, irradiava comichões.

Era insopitável a ânsia de mergulhar no universo conceitual da arte do bem viver e extrair novas visões sobre a desmesura do consumo desenfreado,

bloqueador de percepções como as que acabava de ter – a luz da lua, os sons do baloiço do arvoredo e a brisa benfazeja do litoral, estas todas peças de uma vida besta e boa que deveriam estar acessíveis no cardápio de toda gente, disponíveis para quem quisesse degustar. Seu pensamento vagava assim por tais paragens quando começou a escutar ruídos estranhos vindos de um pequeno jardim próximo à sua varanda. Alvoroçou-se num primeiro momento, era habitual ser visitada por calangos avantajados e cobras nem sempre inofensivas. Mas a moleza da sua embriaguez, rápida e fácil (não era *habituée* das libações...), não a animou a ir ver o que era. Não demorou, saltou-lhe à frente um homem de barba encaracolada e ar maroto, e logo foi muito à vontade acomodando-se com uma taça na mão, a indicar que queria compartilhar do vinho. Vestes longas e brancas, parecia um personagem saído da história antiga. Seria... um grego? Fernanda lhe serviu o vinho maquinalmente. “E agora essa!”, resmoneou para si. “Aposto que o delírio é contagioso ou genético! Depois de Homero feito Hesíodo, este homem aqui na minha frente. Melhor perguntar quem é...” Nem precisou, a figura se apresentou. E era um grego! “Epicuro, encantado! Está bem de vinho, já é suficiente.” “Não quer mais? Epa! Epicuro!!!” Ela desistiu de conjecturar sobre a natureza do que vivia e se deixou levar pelo momento. Lembremos sempre que Fernanda estava, por assim dizer, no aqui-agora do seu dia a dia, não vivia o estado mental de quem fizera uma viagem interdimensional.

Epicuro se empertigou coçando de leve a barba e embalou em um discurso: “Não! não quero mais vinho. Dois dedos são suficientes. O agradável e o farto não coincidem. O agradável é aquilo que dá prazer na medida em que, no cálculo entre o prazer e a dor, sai ganhando. ‘Nada em excesso’ é o preceito délfico que vocês deste tempo esqueceram. E ainda me chamam de hedonista!!! Certo é que *hedonê* tem o sentido, em grego, de prazer, e que eu, como sempre digo a meus discípulos nas nossas sessões peripatéticas pelo jardim, aceito o prazer como algo natural no humano. Mas não sou ingênuo a ponto de pensar que uma existência somente de prazeres seja possível. Prazer é supressão, ainda que momentânea, da dor. Prazer e dor são duas faces da mesma moeda, e negar um em detrimento da outra é passar por alto sobre a sua complementaridade. Todo grande prazer traz consigo uma dor proporcional e esse é o pressuposto que leva à moderação do sábio. Não sou hedonista, embora considere o prazer um bem supremo. Mas, alto lá: o prazer é contingente, passageiro,

circunstancial. A única coisa que é em si agradável e prazerosa, e sempre, é a virtude, a excelência. Todo o resto é enganação.”

Fernanda restringiu-se a bebericar apenas um pouco mais do vinho, meio intimidada pelo discurso da moderação, e aproveitou a deixa para perguntar, já totalmente envolvida no que se desenrolava na sua varanda: “E o que é a virtude, sábio Epicuro?” Sabe-se lá como, mas ela entendia o grego antigo perfeitamente, e vice-versa para Epicuro com o português, e de fato não sabia se ouvia e pronunciava ou se apenas pensava e tecia uma comunicação telepática. Não importava: melhor viver o momento, pois encontro como esse não acontece todo dia. Epicuro deixou descansar na mesa a taça que mal tocou e começou a caminhar em círculos quiçá para ajudar a pensar, falando, falando.

“A virtude é, para me expressar em termos que hoje, creio, se podem entender – misturando um pouco do que vocês sabem (mal, diga-se de passagem) sobre nós, helenos – a virtude, minha jovem mulher, é uma confluência entre o autoconhecimento e o cuidado de si mesmo em prol de não ser escravo, mas senhor. Falais tanto em liberdade nesses tempos sombrios que viveis, mas não sabeis que sois mais escravos que nunca de vossos apetites. Caminhais como animais, como porcos que engordam ao impulso de seus pequenos cérebros, buscando qualquer resto de algo que seria a prova deste prazer sem limites. Não! Isso não é ser livre!!! Ser livre é obedecer a si mesmo, é saber dominar os desejos e assim ser senhor de si próprio. Ser capaz de escolher só é possível se não somos coagidos por aquele outro de nós mesmos, aquele outro que nos compele, que nos constrange, que se anuncia enganosamente como nossa vontade e, no entanto, só nos escraviza. Já dizia o mestre Platão – pobre homem, alvo de tantas maledicências: ‘Só aquele que se cuida e se governa é capaz de governar e cuidar dos demais’. A alma do indivíduo é como a alma da *pólis*, da cidade – se os apetites tomam conta, não há liberdade: só escravos ou tiranos. Tiranos... ah! Os tiranos... se acham senhores, se acham poderosos... mas como serão senhores os que nem a si mesmo dominam? Perguntaste, ó mulher, o que é a virtude. E te digo: virtude é sabedoria. O sábio pondera, modera e delibera, e para isso não usa somente da sua razão, mas também dos seus sentidos, estes naturais e confiáveis desde que a serviço do autogoverno. A virtude, minha cara, é, temo eu, para poucos.”

“Por que para poucos? Então é só para uma elite a vida boa? Por quê? Haveria assim, naturalmente, almas mais virtuosas que outras. E isso não é injusto,

excludente?”, expressou Fernanda preocupada com possíveis incoerências.

“Não é esse o ponto! É uma questão de escolha. Para ser livre, há que escolher. Só é livre quem escolhe. Não é para todos, portanto. Compreendes? Não posso impor que todos vivam na moderação, isso seria torná-los escravos meus. Outra tirania... Não, escolha quem quiser, é uma opção voluntária, é para quem quiser ser feliz, para quem desejar encontrar a saúde e o equilíbrio, a paz da imperturbabilidade! Quanto menos dependemos do que nos é exterior, mais felizes somos. E vivemos sem estar, como estais, sempre assolados pela possibilidade de perder aquilo de que venhamos a depender. Ser desprendido não visa ao sofrimento nem à expiação de pecado algum, como querem fazer crer os devotos do afamado Cristo, acatado como profeta. Ser desprendido é uma chave para a felicidade! Não há porque sofrer por aquilo de que não dependemos. Essas são as minhas palavras. Ouve se quiseres, jovem mulher. E conta a quem queira ouvi-las.”

Dito isto, a imagem de Epicuro começou a esmaecer e confundir-se com as plantas do jardim... e, estranhamente, pareceu a Fernanda que no lugar do cajueiro ao lado havia uma oliveira no mais autêntico aspecto mediterrâneo e que, misturados aos galhos retorcidos e secos, estavam alguns rostos de traços helênicos, todos ouvindo atentos a conversação um tanto monológica urdida ali. Já não se sabia quem se havia transportado no tempo e no espaço, se seria Fernanda quem havia visitado o famoso Jardim de Epicuro ou este é que se havia transportado para conhecer a despretensiosa Vila Feliz. Eis-nos encrencados, face a um sonho dentro de outro sonho, um meta-sonho, verdadeiro festival onírico...

E Fernanda entendeu que Simplicidade Voluntária não era algo tão novo como poderia parecer aos mais desavisados. Ser simples, moderado por escolha, voluntariamente, já era preceito para a vida bela dos gregos de outrora. Por que então tão esquecido nos dias de hoje?

Mais ainda: a Simplicidade Voluntária seria a condição régia para a conquista da Felicidade. Felicidade, Vila Feliz, harmonia, fraternidade, vida bela: não havia aí mera coincidência... “Claro!”, sacou Fernanda. “O local do encontro foi propositadamente acertado entre Merlin e Epicuro, para pontuar equivalências entre lugar e conceitos, deixando a sugestão no ar, para quem pudesse captá-la.” Com esse pensamento, e ainda meio atordoada pelo sumiço

repentino de Epicuro, deu-se conta pela primeira vez de que estava numa situação irreal: “Não sei para onde, mas sinto que está na hora de voltar”, e concentrou-se intensamente em Merlin, como ele lhe havia ensinado. Começou a ouvir chamarem seu nome, mesclado com um ruído surdo de alguém golpeando algo: tuc, tuc, tuc... Acordou! Era Homero batendo à sua porta. O sol já estava alto e o pai a chamava para o desjejum.

Na mesa, Fernanda relatou tim tim por tim tim tudo o que se passara no seu sonho. Seja dito que já na primeira infância Fernanda revelava uma prodigiosa memória de curto-prazo: após presenciar a fala proferida pelo tio, valha o exemplo, comentando os 36 slides da viagem da lua-de-mel exibidos num antigo projetor tipo carrossel, ela foi capaz de, assumindo o controle dos botões, repetir integralmente a apresentação, sem perder uma palavra, entonação ou gesto – para pasmo dos adultos embevecidos. E foi beneficiando-se desse dom da filha que Homero tomou conhecimento, em detalhe, de tudo o que se passou em mais esse *happening* parapsicológico; e sem espanto, pois já fazia algum tempo que vinha experimentando anomalias psíquicas do gênero, aliás muito reveladoras, diga-se de passagem.

Tal enormidade, um diálogo mágico com um filósofo notável – um nato questionador, que um dia reptou a afirmação de (o nosso já familiar...) Hesíodo quanto à proveniência do caos do qual, postulava este, tudo se originara; e um dos inspiradores de outros igualmente célebres expoentes do pensamento, dentre os quais Friedrich Nietzsche e Karl Marx –, tal excêntrica ocorrência não poderia deixar de suscitar em Homero inúmeras reflexões, indefectíveis e incontinentes reflexões.

E principiou: “Fê, é no mínimo, no mínimo, muito lúcida essa tua ideia, essa tua sacada no final do sonho, de fazer a ligação entre o epicurismo e a Simplicidade Voluntária. Restabelece uma verdade histórica sobre Epicuro, cujo pensamento se deturpou no tempo por maus entendimentos e interpretações enviesadas. Mas há algo nisso tudo que acho que tem que ficar bem claro”, prosseguiu com ar de advertência. “Não há que se confundir Simplicidade Voluntária com voto de pobreza – as naturezas e as motivações de ambos são totalmente distintas. Começando pelo último, ele visa a purgar pecados, à busca da ascese, e parte da premissa de que já nascemos devendo – aquelas coisas de Pecado Original... Concorda?”.

“Sim, sim!”, emendou Fernanda, “ser simples na maneira de levar a vida, ser desprendido, não visa ao sofrimento nem à expiação de pecado algum”, repetindo quase literalmente o que ouvira de Epicuro. “É uma escolha consciente de quem percebe que mais não é melhor e que, no termo médio entre os extremos da ganância e da prodigalidade, está a harmonia – de si para consigo mesmo e para com as circunstâncias que sempre nos expõem limites – opção que, por si só, é o ingrediente fundamental da conquista da felicidade.” E fez uma pausa, como que na espera de que o pai fosse em frente.

E lá foi Homero: “Prosseguindo na comparação com o voto de pobreza, a Simplicidade Voluntária é uma escolha livre, daí o ‘voluntária’, de viver com não mais que o necessário, com o suficiente, como forma de estabelecer o equilíbrio entre o que posso, o que quero e o que devo. Uma escolha livre que traduz uma consciência ética comprometida com a minimização de impactos no bem comum, que nossa mera existência implica. E vejo que o mundo começa a despertar para essa nova maneira de encarar a vida. Só para citar um caso, há a experiência que pude conhecer de perto quando estive no *Schumacher College*: o *Transition Towns*, aquela iniciativa de Rob Hopkins que tomou vulto a partir de Totnes, onde fica a escola... Lembra-se que quando retornei te falei dele, do movimento e do que já havia sido implantado lá? Aliás o nome da escola é uma homenagem ao autor do livro *Small is Beautiful*, o economista Fritz Schumacher, que propõe o retorno à vida simples em pequenas comunidades. Schumacher foi o grande inspirador de Hopkins!”.

Demonstrando familiaridade com o tema, Fernanda aduziu: “Pois é, o movimento cresceu muito. Já existem vários polos do *Transition Towns* mundo afora, até no Brasil... A velocidade com que se expandiu denota uma aceitação ampla das propostas de Hopkins. É algo que parece que estava faltando: a sinalização de um caminho”. Animado com o interesse da filha, Homero foi aos detalhes: “É incrível, após apenas pouco mais de quatro anos da sua criação, hoje estão oficialmente engajadas no *Transition Towns* mais de 400 cidades, em cerca de duas dezenas de países, adotando práticas voltadas a criar resiliência e buscando, tanto quanto possível, a autossuficiência econômica. São poucas e simples as propostas, pelo menos na formulação: privilegiar o consumo de bens produzidos localmente, principalmente os alimentos, e estes sempre orgânicos – fechando o ciclo natural ‘extração de materiais-reabsorção de resíduos’ –, reduzir gradativamente a dependência local do petróleo e derivados, restaurar áreas verdes em locais hoje destinados a atender necessidades ligadas ao uso de

veículos a motor e aos palácios do varejo, e dispor de uma moeda local porém conversível à moeda do país, para blindagem contra as flutuações do sistema financeiro global. Vejo o *Transition Towns* como um laboratório de soluções para o futuro, para ‘quando seu lobo vier’, quero dizer, para quando as coisas apertarem de fato no clima e nas finanças mundiais. Há também o *Slow Food*, movimento que...”

“Pai!”, interveio Fernanda interrompendo a fala que ia solta sabe-se lá até quando, “Vamos parar um pouco por ora... continuamos mais tarde? É que os garçons já estão arrumando o salão para o almoço e ainda temos, agora de manhã, de fazer contato com a Luciane para confirmar nossa conversa a três, ver se ela vem mesmo, marcar, dia, hora, local... essas coisas.” Levantaram e lá se foram os dois para o telefone do *lounge* do hotel, articular mais uma investida no reino das especulações sobre as certezas e incertezas do que está por vir, e quando.

“Ai, que coisa mais trabalhosa!”, pensaram ambos sincronicamente mas em absoluto silêncio, nenhum sinal exterior: a exaustão era grande e qualquer vacilo de um poderia desabar o outro. Nada, entretanto, que uma ou duas noites bem dormidas, e sem alucinações oníricas, não pusessem em dia...

Pessoas Felizes! e o Planeta, como está?
Sinalizando caminhos para o Desenvolvimento com Sustentabilidade

A felicidade e o bem-estar são incompatíveis com uma Natureza em processo de degradação.

Entre o bolso e o desejo, falou mais alto o bolso e os dois retornaram ao Brasil. Viagens longas são muito custosas mas só nos damos conta dos gastos quando confrontados com a fatura do cartão de crédito, em que pese o real valorizado que torna mais palatáveis as incursões no estrangeiro. Assim a conversa de Homero e Fernanda com Luciane Lucas, programada para ocorrer em Évora, visto que reside e estuda em Coimbra onde cumpre afazeres acadêmicos, ficou adiada, mas o tema não: o consumo e suas implicações com a identidade. Veremos adiante como.

Logo que chegaram, ele a seu *loft* rural no Circuito das Águas paulistano, ela à sua Vila Feliz onde se deu o anacrônico e fantástico diálogo com Epicuro, Homero e Fernanda se puseram de pronto a ajustar suas frequências mentais às trivialidades do cotidiano, deixadas em suspenso no interregno da ausência. Havia que se refazerem dos descolamentos intensos do real que experimentaram em vários momentos do seu périplo.

Mas as moiras andaram tecendo no curto entrementes do retorno e, logo na chegada, já havia novidades para Homero. Mal desfeita a sua mala e no varal ainda balouçando ao vento, para secar, os trajes usados nos últimos dias, Homero recebeu uma dupla de visitantes para um chá – o qual traziam consigo – e algum papo. Ambos eram nascidos na Guatemala, esse enclave que une a América Central à do Norte e que permanece um dos guardiões das tradições da extraordinária civilização maia. Aduza-se que os visitantes, Pilar Saavedra, uma jovem agrônoma naturalizada brasileira, e Bernardo Hidalgo, seu cunhado viúvo de idade madura, descendiam eles mesmos da etnia maia.

Bernardo na juventude deixou o país por um tempo, para um doutorado em arqueologia e história na Universidade de Évora, mas fez da sua terra natal o seu campo de trabalho: é hoje um estudioso renomado da saga do seu povo e tem várias publicações no tema, em revistas e livros, dentre estes um romance histórico: *La Diosa Ixchel y la Decadencia del Imperio Maya*, onde relata passagens críticas dessa civilização que viu seu esplendor esvair-se por obra de uma progressiva degradação ambiental, resultante do manejo irrefletido e abusivo dos recursos naturais.

“Que surpresa, Pilar! Você por aqui...”, foi Homero dando as boas vindas logo que a reconheceu, que já não a via havia um bom tempo. “Estou com meu cunhado Bernardo, vim a uma fazenda aqui perto para certificar uma cultura orgânica e, aproveitando, quis mostrar a ele um pouco da sua comunidade. Já demos uma circulada exploratória pela Furquilha, passei pela casa da Darlene, que não estava, e enfim não quis deixar de vir tomar com você um *saká*, que o Bernardo trouxe da Guatemala. É uma bebida ritualística dos maias que tomamos como refresco, dizem que abre os canais...”, foi assim se introduzindo Pilar bem sem cerimônia, que a camaradagem entre ambos não se erodira com o tempo. “Entrem! Prazer, Bernardo, vamos sentar!”, acolheu Homero, saudando-o com um aperto de mão e cumprindo a rotina dos ósculos faciais com Pilar.

Acomodaram-se no sofá e após algumas observações dos dois sobre a casa, a decoração interna e o arvoredo em volta, e já providos de copos, principiaram a bebericar o *saká*, vertido frio (é o costume...) por Pilar, de uma garrafinha vestida com um tecido artesanal e rotulada à mão, a qual ela manejava com certa reverência. Sugestão ou eficácia, não se sabe, o fato é que os três logo nos primeiros sorvos passaram a ostentar rostos descontraídos e a sorrir levemente enquanto falavam, como se inebriados estivessem pela beberagem. No curso das falas de reconhecimento mútuo e perguntado sobre “qual é a sua atividade”, Bernardo pôs-se imediata e mecanicamente, e de uma só enfiada, a recitar uma arenga sobre si, parecia que decorada, fatiada em curtíssimos episódios espasmódicos que rapidamente o conduziram ao trecho do doutorado em Évora. Nisto Homero não se conteve, interrompendo: “Epa! Há aí algo de fato intrigante, para dizer o mínimo: pois acabamos de vir de lá!!! Há não faz nem uma semana estávamos nas cercanias visitando o Cromeleque dos Almendres, eu e minha filha. Passamos rapidamente por Lisboa, pegamos o avião e acabo de chegar. Isso é um sinal!!! Este nosso encontro de agora é mais do que casual, já estava escrito...”

Bernardo não se alterou e, gentil porém incisivo, inquiriu: “Que foram fazer lá?”, e aí se seguiu em resposta toda uma narrativa que, convenhamos, acabou soando meio confusa para os dois. Não era para menos: sonhos, delírios, mudanças abruptas de roteiros, viagens no espaço-tempo... tudo em nome de procurar entender melhor o sentido da vida, decifrar os rumos do processo civilizatório, identificar as premissas, modelos mentais e práticas que favoreçam a continuidade das gerações, e por aí afora nessa busca de lampejos

reveladores. Fechado esse parêntese explanatório, Bernardo finalmente completou sua arenga, que terminou com um "...e agora me dedico a pensar novos modelos de organização social e econômica baseados no que nos restou das tradições ancestrais dos maias e de outros povos ameríndios." Daí para entrarem em considerações, digamos, esotéricas foi um pulinho, turbinados pelo místico chá com gosto de curau de milho – era esse o sabor.

Há curiosas situações em que todos, no caso os três, fazem uma pausa tipo "virando a página". Reina um curtíssimo silêncio, cada um haure ou expira longamente o ar, se ajeita no assento, pernas cruzam-se e se descruzam, e outros maneirismos quejandos. Tudo isso de fato aconteceu, durou dois ou três segundos, e estava estabelecido um novo pacto conversatório: o assunto estava prestes a mudar de oitava. Uma leve tensão indicava que alguém tinha que rolar a bola de início do segundo tempo, e foi Homero quem se aventurou: "Então, Bernardo, então, Pilar: que nos dizem os maias sobre tudo isso que anda ocorrendo no mundo, sobre a civilização atual, tão distinta da deles? Há a tal profecia para 2.012..." "Ah! Essas são bobagens, meu caro! Bobagens!", rasgou Bernardo, reafirmando neste segundo lance um estilo cortante ainda que cortês. "Muito se fala e pouco se sabe. Muito deslumbramento sem fundamentação, é a patologia midiática e marqueteira que vivemos hoje", arrematou, virando o copo com *saká* até esvaziá-lo: buscava energizar-se para ir mais fundo, parecia... "A herança que os maias nos deixaram vai bem além desse calendário da 'profecia'", sentenciou Bernardo, escandindo bem a palavra para denotar desapreço. "Deles nos restou muito mais sua sabedoria do que possíveis profecias contidas no calendário, que aliás, imaginando que numa livre interpretação tivessem existido, não assinalariam catástrofes e sim o fim de um ciclo. Mas não é esse meu ponto..."

O leitor ou a leitora perspicazes hão de estar intrigados: "Mas que idioma fala esse guatemalteca? Como se comunica? Se em português, então se expressa bem na língua lusa; ou será no seu espanhol nativo?" Todo cabimento tem essa inquietude, mas de fato a fala de Bernardo vinha toda em espanhol, a língua maia moderna só aparecia, e escrita, no rótulo da garrafinha... Os registros aqui disponibilizados na língua vernácula, os anteriores e os que virão, decorrem do lavor de Homero que, ao rememorar os ditos, os enfeitou no que entendeu enfeite, sem contudo trair o "espírito da coisa". Pilar alternava no idioma: com Homero, português; com o cunhado, espanhol, era o hábito... Implícito fica que Homero se desembrulha a contento em espanhol, mas o mesmo não se pode

afirmar quanto ao sotaque madrileno, por sua pronunciação sibilante e embolada. Aclarada a dinâmica da interlocução, voltemos à própria.

Em cima da frase enigmática, Homero replicou: “Então, qual é o seu ponto, Bernardo?” “Olha, senhor Homero...”, e Pilar, no ato: “Senhor Homero não, só Homero!” Ao aceno aprovador do citado, Bernardo prosseguiu, após reabastecer o copo com mais *saká*: “Caro Homero, no meu livro sobre a deusa Ixchel, exploro bem esse e outros pontos. Trouxe comigo um exemplar que ofereço a você, leia quando tiver tempo, com especial atenção ao sistema de governo deles, que predominou por séculos. O primeiro ponto – e está ligado a isso – é que se de fato, como ocorreu, nossa civilização se extinguiu por maus tratos ao meio ambiente, isso foi algo que escapou do controle dos sacerdotes e sábios. Para estes, o bem maior sempre foi a vida, no seu amplo sentido. O caráter sagrado da Natureza como mantenedora da vida era personificado na deusa Ixchel, que representava a Terra e a Lua. O governo dos maias sempre foi exercido pelos sacerdotes, muito rigorosos nas exigências impostas ao povo. Suas diretivas consubstanciavam traduções fiéis do seu amplo conhecimento sobre as leis naturais e o equilíbrio da vida. Mas como acaba ocorrendo com todo agrupamento humano, o povo maia, predominantemente composto de lavradores sem o preparo da elite de sábios, e muito imediatistas nas suas ambições, desejos e ações, se rebelou contra o domínio sacerdotal e foi abandonando pouco a pouco as cidades, na verdade inúmeros vilarejos. No campo aberto e nas matas, e distantes da corte, afastaram-se do culto a Ixchel e foram avançando sobre florestas e fazendo minguar as águas, o que em resumo acabou resultando na degradação progressiva do meio ambiente e no empobrecimento das condições de vida, diluindo a coesão da nação maia. Até aí, isso parece muito similar ao que presenciamos hoje no mundo, não é mesmo?” Homero assentiu, no que Pilar aduziu: “Além do Bernardo em seu livro, um biólogo e também geógrafo americano, Jared Diamond, relata essa derrocada dos maias no livro *Colapso*, em que descreve ademais como outras civilizações – me lembro em particular do caso dos sumérios e dos habitantes da Ilha de Páscoa – pereceram vítimas de uma... chamemos assim... ‘incompetência ambiental’.”

“Há que entender”, prosseguiu Bernardo, com voz didaticamente modulada, “que a devoção das elites atribuía um caráter mandatório a tudo que segundo os sacerdotes se recebia como orientação dos deuses. Eram os deuses que estabeleciam os propósitos a cumprir, os valores a cultivar e os sacrifícios a

suportar. Claro que tudo isso chegava aos sacerdotes como algo que hoje chamaríamos de canalização, ou *channelling*, como se diz em inglês, de onde deriva o termo. Os sacerdotes viviam em rituais quase que permanentes, nos quais tais comunicações eram recebidas: os rituais se constituíam no poder legislativo, no congresso nacional dessa sociedade hierocrática... E os sacerdotes gozavam de tamanho prestígio que tudo o que diziam ter recebido dos deuses era considerado lei indiscutível.” Bernardo fez uma pausa para mais uma talagada de *saká*. Entornou a garrafinha até as últimas gotas pularem para o seu copo e sorveu tudo de uma vez, continuando sob os olhares atentos de Pilar e Homero: “Com base nessas diretivas, que hoje chamaríamos de ‘políticas gerais’, os sacerdotes organizavam todas as atividades da sociedade, definindo prioridades quanto a ocupação do solo, edificações, alimentação, fabricação de utensílios para a atividade agrícola e para a produção artesanal do que hoje seriam as utilidades domésticas, bem como estabelecendo o calendário que regia as atividades comunitárias de produção, de formação dos jovens, de lazer e de culto aos deuses. E o faziam sempre a partir da consideração dos impactos que toda essa movimentação de natureza econômico-comunitária poderia exercer sobre os recursos naturais que eram considerados uma dádiva dos deuses, em particular da deusa Ixchel, e portanto sagrados e merecedores de todos os cuidados e respeito. Havia de fato a compreensão por parte da hierarquia dominante de que a preservação e o uso cauteloso das terras de cultivo, da madeira das florestas, das águas dos rios e lagos era essencial para a saúde, o bem-estar e a continuidade do povo maia, para a sua sustentabilidade, como dizemos hoje.”

Enquanto escutava, Homero bebericou o restinho do *saká* que ainda havia no seu copo e principiou, talvez ou com certeza por efeito do líquido, a vislumbrar um arranjo de tudo o que estava ouvindo com certos modelos que, desde a viagem, lhe pipocavam na mente. Mas nada disse, preferiu continuar absorvendo a fala ao invés de pronunciar-se. “Bem, já tomamos todo o chá”, retomou Bernardo, “e está chegando a hora de irmos embora, temos ainda muita estrada pela frente, não é Pilar? Mas antes gostaria, caro Homero, de dizer mais duas coisas. A primeira tem a ver ainda com o sistema de governo dos maias. Como disse, e gostaria de sintetizar, toda a atividade dessa sociedade teocrática era pautada por determinações divinas, como alegavam os sacerdotes e a população acatava: consistiam nas direções a seguir, nos propósitos a perseguir, nos valores a praticar. Alicerçadas em todos estes, se

formulavam as políticas e estratégias gerais de ação, fortemente mandatórias e irrecusáveis pela população. Era assim, fielmente aos desígnios dos deuses, que se priorizavam as atividades sociais e se definiam os objetivos da economia. A atividade econômica era organizada para servir ao bem-estar da sociedade, sempre buscando assegurar o respeito à integridade ambiental – pelo sagrado de que se revestia a Natureza e pela noção de que havia limites de uso a observar, a fim de evitar perdas no futuro por excessos no presente. Por tudo que estudei, me parece esse um modelo sábio de governança... Mais uma coisa só, e termino: essa questão momentosa do 2.012 acaba por desviar a atenção das pessoas de tudo o que os maias, assim como outras civilizações avançadas das Américas, podem oferecer como inspiração para enfrentar os desafios presentes do mundo. Esse falado calendário, calendário de 'conta longa' como é caracterizado, é apenas um dos que os maias usavam e, diferentemente do calendário gregoriano vigente no ocidente, tinha uma data final, um término – o nosso atual, ao contrário, é indefinido quanto ao término, é contínuo... E por cálculos aproximativos que andaram fazendo, o dia que corresponde ao término do calendário de 'conta longa' é 21 de dezembro de 2.012. Acredita-se, e eu também, que da mesma forma como nosso calendário anual se encerra em 31 de dezembro e se reinicia no dia seguinte, o calendário cíclico maia teria sido reiniciado e estendido por mais 5.200 anos, tivesse permanecido viva nossa civilização ancestral. Esse mito de 'fim dos tempos' parece ser um arquétipo do inconsciente coletivo da humanidade. Toda uma sorte de profecias circula já faz tempo por vários canais de informação, e é amplificada pelas redes sociais: o aumento da frequência magnética da Terra, com encurtamento da duração do dia, a tal alteração da Ressonância Schumann; a inversão dos polos magnéticos da Terra; o atingimento de um Ponto Zero a partir do qual o planeta reverteria o sentido da sua rotação; a colisão iminente com um planeta batizado de Nibiru; e tantas outras situações que anunciam catástrofes ou a desorganização da vida em geral. Não quero entrar no mérito dessas proposições, se são fantasias ou se têm fundamento, pode ser até que algumas sejam procedentes, mas o fato é que nada têm a ver, concretamente, com o Calendário Maia – e sei o que estou dizendo. Mas tenho que convir em que hoje, com as várias complicações que se criaram numa civilização que avança aceleradamente sobre recursos naturais finitos, degradando ecossistemas vitais e alterando as condições climáticas globais, um 'fim do mundo' pode parecer que se aproxima – o que dá força a essas antevisões apocalípticas. Qualquer sinal ou referência que confirme essa percepção coletiva passa a ter força de profecia: este é, a meu ver, o caso do

nosso famigerado calendário, apenas porque sua série de datas termina em 2.012...”

Mal ressoavam ainda as reticências da última fala, Bernardo e Pilar, como que obedecendo a um comando inaudível, se puseram de pé coreograficamente, no mesmo instante. Rápida mas com delicadeza, Pilar arrolhou a garrafinha vazia, resgatada do meio da louça usada, e a alojou na bolsa. Ambos se despediram de modo cordial e agradecido, e foram-se céleres, como que correndo atrás de uma hora marcada que demandava pontualidade. A visita, que não durou mais do que uns trinta minutos de relógio, estava encerrada, mas a sensação de Homero era que horas se haviam passado: havia sido uma nova viagem, bem em cima da recém-concluída, esta de agora porém sem estados alterados de consciência nem despertares abruptos, em que pesasse o efeito sonífero do *saká*, que avançava. E que aliás não arrefeceu: fechada a porta da sala, Homero esticou-se no sofá e dormiu vestido até a manhã seguinte, e sem sonhos de que se recordasse...

A algazarra de pássaros e galos do quintal botou Homero de pé logo cedo, sem uma até plausível, se tivesse ocorrido, ressaca da beberagem verdolenga da véspera, mas com a cabeça fervilhando de conjecturas, hipóteses, correlações entre o ouvido e o pensado, e muitas outras agitações, além de várias dúvidas cartesianas. Em notas taquigráficas, anotou os pontos principais do encontro-relâmpago da véspera, armou um esquema organizador das ideias e ligou o *notebook* para digitar a redação – do que resultou o que transcrito está acima.

Findo isto abriu o Outlook e logo viu que, lá na Vila Feliz de Parnamirim, o bicho-carpinteiro, expressão avoenga que corresponde ao modernoso TDAH, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, andou agitando cabecinhas, em parceria tácita com as moiras da Furquilha. No caso, as cabecinhas são uma alusão genérica e afetuosa a uma situação singular: a cabecinha de Fernanda, que havia remetido ao pai um catatau gestado em ajuste sincrônico com a visita dos maia-descendentes do dia anterior. Logo agora que Homero estava começando a dar uma arrumadinha mental no alvoroço da véspera... E pensou, traduzindo uma certa contrariedade interior: “Melhor ler isto agora e depois juntar os cacos todos de uma só vez.” E o fez, imprimindo no indefectível papel reciclado, duas páginas por folha, e passando a seguir a ler, o que veio de Fernanda, que aliás não será mostrado aos estimados leitores e leitoras a esta altura, porque fatos antecedentes à composição do material são de

indispensável relato, para que se entenda apropriadamente o texto: é o que elegantemente se chama de “referenciar o texto ao contexto” ou, como preferem os psicólogos e pedagogos: “encaixar a figura no fundo”; ou ainda, no jargão corporativo, *to frame the picture*... que prevaleça a metáfora mais ao gosto de cada um.

Vamos então ao “contexto”: estamos no dia seguinte ao retorno de Fernanda ao lar. A noite anterior havia sido sofrivelmente dormida, escassa de sonhos. Fernanda passou o dia inteiro desarrumando malas, sacos e a frasqueira, arejando e espanando a casa, pondo roupas na máquina e retirando-as limpas para secar ao sol. De repente – que o dia acabou ficando mais curto do que era preciso – a noite chega... Na mesma cadeira onde esteve então sentado Epicuro, no curso da aventura luso-helênica, agora se espichava Ludovico, compondo com seu corpo um ângulo de 45° com o gramado – um estiramento de quem se põe muito à vontade. Com uma taça de Chardonnay gelado empunhada, pouca coisa mais cheia que a do fabuloso grego, exibia um sorriso igualmente maroto no rosto também barbado. A Vila Feliz guardava, na vigília, a mesma aura onírica do encontro com o filósofo. O luar banhava a vegetação e os mosquitos rondavam as cabeças de Ludovico e Fernanda, completando com seus zumbidos o coaxar dos sapos e os cricris dos grilos – cena estival noturna típica das latitudes vizinhas à linha do Equador, das quais se pode usufruir apenas quando se está enfurnado em sítios bucólicos imunes ao rugido do bicho-carro, ao *frisson* cacofônico das portas de balada e ao alarido dos turistas flanando ao longo dos botecos à beira-mar...

Sentada em posição conveniente para uma conversa *sotto voce*, que não era bom indiscriminadamente desvelar aos vizinhos que se refrescavam nas suas varandas os teores mais inusitados do papo, Fernanda relatava a largas pinceladas as peripécias da viagem, espichando o traço quando transitava pelas passagens bizarras – os “devaneios oníricos” experimentados por pai e filha quando perambulando por tão variegadas plagas. Os quais devaneios, aliás, Ludovico apelidaria de “surtos esquizoides”, se perguntado na lata fosse sobre o que achava de tais cometimentos, ora sendo pormenorizados por Fernanda.

Informação indispensável a tornar inteligível a narrativa: Ludovico Cerqueira, o Vico para a amiga Fê, colega de universidade, é psicólogo de formação como ela e anda também nas lidas de uma pós-graduação em filosofia, portador que é de vocação e gosto especial para entender a fundo e criticar – crítica *lato sensu*

– os fatos da vida e os rumos da sociedade, buscando deslindar as tramas éticas e conceituais que lhes dão sustentação e dinâmica. Polido, diplomático e atencioso, é contudo extremamente cético: digamos que pratica como norma a dúvida metódica de Descartes. Câmeras de volta à cena anterior, prossigamos.

Deve ser destacado que o momento para Fernanda se revestia de uma aura mágica, por estarem agora ambos ali, naquele mesmo cenário em que se encontrou, em sonho, com Epicuro. Nessa atmosfera que a inspirava, o papo entre os dois foi rolando, com Fernanda desinibidamente vertendo a história toda para um incrédulo mas respeitoso Ludovico, como se fosse a coisa mais natural desse mundo, quando de repente, uma coisa leva à outra, estavam ambos remontando a três séculos antes do surgimento da era cristã e falando de Epicuro e da filosofia que se teceu naquela quadra, uma filosofia dedicada a pensar o "bem viver" e a felicidade. Pronto! Esse era o "contexto".

Fernanda, com o pensamento meio a esmo, largou displicente – e aqui principia o "texto": "Sabe, Vico, é meio chavão, mas aquela 'conversa' que tive com Epicuro tocou na surrada denúncia sobre o fato de que em nosso tempo valorizamos o 'ter' em detrimento do 'ser'. É um desses ditos do senso comum mas sobre o qual vale a pena debruçar-se..."

"Vejo que o chavão poderia ser melhor formulado, Fê – não é que se valoriza um em detrimento do outro... é que o 'ser' passou a ser o 'ter' e nessa equação o próprio 'ser' foi anulado", aduziu Ludovico, completando a deixa.

"É verdade!", emendou Fernanda, "O 'ter' é valorizado porque vivemos sob a égide do consumo e isso remete à roda dos desejos desenfreados. Segundo aquilo que sabemos do pensamento grego, e que Epicuro 'confirmou' no meu sonho, a virtude no geral almejada pela maioria das correntes filosóficas tinha a ver com a capacidade de lidar com esses desejos com autonomia, de forma a ser senhor deles, e não o contrário. Por isso, poderíamos dizer que para eles 'ser' era absolutamente mais importante e fundamental que 'ter'. Até aí é fácil concordarmos, não?"

Pronto! O tema do "consumo e suas implicações com a identidade" estava resgatado! Pelo inevitável da situação, Fernanda pôs Ludovico a par do marca-desmarca-remarca com Luciane Lucas a propósito do assunto, expressando a esperança de que pudessem ainda com ela aprofundá-lo, logo que se

desvencilhasse dos empecilhos que a haviam feito postergar o encontro agendado para Évora. Ludovico festejou a iniciativa e insinuou que gostaria de ser incluído no circuito, quando ocorresse o debate.

E lá foi Fernanda avançando na sua argumentação: “Só que tem outra coisa que nos passa despercebida: chamamos de felicidade, atual e corriqueiramente, algo bastante diferente do que os nossos antigos amigos mediterrâneos achavam digno deste nome. No nosso jargão contemporâneo, estar eufórico por ter realizado determinados desejos é a imagem que mais prontamente emerge quando alguém diz ‘estou feliz’. Nosso pêndulo felicidade-infelicidade oscila segundo um esquema muito simples – há uma necessidade, ela traz infortúnio ou incômodo; busca-se satisfazer esta necessidade; satisfeita a necessidade, há felicidade; se não, há frustração e tristeza. Esquema básico que nos rege imperceptivelmente e que, sem questionar, consideramos parte da própria natureza humana. Mas é justamente por coisas assim que eu acho fascinante visitar, por pouco que seja, o pensamento grego! Para alguns pode parecer uma coisa tola, mas me parece intrigante o fato de que os gregos – e nisso não estão sós, muitas linhas do pensamento oriental também o fizeram – trabalhem com outra ideia do que seria a felicidade. Para os epicuristas, os estoicos e mesmo os céticos, a felicidade está intrinsecamente ligada à *ataraxia*, ou seja, a imperturbabilidade, a tranquilidade.” Ludovico acompanhava o discurso com acenos cadenciados de cabeça, denotando concordância.

Face ao sucesso percebido da sua construção, Fernanda se animou, estendendo as suas considerações: “Se para o epicurista o prazer não deve ser reprimido por fazer parte da natureza – de forma que o pêndulo deve ser acatado, mas de maneira que oscile o mínimo –, para o estoico, a questão do desejo e do prazer conflita com outro tipo de necessidade, que emana de uma ordem universal, ordem esta que devemos aceitar, mesmo que não a entendamos. Para os estoicos, há uma ordem, uma certa razão universal – um logos – que é ligado à própria natureza, a *physis*, e é desta relação que pode emanar a ética. Em certo sentido, se afina com o pensamento estoico a ideia, aventada por meu pai em nossas reflexões anteriores, de que aquilo a que chamamos caos pode ser uma ordem ainda não percebida. Acho interessante a ideia da razão universal, de um logos, porque, no horizonte do pensamento estoico, não há a ideia de divindade, como ocorre nas religiões, mas sobretudo a noção de uma ordem a que estamos submetidos e com a qual deveríamos nos conectar através da libertação dos

desejos, esses intrusos que nos perturbam e nos retiram do estado de *ataraxia* almejado.”

Ludovico a tudo assistia com genuíno interesse, o que não escapou a Fernanda, que assim se animou na sua explanação: “Bem, o pensamento estoico merece muita reflexão e crítica, pois pode desembocar num certo conformismo e determinismo. Mas acho, ainda assim, que duas coisas são interessantes para reconsiderarmos o nosso modelo civilizatório: a felicidade ligada à tranquilidade e não ao ciclo necessidade-satisfação e, o que é quase dizer o mesmo com outras palavras, a liberdade como autonomia em relação aos desejos. Neste sentido, a filosofia helênica se dedica a buscar, através do exercício do pensamento, bem como de práticas de cuidado de si e de autoconhecimento, a libertação da necessidade de ‘ter’. Agora imagine só se esta outra visão de felicidade dominasse, que revolucionário seria: sem esse horizonte do ‘ter’, o que seria de todo o nosso sistema econômico? Toda a visão atual da economia se fundamenta na felicidade como satisfação de necessidades! O que você acha, Vico?”

“Você, Fê, está realmente com tudo isso muito organizado na sua mente: seus argumentos e proposições estão muito bem fundamentados. Acho que foi de fato de uma riqueza imensa tudo isso que você e o seu pai experimentaram, e as trocas que vieram fazendo entre uma coisa e outra; o resultado pela amostra é impressionante e não tenho nenhum reparo maior a fazer ao que você expôs. Mas quero reforçar e ampliar algo que pré-enunciei há pouco, lá atrás: penso que o ‘ter’ não se sobrepôs ao ‘ser’, senão que o ‘ser’ se fundiu com o ‘ter’. Ou seja: vou à questão do consumo como identidade. Hoje a autopercepção das pessoas, sua autoestima, e a estima que possam despertar nos outros, sob a forma de admiração, ou a raiva, que possam suscitar sob a forma de inveja, são dependentes do que cada um consome e de quanto consome, sendo que consumir no caso passa pelo poder de adquirir, pela capacidade de comprar, pela posse da coisa adquirida mais do que pela sua necessidade ou utilidade. Está no centro desse sentimento o senso de realização que proporciona o ‘ter’. É que aqueles que mais têm alcançaram o sucesso, são valorosos, chegaram lá, ainda que esse ‘lá’ seja um patamar intermediário, desde que superior a um nível anterior menor. É a tal ascensão de classes socioeconômicas, que assinala vencedores ou perdedores, na medida em que chegaram ou não chegaram lá. A felicidade com que a economia acena é posta no exterior do indivíduo e só reafirma o ‘ter’. E como esse ‘ter’, sucedâneo do ‘ser’, não conduz à felicidade,

a busca desta, nunca atingida, leva a mais consumo e à procura de novos e mais modernos artefatos que, estes sim, trariam a felicidade – ‘agora sim, consigo, chego lá’, numa interminável trajetória viciosa de um Sísifo redivivo. Não! a economia não está ameaçada, a integridade interior do ser humano, da sua essência, do ‘ser’ é que está sob intenso risco e, no rastro disso, a integridade da própria Natureza, que tem que arcar com as consequências dessa fúria. ‘Tenho, logo sou!’, é o cartesianismo moderno. Faz sentido, Fê?”

“Todo o sentido, Vico!”, exclamou Fernanda com admiração pela rica e consistente elaboração do colega. “Fico agora imaginando como poderemos ir mais longe com isso quando fizermos a rodada com a Luciane... Temos que remarcar para logo, mas combinar agendas é sempre um desafio. Bem... mais vinho? quer água? Tenho de coco e comum.” Claramente, nada mais havia a elucubrar, a veia filosófica havia secado e agora o papo migraria para a universidade: quem viajou de férias, as disciplinas escolhidas para o semestre, quais os editais dos próximos concursos, e amenidades de semelhante jaez. O sarau filosófico havia entregue os dividendos possíveis. Corte-se agora a cena para as câmaras do faz-de-conta, instaladas na Fazenda Furquilha.

Saiba-se que ao computador de Homero chegaram de Fernanda apenas os entre aspas com indicações de quem falava, no formato “MF (falas)... ” e “LC (falas)...”. O restante foi resgatado a partir de uma longa comunicação via Skype, na qual Fernanda passou todos os dados que optamos por apelidar de “contexto”. Dados singulares e esparsos, diga-se a verdade, sobrando para o pai, que assumiu tal ingente tarefa, a organização da massa recebida para a forma como acima aparece, texto e contexto entrelaçados. “Um trabalho insano”, queixou-se Homero, num murmúrio monologado entre dentes. Precisava de um esvaziamento temporário do *buffer* cerebral para decantar o essencial e poder prosseguir com lucidez.

Para começar o desligamento dos neurônios, Homero saiu a esmo pelas trilhas da propriedade... Tinha muito a vazar em considerações, pontos e contrapontos, e modelos conceituais, mas nada em mente quanto ao quando. Um “até logo mais!” descreveria a contento a propensão da sua temporalidade...

Planeta saudável! e as pessoas, como estão?
Sinalizando caminhos para a Sustentabilidade com Desenvolvimento

Dissociar desenvolvimento de crescimento poderia nos levar a aprender com a sabedoria do mundo natural e a mimetizar suas soluções arquimilenares consagradas.

O “logo mais” chegou, finalmente. O descanso e a inatividade de Homero fizeram com que a disposição de prosseguir se tornasse premente. A esta altura ainda todo crivado das cutucadas anteriores, as da dupla guatemalteca de três dias antes e as que vieram embutidas no que organizara do que lhe chegou da filha, Homero resolveu pôr a máquina mental em rotação máxima.

A mente fervilhava, havia tanto a ordenar e registrar... As palavras cercavam Homero como uma matilha faminta, a salivação abundante escapando das ferozes mandíbulas. Concluiu, entretanto e finalmente, que tudo o que cabia na situação era construir no entorno do já elaborado, apenas acrescentando peças e preenchendo vazios: a base em si era sólida, rica e variada. E desse turbilhão resultou isto que vem a seguir, vertido num só e ininterrupto jato, observadas apenas algumas paradas técnicas de natureza psicofisiológicas, aquelas inevitáveis por sinal...

Reflexões de Homero: a busca de uma formulação integradora

“A questão da felicidade sempre acaba ganhando o topo. São os dois astros principais da tragédia humana: **Felicidade** e **Crescimento**... O crescimento é já nosso velho conhecido, a grande *doxa*, o meme dos memes, o meme-mestre, aquele que infesta viralmente todas as culturas do mundo civilizado, estabelecendo que apenas quantidade é valor. A felicidade assim se torna a cenoura equina da motivação, a recompensa que o meme do crescimento oferece: é típica das *doxas* essa enganação... O argumento é: felicidade se alcança fazendo crescer o ‘ser’ mediante a realização do ‘ter’ – promessa sorrateira que transforma o consumo em identidade. ‘Consumo, logo sou!’

“Mas há uma temporalidade na ideia do consumo: é um ato imediato. O consumo não ocorre daqui a dias, meses ou anos, é fato do tempo corrente. A postergação do consumo mediante a formação de uma poupança, esta sim é uma escolha intertemporal tempestiva. Menos açodada, revela um certo grau de paciência, uma disposição de espera, mas... termina no consumo! Se não tenho tamanho financeiro para consumir agora, faço crescer esse tamanho pela

poupança: postergo a aquisição; ou, pelo endividamento, realizo a aquisição e postergo a quitação, com juros que são o ônus intertemporal da antecipação. A escolha intertemporal dependerá do tamanho do meu poder aquisitivo, de quanto cresceu o meu poder aquisitivo presente ou de quanto terá de crescer para quitar a antecipação... sempre o crescimento! E à felicidade acaba atribuindo-se a função de referencial pelo qual se mede o efeito psicológico do consumo, e a ilação é imediata: quanto mais cresça o meu poder aquisitivo, mais tenderá a crescer a minha felicidade... Acaba sendo perigoso e perverso buscar a felicidade por essa via, pois nesta sociedade pautada pelo sucesso econômico – leia-se crescimento econômico – terminamos por buscar mais renda para conseguir mais felicidade. E ela não vem com a renda, nem com o consumo; ou se vem, não permanece, demandando mais renda, mais consumo para se manter. Uma espiral descendente, em termos de realização pessoal... Então como dimensionar a atividade econômica e a variedade de ofertas para o consumo, para evitar que as promessas de obtenção de felicidade sejam assim enganadoras e fugidias?

“Os maias estruturavam sua sociedade a partir de um conjunto de definições dos deuses que estabeleciam o ‘propósito’ do povo, de onde os governantes sacerdotais derivavam as orientações para a atividade que hoje chamamos de econômica, estabelecendo as condições para a extração dos recursos que supririam a produção. Está certo que eram uma teocracia, e essa condição difere radicalmente do que consideramos o modelo desejável, a democracia, na qual a vontade combinada do povo conduz a ação da sociedade em direção à felicidade. Ou deveria conduzir, pois, por mecanismos de manipulação possibilitados pela comunicação de massa, os detentores do poder – do poder econômico – insuflam modelos mentais e decisórios na população, que a condicionam a considerar a capacidade de consumir como expressão principal do seu valor social – consumo como identidade, de novo! Já se conhece a dinâmica: mais consumo, mais produção, mais emprego, mais poder de compra, mais consumo... Na cúspide do controle, encontra-se a elite financeira, que com essa dinâmica tem seus negócios em regime de permanente crescimento. E o produto, o das nações e o consolidado mundial, cresce continuamente, juntamente com o crescimento dos lucros, o que concentra mais riqueza e poder na mesma elite. E a roda não goza de ‘descanso semanal aos domingos’, é um moto perpétuo; ou seria: o esgotamento dos recursos naturais é o limite desse giro inconsequente. O consumo promete a felicidade aqui-

agora, naquela escolha intertemporal de gozar hoje porque o amanhã é incerto. A propósito, as nossas duas únicas certezas, segundo nos ensina Eduardo Giannetti da Fonseca, são: a) a nossa finitude como indivíduos; e b) o desconhecimento de quando ocorrerá esse nosso fim. E tudo acaba se ajeitando bem certinho: ‘Como não conheço o quando, meu quando é agora, assim eu me esqueço da existência da mão pesada e fatal do deus Morte, que um dia, não se sabe quando, me alcançará, e desse modo anulo as possíveis e incertas perdas futuras, realizando no presente a felicidade, o custo pouco importa’. Essa é a promessa anestesiante que nos faz o deus Mercado. E o deus Ciência continuamente fornece ao deus Mercado os conhecimentos para a criação de mais artefatos que ampliem as opções de ‘felicidade’ e as estratégias psicossociais para nos convencer a consumir como meio de conquistá-la, nessa busca que, de endorfina em endorfina, asseguraria a ilusão efêmera da imortalidade...

“Lembremos de que para escapar aos deuses com suas rigorosas determinações disciplinares, os maias corroeram suas possibilidades de continuar existindo como povo e decretaram a sua própria extinção – a finitude alcança os indivíduos mas a longevidade dos povos pode ser assegurada: pela sensatez e pela reprodução da espécie, não necessariamente nessa ordem... Mas não queremos deuses, ou humanos travestidos de semideuses, comandantes totalitários, que nos digam o que fazer de nossas vidas... Então, como formular essa complexa equação que desative a condição memética do crescimento, esse fenômeno que tem sua finitude *a priori* decretada, ao mesmo tempo oferecendo, como algo de valor em si, a felicidade – vocábulo que aliás, como tantos outros, hoje em dia abarca um gigantesco repertório de sentidos, além das clássicas definições: a aristotélica e as dos epicuristas, dos estoicos e dos céticos. Metemo-nos até a conceber uma exótica Felicidade Interna Bruta – o indicador FIB, que por enquanto pouco trouxe de verdadeiramente transformador: tem interessado mais aos ‘inovadores do mesmo’ e ao minúsculo Butão... Seria assim felicidade um termo adequado para designar o propósito da existência humana?

“Com certeza, não é esse um tema privativo de filósofos. O bardo de Stratford-upon-Avon nos adverte: ‘O silêncio é o mais perfeito arauto da felicidade. Eu estaria pouco feliz se pudesse dizer o quanto’; e ainda pondera, ele um apaixonado: ‘É muito melhor viver sem felicidade do que sem amor’. A lição é

que se trata de tema para guardar silencioso, sem muito alarde, ‘no lado esquerdo do peito’, como as amizades e os amores. Prefiro coerir essas duas forças – felicidade e amor – do que fazê-las excludentes. E desafiando Shakespeare, pergunto: e não é o amor um dos enfeites com que a felicidade se adorna?

“Indo em frente e transgredindo a advertência do poeta, há sim muito que falar ainda da felicidade sem torná-la menor – e não da própria felicidade como subjetividade, daquela que é bom guardar silente no peito para não dissipá-la –, mas do conceito em si, naquilo que tem de norteador para nós, humanos. Podemos nessa trilha apelar para o economista chileno Manfred Max-Neef, que nos propõe uma conceituação para designar felicidade: a satisfação de um conjunto de Necessidades Humanas Fundamentais – uma visão contemporânea um tanto distante das elaborações helênicas, entretanto mui conveniente e funcional. Max-Neef separa as necessidades em duas categorias:

1. as relativas ao indivíduo, denominadas Ontológicas, quais sejam: Ser, referindo-se a qualidades; Ter, a coisas; Fazer, a ações; e Interagir, a inserções em contextos; e

2. as relativas a valores, denominadas Axiológicas, em número de nove: Subsistência, Proteção, Afeto, Compreensão, Participação, Lazer, Criação, Identidade e Liberdade.

MATRIZ DE NECESSIDADES		ONTOLÓGICAS			
		SER	TER	FAZER	INTERAGIR
		Qualidades	Coisas	Ações	Pertencimento
AXIOLÓGICAS	Subsistência	FS - A1	FS - A2	FS - A3	FS - A4
	Proteção	FS - B1	FS - B2	FS - B3	FS - B4
	Afeto	FS - C1	FS - C2	FS - C3	FS - C4
	Compreensão	FS - D1	FS - D2	FS - D3	FS - D4
	Participação	FS - E1	FS - E2	FS - E3	FS - E4
	Lazer	FS - F1	FS - F2	FS - F3	FS - F4
	Criação	FS - G1	FS - G2	FS - G3	FS - G4
	Identidade	FS - H1	FS - H2	FS - H3	FS - H4
	Liberdade	FS - I1	FS - I2	FS - I3	FS - I4

FS = Fator de Satisfação

Necessidades Humanas Fundamentais

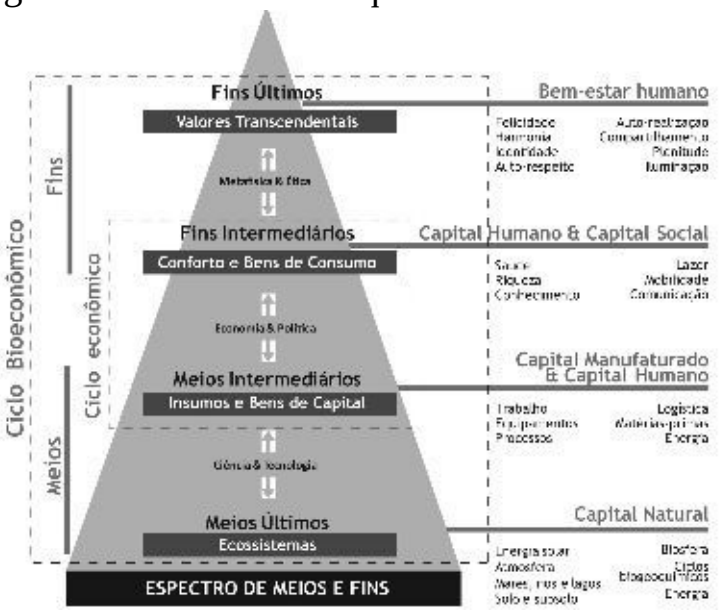
“Mas vamos mais a fundo, façamos um *zoom* nessa abordagem de Max-Neef. Esquematicamente, temos uma matriz que combina as quatro necessidades Ontológicas com as nove Axiológicas, resultando isso em 36 células, cada qual comportando um Fator de Satisfação que, segundo o autor, é aquela condição capaz de atender uma situação específica de carência que corresponda a uma dada célula da matriz – combinando o aspecto Ontológico com o Axiológico. É algo novo como conceituação que os Fatores de Satisfação não assumam validade universal, sendo ao contrário definidos de modo particular no contexto de cada cultura.

“Uma importante consequência é que, à vista desse modelo, podemos redefinir o conceito de pobreza, desvinculando-a de aspectos estritamente econômicos de riqueza e renda: cada uma das células que não conte com um Fator de Satisfação adequado revela um tipo de pobreza, podendo assim, numa dada sociedade ou contexto cultural, existir inúmeros tipos de ‘pobreza’. Imaginemos que possa existir uma ‘pobreza’ na dimensão ontológica do Ser relativa ao valor Lazer, por não se terem alcançado os Fatores de Satisfação ‘imaginação, curiosidade, tranquilidade e espontaneidade’, por exemplo; ou uma ‘pobreza’ na dimensão ontológica do Fazer relativa ao valor Compreensão, por não se ter podido exercer os Fatores de Satisfação ‘analisar, estudar, meditar e investigar’, tomando um outro exemplo. É ainda oportuno se mencionar que as necessidades de natureza axiológica de Max-Neef mantêm uma similaridade – diria eu, inevitável, pois se referem ao mesmo fenômeno – com a Pirâmide de Maslow, apresentada e comentada em capítulo anterior.

“Vejo como desdobramento desse modelo de Max-Neef uma possível caracterização daquilo que seja a felicidade, menos filosófica e polissêmica e, portanto, menos polêmica, e mais operativa e ajustada cultura a cultura, a saber: a felicidade derivaria da satisfação equilibrada de todos os 36 aspectos que surgem do cruzamento das necessidades Ontológicas com as Axiológicas. A felicidade plena seria atingida se nenhuma pobreza fosse detectada em nenhum aspecto, em nenhuma célula; se ainda nenhuma canibalização de uma necessidade que tenha sido intensamente satisfeita, ocorresse sobre outra que tenha sido preterida ou atendida em nível parcial; e igualmente se nenhuma necessidade tivesse sido falsamente satisfeita. Ora, então: não seria a felicidade esse estado de satisfação total e abrangente de todos os fatores, aqui tão amplamente caracterizado quanto difícil seria de se atingir?

“Emerge disso uma questão de maior alcance e alta especulação: felicidade é resultado em si e brota na vida das pessoas como recompensa de uma vida correta ou é meta a ser assumida pela sociedade? Ocorreria em virtude do desejo de praticar a boa causa, de um conjunto de intenções orquestradas sem que se tivesse que mudar estruturas e processos para que fosse atingida: bastaria simplesmente almejá-la sempre, obstinadamente? Ou demandaria ação efetiva das comunidades, algo planejado: sabendo-se o que nos poderá fazer felizes, nos caberia organizar o conjunto das atividades humanas em torno de um modelo civilizatório compatível com esse quadro? Voltando aos maias: os deuses, por via hierática, comunicavam as metas finais a perseguir pelo povo, e todo o resto a partir daí se estruturava.

“É interessante confrontar uma dinâmica singela como essa, que poderíamos até chamar de primitiva, com modelos transdisciplinares que se desenvolveram no passado recente. Refiro-me neste caso aos autores Herman Daly, que forjou um construto denominado Espectro de Meios e Fins – EMF, e Donella Meadows, que aperfeiçoou e ajustou esse modelo. O EMF apresenta de forma organizada e sequencial os vários estágios e i



nterfaces da atividade humana, de modo associado a quatro capitais: Natural, Construído, Humano e Social.

Destaque-se que o capital Financeiro, que muitos põem lado a lado com os outros quatro, não está aqui considerado, pois na verdade constituir-se-ia apenas num meio de troca entre os vários capitais.

“Desçamos agora aos detalhes do modelo, veja-se a figura acima. Percebe-se numa primeira visada que o EMF estabelece, como meta e justificativa de toda a atividade humana, e ocupando o topo do triângulo, as qualidades tidas como Fins Últimos que são abrangidas no conceito de Bem-estar. Embora no seu desglosamento o Bem-estar apresente no modelo o termo ‘felicidade’, o conjunto de imaterialidades que o caracterizam corresponde pragmaticamente ao que se poderia caracterizar como ‘estado de felicidade’. Poderia assim a busca da felicidade ser posta como Fim Último (no singular, representando o *summum bonum*, algo conectado com Deus, na forma como Daly desenhou inicialmente o modelo e modificada depois por Meadows), constituindo-se essa busca no direcionador e condicionador de todas as atividades da sociedade. É interessante que os Fins Últimos podem ser vistos – e a própria Meadows assinala isso – como equivalentes às nove necessidades catalogadas por Max-Neef na dimensão axiológica do seu modelo de Necessidades Humanas Básicas: seriam assim as necessidades axiológicas, que expressam valor, a fonte máxima de referência para organizar as atividades da sociedade, e pertenceriam por sua natureza ao domínio da Metafísica – ou Teologia – e da Ética – vejo aqui similitudes com as práticas maias...

“No nível subsequente, os Fins Intermediários, destinados a adicionar valor aos capitais humano e social, corresponderiam, ainda sob o aval de Meadows, aos 36 Fatores de Satisfação definidos por Max-Neef, variáveis, na sua especificidade, no contexto de cada cultura. Já os Fins Intermediários perderiam no modelo a autonomia com que, na prática presente, a autorregularão de mercado lhes brinda, pois os aspectos que abrange – neles presentes, ao lado de condições imateriais, os ‘bens de consumo’ – não seriam mais tema exclusivo da Política e da Econômica mas, do mesmo modo que esta, se subordinariam aos propósitos superiores da Teologia e da Ética, que se conectam com o desiderato da felicidade. Temos assim no EMF que os Fins Intermediários, que englobam todos os benefícios que a atividade econômica possa oferecer, estariam subordinados ao atingimento do estado de felicidade da sociedade.

“Quanto aos Meios Intermediários, formam estes, no modelo, a ponte entre as atividades econômicas – capitais construído e humano – e os ecossistemas, que integram o capital natural e são homólogos aos Meios Últimos. Os Meios Intermediários englobam todo o instrumental e os materiais utilizados pelas pessoas e organizações para gerar o produto econômico, bem como o trabalho para gerenciar e operar tais fatores. São regidos pelas determinações que emanam da Política e da Economia e pelas possibilidades criadas pela Ciência e Tecnologia – entendido que tanto as definições da Política e da Economia como os focos da Ciência e da Tecnologia já estejam pautados pelas definições superiores, que se filtram, como balizadores, dos propósitos que compõem os Fins Últimos – os marcadores do ‘estado de felicidade’ implícito no Bem-estar.

“Na base, encontramos os Meios Últimos, que são integrados pela energia e matéria de baixa entropia que o planeta Terra, em parceria com o Sol, nos oferta. Configuram o capital natural, que é o aspecto mais sensível de todo o construto vertical, pois se não forem respeitados seus ciclos biogeoquímicos perde resiliência, não se recompõe dos avanços humanos sobre a integridade da sua textura e, como resultado, se abrevia o tempo da sua finitude, a qual lhe é inerente: o capital natural é a representação concreta do único planeta Terra de que dispomos para viver, um sistema fechado e que tende naturalmente à entropia progressiva. Cabe esclarecer que o uso insustentável do capital natural fica atestado quando as fontes de recursos estão em declínio ou os sumidouros de matéria e energia de alta entropia estão aumentando: a regra é viver da renda do capital natural, e não do seu uso, amplificador da entropia.

“Visto tudo isso, eis agora uma situação paradoxal que ocupa o cerne do tema da sustentabilidade. O capital natural é detentor dos recursos para a construção dos nossos artefatos civilizatórios, isto sabemos, utilizando as conquistas e descobertas da Ciência e Tecnologia, mas, ao mesmo tempo e principalmente – e isto não é tão visível –, provê os serviços dos ecossistemas que sustentam toda a Teia da Vida – a vida humana, em particular – e a própria trama civilizatória, que é por sua vez a essência do capital social. Isso nos põe uma miríade de escolhas intertemporais para desarmar esse paradoxo, todas baseadas na antinomia ‘Conforto X Vida’: mais confortos hoje, menos vida no futuro; mais condições vitais preservadas hoje, mais confortos no futuro; e assim por diante, numa combinação infinda para os inúmeros casos particulares que se nos apresentem.

“Sem nos atermos muito a rigores de expressão, as atividades econômicas se dão no âmbito dos Meios, onde em essência se caracterizam pelos esforços aplicados à construção de bens e serviços a oferecer à sociedade; esforços implicam custos. E os benefícios associados a esses custos ocorrem no âmbito dos Fins. Aqui surge então a reconceituação da ideia de desenvolvimento sustentável, na moldura do Espectro de Meios e Fins. Na base está a Sustentabilidade, como condição construída no bojo das atividades compreendidas nos Meios, poderíamos dizer no âmbito da economia. No topo se situa o Desenvolvimento, como métrica de sucesso para os Fins: o desenvolvimento é a situação almejada como resultado final das atividades-meio.

“Se sustentabilidade é o mantra para os Meios Últimos, eficiência é o mandato para a transformação dos Meios Últimos em Fins Últimos. Mas não bastaria apenas realizar uma transformação sustentável e eficiente de Meios em Fins: é preciso que todas as pessoas – ao menos, como aspiração idealizada – se beneficiem dessa transformação. Assim, chegamos à democratização dos Fins Últimos, à difusão do ‘estado de felicidade’, do Bem-estar: e a palavra-chave para isso é suficiência – segundo o EMF, o critério final de avaliação dessa sociedade reinventada.

“Ensina-nos o modelo EMF que uma sociedade poderia, hipoteticamente, tornar-se rica em Fins Intermediários (capital social e humano), mercê de tecnologias poderosas e de uma economia eficiente e equitativa – aliás, é essa a descrição do cenário que vivemos no presente, com ressalvas para o ‘equitativa’. Mas se a sociedade estiver ‘espiritualmente estéril’, na expressão de Meadows, a abundância não trará o ‘estado de felicidade’, da mesma forma que se as tecnologias utilizadas estiverem sistematicamente depreciando os Meios Últimos, o construto inteiro do EMF ruirá, não importa quão excelentemente atendidos estejam os níveis superiores. Os extremos do modelo são seus componentes mais sensíveis e críticos...

“No ideário do EMF, faz-se também uma nítida e inequívoca distinção entre desenvolvimento e crescimento, que não se encontra no universo conceitual poluído e na linguagem displicente do *mainstream*. Nas palavras de Meadows: ‘A meta do crescimento econômico perpétuo deveria ser vista como insensata, em parte porque a base material finita não poderia sustentá-lo, em parte porque

a realização plena do ser humano não demanda isso'. Aqui, desenvolvimento não significa desenvolvimento econômico, um eufemismo traiçoeiro para crescimento...

"À vista dessa consideração, a expressão Desenvolvimento Sustentável se despojaria de sua condição de oximoro, uma vez que a ideia de desenvolvimento estaria vinculada ao atingimento da plena realização dos indivíduos, do *summum bonum* de Herman Daly, resgatando a postulação visionária de John Stuart Mill, apresentada há quase dois séculos.

"Finalmente, impedindo o fluxo harmônico entre os dois extremos – Meios Últimos e Fins Últimos – estaria o 'consumo como identidade' – tema que emergiu neste conversatório em vários momentos – pois faria estagnar à altura dos Fins Intermediários a dinâmica de realização dos propósitos da sociedade: seria situar o 'consumo como fim'. A afirmação da identidade, no EMF, se situa no nível dos Fins Últimos e não poderia, na lógica do modelo nem em uma conceituação mais elaborada do significado da vida, se restringir a uma satisfação puramente material, onde a escolha intertemporal se fizesse sempre em favor do imediatismo. Em suma, o modelo completo do EMF, com os seus Meios e Fins, Intermediários e Últimos, cada qual na sua função e significado, e os quatro interconectados, sinaliza um novo paradigma, o da **bioeconomia**.

"Da mesma forma como a pegada ecológica rastreia o estado dos Meios Últimos, o acompanhamento da evolução dos Meios e dos Fins Intermediários se faz pelo IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, para os capitais humano e social, e pelo PNB ou PIB, para o capital construído, deixando aqui ressalvado que os fatos que o cálculo do produto captura e contabiliza são passíveis de acerbas acusações, e com justiça, de desfigurar a criação do valor que deveria medir.

"Do mesmo modo, também os Fins Últimos requerem um instrumento que seja capaz de definir, dentro de cada cultura ou agrupamento de civilizações afins, o Bem-estar que tenha significado em cada qual, emitindo os decorrentes sinais organizadores ao longo do triângulo do EMF, como pauta a cumprir nas várias instâncias, dentro dos critérios de sustentabilidade, eficiência e suficiência. É essa uma chance e tanto para o FIB vir a preencher essa lacuna, desde que se enquadre numa abordagem transdisciplinar e se articule com as demais

métricas já em aplicação – deixando de desafiar o PIB na sua irônica denominação. Todo esse engendramento remete muito ao modelo de governança dos maias e aos anelos de felicidade dos antigos helenos...

“Por fim, vamos ao tema dos prognósticos de iminente ruptura da ordem planetária por mecanismos inusitados. Não creio ser sensato e prudente deixar a ordem geral das coisas para ser resolvida no entrechoque das profecias, com destaque para as alegadas previsões para 2.012. De todo modo, logo vamos poder constatar se o mundo vai realmente virar de cabeça pra baixo e depois se aprumar em uma nova ordem, ou se continuaremos nós, falíveis humanos, ainda os responsáveis de botar ordem na casa.

“Como um dia afirmou Kurt Lewin que, inspirado na física, levou para a psicologia social os princípios dinâmicos daquela ciência, ‘Não há nada mais prático do que uma boa teoria’. Está aí posta toda uma teoria. Falei!!!”

Pobre Fernanda! Levou na testa com toda essa robusta e extensa maçaroca, que a alcançou, como de costume, via e-mail – chegou a zonzear, não apenas pelo ver, mas por certo depois do ler. “Será que TUDO”, exclamou com muita ênfase no tudo, e certa irritação, “já não foi dito??? Sobrou algo pra mim?” E com essa indagação incômoda em aberto foi dormir, a madrugada que ia alta aumentava-lhe a ansiedade. Ao despertar, mal a claridade tomara conta, tinha já muitas coisas a dizer, e o fez – leia-se a seguir.

Réplica de Fernanda: a controvérsia da felicidade

“Começo por Shakespeare. Transgredindo a advertência do poeta, atrevo-me, também eu, a perguntar de novo, socrática e seriamente: mas o que é, afinal, a felicidade? Perguntinha quiçá impertinente ou no mínimo facilmente enquadrada em um ‘filosofês’ barato, fazendo jus à típica imagem do sábio perguntador que esconde sua ignorância em contínuas interrogações... bem, que fazer? A pergunta se impõe porque na verdade ela é minha pedra no sapato, ou, como diria Drummond, no meu caminho, qual seja. Como já dizia a meu colega Vico, e agora reitero, inquieta-me a equivalência que tão prontamente estabelecemos entre felicidade e satisfação de necessidades. Por isso a pergunta sobre o que é a felicidade vive a me perseguir, malgrado as minhas tentativas de dela escapar. Certo é que almejar ser feliz é bom quando o foco é o indivíduo, e nobre quando pensamos na sociedade. Mas... de que felicidade

estamos falando? O que traz felicidade, no plano individual, é um enigma tão misterioso quanto a fórmula da felicidade coletiva.

“Digamos que seja o prazer e que, em termos gerais, prazer seja ausência de dor ou de tensão (ausência de tensão que acompanha ou a satisfação de uma necessidade ou a ausência dela). Esta definição não conflita, inclusive, com a ideia de imperturbabilidade (ou *ataraxia*) de que falavam os helenos – epicuristas, estoicos e cínicos – de outrora. Sem dor ou tensão estamos ‘na paz’ ou imperturbáveis. Esta parece, portanto, uma boa definição, até porque assim podemos equivaler bem-estar e felicidade, o que é palatável e razoável. OK! Até aí caminhamos sem muitos percalços.

“Bem, ‘sem percalços’ em termos. Concordar com a definição de felicidade equiparada ao bem-estar oferece, na verdade, ainda que poucos, alguns percalços, mas é no caminho escolhido para atingi-la que a coisa se complica. Como ser feliz? Buscando cada vez mais recursos para satisfazer necessidades e instrumentos que aliviem ou eliminem a dor? Ampliando a cada dia o espectro de objetivos, colocando sempre uma cenourinha à frente da alimária para garantir que a roda não pare? Nosso modelo civilizatório se constrói a partir de um rotundo ‘sim’ a estas perguntas e voltamos ao famoso meme-mestre – crescer, crescer, crescer. E viemos parar onde estamos – colapso iminente do sistema e infelicidade como queixume...

“É neste ponto – o caminho a escolher para chegar à felicidade – que a filosofia dos estoicos e epicuristas parece abrir uma clareira. Em lugar de buscar a felicidade tentando incrementar as ferramentas para a satisfação de necessidades, eles propunham, através da disciplina e de práticas de autoconhecimento e autocultivo, atingir o cerne do que eles consideravam o germe da infelicidade, ou seja, da perturbação – a desmesura do desejar. Se não se deseja, ou se se deseja com moderação, ou não há frustração ou perturbação, ou há poucas necessidades e escassas possibilidades de frustração. A figura do sábio heleno é a de um ser liberto da necessidade, capaz de abstenção ou moderação, e portanto... feliz!

“Porém, aí vem a questão: em uma grande escala, a da sociedade como um todo com seus fins, é desejável não desejar? Será que uma sociedade onde o desejo é malvisto e condenável não deixaria as pessoas inertes e conformadas,

vítimas de um determinismo exagerado? Já tivemos mil anos de Medievo para mostrar que o ascetismo exagerado – com a condenação do desejo e com a sua satisfação atrelada à noção de pecado e ao determinismo das leis tidas como divinas – acaba por trazer opressão e violência. Aquilo que era uma premissa individual e fruto de escolha particular no helenismo, quando foi generalizado como máxima a ser seguida universalmente não levou ao bem-estar e, portanto, não conduziu à felicidade.

“Assim, não é de se estranhar que, a partir do Renascimento e da invenção do Liberalismo, se tenha buscado uma libertação das amarras da religião – tal como no caso dos maias – e que o autocontrole e o domínio sobre os desejos tenham passado a ser considerados aprisionadores, em lugar de sinais de liberdade. No horizonte do Liberalismo estão as mesmas figuras – felicidade e liberdade. Só que agora a foto é outra. Se os helenos buscavam ser livres dos desejos para ser felizes, imperturbáveis, e os católicos do Medievo agiam para escapar da punição pelo pecado ou almejando a recompensa no além-vida, o Liberalismo surgiu, na sequencia, articulando de maneira diferente os mesmos elementos – ser livre para desejar e satisfazer os desejos, ou seja: ser livre para produzir e consumir. Aí está a confusão ‘ser-ter’...

“Tenho que convir que o modelo de Max-Neef, ao enumerar tantas e tão diferentes necessidades, em tão diversos níveis, se torna um excelente instrumento para pensar pobreza-riqueza como multifatorial... e ao abrir espaço para que estas necessidades se apresentem em cada cultura, vai ao ponto já notado de que, se está ligada ao prazer e ao bem-estar, a felicidade tem várias faces, varia no tempo e no espaço, para cada pessoa e cada cultura. Ao contemplar essas diferenças, Max-Neef acerta onde muitos erraram. Hoje em dia há muitos autores, latino-americanos sobretudo (cito, por exemplo, o argentino Enrique Dussel e o cubano Raúl Fornet-Betancourt), que criticam o etnocentrismo presente no pensamento europeu e norte-americano sobre a ética e os valores humanos. Segundo eles, autores como Kant e Hegel cometem imprecisões ao tomar como universais valores que se circunscrevem à sua cultura (no caso destes dois, a alemã) e por isso terminam por formular éticas opressoras e injustas, que não contemplam as diferenças culturais e terminam por empobrecer os caminhos possíveis para o desenvolvimento em cada contexto. Para os ‘etnocêntricos’, segundo os seus críticos, a história teria um só caminho a ser percorrido, uma só finalidade, e cada cultura estaria em um

ponto deste caminho, já predestinada, sendo apenas mais, ou menos, desenvolvida. Consequência: um único modelo civilizatório e a homogeneização cada vez maior das culturas seriam o parâmetro norteador da política e da economia.

“Bem, se a ideia é criticar nosso modelo e pensar alternativas para melhor viver, de maneira mais justa e feliz, é realmente fundamental, em qualquer nível de governo, criar mecanismos para captar as necessidades das pessoas. Como fazer isso? Aí a criatividade e a inovação entram, norteadas a contemplar diferentes valores em cada contexto e também a confrontar esses valores com os das demais culturas. Um desafio e tanto, sem dúvida, e um processo constante... Mas talvez mais eficiente do que prefixar valores que não sejam realmente ‘valiosos’ para quem pensamos que deveria ser orientado por eles. É um caminho, penso eu, e o esquema de Max-Neef dá bases para diagnosticar necessidades em cada cultura. Mas... fico pensando: se o esquema é bom como diagnóstico das necessidades de uma sociedade, como é que isso se enquadraria numa sociedade concreta, com suas tão variadas dimensões – a economia e seus fluxos, as pessoas, o meio ambiente? Que aparato teórico teríamos para isso?”

Rotina inexorável: leitura e releitura do material de Fernanda, já impresso nas conformidades habituais. Um sentimento: admiração. “Uma belíssima elaboração! Completo e definitivo...”, avaliou Homero. Uma sensação: esgotamento – que mais dizer sobre esse tema crucial, recorrente no pensamento trivial do nosso dia a dia e hóspede permanente das conjecturas eruditas? Era entretanto de praxe e de direito transmitir à filha essas suas reações, e Homero o fez de modo ao mesmo tempo requintado e carinhoso: “Parabéns pela lucidez, Fernanda! Nossa maiêutica produziu um belo exemplar. Muito bom!.”

Feito isso e como que expressando uma inquietude ainda residual, Homero manuscreveu, decidido, em letras de forma, grafadas inclinadamente no espaço em branco de meia página abaixo do final do texto impresso de Fernanda, numa espontânea homenagem ao inigualável Rubem Alves: “OSTRAS FELIZES NÃO FAZEM PÉROLAS!”. Interprete-se o subtexto: “Questiono se a felicidade é tão essencial assim...”

Ponto final para o assunto ou abertura de uma nova rodada de discussões? Pelo sim, pelo não, nada para agora. Não havia apetite nem capacidade digestiva

sequer para mais uma mísera côdea, que dirá para enfrentar uma nova comilança... Ficamos assim, para o tema, com um *hasta la vista!* ressoando no ar.

LOGOS 3

O Exterior da Caveira

É que se fores, a um tempo, honesta e bela, não deves admitir intimidade entre a tua honestidade e a tua beleza.

Hamlet, Ato III, Cena I

O que significa...

Simboliza o deus Mercado.

Disfarça-se no rosto, onde se situam todos os principais pontos de percepção, contato e prazer. Conecta-se com a mandíbula, por onde ecoamos nossa música pessoal. É a máscara que reveste a pessoa:

- Olhos que captam as cores, os movimentos e as formas;
- Narinas que sorvem os aromas e os maus odores, inebriando, os primeiros, e os últimos repugnando;
- Ouvidos, que captam as vibrações da matéria, os ruídos e as musicalidades, as vozes;
- Boca, que beija, que cospe, que saboreia, que emite os sons da fala, da alegria e da dor.

Comporta os ornamentos dos cabelos e da barba, além dos artifícios embelezadores da maquiagem.

Põe em movimento o motor da máquina humana.

Corresponde em astrologia ao Ascendente, que rege a maneira como nos manifestamos no mundo.

Pelos seus atributos, o Exterior da Caveira guarda relação com o Shiva do hinduísmo, o transformador da vida com sua dança cósmica.

Na tradição judaico-cristã, poderia ser associado ao Messias, que resgatará o povo hebreu do exílio, ou ao Deus Filho da Santíssima Trindade, o Salvador da humanidade para os cristãos.

...e como se manifesta.

É justamente isso: resgate. É no Exterior da Caveira, ou por meio de sua exterioridade, que buscamos resgatar a inocência perdida, que em nos habitava quando, infantes, ainda não sabíamos não sermos imortais. Por meio dos mecanismos que ela propicia, insistimos em reaver aquela sensação de que num dia remoto, e talvez produto do imaginário então em pleno esplendor, fomos felizes e poderemos voltar a sê-lo. É a peleja para escapar da Caveira Interior que nos espera, implacável, um dia... desvestida esta de seu recheio e de seus ornatos externos. De fugir do Fim.

Se sua coirmã, o Interior da Caveira, é tida como o reino da racionalidade, embora ali se alojem e dali se irradiem também as emoções, aqui no Exterior da Caveira se manifesta com avidez a ânsia por sensações hedônicas e pelo exercício do poder pessoal: o poder do dinheiro, da riqueza, do consumo.

Sua relação com o mundo da economia é direta e plena: boa parte dos fenômenos da vida são capturados pelo Exterior da Caveira sob a forma de indicadores econômicos e enviados aos centros encefálicos de processamento. São eles que nos dizem se a vida vai bem ou vai mal, se tempos melhores virão, ou não. Se há esperança...

A períodos, a nostalgia do simples assola o Exterior da Caveira e lá vai ela em busca do mundo natural, impulsionando seu portador às suas origens meramente biológicas onde ele se assume uma das espécies vivas. E no mais das vezes descobre que o que sobrou desse mundo natural é pouco para os muitos que somos sobre o planeta – e que fazer com a necessidade do ter, se o ser se embotou? Resta então o consolo do consumo... que vai nos restaurando a sensação de poder, ainda que postiça, que a perda de contato conosco mesmos nos usurpou. E que nos afasta, por justamente acionar secreções hormonais ligadas ao prazer, da percepção da nossa própria finitude, numa mitigação efêmera.

Compreender aonde nos leva o Exterior da Caveira quem sabe é o começo de um retorno ao que de fato sejamos, abandonando a sofreguidão de acumular mais e mais que nos reduziu àquilo que possuímos, que é o que acaba restando como consequência da dissolução de nossa identidade como humanos.

Os argumentos que emanam do Exterior da Caveira podem ter o dom de motivar quem os leia a dar a partida a esse retorno a si mesmo, à sua natureza autêntica, e

a se redescobrir numa nova postura perante o mundo.

Dinheiro, Incerteza e Lucro: o Trio Elétrico do Capitalismo

“Dinheiro é Vida”, condição imposta como fruto da incerteza existencial que nos subjuga a todos.

Prolegômenos / *Como talvez por lá se diria – e quem diria! –, Homero foi dar com os seus burros em Lisboa. Na verdade, a expressão corriqueira é “dar com os burros n’água”, numa alusão ao que ocorreu com os gregos sob o comando do general Xenofonte: retornavam derrotados de uma incursão bélica à Pérsia, em auxílio ao imperador Ciro, o Moço, na luta pelo poder contra o irmão Artaxerxes II e, ao ver o mar, exclamaram, eufóricos: “Tálassa! Tálassa!”. Foi nesse sentido que deram com os cavalos (com os burros, na versão adulterada) n’água: chegaram às margens do Egeu – o que foi de excelente augúrio, pois o mar sinalizava a possível travessia de 10 mil soldados de volta à casa, a Hélade, após indizíveis agruras. A vinda de Homero a Lisboa foi, igualmente, auspiciosa, motivada por afazeres do nada fazer e por alguma atividade profissional, amena. E por infindáveis conjecturas sobre a temática diletante que abraçou.*

Foi coisa de uma semana, tempo certamente exíguo para empreitadas de larga envergadura, considerando os inescapáveis roteiros culturais, as visitas a sítios notáveis e alguma experimentação gastronômica – afinal, de tudo isso, o que não se pode é deixar de comer, e aqui, particularmente, deixar de experimentar a farta e valorosa variedade vinícola. Nada impediu, entretanto, que escritos na linha da sua predileção fossem vertidos nessa sua estada lusitana, e eis o primeiro registro de Homero nessa linha.

A Delicada Borboleta Chinesa / “Sempre me perguntava se não existiria um disparador primordial, como a borboleta do meteorologista Edward Lorentz, que tivesse desencadeado todo o processo de desestabilização da nossa sociedade, que vem colapsando numa inexorável deterioração socioambiental. Afinal, todos os fenômenos complexos obedecem aos princípios da Teoria do Caos: mínimas causas iniciais se amplificam na complexidade exponencial do sistema e terminam por gerar extraordinários efeitos deslocados no espaço-tempo, de modo tal que a relação causa e efeito se mascara, impedindo-nos de deslindar de pronto a dinâmica do processo.

“Após muitos questionamentos e infindáveis verificações de formulações teóricas sobre ecologia, economia e sustentabilidade, leitura de textos históricos,

reportagens e matérias da imprensa, e *insights* intuitivos, espontâneos ou baseados em leituras, entendi que tinha chegado ao ponto: o disparador da insustentabilidade da civilização é o dinheiro. Claro que não me refiro propriamente ao dinheiro na sua materialidade de moedas e notas, mas ao processo pelo qual o dinheiro é criado, circula e se concentra nas mãos de grupos privilegiados.

“Ah! o dinheiro... Seria então ele o vilão? Temos a noção corriqueira de que quem cria o dinheiro e o administra são os governos, mas é uma ilusão, um ledo engano derivado de má informação. O dinheiro, desde a Idade Média, é criado por intermediários que o acumulam e emprestam, no âmbito que hoje chamamos de sistema financeiro, formado primordialmente pelos bancos. Mas o que nos autoriza a eleger o dinheiro como candidato a vilão do desmantelamento da sociedade? Na essência, uma simples particularidade, vejamos a seguir.

“Toda a matéria existente no Universo, por consequência no nosso planeta, está sujeita à já conhecida e inexorável Segunda Lei da Termodinâmica, a Lei da Entropia. Não apenas a matéria, a energia também (o que não é de estranhar, se considerarmos a equivalência einsteiniana entre matéria e energia). Tudo o que existe mais cedo ou mais tarde migrará de um estado de baixa entropia, ou seja, alta organização e, no caso da energia, elevada capacidade de realizar algum tipo de trabalho, para um estado de alta entropia, ou seja, desorganização e dissipação. O que agrava sobremaneira essa tendência natural é que toda ação humana é amplificadora da entropia: a nossa ação no mundo é fatalmente desgastante tanto do que chamamos capital natural, a Natureza e seus processos, como do capital construído por nós mesmos, os artefatos da civilização que criamos para servir como nossas extensões.

“E aí temos então a surpreendente revelação que nos passa, a nós, cidadãos comuns, mesmo que interessados no tema, totalmente desapercebida: o dinheiro foge cabalmente do alcance da Lei da Entropia. Aliás, vai na contramão da física: enquanto todo o resto do Universo decai segundo a segundo, o dinheiro pode ser criado, recriado e mantido nas quantidades desejadas – e haja desejo nisso!!! – e permanece sendo dinheiro, sem decair dessa qualidade. Aos que possam argumentar que o dinheiro também se desgasta, pois as notas perdem textura e coloração, e as moedas, pelo suor de quem as manuseia e pelo efeito do atrito ao longo do tempo, perdem seu relevo, reafirmo que me refiro à carga

informacional que suas representações portam, não aos veículos materiais de que se serve para circular fisicamente.

“Dinheiro é informação pura, suportada por uma crença socialmente avalizada de que vale algo, ou seja, de que vale o que informa valer. Aquilo a que me refiro é o dinheiro no conceito de processo contínuo, que pode ser criado pelo fracionamento das reservas bancárias, em que depósitos viram, exponencialmente, novo dinheiro, até uma multiplicação que pode chegar à ordem de cinco a seis vezes; perto disso, o dinheiro-matéria, notas e moedas, apequena-se ao quase sumiço. E aí vem a bomba conceitual: o dinheiro, nessa característica, é o combustível do crescimento, aquele ‘adorável’ e perverso meme que infesta viralmente a nossa civilização. Se o crescimento é o dragão devorador do mundo material e o esgarçador da textura social, na esteira da ilusão de uma felicidade cada vez mais distante, o dinheiro – que o visionário Caetano cantou como a ‘força da grana que ergue e destrói coisas belas’ (e como destrói!) – é a musculatura robusta que move suas articulações.

“Não bastasse essa temível característica, o dinheiro nivela os seres e objetos segundo o denominador comum do valor financeiro que viabiliza concretizar aquisições, fazendo com que uma floresta possa ser substituída por um reflorestamento, que a cessação de uma vida seja mitigada por uma indenização, em ambos os exemplos o substituto que se adquire com o dinheiro ganhando equivalência com o bem ou ser desaparecido. O dinheiro, por fim, torna todas as coisas fungíveis, intercambiáveis umas pelas outras, pois cria o poder de repor qualquer objeto ou vida, como se por seu intermédio e pelo valor com que é marcado pudesse proceder à compensação da perda nos seus vários significados. Árvores, vidas humanas, edificações, obras de arte, mares, rios, lagos, pássaros, mamíferos, peixes e moluscos, ecossistemas, tribos indígenas, culturas ancestrais – tudo pode ser reposto por outras coisas de mesma e igual função, retornando ao ‘como era antes’, certo? A resposta é que a maioria de nós vem aceitando tudo isso como ‘certo’... e nessa atitude se abriga a causa deflagradora da nossa desordem planetária, atuando como um *big bang* às avessas, devorando coisas, pessoas e valores – os mesmos valores, coisas e pessoas que cabe à sociedade proteger. Esse deflagrador é, parafraseando Alexis Carrel, ‘*O Dinheiro, esse Desconhecido*’, ou essa entidade propositadamente ocultada na sua verdadeira essência e função... A resposta está dada!”

Narrador em *Off* / *Foi lá pelas três horas da madrugada que tudo isso foi sendo vazado. Surgiu de uma espécie de pesadelo do qual saiu ofegante, coração acelerado, com as palavras ecoando em meio a um torpor, donde emanava o refrão "é o dinheiro, é o dinheiro", como que respondendo sinteticamente a indagações que se vinham revolvendo havia dias. Homero registrou tudo na forma como se encontra acima e, com o dealbar ainda distante, enrolou-se nas cobertas e voltou a dormir: tinha ainda um* voucher *de umas três horas de sono a descontar.*

A brisa matinal começava a beijar a folhagem pontiaguda dos ciprestes típicos das regiões temperadas e os tordos já produziam sua habitual cantoria, quando Homero teve esgotado o saldo do voucher *de sono, desta vez sem sobressaltos sudoríferos, e abriu os olhos. Inexorável, já lá estava esperando para dar o seu recado o fluxo incessante do pensamento que, seguindo a rotina da mente, havia prosseguido ativo durante o sono, e que desta vez fez brotar, como um sopro interno no seu ouvido, o mantra: "É o tempo, é o tempo, é o tempo..." – e a alusão ao escrito da madrugada era clara para ele. Sentindo óbvia a referência, Homero logo se disse displicente: "Certo, já sei: tempo é dinheiro, já sei, já se sabe... Tempo é dinheiro, e daí?" Mas a coisa era outra, um pouco mais complicada. Feito o desjejum, o mantra continuava ressoando: "É o tempo, é o tempo..." E Homero começou a desconfiar de que a coisa era bem outra e, para deixar vir o que insistia em se anunciar, se postou receptivo em posição de escrita frente ao computador, do que saiu isto que se segue.*

<u>Dinheiro e Tempo, os Irmãos Siameses</u> / "Primeiro, veio-me a questão do dinheiro. Explorada, fez brotar a percepção de que o dinheiro se beneficia em muito de ser isento dos efeitos da entropia: uma categoria privilegiada neste nosso Universo em decadência material, ainda que no longuíssimo prazo. Prazo... isso remete a temporalidade: prazo é um ponto na linha do tempo. Ligação feita: chegamos do refrão do dinheiro ao mantra do tempo... O tempo aflora agora na esteira das elaborações acerca do dinheiro. O mantra do tempo vem para acrescer algo ao refrão do dinheiro, logo daí pipocando dúvidas: por que dizemos que 'tempo é dinheiro'? que relação guardam essas duas categorias? Ah! benfazejas dúvidas! Parece que por elas nos chega uma chave... fazendo reportar à ideia das escolhas intertemporais, aquela sacada genial do Eduardo Giannetti, a saber: dada a consciência que, como humanos, temos da nossa finitude – somos todos filhos do deus Morte! –, aliada à incerteza absoluta de quando teremos a vida ceifada, então o tempo assume foros de recurso

potencialmente escasso e também de disponibilidade incerta, prestes a se esgotar a qualquer momento, para nós humanos vivos e conscientes. Ponto conquistado!

“Na margem oposta dessa demanda *per se* intensa de tempo, deparamo-nos com uma oferta que, tecnicamente, se classifica como inelástica, ou seja: não importa quanto se esteja disposto a pagar por um átimo extra de tempo, não importa se altíssimo o montante que se esteja disposto a despender, em qualquer hipótese a oferta de tempo é totalmente invariável, limitada a 24 horas por dia, ou 60 segundos por minuto, ou qualquer outra fração cronológica por período equivalente, que se imagine. Como diriam os economistas, uma absoluta inelasticidade marginal! Curioso é que isso subjuga todos os seres vivos – e portanto finitos – à ditadura de um denominador comum: a nós todos é ofertada a mesma porção de tempo, enquanto viventes, por certo... Já a demanda de tempo, em particular a humana, é da mais variada magnitude, obedecendo aos caprichos da paciência individual: os impacientes são sôfregos de mais e mais tempo na sua vida, uma sofreguidão inesgotável, enquanto dure a impaciência. Tempo, assim, se elege como de alto valor, fruto da sua escassez e da sua indiferença às oscilações da procura, e esse valor se magnifica na medida em que mais incerteza percebamos em relação ao futuro, essa aliás, diga-se de passagem, a dimensão crítica do tempo, para o que aqui se discute. Tempo é valor, dinheiro representa valor, *ergo* tempo vale dinheiro, TEMPO É DINHEIRO!!! *Quod erat demonstrandum*, ufa!!!”

Narrador em *Off* / *Pausa... O combustível do cérebro é a glicose e Homero espichou pernas e braços, tomou um ar na janela e... lá se foram esôfago abaixo, depois de devidamente desagregados pela mastigação e saboreados pela língua e adjacências, dois pasteizinhos de Belém que trouxera numa caixinha para viagem do passeio do dia anterior e conservara no frigobar do hotel. Provido da glicose e reenergizado, retomou o texto.*

<u>Falta Tempo na Vida e Dinheiro na Carteira</u> / “Demonstrado pelo lado da escassez o valor do tempo, desponta um outro ângulo capaz de aduzir características ao seu significado, mediante uma abordagem subjetiva e psicológica, e que o reforça como *proxy* do dinheiro e, pasmem os desavisados, isso faz desembocar em que o dinheiro por sua vez se constitui em *proxy* da vida. Sim, da Vida!!!

“Aqui tenho que ser muito explicativo, sob pena de uma desqualificação abrupta do leitor por insanidade presumida e do consequente abandono da leitura. Então, vamos lá, pensemos no nosso dia a dia, na nossa rotina. Estamos sempre e inevitavelmente com nossa vontade energizada, querendo coisas ou não querendo nada – aliás, esta última é uma postura volitiva, também. Quando queremos algo, é porque ainda não o temos, ou temos mas queremos mais daquilo que já temos. Nossa dinâmica psíquica é movida a desejos que geram vontades, e vontades sempre apontam ao futuro, ainda que imediatíssimo: por exemplo, vontade de espreguiçar – é só distender os braços para o alto, respirar fundo e... pronto!

“Quanto mais queiramos, mais intensa se torna a vida e, se aquilo que ocupa a nossa vontade requer mais que um movimento de braços – ou, digamos, não se satisfaz com o mero acionamento do nosso endossoma – então vamos à busca de algo externo, exossomático: uma pessoa, um objeto, uma comida, um lugar, um animal... pode ser nosso pequeno *pet* ou uma maçã na fruteira, não importa. Nesse momento, em que pomos em movimento nosso aparato somático à busca do que estamos querendo, nesse exato momento isso acaba por se transformar numa busca de satisfação de uma necessidade – e nisso nos defrontamos com uma situação de consumo potencial. De novo, o consumo pode ser endossomático, e depende apenas, pondo as coisas em termos mecânicos, de queimar calorias, como fazemos para conversar com alguém, afagar o cãozinho, beijar o parceiro ou a amiga, morder a maçã ou atender à porta; ou será exossomático: vamos lançar mão de algo que temos guardado ou que já está à disposição para uso, ou ainda, se não o possuímos, vamos atrás de adquirir esse item, indo às compras. Bem, resumindo: a vontade, que nasce dos desejos, se transforma em necessidades a satisfazer e, quanto mais necessidades acumulamos por unidade de tempo, mais densidade pomos em nossa vida, o que nos leva a desejar mais tempo para vazar tudo em satisfação. Mesmo assim, ‘será que toda essa congérie de necessidades’, perguntamo-nos, ‘vamos ter tempo futuro para realizar?’– algumas são prementes e indispensáveis, imediatistas; outras, discricionárias, posso postergá-las – mas quanto posso esperar, qual o grau da minha paciência?

“Há nesse caso duas situações determinantes da paciência, ou melhor, da impaciência, pois é sobre ela que agem: a intensidade dos desejos – ‘quero mais vida no meu tempo’; e a percepção de incerteza quanto ao futuro – ‘quanto ainda

viverei para satisfazer todos estes desejos?’ Em ambos os casos, partimos para a realização do consumo: de energia endossomática – calorias e células que se destroem na atividade; de meios exossomáticos – bens e serviços, para falar a linguagem do mercado, que tragam a satisfação buscada. Como não somos, os humanos, motos-perpétuos – longe disso... – a própria energia endossomática, que provém de uma poupança fisiológico-anatômica de calorias e outros nutrientes, tem que ser reposta, via consumo de alimento: para comer, temos que ‘ir às compras’, em última instância...

“Entregar oferendas ao deus Mercado, ‘ir às compras’... tal é inevitável, na sociedade civilizada em que vivemos, onde orbitamos sob o poder gravitacional do modelo econômico vigente. Claro que não me refiro aos pontos extremos da distribuição estatística dos consumidores, àqueles indivíduos que se encontram afastados da média em 3 a 4 desvios-padrão: de um lado, aos que vivem da sua própria produção, que são autossustentáveis; e de outro, àqueles que mal sobrevivem na miséria e que são por isso insustentáveis. Falo sim dos aproximadamente 70% compreendidos na faixa de um desvio-padrão em torno da média – devem estar aí os que, com maior ou menor frequência ou intensidade aquisitiva, terminam por ‘ir às compras’, pois estão inseridos no sistema econômico. E compram com quê? Com dinheiro, esse dinheiro que faz encurtar o tempo de espera dos impacientes, mediante o gasto do que tenham poupado ou do que recém-receberam, ou ainda mercê de um empréstimo que tenham contraído.

“Há uma terceira alternativa: o escambo, a troca direta de bens e serviços sem intermediação monetária, cujo uso cresce no mundo mas que em algum momento acaba infalivelmente esbarrando na transação monetária, pois haverá necessidade de a períodos ingressar no sistema financeiro para adquirir itens não sujeitos a escambo. Curiosamente, o escambo se ajusta sob medida para os 30% que estão fora do sistema e não alcançam dispor de dinheiro, o chamado dinheiro *fiat*, aquele de circulação oficial e forçada. Aliás, muitos desses utilizam já uma moeda local, chamada *backed*, criada e suportada por uma comunidade, mas que não é o foco desta nossa perquirição, embora possa ser uma das soluções para reduzir a aleatoriedade do comportamento financeiro global, pois coloca a gestão do dinheiro no controle da comunidade, blindando-a das oscilações erráticas produzidas pelo fracionamento das reservas bancárias.”

Narrador em *Off* / *Uma noite estrelada, sem nuvens, se exibia lá fora, o sono rondava. Nova pausa para merecidamente bebericar uma caneca de café forte e amargo, com acompanhamento de um* brownie *integral de aveia. Reabastecido de mais glicose e turbinado pela cafeína, Homero podia deixar o* box *e ganhar de novo a pista. E lá se foi...*

Chronosplutomáquia, a Guerra Tempo-Dinheiro **/** "O dinheiro nos permite pôr mais vida em cada unidade de tempo, aquele tempo cuja oferta é inelástica, dando ao que é fracionado em fatias iguais uma característica ilusória de elasticidade, mediante o alargamento artificial de cada fatia: intensifico minha atividade consumindo mais na mesma unidade de tempo, o que só se torna possível se tenho dinheiro em mãos – próprio ou emprestado. Ponho mais vida no meu tempo graças ao dinheiro: tempo me brinda vida agora, me livra da incerteza do amanhã. Curioso: a psicologia existencialista recomenda viver no aqui-agora – 'esqueça-se do futuro'. É o que o dinheiro logra fazer... é o lado 'vida' do dinheiro.

"Está bem que podemos colocar mais vida no nosso tempo aumentando subjetivamente o significado da própria vida enquanto sendo vivida, servindo-nos da ioga, da meditação ou da reflexão filosófica. Certo, essa pode ser a própria via de escape da servidão ao sistema econômico, mas no momento estamos trabalhando exatamente sobre os motivos e causas que nos retêm nessa vassalagem.

"Vamos lá, juntemos agora as coisas: vida, tempo, incerteza, desejo, impaciência, dinheiro, consumo, entropia. Organizemo-las então, começando pelo dinheiro. O dinheiro pode ser emitido livremente pelo sistema financeiro para atender ao desejo de mais vida por unidade de tempo, mediante a aceleração da produção de bens e serviços, ao crescimento econômico. A isto temos chamado de progresso: são mais empreendimentos, vale dizer, mais capital construído, que geram empregos e renda, ou seja, realocam o dinheiro, e geram produtos, tangíveis e intangíveis, que convidam por sua vez ao consumo da renda gerada. Se os desejos não exigem gastar a renda quando recebida, refletindo um maior grau de paciência, estou diferindo o tempo do meu consumo pela opção de poupar, mas também sujeitando a renda recebida aos azares que a incerteza traz. O valor a consumir acaba ampliado pela agregação dos juros, que compensam a espera e a incerteza: não consumo um tanto agora, mas vou

consumir um tanto a mais no futuro, considerando que os juros cobrem a inflação da moeda. Os juros são o prêmio pela renúncia ao uso presente e pela espera da disponibilidade futura, bem como pela incerteza envolvida e aceita.

“Ocorre que há a mencionada desigualdade de condições objetivas entre o dinheiro – que poderíamos, agora, chamar de capital financeiro – e o capital natural: o primeiro, cresce à medida dos desejos de quem o controla, atribuindo-lhes por isso mesmo imenso poder; o segundo sujeito está à entropia, cuja ocorrência é antropicamente ampliada justamente pela aplicação crescente do dinheiro na atividade econômica – e esse crescimento, já o sabemos, tende a ser ilimitado, situação dramática face aos recursos materiais e energéticos que mobiliza, limitados e... sujeitos à Lei da Entropia. Não é à toa que o nosso modelo civilizatório se encontra na situação dilemática e ameaçada do presente.

“Pode haver algo mais expressivo do poder do dinheiro do que a célebre frase: ‘*Dê-me o controle do dinheiro de uma nação e não me importará quem faça as leis*’, proferida por Mayer Amschel Rothschild nos idos do século XVIII? A edição da revista *Forbes* de 2.005, dedicada aos ‘Vinte Mais Influentes Homens de Negócios de Todos os Tempos’, referiu-se a esse Rothschild como o ‘pai fundador das finanças internacionais’. Há que atribuir peso e pertinência a essa declaração...

“Para moderar essa voracidade e prepotência que a posse do dinheiro traz consigo, três propostas se destacam dentre as muitas que têm sido feitas – todas de problemática execução pois ameaçam o poder de comando das elites políticas e financeiras encasteladas nos seus *bunkers*. A primeira seria a extinção gradativa da faculdade dos bancos, mediante uma mínima regulamentação no plano internacional, de gerar moeda, a tal moeda escritural, limitando-se assim a criação de dívidas – saques antecipados para realizar no presente o que o futuro incerto poderia obstar –, restrição essa que se estenderia também aos derivativos financeiros, ao mercado de futuros e à arbitragem entre moedas, práticas que produzem a mesma desmedida ‘multiplicação dos pães’. A economista-futurista Hazel Henderson denominou esse tipo de atuação desregrada do sistema financeiro mundial como Cassino Global, cuja extinção eliminaria um mero jogo de azar que se traveste de operações legais, reduzindo o montante de recursos financeiros disponíveis para transações a um nível compatível com o volume de bens que são produzidos e comercializados no setor real da economia.

“A segunda seria a instituição de uma governança mundial que tivesse a si atrelada, sob o seu comando, uma espécie de banco central que limitasse a faculdade dos governos de criar dívidas e, consequentemente, emitir moedas para financiar as suas ações, sujeitando-os a regras rígidas e punições severas. Tão distante, entretanto, parece a viabilidade de um tal mecanismo...

“A terceira é a criação no sistema financeiro do *demurrage*, em contraposição aos juros que são a prática corrente: o dinheiro parado, depositado, pagaria uma taxa de permanência, a título de ‘custo de carregamento’ – equivalente prático de uma inflação predefinida e administrada – que forçaria a aplicação imediata de qualquer excedente financeiro em atividades no setor real, em bens e serviços, desestimulando a prática insustentável de criar dinheiro como saque contra o futuro. Deixando de constituir-se numa reserva de valor, com o *demurrage* o dinheiro passaria a ser apenas um meio de troca, alinhando-se aos processos naturais do qual é separado pelas características que o tornam, como já vimos, insubmisso à Lei da Entropia.

“Ocorre-nos neste instante a famosa sátira de Homero (o grego!), de título *Batraquiomiomáquia*, em que o épico vate relata uma guerra – *maquia* – entre rãs – *batraquio* – e ratos – *mio*. No nosso caso, a ‘guerra’ se daria entre os deuses Chronos – tempo – e Pluto – dinheiro. Inspirados nessa veia lírica, poderíamos atribuir ao dinheiro o dom de mitigar a nossa incerteza, face à impiedade do deus do tempo, Chronos, que nos leva daqui deste mundo a seu arbítrio implacável... Enquanto duramos, queremos desafiar Chronos e pôr mais vida em nosso tempo, alargando artificialmente a sua duração, e o dinheiro, o deus Pluto, é o nosso aliado nessa façanha!

Emerge desse conjugado de influências a dúvida: seremos verdadeiramente altruístas? Como se explicaria então que para o abrandamento de nossa impaciência destruímos hoje, agarrados às asas aceleradas do dinheiro, a fina tessitura que continuará sustentando não apenas a vida presente, que já se esgota veloz, mas a vida futura dos que herdarão o nosso mundo, a nossa civilização? Poderemos conciliar um dia, nos nossos corações e mentes, nas nossas ações no mundo, Chronos e Pluto, os deuses gregos que, sempre em conflito no nosso íntimo, regem a nossa vida civilizada?”

Narrador em *Off* / *Dizem que nas sinfonias, que nos soam como um contínuo polifônico ininterrupto, há mais pausas que música, se nos detivermos em cada*

instrumento e computarmos o total das suas pausas confrontado com os momentos de sonoridade. As pausas respondem assim, mercê da cadência que introduzem, no mais das vezes imperceptível, pela musicalidade da execução e pelo embalo que nos enternece ou magnetiza. Assim ocorre com nossa atividade: é nas pausas, nas paradas inativas, que elaboramos o próximo lance de ideias. Foi com essas ideias vagando pela mente que Homero se autojustificou de interromper o trabalho e ir dormir, preparando-se para o lançamento final do dardo no dia seguinte – havia algo de épico nas suas intenções para o fecho do seu escrito.

Cumprida a rotina do pós-despertar, que incluiu no caso o desjejum, Homero decidiu rumar para os arredores do Castelo de São Jorge, sítio altaneiro com vista privilegiada do Tejo, no centro de Lisboa. Fantasiava necessitar da energia do santo guerreiro para prosseguir e concluir com êxito os seus desígnios. Sentou-se à mesa de uma das tavernas próximas e principiou.

Chuva com Trovoadas em Nova Iorque / "A metáfora da borboleta que encabeça todo este arrazoado tinha que nos brindar com um desfecho satisfatório que justificasse a sua invocação vestibular. Tudo o que se escreveu entrementes foram argumentos e considerações que definitivamente não correspondem, na metáfora, à tempestade em Nova Iorque que o adejar da borboleta de Pequim haveria desencadeado. Falamos das gotículas aquosas que se aglomeram em nuvens, falamos das correntes eólicas que as transportam, das oscilações térmicas que promovem as precipitações – enfim, elaboramos em torno da fenomenologia meteorológica. No domínio das borboletas, identificamos o binômio tempo-dinheiro como os disparadores. Bem, e agora, como seria a tormenta em Nova Iorque? Que desfecho seria esse que, desvendado, poria *on the spot* o agente mor da turbulência e instabilidade da nossa sociedade? Como seria essa tempestade na outra extremidade da agitação da borboleta? Revelação!!! Tal figura, e essa é a minha crença, atende pela alcunha de LUCRO, esse algoz cuja extensa ficha corrida está tisnada por toda uma coleção de atentados à integridade socioambiental e à viabilidade das gerações vindouras.

"Não se trata aqui, entretanto, do lucro *stricto sensu* na sua função de remuneração do investidor que empreende: todo esforço, todo custo, toda atitude antecipatória – e tomar riscos é antecipar futuros – deve ter a sua recompensa, é de praxe e de justiça. O capital investido tem o seu custo de oportunidade que

deve ser contabilizado e retribuído aos investidores. Refiro-me, portanto, ao lucro como ganância, como exacerbação do desconto do futuro. É a ganância de tempo – ‘quero o máximo tão logo quanto possível (e impossível...)’ – traduzindo-se na ganância de dinheiro: ambas as avidezes se confundem e eclodem em explosão feérica no instituto econômico-financeiro do ‘lucro’ tal como tem sido praticado.

“A reputação original dessa figura incensada como o nutriente que impulsiona e robustece a musculatura do deus Mercado não é das melhores, e a coisa vem lá da Roma Imperial. Segundo Houaiss, ‘lucro’ se enraíza no latim *lucrum* = ‘ganho, vantagem, proveito’, que gerou a variante popular ‘logro’ = ‘roubo, proveito obtido mediante engodo, engodo’. Só para mencionar e reafirmar essa mácula semântica, em espanhol a figura atende pelo apelativo de *ganancia*.

“Na língua francesa e depois na inglesa, em ambas a expressão equivalente a lucro – *profit* –, surgiu no século XIV como *prufit*, que deriva por sua vez do latim *profectus*, com o significado de ‘levar adiante, progredir’. Convenhamos que aí se resgata algo dessa reputação etimológica maculada, e lucro passa a ser sinônimo de progresso; entretanto... já vimos para onde nos vai conduzindo esse progresso excludente que transfere à sociedade, em nome do lucro, todas as externalidades negativas da atividade econômica, gradativamente minando a durabilidade do nosso modelo civilizatório, com âncora no deus Mercado, ao tempo que faz concentrar mais riqueza nas mãos dos que já possuem muito, ampliando a distância destes dos menos aquinhoados, esse um problema social que dia a dia se agrava.

“De fato, constatamos que o futuro termina por ter muito menos valor que o presente – as primeiras aulas de finanças ensinam isso... Descontamos o futuro nos juros e no lucro!!! É o exercício das tais escolhas temporais antecipatórias perante a incerteza. Nos juros, o limite é a prática de mercado; no lucro, o céu é o limite... deitando fagulhas abrasivas na sua trajetória rumo ao alto. O lucro, afinal, acaba se caracterizando como a criatura com hábitos vorazes, gestada pela dupla tempo-dinheiro no âmago do mundo das corporações, como expressão exaltada da preferência impaciente pelo curto-prazo, postura que se alastra epidemicamente e repercute por toda a economia, fazendo-a também sistemicamente curto-prazista.

“É importante também esclarecer, para um entendimento mais alargado do contexto, que ao dinheiro se costuma atribuir um custo no tempo, denominado ‘custo de capital’ ou ‘custo de oportunidade’, que equivale *grosso modo* à taxa média de juros praticada no mercado, como contrapartida da indisponibilidade temporária para o seu detentor quando o empresta ou aplica a risco em negócios. Na gestão das finanças corporativas, a esse custo de capital sói ser acrescido, a título de remuneração extra, uma outra parcela, o ‘Valor Econômico Adicionado ’ (EVA, como é conhecido), cujo objetivo é engordar o resultado financeiro do empreendimento, elevando o montante de lucro contábil que corresponde ao custo de capital. A coisa funciona assim, focalizando o processo de planejamento, uma vez que tem a ver com a perspectiva de tempo: ano a ano do horizonte de planejamento, o custo de capital é atribuído ao capital do início do período como se fossem juros compostos; do lucro planejado para cada ano, é deduzido esse custo de capital e o excedente é o lucro econômico (ou EVA), que é descontado a valor presente pela mesma taxa que foi utilizada para o cálculo do custo de capital. É esse valor final que se busca maximizar.

“É nessa fresta que habita o demônio. A busca sistemática da maximização do lucro econômico leva a extremar a remuneração dos proprietários do capital e igualmente a dos executivos, estes em função do desempenho financeiro da corporação que conduzem. Assim, investidores e gestores passam a remar em harmonia rítmica na mesma direção: a meta geral passa a ser a maximização do lucro econômico, em proporção tão superior à taxa de juros quanto seja – legalmente – possível! E às vezes também atravessando a muralha legal... e é aí que se erige a fortaleza das conhecidas fraudes corporativas! ‘*Don’t blame the players, blame the game*’, costuma dizer minha amiga Maria Eugênia Buosi, revelando o entendimento de que somos – diria eu, todos – de um modo ou de outro vítimas do ‘sistema’.

“Essa lógica do lucro máximo tem, indubitavelmente, que ser modificada, pois insufla uma guerra cujo teatro de operações é toda a economia, na qual se instala uma competição acirrada e predatória por capital financeiro, por produtividade e pela preferência dos consumidores, cujo contingente se espera que cresça continuamente – incluindo os excluídos do sistema econômico –, com aumento do consumo agregado, em termos absolutos, do que quer que seja, desde que isso alimente o crescimento da economia. E haja capital natural para suprir com matéria e energia toda essa frenética peleja, e para receber o subproduto

degradado, sob a forma de resíduos, do consumo crescente que acarreta! Assinale-se, a propósito, que a desejável inclusão dos excluídos no sistema econômico se mostra cada vez mais problemática, não em termos de como fazê-lo mas com relação à sobrecarga que o consumo resultante acabará por exercer sobre o capital natural: um terrível dilema ético entre equidade social e justiça ambiental.

“A fúria de antecipar e maximizar resultados financeiros – descontar ao máximo o futuro – leva a um verdadeiro *vídeo game* do ‘quem ganha mais’, numa batalha sem vencedores. Até a expressão estratégia, de origem militar, se fixou como conceito referencial da busca do lucro máximo. Nessa guerra onde todos atiram para todo lado, todos vamos perder no final. Na perseguição ao lucro máximo, competir e destruir o rival ficou absoluto, e isso é insensato, ainda que compreensível quando verificamos que o ser humano é gregário nas conveniências e excludente na sobrevivência. Não se pensa na sociedade, na espécie, e sim no indivíduo: altruísmo é uma miragem vazia... Se se tratasse só de uma miragem... É o caso, porém, de uma ilegalidade, pois poucos sabem – e não é tão enigmático desvendar a razão por que muito mais não se queira saber – que a própria legislação brasileira, na Lei das Sociedades Anônimas, artigo 154, reza que os administradores, conselheiros e executivos aí incluídos, devem zelar pelo interesse da empresa, não devotar-se à vantagem maior do investidor, que vem a reboque da satisfação das ‘exigências do bem público e da função social da empresa’.

“Aquilo de ‘viver do rendimento do capital natural, não de seu consumo’ tem ficado em segundo plano face à obsessão de viver intensamente, no presente, do rendimento do capital construído, que se forma a partir do capital natural que vai sendo assim consumido. Acabamos ficando, como sociedade global, aprisionados no desvão do Espectro de Meios e Fins, de Daly e Meadows, que é delimitado pelo segmento compreendido entre os Meios Intermediários e os Fins Intermediários – a meio caminho! – continuando a consumir à exaustão os Meios Últimos sem, contudo, atingir o bem-estar e a perspectiva de futuro com que nos acenam os Fins Últimos – aos quais as corporações e a economia deveriam nos conduzir, fosse a sua lógica outra que não a do lucro máximo com crescimento ilimitado.

“À vista de todo o exposto, sou levado a suspeitar fortemente de que talvez, como civilização, não tenhamos mesmo muitas saídas elegantes do enrosco em que nos metemos, a não ser que mudemos a nossa visão da vida e do mundo e, como consequência, venhamos a reformar toda a ordem financeira mundial tanto quanto o modelo econômico que ela alimenta.

“Cabe a esta altura um posicionamento pessoal. É que acho incrível, absurdo e assustador, e também sintomático, que ninguém se aventure a dizer, a singelamente declarar que a lógica da maximização do lucro vem sendo o motor da destruição da nossa civilização: que é a tempestade que a borboleta do dinheiro-tempo faz desabar, diferidamente no tempo-espaço, sobre as nossas cabeças, liquidando com as nossas melhores esperanças. Parece que essa omissão resulta da presunção de que aquele que diga que ‘o rei está nu’ possa ir parar no calabouço da corte. Sério, vejo mais fanatismo nessa idolatria enfezada do lucro que se manifesta difusamente mundo afora, do que no insano sacrifício dos homens-bomba. Claro! O lucro é, ainda e enquanto perdurar o seu primado, o altar onde se fazem as imolações ao deus Mercado – então, como praticar essa heresia sem sujeitar-se à ira divina??? Sei do risco que corro...

“Uma ressalva para afastar interpretações equivocadas: essa inculpação do lucro difere em propósito e essência dos motivos que teriam levado Karl Marx a condená-lo como expressão da ‘mais valia’ do trabalho, usurpada dos operários pelos capitalistas. Não se trata, este meu, de um posicionamento ideológico, mas sim da busca de desvelar todo um processo no qual, se há usurpação, a parte lesada não se restringe a uma classe social: abarca toda a sociedade, seu presente e futuro – e acredito ter aqui desfilado fatos, evidências e raciocínios que dão suporte à proposição aqui sustentada.

“Afortunadamente, ideias reformistas não são o que falta. A literatura econômica nos oferece várias propostas de revisão e mesmo reformulação do modelo econômico. Temos a bioeconomia, de Herman Daly, que reposiciona a economia como subsistema da ecologia, explicitando os limites naturais ao crescimento; o capitalismo natural, de Paul Hawken e Amory Lovins, que se centra na preservação dos ecossistemas como prioridade, pois sustentam a vida; o estado estacionário da economia, de Robert Solow, que propugna um ponto de frenagem na atividade econômica global, barrando o crescimento contínuo e centrando-a no desenvolvimento, de caráter qualitativo; e o descrescimento

econômico de Serge Latouche, estipulado como a única saída para a continuidade da civilização. Mas nenhuma proposta contesta diretamente a lógica do lucro, como se o processo do lucro, como é praticado, fosse uma verdade axiomática a partir da qual o restante se organiza.

“Há, contudo e exatamente, que mudar a lógica do lucro – a qual aliás e na verdade nunca chega a ser apontada como o, ou menos ainda um, problema nessas várias abordagens. Não obstante, entendo ser urgente, como última bala no tambor, abandonar por outra a lógica do lucro maximizado, essa tempestade que o binômio tempo-dinheiro sutilmente vem desencadeando no seu bate asas constante de borboleta fractal... O resto é conversa fiada, é autoilusionismo que se perpetua enquanto vamos descontando, descontando, ainda e sempre descontando um futuro que, ingênua ou hipocritamente, declaramos querer tornar viável e duradouro para os nossos descendentes.”

Narrador em *Off* / *As coisas da vida vão acontecendo. Logo após haver concluído todo este bloco extenso de considerações acerca de borboletas e tempestades, Homero passou rapidamente pelo hotel, transcreveu o trecho final para o arquivo de texto já iniciado, imprimiu tudo no* business center, *muniu-se de uma pequena valise com o essencial e lá se foi, receber Fernanda que aterrissava no aeroporto de Lisboa. Falou-se, num capítulo anterior, que o bolso havia nocauteado o desejo, a propósito de ambos terem retornado desse mesmo Portugal ao pátrio Brasil com certa precipitação, em razão de reservas pecuniárias em esgotamento, e alguém menos tolerante poderia argui-los de inconsistência nesse vai e vem que contraria os motivos do bolso. Se o fizesse, é porque ignoraria que ambos tinham acumulado boa quantidade de milhagem aérea nas andanças anteriores, e foi dessa fonte que saiu a passagem de Fernanda. Já Homero teve a sua viagem custeada por quem o chamou para as tarefas de além-mar. Está explicado, pois não?*

Muito bem! Eis que então rumaram ambos diretamente do aeroporto para Évora pois, provado fica que nunca é demais esperançar, para lá estava seguindo também – finalmente! – Luciane Lucas, vinda de Coimbra. Desse encontro tríplice brotará enfim o próximo conversatório, anunciamos desde já, visto que a publicidade é a alma do negócio, ou a sua alavanca...

Estavam já pai e filha, a esta altura, sentados ao redor de uma pequena mesa de uma bodega plantada, ao lado de tantas outras, na praça da Igreja de São

Francisco, no centro histórico da cidade murada de Évora. Mal suportando a espera de exibir a Fernanda todo o seu longo arrazoado, Homero logo após as primeiras mordidas nos pasteizinhos servidos plantou no colo dela as páginas impressas com todo o texto, com uma quase súplica: "Leia, e me diga o que acha. Alguma observação? Está publicável? Está bom?", esperando, meio veladamente, ser aplaudido pelo que entendia ter sido uma produção de "primeira classe". Fernanda não denotava a mesma pressa. Leu com vagar, entre mastigadas de petiscos e goladas de um tinto do Alentejo, ao final releu algumas partes e, sem nada perguntar ou observar, tomou um longo fôlego como quem fosse iniciar uma fala – a postura sugeria isso... Prudente, e já antecipando a mecânica que regeria essa conversa, Homero rapidamente tirou do bolso da jaqueta o gravadorzinho e disse: "Fala!" E Fernanda falou; o texto, expurgado de algumas hesitações e habituais frases de passagem, está transcrito a seguir.

Desejo, o Passaporte para o Futuro / "Pois é... como diria Guimarães Rosa: 'o tempo é o mágico de todas as traições'. Sim: se o dinheiro logra nos fazer viver o aqui-agora, faz isso, penso eu, num dos sentidos que o verbo lograr tem: enganar, iludir. O dinheiro é a musculatura do dragão devorador do mundo material de que você fala porque justamente nos dá esta ilusão – compra o tempo, obedece à nossa impaciência, potencializa e realiza nossos desejos. Mas será isso viver o aqui-agora? Ou será esta ideia – o aqui-agora – mais um dos infindáveis produtos de prateleira que o deus Mercado nos oferece, na feira das ilusões?

"Vejamos. Se por aqui-agora entendemos o presente, quando falamos em desejo estamos sempre nos referindo a projeções de satisfação no futuro. Desejar e viver o aqui-agora estão em constante tensão, portanto. Estar no presente, plenamente, significaria um estado – por muitos almejado e por poucos de fato vivido – de expectativa zero, de aceitação das circunstâncias e da ação o mais desapegada possível de resultados. Era disso que, por exemplo, os estoicos falavam ao incitar o controle (e até mesmo a supressão) dos desejos. Ou seja, 'viver no aqui-agora' tem mais a ver com uma certa negociação com os desejos - visando a amansá-los ou suprimi-los – do que com a satisfação destes que o dinheiro possa nos ofertar.

“Mas, sabemos, o dinheiro tem sido o cômodo atalho a um suposto aqui-agora, já que, ao desejar e prontamente buscar satisfazer o desejo, se foge à crítica e à reflexão acerca do almejado e do almejante. E é este o seu logro – compra-se a ilusão de viver o imediato, mas o que se leva é uma cadeia de desejos que nos lançam sempre adiante, ao futuro!

“Estamos apresentados à nossa tensão existencial básica. Para a vida ter sentido – um alvo, uma orientação – deve ter um propósito, um projeto. E o que é projetar? Justamente, diz a etimologia, lançar-se para a frente, para o futuro. Viver com sentido seria, pensando assim, ter algo no horizonte, um norte, um futuro a almejar. Mas viver só no futuro nos tira a magia do presente, o deguste dos momentos anteriormente desejados. Um eterno e pendular dilema. A questão é: como é que esta tensão – que se dá no plano individual – se situa nesta imensa rede que entretece a Lei da Entropia, o dinheiro como musculatura do dragão memético do crescimento e nossa problemática situação planetária?”

Narrador em *Off* / *Foi curta e incisiva a sua fala, conforme vimos, virtude essa atribuível ao cansaço da viagem que nos subtrai rodeios. A sua apreciação sobre os escritos do pai, tão ansiosamente esperada, foi um lacônico ‘gostei’ – para Homero muito melhor que um sorriso reticente... À noite, no hotel e com a fala de Fernanda já editada, ambos concordaram que tudo estava corretamente endereçado em termos conceituais e formais, expressando o que no tema e momento caberia dizer e que desejariam ter dito. Havia coerência, avaliaram, mas... e as alternativas, as soluções, as vias de escape? Brincando, Homero encenou para uma plateia imaginária, com gestos de regente de orquestra: “Distintas senhoras e distintos senhores! Aceitamos sugestões. Cartas para a redação serão bem-vindas... Boa noite, durmam bem!” E assim, satisfeitos e alegres, recolheram-se, que o dia seguinte, na Évora da muralha circundante e das cinco portas monumentais, seria deveras momentoso.*

Muito Prazer, Caro Cidadão!...ou Caro Consumidor!???

O consumo é um fenômeno que não pertence mais à teoria econômica. Acha que não? Consulte um publicitário...

“Lu, temos acompanhado seu trabalho, em escritos e palestras, nos quais você vem abordando as relações de consumo desde o ponto de vista sociológico e antropológico. Até o seu novo *blog Serve o Consumo para Pensar?* lida com a relevância e a função do consumo na sociedade contemporânea. Muito em particular, a mim me fascinou a ideia que você vem discutindo de que o consumo, hoje, se tornou atributo da identidade dos indivíduos. Bem, agora que finalmente conseguimos os três nos encontrar, Fernanda e eu estamos verdadeiramente ávidos de, junto com você, cara a cara, aprofundarmos toda essa temática. Com a vantagem de estarmos isentos de maiores pressões de tempo, para não falar desta ambiência tão inspiradora de Évora... Podemos começar então, Lu? Como é isso de ‘consumo como identidade’?”

Estavam os três já confortavelmente acomodados na maciez do amplo sofá do *lounge* do hotel, repousando na mesinha à frente um lanche de meio de manhã, com torradas, geleias, cremosos, docinhos, café, chá e *cappuccino*, quando Homero, após aquele indefectível pigarrear que assinala a entrada em um novo momento de uma conversa, fez esse introito ao que seria a fala de Luciane – o gravadorzinho de voz ali em meio às guloseimas, só à espera de um clique de ativação. Um pouco antes, tinham iniciado um papo solto, fazendo circular as mesuras do primeiro encontro: Fernanda e Luciane Lucas, que ainda não se conheciam pessoalmente, se apresentaram com rápidas alusões aos perfis pessoais e pontos de inflexão das carreiras, e a imprescindível menção às titulações que ambas exibem como troféus conquistados em batalhas. Isso tudo se encarregou Homero de intermediar, pois de uma era o Merix, amigo de longa data e parceiro de vários trabalhos memoráveis, e de outra – ora essa! – um “velho conhecido”: o pai e coautor de incontáveis devaneios. Lamentavelmente, Ludovico Cerqueira, o colega de Fernanda com quem a temática se iniciou na Vila Feliz e que tanto gostaria de participar do que então seria um quarteto, ficou retido no Brasil por compromissos acadêmicos – menos fogueira para a lenha dos debates! Todos assim devidamente qualificados e já sintonizados, e à vista do convidatório relatado na abertura deste escrito e do *led* já aceso do minigravador, lá se largou Luciane, navegando no seu sofisticado saber.

“Bem, gente, vamos ao consumo como identidade. Nessa conexão entre consumo e identidade, há que se considerar o seguinte: as pessoas comunicam o que são e se relacionam a partir do mundo dos bens. Se o espaço de identidade por excelência, durante a modernidade, foi o trabalho, há que se pensar que talvez hoje esse espaço de construção da identidade esteja mudando de lugar. Não é que o trabalho tenha deixado de ser um espaço de construção de identidade, mas o consumo parece ter obtido um lugar dominante na preferência das pessoas em relação a essa construção. Por que se fala do consumo como produtor de identidades? Porque o consumo funciona, conforme já disse o antropólogo Everardo Rocha, como um sistema de comunicação, o que quer dizer que as pessoas, individual ou coletivamente, se fazem expressar através do consumo. Ou seja: o consumo é uma estratégia narrativa, uma maneira pela qual a sociedade comunica os seus valores preponderantes. Comunica o que ela pensa, como ela age, ao que ela dá valor, o que ela descarta, o que ela acha que é execrável: todo um conjunto de valores. Focalizando com uma lupa as práticas de consumo dos indivíduos e das coletividades, vocês conseguiriam saber coisas sobre o social, a partir dos hábitos de consumo.”

Sinalizando com a destra levantada e o indicador erguido que queria dizer algo, interveio Fernanda, já inteiramente entrosada na cadência da conversa: “Bem, enquanto você falava fiquei aqui pensando nessa questão da identidade, do consumo como identidade. Estive lendo estes dias *O Ensaio sobre a Dádiva*, de Marcel Mauss, em que ele usa como exemplo o fenômeno da troca de dádivas entre indígenas das ilhas Triobrand e da América do Norte para mostrar como nessa circulação de bens há muito mais do que objetos envolvidos. Foi uma feliz coincidência que eu tenha me deparado, nos seus escritos – que também andei visitando ultimamente –, com a alusão à ideia de Lévi-Strauss de que a sociedade se constitui nas trocas. São as trocas que nos fazem ser quem somos porque, antes delas ou sem elas, nada somos, uma vez que não há uma identidade, um 'eu', anterior ao nosso intercâmbio com o mundo circundante. Não só a sociedade, mas também a nossa identidade se constrói nestas trocas. E o que se troca? Afeto, palavras, gestos e... coisas! E é assim que chegamos a ser nós mesmos. Parece-me que tudo – o que se troca e o que somos – está muito entrelaçado entre si. Que acha, Luciane?”.

Luciane e Homero se entreolharam, como que surpreendidos com o presto engate de Fernanda na discussão e a densidade da fala. “Sim, há inúmeros fatores envolvidos”, acudiu prontamente Luciane. “Se o consumo evidencia os

valores dominantes, ele também permite que observemos a luta subterrânea de valores na sociedade. Porque, é claro, dessa luta há a história ocultada dos vencidos, já que a história dos vencedores é aquela que a gente sempre sabe. A história dos vencidos é também a história dos valores dos vencidos. Olhando o consumo, consigo também observar essa luta subterrânea. É que é através do consumo – e é por isso que, por mais que tentemos demonizá-lo, não podemos nos desvencilhar dele – que comunicamos o nosso afeto hoje, a partir do mundo dos bens. Eu me relaciono com vocês a partir do mundo dos bens. Nós três estamos aqui hoje, sentados, comendo docinhos, roendo uma torrada com manteiga, bebericando um chá ou saboreando um *cappuccino* – cada uma destas coisas aqui representa um tempo de desprendimento, de gozar a companhia do outro. E, como não é o nosso caso, vamos imaginar: tomemos uma situação emblemática, um jantar romântico. Como já oportunamente observado pela psicanalista Maria Rita Kehl, num jantar romântico, todos os elementos comunicam coisas: o cardápio, a música, o vinho escolhido e até o preço da comida... Todos os elementos que estão ali naquele lugar, naquela mesa, portam signos, significados, e estes significados na verdade estão circulando entre aquelas pessoas que vivem uma experiência de encontro."

Os olhares da dupla estavam fixos em Luciane enquanto expunha. De repente, em uma pausa de Luciane ao final, Homero, visando a dar uma guinada na linha de raciocínio, lançou: "Eu quero colocar duas questões que podem até ser respondidas na sequência ou podem ser fundidas, se são questões interdependentes. A primeira: não sempre foi assim? Você, Lu, mencionou um jantar romântico, dois à mesa, que é um simbolismo forte de convivência. Mas isso não foi assim, sempre? Vemos isso em relatos históricos, em filmes, em romances, em crônicas. Por exemplo, temos *O Banquete* de Platão, no qual valia a companhia, valiam as ideias que brotavam e valia também o que se comia. Temos também, no mesmo estilo, a Última Ceia... Quer dizer, antes que o consumo se instaurasse como um novo valor, já havia o 'sentar-se para trocar bens para consumo oral' – para dentro, e não para fora, como falação; e também para fora, porque a gente deglute e a gente nos intervalos profere... então, isso é histórico, não é uma característica da sociedade moderna sujeita às dinâmicas do mercado. Segunda questão: consome-se apenas o que é produzido! E o que determina a produção? É o consumo que determina a produção ou a produção que determina o consumo; o que condiciona o quê? Ou as duas coisas se dão de forma entrelaçada e inextrincável?"

Luciane sorriu, segura do que ia dizer: “Com relação tanto ao que disse Fernanda, quanto à sua primeira questão, Merix, acho que é importante retomar Lévi-Strauss quando ele afirma que a sociedade se funda no mundo das trocas. Ora, isso significa que desde que o mundo é mundo existem trocas, portanto se nós formos entender o consumo por essa vertente das trocas, é óbvio que já por aí o consumo sempre existiu. Se Lévi-Strauss diz que a sociedade se funda num mundo das trocas, a troca entretanto não pode se reduzir ao consumo – e nisso me reporto à observação da Fernanda: há outras variáveis e valores em jogo. Já aquilo que nós vivemos hoje é uma mercantilização absoluta do mundo das trocas. As trocas hoje têm sido reduzidas a um momento dentro da história das trocas, que é o mercado.”

“Isso significaria que as coisas acabaram substituindo o afeto?”, interpôs Homero. “Quer dizer: as coisas são o veículo portador do afeto e o afeto em si fica, assim, dependente de uma coisa que o intermedeie?”

“Não diria que as coisas substituíram o afeto, Merix”, replicou Luciane com suave intensidade, o indicador fechando-se sobre a palma da mão direita num gesto rápido, como que fisgando algo. E pontuando as palavras com leves movimentos do antebraço, justificou: “Mas que, no processo de comunicar afeto a partir das coisas, nos perdemos no caminho. E eu digo isso porque há dois mecanismos fundamentais dentro do consumo: o pertencimento e a diferenciação.” Freou a fala para se certificar do efeito da revelação e, contente, seguiu: “Nós consumimos para pertencer, portanto para nos relacionar, nós queremos ser reconhecidos como iguais. E por isso vou comprar um tênis que seja mais ou menos partilhado pelos meus, pelo meu grupo, pela minha tribo. Mas, ao mesmo tempo, eu tenho o desejo de ser diferente no meio dos meus. Portanto eu quero um tênis que tenha uma luzinha especial e que me torne, assim, especial – e líder, se possível for – entre os meus. Essa questão da distinção social, a que faz referência o sociólogo Pierre Bourdieu, talvez seja um dos pontos principais na reflexão crítica sobre o consumo.”

Percebendo o olhar reflexivo de Luciane após a última frase, entendido como a intenção de uma breve pausa, Fernanda aproveitou para irromper: “Aceitando como um axioma que, atualmente, a nossa construção identitária se dá principalmente a partir do consumo – nos constituímos através do consumo e nos oferecemos, também, como produto, nos comunicando neste processo, expressando-nos ao mundo a partir de nossas escolhas –, pergunto a você,

Luciane: por que, individualmente, escolhemos precisamente esta via de construção identitária? É de fato uma escolha? Ou a trama produção-consumo-identidade seria um monstro que nos acossa sem que nada possamos fazer e, ali onde nos veríamos livres e conscientes, ainda estaria a mão sombria do mercado?"

Atenciosa, Luciane elaborou: "Quando Pierre Bourdieu fala da distinção, ele diz que o gosto classifica o classificador. Ora, isso significa que o gosto é social, é cultural. No entanto, temos a noção de que tudo se dá como se sempre tivesse sido natural que portássemos aquele gosto. Não temos noção de que o gosto, e o consumo a ele atrelado, fazem parte de um grande sistema de classificação social. É por isso que eu sempre me mantive atenta e com certo cuidado com expressões como 'consumo consciente'. Como é possível ser consciente se na verdade os indivíduos, em primeiro lugar, não conhecem os critérios de produção, não conhecem as linhas produtivas, não conhecem as cadeias produtivas?"

"Não conhecem a interioridade dos aparelhos produtivos...", emendou Homero. "Exatamente, Merix. Portanto as suas escolhas podem ser efetivamente conscientes? Em segundo lugar, seria consciente o consumo quando as forças que o movem são forças de pertencimento? Quando na verdade aquilo de que estamos falando é da ordem do inconsciente e não do consciente? Quer dizer, os objetos são visíveis, mas os laços que se formam a partir dos objetos não são tão visíveis assim..." E voltando-se para Homero: "Se nós falamos que o consumo está ligado a esse pertencimento e a essa diferenciação, e se a diferenciação é base do sistema de classificação social, como vamos falar que há um convite no consumo para a igualdade, para a inclusão, para a consciência, para o exercício da liberdade, quando a base do consumo *per se* é construir uma distinção social? Como é que podemos efetivamente falar em inclusão pelo consumo, em cidadania pelo consumo, em consciência pelo consumo, quando a base inconsciente do consumo tem a ver exatamente com esse desejo de diferenciação de que o indivíduo é portador?"

Sentindo o olhar de Luciane sobre si, convidativo, Fernanda entendeu que lhe cabia contribuir, e assim o fez: "Parece que o lugar de destaque que essa via de construção de identidade – o consumo – assumiu tem a ver com a oferta de uma grande variedade de modelos identitários. São muitas opções nas prateleiras do supermercado de 'eus', mas os produtos são, em sua esmagadora maioria,

instantâneos. São ‘miojos identitários’ – você põe certos ingredientes na água fervente e já estão prontos! Só muda o saquinho do tempero, o tempo de cozimento... assim você vai fazendo a diferença sem inovar real e profundamente. Não tem que pensar, refletir, se questionar. É só aderir a determinados hábitos de consumo e já saberão quem você é. ‘Diz-me o que compras e dir-te-ei quem és’. Os pacotinhos de ‘miojos identitários’ não nos dão o trabalho de nos inventarmos, de refletir sobre quem somos, de criar nossos códigos singulares: são apenas práticos e cômodos!”

Luciane acenou em concordância, o que ensejou a Homero algumas indagações: “Neste sentido, Lu, as marcas não seriam uma forma de diferenciação do igual? Quer dizer, você tem um carro e eu tenho um carro, mas a marca do meu carro é diferente da do seu... Você falou, por exemplo, em tênis... eu não preciso ter um tênis com luz, mas posso ter dois tênis iguais com marcas diferentes e parece que isso está acontecendo cada vez mais. As coisas estão cada vez mais comoditizadas e se diferenciam na marca. Por exemplo, cada um de nós tem uma marca de computador e os serviços de assistência técnica são idênticos, ou quase, fora os dissabores na hora do atendimento ao cliente, onde cada um parece querer ser pior do que o outro... e conseguem! Os custos são comparáveis... então a marca é que diferencia. É a marca que acaba determinando a minha escolha... certo? Então a gente consome mais a marca do que o produto? Gostaria que você me respondesse esta questão, sem esquecer da outra, de quem é que, afinal, é determinante: o consumo ou a produção?”

“Tentando responder às suas duas questões, Merix... Em relação à segunda, Marx menciona num de seus escritos a relação entre consumo e produção e diz que não podemos separar ambos – consumo e produção estão para sempre entrelaçados, pra começo de conversa, do ponto de vista econômico.”

“Do ponto de vista quantitativo, sem dúvida, Lu”, redarguiu Homero. “Tudo o que é produzido acaba sendo consumido e tudo que é consumido, se é consumido, é porque houve produção, mas estou falando do consumo do ponto de vista da diferenciação e do sortimento de escolhas... quer dizer, eu tenho um sortimento de escolhas, eu tenho *gadgets* diferentes, tenho bairros diferentes, casas diferentes... Há pesquisas de mercado para orientar o produtor, mas muitas vezes se dá o contrário: alguém bola alguma coisa, joga no mercado e aquilo passa a ser moda, sem ter sido pesquisado. Como você vê isso? O que vem antes e o que vem depois? Ou isso é aleatório?”

“Bom, vou responder pela outra que fica mais fácil”, contornou Luciane. E deslanchou: “Tem uma expressão que Jean Baudrillard, sociólogo que já se foi, costumava utilizar e de que eu gosto muito, que é ‘mais-valia estética do signo’. A mais-valia, segundo Marx, dizia respeito à exploração do trabalhador no universo da produção. Porém, se formos observar, parece haver uma espécie de apropriação também no campo do consumo, relativamente à marca. Ou seja, para além da mais-valia da mercadoria, presenciamos uma inflação social do signo e, com ela, uma volatilidade crescente do valor de troca. Por exemplo, se eu pensar num Rolex, ou numa Havaiana... uma Havaiana hoje vendida na Europa pode chegar a quatrocentos reais! Quando era associada a um pé de operário não custava mais do que dez reais, se custasse. Como é que ela consegue chegar a custar quatrocentos? Será que é porque tem pedrinhas ornando, será porque tem lantejoulas? Provavelmente, se você fosse avaliar a produção e a colocação das lantejoulas no máximo do esquema de mais-valia que você pudesse imaginar em termos de produção, aquilo não daria quatrocentos reais. Portanto, o que você tem é uma inflação do valor do produto, que tem a ver com o signo de que ele é portador. Na verdade, a inflação que você tem é a inflação sígnica, ou seja, a inflação do sentido de que passa a ser portador o açaí, de que passa a ser portadora a Havaiana, de que passa a ser portador o Rolex, de que passa a ser portador um MBA, de que passa a ser portador um sem número de coisas.” Neste ponto, Luciane literalmente deu uma parada, recostando-se espichada no espaldar fofo do sofá. Fernanda mansamente entrou em cena.

“Antes que nos invada uma onda nostálgica ou saudosista do gênero ‘antigamente era melhor’, é importante ressaltar que ter modelos identitários não é novidade, o que se confirma com uma rápida visada à História. A oferta de modelos sem riscos, com diretrizes pré-estabelecidas para uma construção de nós mesmos assegurada, já vem de trás anteontem. Tivemos e temos muitos outros modelos e instituições que nos ofereceram isso: religião, cultura, política... e, como você ressaltou, Luciane, aliar-se à construção das identidades não foi desde sempre privilégio do consumo. O que muda no caso deste é que sua oferta se dá sob a égide de uma suposta liberdade, da ideia de que estamos escolhendo, de que está nas nossas mãos essa criação de nós mesmos, de forma consciente... de que estamos inovando, rompendo com as amarras das tradições religiosas ou culturais... Consumo e liberdade são um parzinho imbatível em nosso imaginário.”

Como quem busca confirmar um novo ângulo de percepção, Homero vaza, algo hesitante: “Então, aí me veio uma coisa agora – eu como curioso no tema... é a seguinte ideia: a Havaiana de um certo ponto vista me proporciona o pertencimento à tribo dos portadores de Havaianas e a diferenciação em relação aos que não portam Havaiana. Eu acho isso uma coisa muito interessante porque esse é o fundamento das *gangs* também, não é? O mesmo com outras coisas que não são de consumo, mas de aparência, por exemplo, estéticas, como usar cabelo tipo moicano. Então, aquilo me dá pertencimento e ao mesmo tempo me dá diferenciação, ou seja, uma coisa não é excludente da outra, uma pode levar à outra, certo?”

Aproveitando a deixa, Fernanda aventurou: “O que disse meu pai, quero completar com algo. Vejam vocês como se comporta essa avidez do pertencimento: até as bandeiras de militância são hoje oferecidas nas prateleiras. Lembro de um slogan que vi certa vez em camisetas por aí – ‘Chic é ser Solidário’. A solidariedade virou produto, assim como a sustentabilidade, o consumo consciente e a ecologia. No pacote vem uma série de atributos identitários – quem adere e usa produtos que liguem a tais causas, passa a pertencer a certas tribos. E vai buscando as inovações existentes para ‘fazer a diferença’ dentre seus iguais. Assim é! Por isso a criação de si – como movimento totalmente singular, original, único – não existe. Se somos construídos nas trocas, sempre estamos – e hoje isso é uma afirmação sem ressalvas, em nosso mundo globalizado, com a economia mundialmente interconectada – enredados nessa teia da produção e do consumo. Isso é algo de que nunca escaparemos por completo.”

“A Fernanda trouxe de novo a questão da produção e consumo como contidos numa teia”, era a vez de Homero. “Então, querida Luciane, te peço: fale agora do ovo e da galinha, de quem na sua visão veio primeiro, o consumo ou a produção... Você já colocou um pouco que eles são inextricáveis mas o fato é que se cria moda em relação ao consumo, como um fator exógeno. Aí entra a marca junto com a moda. E moda, o que é? Estatisticamente, é o que predomina numa determinada distribuição de frequência... Do ponto de vista sociológico, moda é o que está sendo praticado como desejável por um segmento significativo da sociedade... Como fica todo esse encadeamento, Lu?”

Prontamente, Luciane retomou o centro da conversa – aliás, era para ouvi-la que estavam ali reunidos. E pontificou: “Separo o mundo contemporâneo da

modernidade pois, no sentido em que falamos de modernidade – estado-nação e ideais da modernidade – há estes valores que já não são tão levados em consideração assim. No mundo contemporâneo, o consumo (e aí eu volto ao início da conversa) tomou a frente do processo de construção e marcação identitária. Talvez eu colocasse o consumo à frente da produção no sentido de que o consumo é propulsor de uma estética do descartável. Esse descartável acontece no mundo da produção mas quem acelera o giro da manivela é o consumo, não é a produção. Ou seja, é o desejo de consumo, que tem a ver com o pertencimento, e de comunicação, por meio do mundo dos bens e que depois vai sendo naturalmente descartado. Não queremos ter um computador que dure dois anos, queremos um celular que dure dois meses... se há uma coisa profundamente inovadora na sequência, eu quero essa coisa... e o que acontece com a anterior? Ela é absolutamente descartada. Essa descartabilidade, essa estética do descartável, que está intrinsecamente ligada ao mundo do consumo, é o acelerador de partículas do universo da produção."

Sem demora, Homero replicou: "Então vejamos, a gente fala em produção e pensa logo numa fábrica... Eu penso sempre numa empresa, que abriga várias funções diferenciadas – fiquemos com as funções de produção e de comercialização. Dentro da função de comercialização, encontramos sempre uma função de comunicação comercial, e esta função de comunicação comercial é a que se encarrega de induzir à criação de necessidades onde elas não existem. Então eu digo: 'você é obsoleto, você não pertence mais ao seu grupo porque você não tem um modelo novo de computador', por exemplo... e isso já estava lá na minha pesquisa de novos produtos e salta para o meu desenvolvimento de produtos, e logo um novo aparato está pronto; eu tenho hoje já definidos os produtos que vou lançar nos próximos cinco anos! Daí eu programo um obsoletismo que me convém. É um obsoletismo provocado, que induz o consumidor a trocar, a descartar o anterior e a trocar pela novidade. Eu queria saber como você pensa sobre isso, se existe um elo entre consumo e produção ou se são de tal maneira intrincados que um se alimenta do outro e os dois vivem em simbiose. E aí o consumo consciente, realmente, perece nesse meio embolado..."

Raquetada pronta de Luciane, o pong rapidamente respondendo ao ping: "Eu acho que a simbiose existe. Eu acho que o consumo hoje vem bem a calhar pra esse desejo de obsolescência programada que já está dentro do mecanismo de funcionamento da produção. É claro que a produção trabalha com a

obsolescência programada porque é seu interesse vender mais, obter mais lucro, fazer com que as pessoas descartem as coisas. Isso parte da produção.”

Novo ping de Homero:” O mercado também pede: ‘já não quero mais isso, cadê o próximo modelo de celular?’”

Pong de Luciane, fechando o *set*: “Entre os próprios concorrentes do mercado há essa questão. Senão, você desaparece... Há que se considerar que essa descartabilidade só é possível no universo da produção porque de certa forma os indivíduos assimilaram que precisam renovar permanentemente, nas suas relações, esses códigos, a partir dos quais eles se comunicam.” *Game over*!

Findo o vai e vem da bolinha branca, Fernanda viu que podia atar algumas pontas que remanesceram soltas, e alinhavou: “De tudo isso que se disse, acho que se pode extrair uma conclusão. Haveria a possibilidade de exercer a liberdade através das nossas escolhas de consumo se realmente fôssemos movidos exclusivamente por nossa consciência e razão. Entretanto, como bem salientou a Luciane, não o somos. E não o somos porque, primeiro, um olhar mais atento a nós mesmos o comprova, e porque, enfim, não temos conhecimento de toda a cadeia produtiva que envolve cada um dos nossos atos de consumo. Isso faz com que o processo todo de construção da identidade e da sua relação com a cadeia produtiva seja atravessado por linhas invisíveis, invalidando a ideia de uma independência, de uma liberdade legítima do consumidor, que é o fundamento da economia de mercado.”

Luciane ficou em silêncio por um momento, um olhar meio vazio dirigido aos dois como se estivesse consultando alguma instância interior. Enfim, ensaiou: “Temos a tarde e ainda a noite para conversar, não é mesmo?”. E com um discreto falsete na voz, emendou: “Queria descansar um pouco, a viagem e o chá de melissa me deixaram um pouco sonolenta.” Ambos, exercendo a sua melhor hospitalidade, responderam algo como “claro, sem dúvida, vamos dar um paradinha...” Harmonizadas as vontades, e já levantando-se e apanhando a bolsa, Luciane decretou, sorrindo: “Já me dou por almoçada!” E finalizou: “Então, encontramo-nos aqui às três da tarde?” Os dois assentiram com expressões de agradecimento e augúrios de bom descanso, enquanto Luciane distanciava-se, com certo ar juvenil embora exausto, deslizando pelo salão meio enviesada, para dar conta ao mesmo tempo dos adeusinhos aos dois e da caminhada até o elevador.

Fernanda então propôs, e o pai aderiu, darem um giro até a praça da Igreja de São Francisco. No trajeto a pé, foram elaborando algumas percepções sobre a conversa com Luciane. Homero puxou a reza, com a inevitável indagação: “Então, que achou da conversa?” E arrematou: “São aspectos que complementam e reafirmam tudo que temos abordado, não acha?” Prontamente, Fernanda concordou com acenos repetidos de cabeça e aduziu: “O que é muito interessante é que essa temática geral já arranhamos um pouco, na superfície, quando tive aquela memorável conversa com o Vico, o Ludovico, lá em casa. Na ocasião trabalhamos a ideia em torno dos três verbos: Ser, Ter e Fazer. O Vico chegou a formular o tal de ‘tenho, logo sou’, que dá um tanto a ideia de que a posse de algo, que antecede o consumo, estabelece a natureza do indivíduo, a sua identidade. E tudo começou com o tema da Simplicidade Voluntária, quando estava de passagem pelo Albayzín, em Granada, lembra?”.

Homero respondeu a Fernanda, com uma alusão: “Comparando Simplicidade Voluntária e Consumo Consciente, acho que os dois são temas aparentados, primos-irmãos... Parece que ambos esbarram no ‘consumo como identidade’, nos termos em que a Lu colocou a questão. Consumo consciente é algo que podemos pedir a ela que aborde hoje, quando nos reencontrarmos à tarde. Que acha?”

Nisto, já estavam quase chegando à praça da igreja, mas Fernanda parou e indicou que ia sentar em um banco de madeira plantado ao longo da calçada, o que fez em seguida, com o pai acompanhando-a. E principiou a ponderar, num tom reflexivo, sobrecenho cerrado: “Quanto a hoje à tarde, acho perfeito abordar esse tema. Mas algo com o ‘consumo como identidade’ ainda me aferroa. Fico me perguntando: e agora, o que fazer para desarmar isso? Não parece ser um bom caminho demonizar nem o consumo, nem o dinheiro... até porque seria uma luta inglória. Uma saída é pensá-los em sua positividade – o que eles causam, consumo e dinheiro? O que eles possibilitam? Causam uma série de problemas e possibilitam um tanto de facilidades, portanto se pode pensar em maneiras de nos apropriarmos, ainda que temporariamente, dessas positividades, em transformá-las, em não segui-las cegamente. Isso é o que está ao nosso alcance individualmente. E é um processo contínuo, incessante, de reflexão e disposição à transformação. Para poucos, sabe-se lá.... Ou seja – não resolve o problema, social e globalmente, se é que há como resolvê-lo.”

“Tudo tem dois lados, ou mais...”, interveio Homero. Indiferente à observação, Fernanda prosseguiu, contrita: “Quando passamos à esfera social, talvez o possível seja barrar, por meio de leis, alguns efeitos maléficos dessas causações... mas as leis em si não garantem nada, ainda mais se pensarmos que o altruísmo com que se justificam os movimentos de resistência são uma quimera utópica, inalcançável e até ainda inexistente. O palco é, portanto e infelizmente para muitos que preferem evitar o confronto, um palco de luta. Luta de interesses, de pequenas ações de grande efeito. É a tal ‘microfísica do poder’ de que nos fala Foucault – um poder disperso, espalhado, sem cara, anônimo e ao mesmo tempo presente em inúmeras práticas do nosso cotidiano.” E de repente, denotando um certo desânimo na fala e sob o olhar fixo e algo intrigado do pai, avançou Fernanda para o lance final: “Se olharmos a situação desde esta perspectiva, não há altruísmo possível. Não é a razão a senhora que sozinha nos guia, ao seu lado estão forças que não são acessíveis nem mesmo a nós mesmos, e é nessa malha de forças que o mercado se constitui. E por isso talvez seja mesmo impossível eliminar a luta, o embate, a competição... há que pensar em soluções já dentro deste cenário de jogo de forças.”

Silêncio... uma consulta ao relógio e ambos lentamente se levantaram. rumando finalmente à Igreja de São Francisco, que já estava visível. Homero num quase muxoxo se limitou a um “pois é, temos muito *food for thought*, vamos ver se damos conta de amarrar tudo isso num feixe só...” Mais uma centena de passos e chegaram ao templo.

No interior da igreja, um folheto informava tratar-se de uma “construção do século XV que sofreu algumas remodelações” e que “o pórtico, do século XVI, é um exemplo do estilo manuelino-mudéjar” – seja lá o que isso signifique. Percorreram ambos em sentido horário os vários altares e descobriram que havia uma edificação anexa, cujo nome era ao mesmo tempo intrigante e assustador: “Capela dos Ossos”. Óbvio que imediatamente para lá foram. No pórtico, o convite, ou advertência, prenunciava mais surpresas: “NÓS OSSOS QUE AQUI ESTAMOS PELOS VOSSOS ESPERAMOS.” Ambos transpuseram o portão fatídico e... agora, eis o assombro dos assombros: a capela é inteiramente revestida de ossos humanos!!! Caveiras nas colunatas, tíbias, perônios, úmeros, rádios, cúbitos, clavículas e fêmures nas paredes, tarsos, metatarsos e artelhos por todo lado, ornando arcos e cantoneiras, o altar pavimentado de costelas e vértebras, e até o sacrário, todo envolto em falangetas. E um esqueleto inteiro pendurado ao alto, numa vigota...

Após alguns segundos de pasmo verdadeiro, Homero se atreveu a um comentário: “Os franciscanos construíram a capela assim para comunicar – e como! – sua crença no despojamento, que praticam até hoje, inspirado na transitoriedade e no caráter efêmero da vida, e para escancarar a inutilidade das soberbas e a tolice das vaidades.” Fernanda apenas exclamou: “I-na-cre-di-tá-vel!!!”

“Acredito em sincronicidades...”, largou Homero para Fernanda e talvez mais para si mesmo. “Vínhamos falando de simplicidade voluntária e de consciência na prática de nossos atos, mormente os de consumo, e eis que damos pela frente com um cenário que remete à ‘simplicidade involuntária’ a que todos estamos condenados, no denominador comum dos ossos espalhados por não se sabe, hoje, nem onde nem quando será. Temos que levar para a reunião de logo mais essas impressões e trabalhar com a Luciane os dois primos-irmãos: a simplicidade e a consciência, a simplicidade voluntária associada ao consumo consciente. Certo, Fê?” Fernanda já ia se distanciando do pai em direção à saída e quase nada ouviu, o desconforto tinha sido forte. Homero, entendendo o gesto, seguiu em sua direção e ambos saíram caladíssimos, ele com o braço sobre o ombro da filha, uma espécie de afago.

Os relógios, consultados logo à saída, indicavam que era hora de retornar, havia ainda que comer algo no trajeto de volta. A visita tencionada às ruínas do Templo de Diana ficou para o dia seguinte ou outro dia, quando desse. O sol começava sua trajetória descendente rumo ao poente, toda a paisagem urbana intensamente iluminada. Com o íntimo em recolhimento, os dois retornavam com certa sombra na alma.

Nas vielas, Fernanda principiou a cantarolar Tim Maia: “É primavera... Hoje o céu está tão lindo... É primavera...”, na tentativa de desanuviar a opacidade do astral – no que foi ajudada pelo brilho cálido do sol, pelas endorfinas da caminhada e pela leve refeição de frutas e sucos naturais, feita por ambos de pé, no balcão de um quiosque. Ao chegarem ao hotel, estavam já os dois aligeirados e conciliados consigo mesmos. Para usar um clichê, “prontos pra outra”.

Consumo Consciente, um Caso de Amor Platônico

Ora! Não espere que o cabrito seja o zelador da horta!

Eram cinco minutos para as 3 horas da tarde, Fernanda e Homero haviam chegado ao hotel pouco antes do horário combinado. Na pérgula à beira da piscina já lá estava Luciane Lucas sentada a uma mesinha redonda, daquelas de ferro batido esmaltado de branco e com tampo de vidro, folheando um livreto. Quando se apercebeu da presença deles, ergueu os olhos com surpresa, deu umas piscadinhas de ajuste de foco e exclamou interrogativamente um 'já'. Sorrindo, os dois se aproximaram e sentaram-se ao redor e, sem conter-se, foram logo transmitindo o espanto da experiência recém-vivida: "Estivemos numa capela toda revestida de ossos humanos por dentro, a Capela dos Ossos, conhece? Um assombro!", cada qual foi compondo as partes da frase acima, que saiu mais ou menos do jeito que ali está. "Curioso!", logo observou Luciane, "estava agorinha mesmo com este guia turístico de Évora aberto na página da Igreja de São Francisco, onde se menciona essa capela. Me despertou interesse em visitar se bem que... hmmm... parece um pouco macabro, não?" Homero na sequência emendou: "Sem dúvida, choca um tanto mas faz também refletir muito. O que entretanto justo agora me espanta é que quando entramos lá no recinto me veio a sensação de sincronicidade, de sincronicidade com o que fui conversando com a Fê até o local. Nossa conversa girou em torno da simplicidade voluntária como um antídoto ao consumismo e cheguei até a propor prá Fê trabalharmos na volta o binômio 'simplicidade e consciência', a simplicidade voluntária associada ao consumo consciente ou, como alguns mais recentemente designam, consumo sustentável, dá no mesmo, só muda o apelido. E agora de novo a sincronicidade se apresenta: você com a página do local aberta e nós falando da capela justo nesse momento. As coisas, parece, estão encadeadas..." No seu estilo pragmático, Fernanda foi logo cortando as divagações e propondo: "É, realmente há coisas que intrigam... Vamos então iniciar nosso papo, gente?"

Por oportuna a intervenção, Luciane e Homero se voltaram para Fernanda com discreto aceno de cabeça significando um 'vamos lá'. Desta vez não havia comidinhas nem bebidinhas, o conversatório seguiria sem molhados e secos, apenas com os reflexos do sol cadente nas águas ondulantes da piscina emitindo intermitentes *flashes* sobre o trio. Fernanda se aprumou apontando para si mesma e, por gestos trocados entre os três, entendeu-se que ela abriria as falas, motivo pelo qual de pronto acionou o inseparável gravador digital no modo *record*.

“Já cheguei com isto meio que organizado na cabeça, vamos ver como é que sai”, principiou. “Volto a Foucault e à sua ideia de microfísica do poder para fazer uma pergunta, ao final. Foucault reiterou sempre, em seus escritos e entrevistas, que é necessário reformular a ideia de poder para realmente pensar criticamente no tema. Essa reformulação começaria por não ver o poder como uma superestrutura em que se opõem dominantes e dominados e na qual uma ideologia se impõe por uma vontade dos dominantes sobre os dominados.” Parada técnica para checar com o olhar atenções e entendimento; satisfeita, avançou: “O poder, nas palavras de Foucault, se exerceria no nosso cotidiano, também por nossas ações. Somos parte dessa mecânica do poder, dessa malha vetorial que, para aterrissar no nosso foco, se faz ver no fenômeno do consumo tal como se configura em nossos tempos. Fazemos parte, então, de acordo com essa visão, de todo o processo que você descreveu hoje de manhã, Luciane, em que o consumo passa a ser atributo identitário. Não estamos, assim, apenas passivamente respondendo a esta máquina que nos submeteria sem trégua e implacavelmente, somos cúmplices... Daí vem a pergunta: como fazer valer o consumo consciente, ou sustentável... neste cenário de consumo desenfreado, ‘inconsciente’?” Finda a fala, relaxou o corpo tensionado na busca do domínio do discurso e sorriu levemente.

Estimulado pela indagação de Fernanda e dirigindo-se a Luciane, Homero buscou conectar pontos: “Isto me reforça o que você já me disse *en passant*, anteriormente: o consumo consciente é uma ficção porque existe uma cumplicidade umbilical entre o consumidor e o produtor, e não importa de onde vem o produto, se vem de desmatamento, se vem de trabalho escravo: se alguém está querendo um produto, vai comprar, encontrar uma racionalização pra comprar, certo? Vamos então apear do pódio o consumo consciente, por ser uma ficção duvidosa?”

“Sim, concordo com você, mas em termos”, assentiu Luciane, ocupando o centro da cena. “Ainda que respeite quem faz seu esforço diário para politizar o consumo como prática social, o conceito ostenta, é indiscutível, perigosa fragilidade, a meu ver. Primeiro, porque me parece que estamos banalizando o sentido de consciência. Segundo, por ser um discurso de que as empresas se apropriaram para responsabilizar o indivíduo por algo que, não raro, o ultrapassa. Responsabilizar o indivíduo é típico das engrenagens de poder da sociedade de controle, conforme nos advertia o filósofo contemporâneo Gilles

Deleuze. E, enquanto as organizações pregam o consumo consciente ou sustentável – ou se apropriam deste discurso para ganharem pontos junto à Opinião Pública –, o consumo produtivo, que está por trás das estratégias de alavancagem do consumo, vai se tornando misteriosamente invisível. Não ignoro que conquistas tenham acontecido desde o aparecimento do conceito. Mas à medida que a coisa avança e a ideia do 'você faz a diferença' toma outras conotações, banaliza-se a ideia da consciência e subtrai-se o conteúdo político possível das ações de consumo. Neste sentido, o consumo consciente, pra mim, tornou-se, infelizmente, um discurso de mascaramento das verdadeiras externalidades produtivas inerentes aos mercados."

"Quer dizer, é um interesse das organizações induzir que o consumo consciente salvará nosso mundo: 'compre o nosso produto'... É mais um argumento de venda?"

"Não, Merix, se fosse um argumento de vendas apenas, seria mais um dos elementos na estratégia de *marketing*. É pior do que isso, porque o conceito, da forma como tem sido empregado, gera importantes distorções. Por exemplo, enquanto pessoas fazem apagão voluntário contra o aquecimento global, boa parte delas desconhece que algumas das empresas que se dizem sustentáveis são exatamente as maiores consumidoras privadas de energia; e então? Outro ponto a considerar é que o consumo consciente mascara algumas particularidades do consumo como fenômeno social. Faz pensar, por exemplo, que o consumo seja um ato individual, quando não é. O consumo é, por natureza, um ato coletivo."

Buscando confirmar seu entendimento, Fernanda arriscou: "Então, essa estratégia de controle nos deixa em prontidão para agir 'em prol do meio ambiente', enquanto as empresas seguem dilapidando o próprio... É isso?" Assentindo com um breve gesto e aproveitando o vácuo da pergunta, Homero emendou, para Luciane: "Você está falando das empresas como um todo?" Luciane em cima esclareceu: "Me refiro ao mercado...", provocando o repto de Homero: "...esta abstração difusa chamada 'O Mercado'?" Pronta réplica: "Sim, da mesma forma que há uma abstração difusa chamada Sociedade."

E seguiu Luciane, alternando com Homero: "O mercado diz que a sociedade deve se unir, que os indivíduos devem ser conscientes e se unir para reduzir seus níveis de consumo; entretanto, o consumo produtivo destas mesmas empresas desaparece como debate, o que é uma coisa no mínimo preocupante..." Homero:

“...porque abrir o jogo seria um tiro no pé. Daí a dubiedade da proposta que fazem, como a vejo...” Luciane: “Esta culpabilização do indivíduo aparece no discurso das organizações em relação ao consumo e nisto se inclui uma orientação, porque são as empresas que orientam os indivíduos sobre como eles devem consumir para consumir melhor e de forma consciente. Perceba bem o ardil que se forma aí: são as empresas que dizem ‘você pode consumir menos luz... menos isso, melhor aquilo...’” Homero: “...desde que você não afete meu lucro!”

Indicador pedindo vez no bate-rebate dos dois, entra Fernanda: “Só um pequeno aparte: me parece que a ideia do movimento pró consumo consciente é justamente incitar nos consumidores um certo senso crítico em relação ao consumo, para que percebam que são um elo importante na cadeia de produção e que, se houver menos consumo ou um consumo mais criterioso, a produção terá que se adequar a outras demandas disso decorrentes. Podemos até mesmo relacionar a noção de que somos um elo nesta cadeia, à noção de um poder disperso em que não há opressores e oprimidos, de que fala Foucault... ou seja: se somos parte da malha em que se configura o jogo de poderes, no processo de produção-consumo-degradação nos caberia de fato uma parte da responsabilidade nas externalidades dele decorrentes. Não sei se é necessário”, e Fernanda aqui realçou o verbo em leve tom de reprovação, “...’destituir’ o consumo consciente...” Avaliou o efeito do que dissera e prosseguiu, segura: “O importante é estar de olhos abertos para a maneira como as empresas se apropriam desse discurso, que é contestatório. Isso porque, se vivemos em uma sociedade de controle e não só de disciplina, e se as estratégias através das quais se estabelecem relações de poder são dispersas, dissimuladas, invisíveis, a própria ideia de fazer do ato de consumo um exercício de cidadania e de crítica termina por ser uma outra tática, por parte das empresas, para prolongar certas invisibilidades...”

“Sim, sim!”, valida Luciane, deslanchando: “E o que acontece de mais complicado nisso – e é por isso que a questão da sustentabilidade precisa ser revista – é que quanto mais eu digo que você deve observar o seu consumo como indivíduo, quanto mais eu coloco o holofote em cima de você, mais se reforça a invisibilidade de uma coisa chamada consumo produtivo, que é o consumo dos recursos necessários à produção. Eu não estou falando do consumo de que todo mundo fala, do consumo que é objeto de estudo de antropólogos, sociólogos, etc., que é o consumo dos indivíduos...” Encetando um segundo bate-rebate,

inseriu Homero: “...que é o consumo neste caso dos chamados meios últimos, para pegar o Espectro de Meios e Fins, do Herman Daly. Os Meios Últimos são constituídos por tudo o que integra o capital natural.” Luciane: “Sim, é certo! Mas o que estou dizendo é que estamos falando aí de um consumo de que já falava Marx – e que tem ficado absolutamente invisível em todos os trabalhos em que se trata do consumo –, que é o consumo produtivo.” Homero: “...como se a matéria viesse do nada...” Luciane: “Como se a matéria viesse do nada! Então todo mundo está discutindo aonde é que você joga fora o seu celular ou o que seja, qual a destinação que você dá ao objeto que você comprou, mas ninguém discute qual é a origem, a destinação e todo o circuito de produção, de exploração, a divisão internacional do trabalho, todas as externalidades... ninguém discute as externalidades do consumo produtivo. E as externalidades são aquilo que fica sob o tapete, embaixo da mesa.” Homero: “E produtivo aí, só pra esclarecer, não é produtivo no sentido de eficiente... produtivo significa então relativo à atividade de produção, não é produtivo como oposto a improdutivo...”. Luciane: “Sim, não é! Mas pra fechar o raciocínio: como podemos falar em consumo consciente e esperar que cada qual faça sua contabilidade dos custos e das externalidades que ele como indivíduo produz, quando há uma externalidade coletiva gigantesca por trás do consumo produtivo que ninguém discute?”

Solicitado discretamente por Fernanda, o garçom sempre à espreita veio trazendo uma garrafa de água mineral na opção que em terras lusas se denomina “fresca” para dizê-la gelada – em contraposição à “natural”, sem gelo –, com copos para atender a todos, que dela se serviram numa paradinha providencial para umedecer as goelas. A conversa correu sério risco de deter-se por aí ou ser novamente transferida, mercê da letargia que a hidratação propiciou, mas Fernanda, escudeira vigilante, se incumbiu de desclicar o botão *pause*, pondo-se em posição de tiro verbal, assim impedindo a derivação inevitável para o trato de trivialidades que rondavam maliciosas. Eis o que disse, retomando as falas.

“Já que graças à água nos refizemos, acabou que isso que me fez remontar a uma palestra a que assisti sobre a questão da água. O palestrante, especialista no assunto, num certo momento disse que o impacto de fecharmos a torneira enquanto escovamos os dentes ou arrumar as torneiras que vazam para economizar água é absolutamente mínimo em comparação ao dano que grandes corporações – sejam elas privadas ou estatais – infringem ao sistema hídrico com a poluição decorrente de suas atividades, por exemplo. Ou seja, ficamos com a

ideia de que estamos realmente ‘fazendo algo’ – ou nos culpabilizamos por não fazê-lo – enquanto os danos de grande escala continuam acontecendo, sem nenhuma publicidade... Claro que isso não invalida essas nossas pequenas ações, que têm sobretudo um valor educativo, mas supervalorizá-las não melhora a situação atual com a intensidade necessária. Parece portanto que uma maneira de realmente ‘botar o dedo na ferida’ e, talvez, mexer um pouco nessa mecânica do poder que se dá através da dinâmica do consumo, seria atentar mais para o consumo produtivo, trazer essa dimensão à tona para discutir, para exigir mais informações... Mas gostaria de trazer outro assunto para a discussão, um assunto que você, Luciane, citou antes e que queria retomar: a questão da mais-valia estética do signo...”

Homero se entusiasmou: “Fê, você trouxe de volta um aspecto fulcral do que foi abordado hoje cedo. Sim, a questão da marca, Lu! você poderia retomar... A questão da mais-valia estética do signo, na expressão de Baudrillard...”

“Está bem. Vamos à história da marca... Por que eu acho importante a gente observar isso? Como as coisas de repente ganham um valor? Como o sistema capitalista se apropria das coisas, do significado possível que elas venham a ter, e atribui a elas, às vezes, sentidos que elas nem tinham no seu início? Por exemplo, um casaco de pele, um casaco de couro, já significou um elemento de transgressão. Hoje não é mais... Um *piercing* quando surgiu era uma marcação no corpo pra dizer como esse corpo reclamava a necessidade de ser diferente, de comunicar alguma coisa que não estava no comum e no corrente do coletivo. O *piercing* era uma marcação no corpo, a tatuagem era uma marcação no corpo. Hoje, qualquer ‘patricinha’ pode ter um *piercing*. E de ouro!!! O que é uma contradição – um *piercing* de ouro numa ‘patricinha’ é uma contradição do próprio sentido do *piercing*.”

Homero pôs tempero no cozido: “Quer dizer – era uma contestação alternativa e não do *mainstream*...”

“Ou seja: o sistema capitalista rapidamente absorve esse caráter alternativo e transforma em *mainstream*. E isso acontece com ‘n’ coisas... por exemplo, com o açaí. O açaí era um produto do Norte do país, de baixo custo, que as pessoas comiam ou bebiam como suco ou batida, era utilizado na alimentação do amazônida como algo extremamente popular. Esse açaí passa a ser consumido

no Rio de Janeiro e em São Paulo como sinônimo de culto ao corpo, de qualidade de vida...”

Mais tempero de Homero: “...como pertencimento intragrupal e diferenciação extragrupal...”

“Sim, sim! O açaí passa a ser um código, um código de saúde. Portanto, se você não consome açaí, você não é uma pessoa saudável... é um excluído, pois não porta o código. O que a gente observa, ao fim e ao cabo, a respeito das marcas, é que o mundo das marcas vai se apropriando destes códigos... O que acontece? Aquele açaí, que era um elemento que pertencia a uma comunidade, extrapola o seu território: o mercado se apropria disso, e aquilo rapidamente deixa de ser um código específico e passa a ser um código difuso, mas não perde seu caráter sígnico, o que não significa necessariamente que ele mantém as mesmas propriedades. Eu não sei se um iogurte industrializado de açaí está próximo de um copo de açaí natural, mas fica aquela ideia... É capaz de se tornar saudável com um simples aroma de açaí.” Mais hidratação nas cordas vocais, pai e filha a acompanham aproveitando para ajustar a coluna no espaldar da cadeira, e prossegue Luciane: “Bem, pra fechar, é aí que a cereja deste bolo, desta discussão sobre o consumo, está por ser depositada: refiro-me à discussão sobre o consumo produtivo, sobre aquilo de que não se fala, sobre as externalidades inerentes àquilo de que não se fala... E eu gosto muito de dar o exemplo da linha de produção do iPod, que envolve uma série de países asiáticos, mas com predominância da China – a linha central de produção é na China. Li as informações que vou compartilhar com você em um belo infográfico elaborado por William Taciro e MKanno sobre a linha de produção do iPod. Como é que pode uma marca americana ser totalmente produzida na China, e não existir uma única linha de produção nos Estados Unidos? Um engenheiro americano ganha em torno de 85 mil dólares por ano, ao passo que o engenheiro chinês vai ganhar no mesmo período 10 mil dólares. O operário americano, que inexiste na linha do iPod, ganharia, anualmente, cerca de 50 mil dólares e, portanto, está mais próximo do engenheiro chinês. Mas o operário chinês, que vai tornar possível a elaboração desse iPod, ganha cerca de mil e seiscentos dólares por ano!! Divida por doze 1.600 dólares e você vai ver a miséria que esses operários chineses recebem por mês. Esta divisão internacional do trabalho, como prática que se torna comum em tempos de globalização, vai se tornando natural aos nossos olhos, de modo que já não a vemos como o pedágio, que na verdade é, para

garantir o volume e a velocidade das engrenagens do consumo. O barateamento de produção a qualquer custo se banaliza...”

Percebendo uma nova categoria implícita na fala de Luciane, Homero quis assinalar: “E isto é uma degradação do outro capital que é impactado negativamente pela produção, além do capital natural, que é o capital humano-social. Você degrada ambos, o capital natural e o capital humano-social...”

Luciane reconhece a referência: “Sim, tem a ver com aquele modelo que você mencionou numa conversa anterior, dos quatro capitais: de um que a gente não está vendo, o capital natural, que beneficia outro, o capital construído, que a gente está vendo e que consegue lidar muito bem com ele... Então, o que eu quero dizer é que a invisibilidade das externalidades geradas pelo capital construído acontece com o aval do próprio mercado.”

Alinhado com a ideia, Homero complementa: “E muitas vezes, de fato, o indivíduo não sabe mesmo o que está acontecendo mas, mesmo que soubesse, continuaria consumindo... você concorda comigo? Ora, é desse consumidor que nós queremos dizer que tem que ser consciente...”

Emendando, Luciane abre o leque de razões: “Sim, mas de fato esse não consegue ser consciente! Antes de mais nada, porque as informações não estão disponíveis e, em segundo lugar, porque ele desconhece essas tais cadeias produtivas e as externalidades a elas inerentes. Aqui vale um adendo – na verdade, dois – sobre a sociedade de consumo, que eu diria que é tipicamente de controle. Em primeiro lugar, vivemos em uma sociedade em que o poder não se manifesta exatamente sobre o indivíduo, mas sim sobre o processo de construção da subjetividade. Isto muda muita coisa, porque o indivíduo é instado a pensar que pode ser o que quiser – basta fazer uso da varinha mágica do consumo. Em segundo lugar, instala-se, por conta disso, um contrato de adesão. As pessoas querem consumir, não só porque, como já vimos na conversa de hoje cedo, se relacionam umas com as outras a partir do mundo dos bens, mas também porque acreditam que o consumo possa trazer a elas uma realização pessoal. A consciência só parece possível se esta premissa puder ser mantida… pouca gente admitiria abrir mão da classificação social que o consumo promove. Por que teria o consumidor individual interesse em fazer isso?”

Estimulado, Homero se anima: “Acho que sei a resposta: não se interessa porque o que ele está querendo é satisfazer a sua necessidade de pertencer e de ser

diferente... isso é o que interessa a ele. E esse negócio de geração futura, de altruísmo, de pensar nos netinhos, isso tudo é nebuloso. Concorda comigo? Então terminamos esse debate com esta constatação dramática!”

Parecia um fecho esse último vai e vem entre Luciane e Homero. Entreolhando-se, deram os três a entender que era momento de cumprir demandas fisiológicas, das quais não convém aqui entrar em detalhes... Gravador no *pause*, o fato é que pai e filha subiram por alguns minutos aos aposentos enquanto Luciane permanecia no piso térreo, tinha ademais questões da hospedagem a verificar na recepção. No trajeto, Homero observou: “Sinto que há ainda algo que falta ser dito. Na volta, estou com comichões de tentar amarrar a conversa toda de hoje com pontos que abordamos em outras ocasiões. Afinal, tudo o que fizemos até hoje em conjunto tem seguido uma certa linha mestra, ainda que um tanto invisível, não acha? E você, tem algo ainda a acrescentar?” Fernanda limitou-se a um gesto com a mão espalmada querendo significar qualquer coisa como “me aguarde” ou “chego lá”. De volta ao cenário anterior, já lá estava Luciane à espera, de novo folheando o guia, sinal do convite ao lazer arrodeando a mesa. Sentados os três, querendo ser polido sem afetação, Homero ensaiou com Luciane: “Já dissemos tudo, será? Eu gostaria de fazer mais algumas considerações, se você estiver ainda com capacidade digestiva para mais uns dois ou três ‘ora, pois pois’...” Ambos riram e Luciane enviesou a cabeça convidativa, face ao que Homero principiou a girar o basculante da fala para esvaziar o que ainda se acumulava na caçamba mental, enquanto Fernanda, cuidadosa com os registros, acionava o inseparável *aide-mémoire* digital.

“De tudo que intercambiamos aqui, me surge a necessidade de juntar partes ricas em si e que se valorizarão mais ainda quando entretecidas numa trama sistêmica, incluindo coisas não abordadas diretamente mas que já vimos elaborando ao longo da nossa produção no assunto. Coisas, Lu, que antecedem algumas este nosso encontro, mas que você conhece bem, pois boa parte delas já conversamos um bocado a respeito. Lá vou eu!”, o primeiro despejo do basculante já se esparramara no chão. Sobre ele, o que restava na caçamba foi se amontoando: “O consumo, consciente ou identitário, é refém daquela *doxa* que assinalamos em nosso jantar – lembra, Fê? – com a bióloga e o geógrafo meses atrás, a *doxa* do crescimento, um meme que, como todo meme, se autorreplica viralmente. Daí surge que crescer produz um meme subsidiário, o meme do lucro que responde à ansiedade do curto-prazismo, a qual nos compele a trazer para o presente o máximo possível de resultado futuro da atividade econômica, face à

incerteza que, no final da ponta, tem a ver com nossa finitude como seres vivos. Finitude da qual temos consciência, fato único em meio ao universo das espécies vivas... Nesse quadro, duplo motivo tem a economia para induzir ao consumo, para forçar um consumo sempre maior e mais diversificado: assegurar o crescimento econômico e o lucro a ele associado, e mitigar a ansiedade que a nossa finitude provoca na nossa mente e coração. O consumo é o anestésico que nos dá a sensação de perenidade transitória – eu sei, um oximoro! –, que mitiga a sensação apavorante de que o deus Morte nos ronda o tempo todo. É o bálsamo com que o deus Mercado nos presenteia, favorecendo biologicamente a liberação de endorfinas que nos inebriam e que acalmam a luta interior entre Chronos, o tempo que urge, e Pluto, que mediante a posse do dinheiro nos empodera como se imortais fôssemos. Tem-nos faltado o norte de um sentido da vida construído na reflexão filosófica e no despertamento de nossas faculdades superiores, que muitos chamam de espiritualidade."

Há vantagens, que costumam ser pouco valorizadas, em permanecer na posição de observador silente: pode-se ganhar o privilégio da palavra final, após colher no cesto das cogitações tudo o que se disse antes. Ou seja, de exercer a síntese ou, pelo menos, buscar uma convergência entre tudo que foi antes dito, na intenção de construir um sentido unificado e selador. Fernanda esteve atentíssima aos lances finais das trocas entre Luciane e Homero, nessa postura de observar e processar e, valendo-se disso, decidiu pronunciar-se, como sinalizara no intervalo de pouco antes. Segue-se a fala que ofereceu, a qual irrompeu sem mais anúncios.

"Somos educados na lógica do 'fazer' para atingir o 'ter', o ter que desemboca no consumo. O 'ser', afinal, se funde com o 'ter' e terminamos melancolicamente numa pérfida filosofia de segunda classe: 'Consumo, logo existo!'. Ei, gente: 'consumo consciente', 'consumo sustentável', onde se encaixa isso? Acho que não se encaixa, a não ser como mais um lema que nos encanta mas pouco transforma por mera falta de condições sistêmicas. É isso... só isso, acabei!" E desligou o registrador digital das falas...

Seria desleal afirmar que "quem fala por último, fala melhor", parodiando o dito famoso sobre o riso. Seria, na verdade, profundamente injusto para com a circulação de ideias lúcidas e instrutivas com que todos, inclusive a própria Fernanda, elegantemente esgrimiram em torno de tema tão controverso e ao

mesmo tempo envolvente e fascinante. Mais apropriado seria dizer que ‘quem fala por último, encerra a conversa’ – e foi o que aconteceu, por tácito consenso.

Não satisfeito com a sua longa e inflamada peroração, Homero ainda tentou: “Como costuma dizer o Mário Sérgio Cortella, há que esperançar... uma vez que...”, mas as palavras se desfizeram no vazio, não adianta querer embarcar num trem que já partiu. À vista do inevitável, e sem nenhuma cerimônia, os três passaram ato contínuo a cogitar de passeios e distrações, implícito que ficou que o dever fora honrado e cumprida a proposta tão longamente acalentada e que teve de vencer percalço sobre percalço para se concretizar: Luciane tinha sido ouvida e tudo o que tinham a dizer fora dito.

Iriam no dia seguinte, que agora era hora das conversinhas descompromissadas ainda na beira da piscina – encomendadas ao mesmo garçom da água três margaritas, que ninguém é de ferro nem abstêmio –, fazer os percursos inescapáveis por aquela cidade-cidadela de Évora, Patrimônio Cultural da Humanidade, cujo topônimo provém de Eburianus, divindade dos celtas, povo que, juntamente com os romanos, embora em épocas mui distintas, por ali há milênios deixou marcas... tudo isso conforme capitulado no guia que Luciane de novo folheava. No roteiro que passaram a organizar, constava: 1) contemplar as ruínas romanas do Templo de Diana; 2) entrar e sair pelas cinco portas da muralha da cidade velha; 3) visitar nas cercanias – pai e filha pela terceira vez – o Cromeleque dos Almendres e o Menir da Oliveirinha, famosos megálitos celtas; 4) levar Luciane, quem sabe, à lúgubre capela dos esqueletos; e, entre uma coisa e outra, 5) passar em revista, na região, as plantações de sobreiro, árvore cuja casca fornece ao mundo cortiça de primeira para a rolha dos melhores vinhos.

Vinhos? Ah! os do Alentejo estão entre os excelentes de Portugal e a eles, quem resistir pode? Bem, se no resto da curta temporada não desse para consumi-los, metamos lá, conscientemente, pelo menos que se o fizesse com moderação... Fim da história, quem quiser que conte outra!

Economistas, Anjos e Filósofos: uma Teoria de Todos

A colisão entre teorias e conceitos antagônicos traduz a inevitável disparidade dos diversos modelos mentais e, por isso, não deveria se inserir no campo sombrio da culpabilidade.

Curiosa polêmica se instalou sobre onde exatamente se situa o centro geodésico da América do Sul, sabido estando que não escapa dos limites do estado do Mato Grosso, o do Norte, que me não leiam ou escutem os de lá, pois havendo um Mato Grosso do Sul, se enfezam quando alguém especula se o seu é “do Norte”, os do Norte assegurando que Mato Grosso genuíno como o pequizeiro nativo é um só, o Mato Grosso, sem complementos e ponto; o outro precisa se explicar: é “do Sul”... Pacífica e terminante assertiva que, como essa, põe cada estado mato-grossense, que ambos o são, no seu lugar, um pra cima sem mais, outro para baixo e com ressalvas, já não existe quanto ao centro geodésico do nosso continente, como iniciamos anunciando, que uns estabelecem como situado em Cuiabá, capital do estado que segue sem aposto, ao passo que outros o deslocam para a altaneira e vizinha Chapada dos Guimarães, berço dos rios que fluem do planalto central para o resto das terras acima e abaixo no continente, e cujas feições naturais exalam beleza e majestade.

Tantas conjecturas por causa de diferenças tão pífias, míseros meio grau de latitude e um grau de longitude – grandezas que se perdem na vastidão de um continente que de alto a baixo se estende por 60 graus e de oceano a oceano se espicha por 46 da mesma medida, tudo em arredondamentos. São ninharias todas essas! diriam os observadores isentos de paixões possessivas de quem discute quem detém qual distinção.

Há porém implicações históricas e castrenses no entorno das divergências, visto que pô-lo em Cuiabá foi o intrépido Marechal Rondon quem o fez, porém a modernidade quase nada preserva da memória mesmo dos bem intencionados, ainda mais quando tenham agido desprovidos de geringonças tecnológicas que os respaldassem nas conclusões, ditas geringonças de cuja aplicação por sua vez a NASA recentemente se valeu, em recálculos que não pouparam a patente do militar desbravador, chegando então a agência ianque a decretar, GPSs e que tais em mãos e olho nos radares: “o centro geodésico da América do Sul está na Chapada dos Guimarães!”, mais precisamente num sítio de observação, por isso mesmo denominado Mirante, amplo em área e que se debruça sobre um vale

circundante que morre no horizonte. Perde a tradição, e ganha, e muito, o turismo serrano!

Mas a que vêm tais amenidades? Para tudo há sempre uma razão e quando não as há, metemo-nos de pronto a criá-las, para não passar por néscios ou inconsequentes. Não sendo este o caso, vamos então aos fatos: nosso escrevinhador habitual, concluídos os afazeres profissionais que o levaram à região e na qual decidira repousar por uns dias, andava às voltas com íntimas incertezas hamletianas sobre para onde rumaria terminada a labuta, a fim de exercer um mister específico: se para a Praça Pascoal Moreira Cabral, em Cuiabá, onde está plantado o obelisco no ponto determinado por Rondon em 1.909; ou para o Mirante delimitado pela NASA sete décadas após, na chapada vizinha à capital. Queria, onde fosse o verdadeiro ponto, se entregar a uma meditação, esse o mister específico, para organizar um turbilhão de perguntas com várias respostas, idiossincrático e metódico que é, ou nenhuma, dá na mesma, desde que a tentativa se haja feito com empenho e desprendimento, sobre economistas e anjos – é de pasmar o ecletismo exótico desse, ainda que momentaneamente, diga-se, aguilhoado cidadão, tão bem intencionado nos seus desígnios como o marechal contestado pela NASA.

Sobre as dúvidas que já vinha ele arrastando nessa via-crúcis mental, aditava-se essa outra que vimos: para qual dos dois centros, agora eleitos de meditação, se dirigiria, qual seria o confiável, aquele que por ser o autêntico simbolizaria o ponto de equilíbrio da massa continental, brindando-lhe, ao ali entregar-se ao mergulho profundo na alma, que coisa diferente não é meditar, o centramento de que necessitava, para conjuminar sem desmantelar-se emocional e mentalmente o binômio “economistas e anjos”? Em meio a essas hesitações, um clarão súbito espocou no bojo do seu lóbulo frontal e num zás-trás tudo ficou evidente: o centro geodésico não é um ponto, é uma área circular que, posto o gigantismo territorial do continente sul-americano, cobriria uma superfície de, ponhamos lá, uns cem quilômetros de diâmetro, qualquer coisa como um grau em termos geográficos, coisa de somenos em meio às dezenas que demarcam latitude e longitude dos limites extremos sul-americanos, boreal, austral, ocidental e oriental. Pronto, acabado! Quaisquer pontos notáveis e verossímeis nessa área magnificada, inclusos o de Cuiabá e o da Chapada, são elegíveis, estão no centro geodésico, ou não mais centro, no círculo que contém infinitos centros...

Subsegue o óbvio: nada do antigo Campo d'Ourique ou Largo da Forca, hoje Praça Pascoal Moreira Cabral, já a mencionamos, onde está espetado o obelisco do marco zero continental na capital mato-grossense, e – livre-nos Deus desse anátema – , local frontal à Assembleia Legislativa, sítio muito urbano para processo de tão grande finura! Óbvia então emerge a escolha do escrevinhador, parceiro da escrevinhadora e filha Fernanda, ambos devotados ao mesmo papel nesta seara de ideias e conjecturas: subir a serra e espichar-se no Mirante da Chapada para o almejado processo meditatório e reflexivo sobre economistas e anjos, mais à frente se entenderá o porquê dessa esquisitice.

E consumada foi então a escolha, resultando no deslocamento dele por 70 km serra acima, artigos para pequenos confortos conduzidos na mochila: 2 garrafinhas de água de 510 ml, lona para deitar no solo cru, almofadinha inflável para alternativamente usar como travesseiro ou assento, uma manta leve, alguma caloria sólida deglutível, lápis com borracha e prancheta, papéis para escrita e, ora vejam, também os para outros usos alternativos eventuais quaisquer, quem em empreitadas rurais para tal dispensá-los pode... Numa pasta L de plástico acomodava-se na mochila uma folha com anotações, o registro das questões que infernizavam, claro que dele falávamos, nosso Homero, o aludido escriba agora dos descampados, que eram para ser harmonizadas entre si e com o resto do que se veio depositando na sua ora atormentada cabeça, desde a agitada adolescência.

E o corpo cansado da caminhada do centro da vila até lá afinal sossegou, uma vez instalado ele em transitório decúbito em pleno terreno rústico do Mirante, pois um certo relaxamento foi por si só por isso de pronto conquistado... Mais serena e gratificada tornou-se sua alma quando por alguns momentos, olhos cerrados, imaginou-se a si próprio sentado num dos bancos que rodeiam o obelisco, em Cuiabá, tendo ademais que cumprir o mínimo de compostura física demandado pelo local, respirando os venenosos gases do tráfego veicular da praça, enquanto se esforçaria por concentrar-se sob a cacofonia do ronco dos carros e da zoada da fala dos passantes – impensável isso, na verdade! Salvadora a ideia do círculo abrangedor versus centros pontuais, que plantou Homero na paradisíaca chapada para dar curso aos seus desígnios extrassensoriais...

Logramos aceder às anotações do escrevinhador Homero, no exato momento em que, tendo-as extraído da mochila e afixado na prancheta havia terminado de repassá-las, após rabiscar aqui e ali, anotar à margem e acrescentar alguns

tópicos e uma e outra emendas, já o pintamos metódico. Eis como ficou após os retoques.

Temas para Meditar e Refletir - URGENTE

1. Doxa / meme-mestre do crescimento – onde se ancora, quando surgiu (é genético ou comportamental?). Serge Latouche (Farewell to Growth) e Herman Daly (Beyond Growth), vistos como românticos e irrealistas

2. Qual a razão por que a teoria econômica não precifica os recursos naturais cujo valor não integra o PIB

3. Por que cargas d'água os economistas não são sensíveis à finitude do suporte planetário à atividade econômica – pegada ecológica, desconhecem / desconsideram

4. Confiança dos economistas na tecnologia para resolver questões criadas pela atividade econômica – comodismo? ingenuidade? corporativismo?

5. Por que se acredita na ilusão da ecoeficiência – efeito Jevons: eficiência no uso de recursos no micro resulta em maior consumo do recurso no macro. Ótimo local, sub-ótimo global... Caso do Diagrama PERT: folga comunicada, folga utilizada...

6. Por que costumam os economistas citar Malthus para dizer que previsões catastróficas sempre furam, se os economistas SEMPRE erram suas próprias previsões – normalmente otimistas e desenvolvimentistas

7. Por que acreditar no que dizem os economistas sobre a capacidade do mercado de sempre se autoajustar – mercado e democracia, siameses?

8. Por que insistem em afirmar que o PIB mede a riqueza – o PIB aumenta nas pandemias, com as guerras e na mitigação dos desastres naturais!!! por que o PIB é sempre a referência para aferições: tonelada de carbono equivalente produzida por unidade monetária de PIB, PIB *per capita, etc. etc.*

9. Agenda dos economistas, hoje em dia (dos engajados!) – criar uma economia descarbonizada, aumento da eficiência energética, preservação da biodiversidade como ativo rentável, intervenção dos governos com novos

marcos regulatórios para criar futuros viáveis... o valor da Natureza como sustentadora da vida simplesmente não faz parte do discurso – coisa de românticos / efeminados / “macho desbrava e desmata”

10. Ninguém nunca diz que a lógica da busca de lucros pelas corporações tem que ser alterada de dentro do modelo econômico, pois alimenta um crescimento contínuo inviável. Conivência com os ”patrocinadores”?

11. Por que esse desconto financeiro obsessivo do futuro, que leva à aceleração do crescimento = doxa = dogma. Transformou-se a Economia numa seita, é o deus Ciência mancomunado com o deus Mercado?

12. “Temos que alimentar o mundo” é passe livre para detonar a Natureza. Comida pra bichos, baixo fator de conversão proteica, famintos continuam existindo aos bilhões, obesos crescem em número, terras e águas envenenadas pelas monoculturas intensivas – são os economistas racionais, minimamente?

13. Por que são ignorados ou rejeitados/apenas tolerados pelos colegas os economistas que buscam uma redefinição do escopo da economia como um subsistema da ecologia. Caso de Georgescu-Roegen, Herman Daly, Manfred Max-Neef, Donella Meadows, José Eli da Veiga, *etc.*

A revisão que poderia parecer de somenos, posto que o essencial já ali se encontrava antes de principiá-la, produziu muita fadiga no já inquieto escriba em jornada campestre, a reiteração do afloramento das questões aflitivas que deram origem à excursão montanhesa atirando-lhe na cara a magnitude do desafio explica parte, outra parte se deve à ação da intensa energia telúrica emanante do lugar que intensificava a já alta ansiedade de encontrar respostas – precisava, como bom escrevinhador que se julgava, escrever e bem, para manter a imagem, a auto e a hétero, sobre esse emaranhado de tópicos, convenhamos de alcance monumental se assumidos tim tim por tim tim, bastava percorrer os olhos por sobre a vasta lista, pois era o que se tinha proposto e imposto. O texto final tinha que irradiar um brilho certeiro...

De sentado que ficou durante a rabiscação passou de novo a deitado, o céu meio nublado, a temperatura alta amenizada por uma leve brisa, e o resultado foi cochilar deixando tombar a prancheta do lado esquerdo, o lápis com borracha numa extremidade equilibrando-se sobre o peito que oscilava para cima e pra baixo com a respiração do ressono. Isso durou alguns segundos ou vários

minutos, não importa nem se sabe ao certo, o processo meditatório sem parecer já havia por si se iniciado. Ao vir voltando desse temporário apagamento, tão naturalmente quanto nele entrou, deparou-se com que estava ali a menos de meio metro à esquerda um homem sentado ao seu lado, silencioso, que ao percebê-lo de olhos já levemente abertos pronunciou um amistoso “olá”.

Cabe agora pausar a narrativa para trazer ao conhecimento de quem esteja nos lendo, algumas particularidades capazes de pôr a nu os motivos da tão grande aflição que acossava Homero, o escrevinhador que se metera em leituras de múltiplo jaez, algumas por assim dizer de caráter técnico e outras, não poucas, mais afeitas aos alternativos, místicos ou esotéricos, e há de fato estranha relação da estória toda com estes últimos.

Fique claro o que é técnico aqui: estamos falando das informações e insumos conceituais hauridos a maior parte do livro *O que Pensam os Economistas sobre Sustentabilidade*, um conjunto de 15 entrevistas concedidas a Ricardo Arnt pelos bambambãs brasileiros da matéria, copiosa porção essa que se complementou com uma reportagem televisiva de André Trigueiro de exato mesmo título, que compila as respostas de 3 da mesma profissão, com repetição de um, num total portanto de 17 pareceres sobre o tema proposto. Que impressão lhe causaram na cabecinha encanecida, portanto supõe-se temperada para resistir a duros golpes ideológicos e a inopinadas investidas conceituais, as visões, opiniões e assertivas que pinçou no entrevero virtual travado com tamanha plêiade de notáveis? Porque é bom que se saiba que muitos estremeções se produziram no intrépido buscador no correr dessa justa intelectual! Resposta mais precisa a essa indagação: desalentadora! Ademais, está estampada e mostra-se por inteiro sem mais perquirições nos apontamentos com as treze rubricas do memorando-guia para a meditação reveladora, cuja ânsia de desvendamento o trouxe ao altiplano dos Guimarães.

Os esclarecimentos para entendimento hão ainda que se estender, ainda há ingredientes relevantes a aduzir: de fato, o recheio da panqueca... São as tais implicações com os “alternativos, místicos ou esotéricos” com que se viu às voltas o escriba candidato a meditabundo, cujo ecletismo já foi assinalado linhas acima. Como se põe clara essa faceta eclética de Homero, no contexto em que ora nos movemos? Bem, havia ele se entregado ao longo de semanas a uma inusitada mescla heterogênea de leituras díspares entre si no teor e estilo, intermitentes, aquela velha história de ter livros principiados, muitos, a

mancheias e que vão sendo desordenadamente consumidos ao sabor dos humores da hora, até que de cada um se chegue ao ponto final da última página.

Foi um Saramago aqui, pomo-lo por conta do *O Evangelho segundo Jesus Cristo* na chave dos místicos, foram os *Anjos* logo ali, de Mirna Grzich, preenchendo o escaninho dos esotéricos, com idas e vindas ao *Nosso Lar*, de André Luiz, via Chico Xavier, que cabe nas três entradas. Nada de tão especial se no mesmo curto hiato de tempo não tivessem entrado e saído do foco os dois *Que pensam os economistas...,* o livro e a reportagem, ambos já apresentados acima às pessoas que nos devotam a sua paciência e atenção neste relato.

Observemos que os leitores afeitos à economia usualmente preferem seguir lendo economistas ou os que de seus feitos se ocupam, movimentando-se na mesma área de afinidades temáticas, ao passo que os que preenchem a tríplice qualificação, alternativos, místicos ou esotéricos, se atêm de regra a leituras preferenciais da mesma linhagem, dando eventuais escapadelas por outras escritas, seja a da voga, a autoajuda, ou quem sabe a ficção policial ou científica ou, para os mais sensíveis, a poesia. É assim para todos os saberes e pensares, já sair da bitola e abrir o leque é, convenhamos, um certo tipo de ecletismo... Ora, pois! Não se mediria então por centenas de quilômetros, o exagero é para botar realce no afastamento, a distância entre um Chico Xavier e um Delfim Netto, falamos dos tipos que simbolizam ambas as figuras na hipótese de que tivéssemos que plotar cada uma ao longo de uma régua graduada de similitudes e diferenças quanto a presença na vida, perfis pessoais, estilos e obras?

Hora de fechar o parêntese para evitar que o principal desapareça engolfado no acessório! Indo ao ponto: em *Anjos*, ao lê-lo somos lembrados de que cada qual tem seu Anjo da Guarda, que se perfila ao grande arcanjo Metatron, todos os da categoria estão sob seu comando, vale conferir na fonte... Vai daí que Homero, impregnado de tantos desconfortos, dúvidas e questões não respondidas de si para si sobre a ordem presente da sociedade e como a economia ou os economistas organizaram – ou desorganizaram – essa ordem, finda a leitura do livro elaborou essa cogitação: “Se não consigo vislumbrar esclarecimentos para tantas inquietudes e incertezas, que se tornaram inquietudes e incertezas desde que comecei a me aprofundar no exame dos temas que reportam ao estado presente do mundo e seus desdobramentos futuros”, foi mais ou menos assim que as ideias seriam postas em palavras, que na ocasião em que se formaram não foram verbalizadas, vieram como um bloco indistinto de percepções e sensações,

“então quem sabe meu anjo protetor privativo, o da guarda, não poderá me inspirar e prover com respostas de aclaração e apaziguadoras?”

O livro ensina que para contatar os anjos é necessário estar em intenso desejo de fazê-lo e entrar em estado de repouso e meditação: mantendo uma respiração de haustos longos e expirações demoradas algum anjo apareceria... Na esteira de tantos estímulos disparados pelas obras do trio “alternativos, místicos ou esotéricos”, e saiba-se que houve mais outras do gênero anteriormente lidas, igualmente influentes, e que não caberia aqui serem mencionadas, Homero adotou essa possibilidade como uma meta a cumprir e daí a chegar à fantasia de que necessitava de um lugar central, equilibrante, para realizar o seu contato angelical de terceiro grau foi pouco, era bem do seu gosto esse tipo de “ecletismo exótico”. Chegamos assim na narrativa ao momento em que o homem ao seu lado, no cume do sobranceiro Mirante da Chapada dos Guimarães, laureado com distintíssimos atributos geodésicos, lhe dizia um cordial “olá”.

Pondo-se de imediato sentado em ângulo reto, Homero torceu o tronco à esquerda, meio mareado pela isquemia do súbito alçar-se, e exclamou: “Ei, quem é você? Onde estava, de onde veio? Que faz com minha prancheta nas mãos? Epa, isto é particular...” Inalterado, o forasteiro foi falando calmamente: “Uma pergunta de cada vez, Homero...” E seguiu-se uma conversa acelerada e da parte de Homero tensa, por ela disparada.

“Meu nome, quem te disse meu nome, foi o pessoal da pousada?”

“Mais perguntas... calma! A prancheta estava caída ao seu lado, você ressonava. Simplesmente peguei-a e comecei a ler a sua lista, não foi pra isso que você me chamou aqui?”

“Pra isso, o quê?”

“Pra esclarecer, elucidar, clarear, desanuviar, acalmar, consolar, orientar, ajudar, proteger... são tarefas habituais dos anjos!”

“Ah não! Essa não! Eu andei dizendo coisas durante o cochilo... Quem te falou de anjos? Quem te disse o meu nome, já perguntei. Você acha natural isso que está acontecendo aqui, agora? Me diga, é normal?”

“Não, falar com anjos não é normal, é muito raro, é para poucos, é de fato excepcional...”

“Então... você está querendo me dizer que é um... anjo!? Como?”

“Mais perguntas... Digo não só que sou um anjo, como sou o seu, como vocês dizem, Anjo da Guarda. Estou atendendo ao seu chamado, à sua invocação, e não tenho muito tempo para ficar aqui nesta condição... Vamos começar logo, então?”

“E as asas, e a auréola na cabeça, as vestes brancas... Você está de camiseta, bermuda e boné!”

“É que o dia está ensolarado e não se vem ao campo vestido de branco. Vejo que você nada sabe sobre anjos de verdade... Vamos começar o nosso trabalho que ao final esclareço tudo, prometo... Aliás, se der tempo, já perdemos muito... Bem, já registrei todos os treze tópicos da sua lista em minha memória fotônica e já tenho elaborado um resumo do conjunto, um processo que em mim é automático. Pode pegar de volta a prancheta, acompanhe você por aí, se quiser.”

Atordoado face ao inusitado da situação mas vencido pela firmeza do arrazoado do interlocutor, Homero cedeu ao inevitável e, já serenado, se acomodou melhor sobre a lona onde se sentavam e ambos se puseram frente a frente. O anjo começou: “Pode me chamar de Zahrus, é o meu pseudônimo, sempre o escreva com um ‘h’ no meio da palavra, é a letra que garante a conexão. Escrevendo esse nome ou pronunciando-o, você me traz para perto de si e, dependendo das circunstâncias, me apresento como agora... Meu nome verdadeiro é o mesmo que o seu nome verdadeiro, mas esse não pode ser revelado nesta dimensão física em que ambos nos encontramos e muito menos pronunciado nesta frequência vibracional. Mas, vamos ao que interessa para a nossa conversa: chame-me de Zahrus. OK, Homero?”.

“Não vou abordar ponto a ponto sua lista”, prosseguiu Zahrus, abrindo as suas considerações, “pela precisa razão de que todos os pontos convergem para uma única questão central que, respondida, resolve todas as demais: as crenças dominantes e a verdade de cada um. Parece trivial, mas vamos mais fundo para ver que não é assim tão elementar”.

Neste exato momento, ó desastrosa fatalidade, uma van com turistas estrangeiros chegou ao Mirante, a fama cobra seu preço, afinal não era ali o notável ponto equidistante das beiradas do continente que a NASA fixou? Esse tropel inesperado fez com que a cena ficasse um tanto difusa para Homero, levando-o a experimentar uma leve tontura e... cadê Zahrus? Nem vestígio... Desorientado e meio que disfarçando para evitar o contato com os forasteiros, que poderia a seu juízo interromper definitivamente sua conexão que mal se firmara, e sem chance de recuperação, decidiu deitar-se como no princípio da meditação numa tentativa de refazer o trajeto, o que fez discretamente e com lentidão. Muito aflito e com certo amargor indagou para consigo mesmo: “Será que vou conseguir retomar o diálogo com Zahrus, será que ele retorna? Será que tudo se perdeu?!!!” Essa angustiante incerteza ficou pairando no seu pensamento até que novamente entrou em estado de sonolência e cerrou os olhos. Em segundos, ressonava. Só lhe restava agora esperançar a esperança dos crentes... sabe-se lá até quando!

Novo lapso transcorreu, como da vez anterior em que Homero cochilara: passaram-se uns quaisquer dois minutos e, olhos ensaiando abrir com hesitantes piscadelas, vemos que a esperança dos crentes se recompensou. Uma voz emitiu, tudo igual, um novo “olá”, agora sem surpresas, mas a arenga da perguntação continuou a mesma:

“Você desapareceu? por quê?”

“Não, apenas me tornei temporariamente invisível pois a presença de pessoas com padrão vibracional não alinhado com o que estávamos mantendo poderia trazer perturbações como, por exemplo, eu ficar com apenas meio corpo aparente, imagine os susto dos gringos...”, e essa observação levemente jocosa não lhe alterou as feições a Zahrus: era um anjo discreto nas demonstrações de humor, foi o que pensou Homero ainda saindo da aura hipnagógica. “Podemos então prosseguir?”

Homero buscou com a mão a prancheta com as 13 anotações, retomou a posição em que estava, no que o seguiu Zahrus, tudo voltando à mesma arrumação e clima de quando houve a interrupção, como se nada houvesse ocorrido.

E Zahrus, o anjo *fashion* de bermuda, boné e *T-shirt*, jeitão de universitário em férias no campo, começou a desfiar a sua compassada dissertação, durante a qual, por longa que tenha sido, e por certo como efeito do estado hipnótico

inerente à meditação reassumida, Homero mal piscava – estava sim em transe consciente – e recolhia cada bit de informação como se fosse sagrado néctar a não deixar desperdiçar.

De volta, fala de novo o anjo, Zahrus por codinome: “Nas suas notas, você questiona ora os economistas, por suas posições, ora a economia, como ciência quanto a suas proposições. Ocorre que após Descartes, no século XVII e, mais recentemente, com o reforço de Augusto Comte, passando pelos iluministas, se fragmentou o conhecimento humano em disciplinas. A esse respeito, veja que interessante: na Torá, se condensa tudo que os hebreus da Antiguidade deveriam conhecer para conduzir suas vidas, desde preceitos alimentares e de conduta pessoal até descrições da cosmogênese e da antropogênese. Um verdadeiro compêndio universal, com força legal e sistema de punição associado, outorgado pela própria divindade, Jeová. Era e ainda é, para os que adotam a ortodoxia judaica... O Tao, de Lao-Tsé, recebido dos céus como revelação, tinha a mesma força na China primitiva e foi com base nele que Confúcio formulou o código de conduta política e social que produziu, e que por sua vez se consolidou no I-Ching, o Livro das Mutações, que procura explicar a dinâmica do universo e do dia a dia das pessoas. Do Tao ainda se derivou todo o construto de conceitos e práticas que embasam a medicina chinesa, com seus meridianos de energia e os cinco elementos que regem a dinâmica da vida, daí se tendo extraído ainda um conjunto de preceitos do que seria uma alimentação humana saudável.

“Desloquemo-nos para a Grécia antiga, mesmo fenômeno ou de idênticas feições ali se manifestou: a filosofia, marca genuína dos gregos, desde os Sete Sábios e os socráticos, até os pós-socráticos, buscava uma explicação unificadora do mundo e uma receita para a felicidade, estado supremo a que os humanos poderiam almejar e alcançar. O máximo de abertura no leque do conhecimento que realizaram foi a separação entre Física, focada nos fenômenos naturais, e Política, voltada para entender e reger a conduta do homem em sociedade, no convívio nas cidades.

“No Iluminismo essa situação se transformou, foi dada a partida para que o ser humano se entregasse a uma verdadeira maratona na busca do saber: tudo o que existe, e o que não sabemos ainda que existe, pode ser conhecido e, etapa seguinte, manipulado e dominado, essa passou a ser a lógica. Instalou-se o primado da razão, em substituição à teocracia até então dominante, nasceram as ciências. Mesmo os gregos tinham na cúspide do seu saber seres divinos, as

Minervas e as Atenas, que os inspiravam nas suas proposições filosóficas.” Zahrus mudou ligeiramente o tom de voz e, com um gesto afetivo estendendo os braços em direção a Homero, assinalou: “Sei que você conhece tudo isso, Homero, mas para encadear meu argumento tenho que trazer essas referências à tona”, e prosseguiu.

“Confronte essa abordagem holística e teocêntrica, que prevaleceu por séculos, com a divisão das ciências que o positivista Comte estipulou, partindo-as em sete: Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia, Sociologia e, com reservas, Psicologia – ‘não podemos observar-nos da janela passando na calçada...’. E onde está aí a Economia? estamos falando do século XIX... Bem, o pai da Economia foi ele também um iluminista, Adam Smith, numa época em que o conceito estava mais para política agrícola e comércio em geral... A economia foi se firmando como ciência a partir de incorporações de temas da sociologia, da ciência política e das práticas do comércio, e com os avanços havidos nos processos de produção e distribuição de bens, mas se fortaleceu mesmo quando passou a quantificar seus fenômenos, com a aplicação da matemática e da estatística, a exemplo da então incipiente ciência contábil – os números lhe deram respeitabilidade! Nasceu como uma formulação fechada sobre si mesma, concebendo os fenômenos econômicos como um ciclo que se renova permanentemente, com três exclusivos grupos de agentes: empresas, famílias e governo – e tudo o que interessava eram as transações entre estes, configurando um sistema onde todas as grandezas circulavam sem perdas, aliás só ganhos vindos de uma misteriosa e não descrita origem intitulada ‘recursos naturais’, a Natureza, mencionada *en passant* nos modelos dinâmicos que descrevem a disciplina. Todos os ingressos materiais e energéticos nesse sistema, o sistema econômico, provinham de uma fonte dadivosa e inesgotável, assim era percebida a Natureza, e portanto não cabia atribuir-lhes um valor. Os resíduos de todo o tipo gerados por essa atividade tripartite retornariam para a mesma origem de onde provieram os recursos, para também misteriosos destinos, os sumidouros, onde desapareceriam das nossas vistas e considerações... Até hoje permanece assim configurado, resumidamente, o sistema econômico que as escolas ensinam e os economistas praticam.

“Aquilo que posteriormente surgiu sob o título de ecologia – aliás, o prefixo ‘eco’, em grego *oîkos*, igual a casa, está como você sabe presente também na denominação economia, o objeto de ambas se interpenetra – passou a estudar o

que esta, a economia, deixou de lado, ignorou, ou seja: tudo o que tem a ver com os sistemas naturais cuja mais importante função é a de sustentar todo tipo de vida. Logo fica-nos clara a inevitável dependência da economia de sua coirmã ecologia, pois as misteriosas fontes e os misteriosos sumidouros pertencem ao domínio da ecologia, a ecologia por assim dizer existe no entorno da economia, envolvendo-a e condicionando-a. A economia, fica evidente, se apresenta como uma parte integrante, um subsistema, da ecologia. Mas vá dizer isso aos economistas... E por quê? Vejamos.

“Uma dinâmica natural e inevitável da fragmentação que a racionalidade iluminista produziu, em conjugação com o mecanicismo cartesiano, foi a compartimentação e o aprofundamento do conhecimento, configurando domínios próprios para cada ciência, excludentes de objetos e de métodos que a comunidade científica, a academia, não considerasse pertinentes a cada disciplina. Suprema ironia, veja só: o Iluminismo nasceu em oposição à teocracia mas as ciências passaram a substituir os deuses na devoção dos humanos, vocês falam nas suas conversas dum novo deus, o deus Ciência... A fidelidade – o termo vem de *fides*, fé, em latim – dos membros de cada comunidade científica hoje se concentra na sua ciência, a sua verdadeira crença racional com foros de religião, e muitos ainda acumulam essa devoção com a fé religiosa tradicional, criando uma nova compartimentação: isto é ciência, à qual me submeto, isto é religião, à qual me devoto, desde que não haja frentes de conflito – veja a polêmica entre evolucionistas e criacionistas...

“Quanto a flexionar os campos dessa ‘crença racional’, o máximo que se admitiu foi permutar métodos entre disciplinas, entendendo-se por disciplina o conjunto dos conhecimentos que segundo o consenso acadêmico ocupa um certo compartimento – essa permuta é o caso da chamada interdisciplinaridade. Ou combinar métodos de várias disciplinas para abordar uma dada situação mais ampla que não comportaria ser tratada eficazmente por uma única disciplina – ao que se dá o nome de multidisciplinaridade. Mas nos três casos, disciplinaridade, interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, permanecemos nos movendo, figurativamente, no mesmo plano – não nos alçamos a alturas integradoras, rompendo limitações a um saber superior, pois geometricamente o plano usado como metáfora não tem altura, tem apenas duas dimensões, nas quais restamos aprisionados...

“Nem economia nem ecologia: as questões que envolvem o futuro da civilização, que se passou a chamar de sustentabilidade, somente se equacionam adequadamente com a abordagem transdisciplinar, e isso envolveria uma reviravolta reordenadora no conhecimento humano, uma nova taxionomia dos saberes, tal como vêm pregando Edgar Morin e Basarab Nicolescu. Seria um giro de 360º em espiral ascendente, uma oitava acima, na epistemologia: partindo de uma visão una, integradora mas teocêntrica do conhecimento, prevalente lá na remota Antiguidade até a emergência do Iluminismo, estaríamos resgatando hoje uma visão igualmente una, integradora e reordenadora, porém laica, do conhecimento humano, onde entretanto o fenômeno objetivo é que dita a abordagem com que deva ser tratado, sempre dentro de um quadro sistêmico que reconheça as conexões complexas em teia que compõem o mundo dos fenômenos, sem separações do tipo: isto é física, isto é sociologia, isto é ecologia, isto é política, isto é economia... Partiríamos dos fenômenos, não de uma disciplina para identificar focalizadamente as realidades que lhes fossem afeitas. As disciplinas como atualmente existem seriam componentes de uma grande moldura integradora que as ordenaria com fronteiras fluidas para poder transitar de realidade em realidade, sem proscrições e exclusões.

“Um grande salto do gênero daquele que foi dado da astronomia geocêntrica de Ptolomeu para a heliocêntrica de Copérnico... ah! os economistas aparentemente resistem a uma mudança de paradigma como essa. No livro lido e na reportagem a que você assistiu – uma síntese se filtrou para meus receptores interdimensionais –, em que economistas se posicionam sobre sustentabilidade, apenas seis dos entrevistados, do conjunto de 17, se mostraram mais sensíveis às questões ambientais que transcendem do domínio da economia. Mas nenhum propõe uma reformulação da teoria econômica segundo deferentes paradigmas, e lembro aqui a conhecida afirmação de Einstein de que nenhum problema pode ser resolvido dentro do mesmo modelo mental que o criou: diferentemente, sempre propõem utilizar algum mecanismo da própria economia para incorporar aspectos da ecologia, não cogitam, parece, de refazer o conjunto. E por princípio negam que os rumos que a economia imprime à sociedade, segundo os seus princípios, possa causar quaisquer danos que não possam ser solucionados pela ciência, com seus aparatos tecnológicos, ou pelo mercado, com sua autorregulação. Mas não estão sós e não se pode incriminá-los de tal teimosia, pois tal ocorre em outras profissões, veja os médicos face à ciência médica, por

exemplo. Todos são submetidos aos dogmas da hora dentro do grande dogma do paradigma maior que criou cada ciência como um universo conceitual e experimental à parte. É o culto aos dois novos deuses da modernidade: o deus Ciência, que se justifica pelos avanços tecnológicos, e o deus Mercado, que se ampara no conceito de democracia e liberdade para disparar suas tentações que, por sua vez, acabam levando à perpetuação do crescimento como valor superior.

“A abordagem transdisciplinar, é certo, por si não resolveria os dilemas éticos, nem a questão do curto-prazismo e do egoísmo que caracteriza o perfil humano médio, mas pelo menos teríamos mais motivos para pensar globalmente, fora das caixinhas das disciplinas. Nas questões éticas e altruísticas, o ser humano provavelmente concordará em gênero mas discrepará na espécie, prosseguindo no interminável culto ao crescimento a qualquer custo, pois esse vírus, esse meme, essa *doxa* se inseriu de forma difusa em todos os povos que integram o mundo civilizado. Colapso ambiental e desordem social generalizados poderão chacoalhar os indivíduos nos seus cacoetes e nas suas crenças, nas suas verdades comodamente assumidas, e redirecionar as mentes para a *aletheia*, para o desprendimento de tudo que é velho e ultrapassado, costumes obsoletos, ensejando uma verdadeira renovação .

“Se você, Homero, quiser de fato contribuir para a constituição de uma nova ordem planetária, por mais pretensioso que isso possa parecer, pense em dedicar-se, como aliás já vem de certo modo fazendo, a proporcionar aos demais a oportunidade de refazer suas visões de mundo, dentro de uma abordagem transdisciplinar. Há que preparar sobretudo a juventude para lidar com um futuro pós colapso, habilitando-a a exercer uma liderança que conduzirá a reconstrução do mundo numa base nova de conhecimentos e organização social, numa base transdisciplinar com fortes fundamentos éticos.”

Pela postura corporal e pelo tom decrescente de voz, parecia que Zahrus estava terminando e Homero então aventurou: “Acho que compreendi tudo até agora... Que mais você tem a dizer?” E Zahrus: “Concluí! Está quase na hora de retornar, ou seja, de mudar minha frequência atômica e sair do seu campo de percepção. Vou me despedindo...”

“Mas Zahrus, você me disse que no final falaria sobre anjos em geral e sobre como você chegou aqui, e por efeito de que mecanismo... Eu gostaria muito...”, e

Zahrus, interrompendo com a mão espalmada, retomou a fala, denotando uma certa pressa na voz e no gestual:

“Quando disse que nosso nome verdadeiro era o mesmo, o seu e o meu, é porque eu e você somos um só: existindo porém em níveis frequenciais distintos, diferimos na nossa vibração atômica. Você conhece a vasta obra de Pietro Ubaldi... conhece o seu conceito da supraconsciência humana ... Nós os anjos protetores, da guarda, somos o nível supraconsciente dos encarnados, assim eu Zahrus sou seu nível supraconsciente, uma emanação do seu Eu Superior, como alguns costumam denominar essa instância. Mesmo fora desta manifestação material minha de agora, estou sempre em conexão com você, Homero. E não é mediunidade, não é recepção de espíritos do além, é o que Ubaldi denominou ‘metafania’, que é o contato consciente, intuitivo, com inteligências superiores imateriais, as ‘noúres’ como ele as denomina, palavra de origem grega, fusão de *nous* e *rhea*, que corresponde a ‘fluxo de inteligência’. Nas várias tradições isso aparece iconicamente representado: nas tribos indígenas norte-americanas, os totens são compostos de pequenos rostos que se sobrepõem verticalmente, com um que seria o central, que corresponde ao ser na vida presente, os inferiores são os alicerces telúricos que ancoram o espírito no planeta, os superiores ao central são os anjos, em vários níveis, o da guarda, os querubins, os serafins, os arcanjos, as virtudes, as potestades e os tronos da versão judaico-cristã; o mesmo você encontra nas *tankas* tibetanas, tapeçarias com figuras empilhadas, apresentando as mais grotescas na base até as rarefeitas, angelicais no topo... Nossa ‘vantagem comparativa’, como vocês gostam de dizer, é que nós anjos somos quase nada influenciados por emoções, que são em nós residuais. Então podemos processar a realidade sem as oscilações e a drenagem de energia do sistema límbico, que é em nós quase atrofiado na matéria subatômica de que somos feitos.

“E como você está aqui com esse corpo físico, humano? Você não se parece com ninguém que eu conheça... Se é minha supraconsciência, ou eu sou sua subconsciência... como é então que não nos parecemos em nada?

“Realmente, Homero, você gosta de perguntar... Veja!”, e num fechar e abrir de olhos ele era a cópia exata de Homero, que quase desfaleceu com o impacto da visão do seu clone. “Então, agora que já nos conhecemos você quase desaba de susto por se ver em mim, imagine se isso tivesse acontecido quando apareci ao

seu lado, quando se iniciou a sua meditação... não estaríamos os dois aqui, agora...” E de novo num átimo de tempo voltou ao que era antes, explicando: “Nós anjos podemos manipular o chamado mar de neutrinos, a protomatéria, com nossa poderosa força mental, plena porque não é drenada em quase nada pelas emoções. Somos capazes de plasmar formas corpóreas quando desejamos, ou melhor, quando há uma boa razão, e hoje a boa razão foi o nosso encontro, que você tão intensamente desejou, e os motivos eram de fato relevantes... E não se preocupe, você não está com o seu inseparável gravador mas não teria sido mesmo necessário, você se lembrará de absolutamente tudo, afinal somos um! Agora não dá mais, esta manifestação tem um tempo de validade, deite-se de novo e feche os olhos.” Quando daí a alguns segundos Homero os reabriu, tudo deserto em volta como antes! nada mais de anjo, desaparecera. Para se certificar, procurou vestígios da veracidade do que ocorrera e notou uma marca afundada na lona no local onde Zahrus estivera sentado. De fato, aconteceu!

Boca seca e ronco na barriga pediam mitigação. Providencial ter trazido as garrafinhas, uma foi inteira, goles ruidosos, bem assim sumiu em cinco ou seis mastigadas o saquinho inteiro com lascas de pão sueco, sabor alecrim. Restaurado, a volta a pé de Homero à pousada na vila foi mais rápida do que imaginara, sem fadiga, e se tivesse que ser descrito o seu estado de espírito seria de profunda paz e silenciosa alegria. Nem um minuto esperou para transcrever tudo o que acontecera para o editor de texto, antes de que algo pudera evanescer-se. Terminando, telefonou para Fernanda: “Filha, tenho que te contar algo notável que me aconteceu”, e foi aos solavancos de entusiasmo narrando o essencial e encerrando com o anúncio: “Estou te mandando agora mesmo tudo transcrito para a sua caixa postal, veja o que faz com isso, algum comentário, as suas habituais considerações...”, e o resto foram beijinhos pra cá e pra lá e reafirmações de carinho bilaterais, as de hábito nessas comunicações em família. Em seguida, um banho de ducha e cama para Homero, que acordou no meio da manhã seguinte com a sensação de que algo doravante seria diferente na sua vida. Ação residual dos entusiasmos da véspera, com certeza!

De volta a Cuiabá, de onde retornaria à sua base doméstica, chega-lhe à caixa postal do Outlook a contribuição de Fernanda em reação ou resposta, talvez mais a primeira, aos relatos que recebeu de Homero. O de sempre abria a mensagem, cumprimentos afetivos, bons augúrios e, neste caso mui relevantes, um breve conjunto de prolegômenos circunstanciais da origem da matéria que escreveu.

Principiou com uma apreciação elogiosa deveras inflacionada por uma admiração construída na história de vida em comum com o pai, classificando o relato como impressionante e tantas outras coisas de jaez similar, mais decerto pela bizarra dinâmica transcendental que se manifestou no Mirante do que pelos conteúdos tratados pelo anjo Zahrus, ou pelo fato de que os conteúdos e as considerações emanaram do mesmo Zahrus, entidade de autenticidade um tanto discutível para o gosto marcado pelo rigor acadêmico de uma filósofa em tempo integral.

Mesmo assim, ou até por causa disso, meio como uma paródia com fiapos de ironia, contou em seguida que decidira ela também invocar “seu anjo”, de antemão escalado dentre o seu panteão de notabilidades e respeitáveis figuras: o anjo seria, nesta altura, o indefeso Nietzsche, que não podendo aceitar a convocação igualmente não poderia recusá-la, por uma irrecorrível defuntez de que há décadas vem sendo portador, a da carcaça física, esclareça-se, não a das ideias que ofertou ao mundo, que sobrevivem e florescem numa olímpica imortalidade... Não havendo um sim possível nem um não cabível, acabou o filósofo se apresentando – por inteiro, que remédio! – no imaginário de Fernanda, arrastado pelo impulso da sua criatividade.

E assim Friedrich Nietzsche passou a contracenar com a jovial e decidida Maria Fernanda em um esquete entre discípula buscadora e mestre preclaro, evocativo dos entreveros entre Dr. Fausto, o perquiridor, e Mefistófeles, o sábio suposto onisciente, eternizados por Goethe na literatura e Arrigo Boito no bel-canto.

FN – (*entra em cena cofiando os vastos bigodes com olhar esbugalhado de indignação*)

> “O conhecimento é invenção de animais inteligentes para conservação da vida contra as adversidades da natureza; se constrói numa justa interminável, pois as invenções se digladiam no logro da sobrevivência. Ora, se assim é, não dá pra falar em Verdade num sentido absoluto. É tudo invenção!”

MF – (*ergue-se da poltrona a um canto onde se acomodava e acompanha com a cabeça o trajeto de FN até o centro da cena*)

> “E de onde viria, então, o impulso à Verdade?”

FN – (*fala postando-se no meio da cena de costas para MF*)

“A Verdade é um amontoado de mentiras que se estabelecem segundo convenções sólidas, no e para o rebanho.”

MF – (*indignada caminhando lentamente*)

“Quem melhor mente leva o prêmio, então? Que desalentador e dramático!!!”

FN – (*após pausa reflexiva*)

“A rigor, se não há a Verdade tampouco há mentira. Vou dizer melhor: há metáforas, invenções, construções. E somos admiráveis justamente por nosso poderoso gênio construtivo! Erigimos sobre conceitos móveis um domo conceitual infinitamente complicado. Procurar e encontrar a verdade no distrito da razão não tem mérito. A Verdade é sempre antropomórfica, o homem é a medida de todas as coisas... mas temos o mérito da criação, da invenção destas verdades!”

MF – (*com ironia na voz*)

“Grande consolo! Neste caso nos resta orgulharmo-nos de nossa criatividade... bem, melhor que nada – se nada descobrimos, algo inventamos! Mas... então... se a verdade é uma questão de convenção, entre ciência e crença há menos diferenças do que suspeitamos...?”

FN – (*em tom professoral*)

“Consegue suportar isso? A maioria dos que pertencem ao rebanho prefere não ver... mas veja bem: que eu detone a Verdade absoluta e que haja múltiplas verdades possíveis não destitui o valor de algumas em relação a outras. Há verdades com mais valor, aquelas que contribuem para a maior expansão da vida, de sua vontade de potência. E o mesmo a respeito dos valores morais! Bom, elevado, melhor é o que leva à expansão da vida, que aumenta a saúde... Ah! O filósofo há que ser o médico da cultura! E estamos doentes, doentes...”

MF – (*caminhando para perto de FN e procurando contato visual*)

“E quais os sintomas dessa doença?”

FN – (*em crescente exaltação atirando-se ao final na poltrona vazia, denotando exaustão*)

> “Muitos! Falarei de um, que é da doença histórica: a falácia do desenvolvimento! Depois de Hegel é assim: ficou incutido que o processo histórico se sobrepõe ao indivíduo e que estamos em evolução irrefreável e inevitável. Doentes, cremos piamente que só poderão vir tempos melhores. É o elogio à modernidade, ao crescimento, ao desenvolvimento! Cremos que se há problemas é porque ainda não encontramos a solução. Dizemos, piscando aceleradamente: sim, claro, estamos a caminho! Mas ai de quem questiona o caminho! Pobre de quem tem coragem!”

Não sabemos se Nietzsche, vivo estivesse, endossaria essa peroração teatralizada mas o fato é que do plano sutil dos falecidos, quem o preferir pode visualizar a propósito a comunidade urbana do Nosso Lar, não nos foi protocolado nenhum pedido de direito a resposta ou de retirada do texto de circulação, o que nos leva com justiça, convenhamos, face a tal ausência de querelas, a concluir que o filósofo está concorde com o teor e o fraseado da fala que lhe foi atribuída; ou então, é outra possibilidade, nessa instância – onde usufrui da paz que não teve em vida –, as dissensões e os opostos, é de supor-se, se conciliam, e o outrora combativo pensador não guarda mais interesse em temas menores como esse da verdade e da mentira, são-lhe entretenimentos dos encarnados....

Mas Homero, ao se inteirar do material que lhe chegou foi garimpar seu dileto Saramago e colheu na bateia da busca esta preciosidade cintilante que, pasmem, envolve anjos também, e cabe justificar que nessa época os economistas ainda não tinham sido inventados, daí, continuamos nas hipóteses, não figurar essa indômita classe nas peripécias exibidas pelo autor. É quando Pastor, um ser enigmático, responde a uma indagação de Jesus, o Nazareno, posto pelo autor narrando sua própria epopeia e que ainda não se sabia o Messias:

“*Sou um anjo, mas não o digas a ninguém. Acontece isto muitas vezes, não fazemos as perguntas porque não estávamos preparados para ouvir as respostas, ou por termos, simplesmente, medo delas. E, quando encontramos coragem para as lançar, não é raro que não nos respondam, como virá a fazer Jesus quando um dia lhe perguntarem, Que é a verdade. Então se calará até hoje.”*

Mas como prosseguimos cada qual sendo, até que a Ceifadora nos leve, um “filho do carbono e do amoníaco, monstro de escuridão e rutilância”, condição a que Augusto, ele também dos Anjos, nos condena e que nos diferencia hoje da condição etérea de Nietzsche, vale para pôr fim a este já quase interminável

aranzel lembrar as levemente ácidas palavras de Wittgenstein: “A filosofia é uma batalha contra o enfeitiçamento da inteligência pela linguagem.”

Nada portanto mais eficaz, propomo-lo à guisa de fecho, do que os filósofos com a sua arte para nos proteger das Verdades dos economistas e nos prevenir dos encantamentos dos anjos... estes nós mesmos nos insuflando, desde o alto, as nossas Verdades particulares.

Vaidades, Verdades e Mitos: as controvérsias da Economia

A vaidade atua na lucidez da mente como a miopia na acuidade da visão, evidenciando amiúde a falsidade e a distorção das percepções e conclusões.

“A controvérsia é a filha dileta da globalização!” Pela entonação do autor da frase, a globalização era sutilmente insinuada nessa afirmação como fenômeno degradador da civilização (havia que estar presente para captar essa nuance) e a controvérsia soava como conduta humana de baixa qualidade. Cometida por Lúcio, sociólogo com titulações várias, nacionais e ultramarinas, semelhante preciosidade assomou como reminiscência insolicitada ao encéfalo de Homero, que na adolescência foi dele colega no hoje não mais existente curso clássico. A frase, havia-a escutado há cerca de dois anos, numa rápida fala pós-sobremesa que o ex-colega e hoje renomado acadêmico verteu no último jantar dos sobreviventes *ex-alumni* que há décadas se reuniam para recontar histórias já sobejamente conhecidas, quase todos hoje de cabelos escassos, exceto as quatro mulheres presentes, coisas da biologia, muitos deles ademais com os seus já grises ou encanecidos, alguns – ai, meu deus! – ostentando acajus, exceção de novo às mulheres presentes, que dispõem elas de recursos químicos sofisticados e depurados gostos para escolher tonalidades capilares mais afins à moda e driblar o desbotamento.

Homero ia retrucar ao fim da fala, ponderando ao sociólogo amigo que não via a controvérsia como privativa da globalização: controverter, tergiversar, discrepar são dinâmicas inerentes à mente pensante, ora essa! Considere-se que desde os primórdios a controvérsia esteve presente nos humanos e mesmo no plano divino, vide a queda de Lúcifer com que Jeová o puniu ao conhecer que o arcanjo entendia como controversa a governança celeste, e que a globalização portanto não mereceria ser abominada por essa sua pseudocaracterística que não lhe era cognata – a controvérsia. Portanto, que se pensassem outros motivos mais pertinentes para condená-la. Mas optou pelo silêncio pois ao modo do personagem Aristarco, diretor do próprio no romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia, Homero preferiu que seus lábios fossem um “fecho de prata sobre o silêncio de ouro”, o que equivale a assumir que a palavra é de prata e o silêncio é de ouro, e a segunda *commodity* é de regra bem mais valorizada que a primeira, respaldo mercadológico tem portanto a sua preferência.

Afora as razões associadas aos preciosos metais, contudo não pagaria a pena gastar fosfato e saliva para contestar tão trivial quanto inócua assertiva, retirada

do nada e atirada fora do contexto da reunião – vários da mesa nisso coincidiram em breve enquete *sotto voce* –, pois cordiais e respeitosas tinham sido as relações de ambos no colégio, cordiais e respeitosas foram elas ao longo das reuniões anuais, e era melhor que se as mantivesse assim na maturidade avançada, sejamos diretos, na senectude da dupla.

Ademais, Lúcio poderia bem assacar-lhe a Homero, ação diga-se de nula consequência se ocorresse, a invectiva de ter sucumbido aos vícios da globalização, pois o retruque que faria seria em si, para o tribuno prandial, uma gratuita controvérsia, em nada contando que ele próprio vivia controvertendo, polemizando, contradizendo, decerto um cacoete de que não se apercebia e que, suprema ironia, o qualificaria também como fruto das disfunções da globalização que ele, o sociólogo, condenava por índole e ideologia... Importante advertência, que saibam todos que Lúcio, o indigitado sociólogo, leva um por nós atribuído nome fictício para poupá-lo dos severos ônus do tão acaciano dito, que poria a sua reputação de preclaro erudito em cheque, pelo menos perante a grei de colegas presentes sob o risco ainda de espalhar-se por paragens externas.

Não queremos por certo ir mais longe neste circunlóquio sob o risco de perder por enfado quem até aqui nos seguiu, encerremo-lo portanto que o foco é outro, o que precede foi uma manobra de estilo para colorir o que um tanto opaco de outro modo seria. Passe-se então ao foco, a investigar a razão por que a acaciana assertiva de Lúcio sobre a controvérsia "assomou como reminiscência insolicitada ao encéfalo" do nosso escrevinhador, conforme informado linhas acima. O gatilho disparador foi um e-mail que receberam, Homero e Fernanda, e que no pai teve o condão de despertar um intenso e inebriante sentimento de vaidade, confiramos o que lhes chegou.

> "Caros Homero e Fernanda,
>
> Sou Isabela Bernardi, jornalista. Queria retomar o assunto da entrevista que fiz com vocês no ano passado, publicada na *Ecos de Piratininga*, como sabem uma conceituada revista de atualidades, onde continuo atuando.
>
> Na época um tanto questionadora das suas proposições, com o passar do tempo e dos acontecimentos me tornei admiradora da produção de ambos, que tenho acompanhado em situações diversas.

> Posto isso, queria pedir aos dois a realização de mais uma entrevista, desta vez a respeito da lista de 13 itens da Chapada dos Guimarães, que chegou às minhas mãos por meio de um amigo comum a quem Homero cedeu uma cópia.”

Mais do que pela oportunidade de aprofundar a temática dos 13 itens, e sabe-se lá se por carência afetiva ou índole, o fato é que Homero ao ler e reler o e-mail sentiu-se invadido por um insidioso e expansivo sentimento de vaidade, daqueles que deixam o sujeito em causa em um semiêxtase e com o olhar displicentemente distante. Foi logo mirar-se no espelho como que para confirmar se era mesmo toda aquela competência que estava subentendida no convite: aos que fazem do intelecto o seu engenho e arte, a admiração faz mais facilmente capitular do que juras de amor – são, esses, caprichos da psiquê... Já Fernanda, soube-se depois, reagiu com menos elã, idade díspar e gêneros distintos são uma hipótese explicativa. Em contato com essa inesperada alta de autoestima exogenamente disparada, Homero questionou a princípio se era mesmo a tal vaidade que o acometera sedutora... e logo convenceu-se de que sim e isso tirou-o da objetividade da situação. Tinha essas idiossincrasias, encasquetava com um detalhe, com um aroma, com uma sonoridade, com uma sensação que acaso lhe perpassasse o espírito, e isso o drenaria para perscrutações de minúcias um tanto obsessivas...

Acionada a alavanca do desvio, lá foi ele mergulhando adentro do significado desse sentimento que lhe fervilhava o âmago: que é mesmo Vaidade??! Ao que se recordava, era um dos pecados capitais, pelo menos pecado era: “A vaidade, definitivamente, é meu pecado favorito”, é com esse decreto que Al Pacino encerra *O Advogado do Diabo*, onde o ator era a própria personificação de Satanás. Mas referências de extração infernal não são para se tomar a sério e Hollywood ademais é o reino da ficção... Resolveu pois pesquisar fontes mais confiáveis e confrontou-se com uma variada taxionomia da vaidade: para os católicos modernos, a Vaidade não entra como pecado capital, pois os sete são Soberba, Avareza, Luxúria, Ira, Gula, Inveja e Preguiça. Com o Papa Gregório I, no início do Medievo, a Vaidade foi enfiada na mesma sacola do Orgulho, versão homologada onze séculos após pelo teólogo e filósofo São Tomás de Aquino porém revogada pela Globo que na novela, ou folhetim como preferem os esnobes, em que propunha abordar os sete tropeços que levam à perdição, fez restaurar a pecaminosidade capital da Vaidade na figura da talentosa Elizabeth

Savalla, expurgando-se da lista o pobre Orgulho, televisivamente rebaixado a pecado venial ou subsidiário da Vaidade.

Ao deparar-se com esse balaio de gatos, em que nada se definia e tudo se dizia, Homero optou por descriminalizar a vaidade que experimentava, pondo-a no escaninho de sentimento psicanaliticamente lapidável, se imperioso fosse burilá-lo, e não conducente a nenhuma cominação religiosa, aliás isso de penalidades teocráticas não o importunava, para ele não passava toda essa ida e vinda de sins e nãos de um mero passatempo intelectual, algo similar, ainda que menos entorpecido, a uma palavra cruzada ou um sudoku... Foi, e eis o ponto, exatamente nesse episódio de dar o assunto por controverso que lhe assomou à cachola a cena protagonizada por Lúcio, o ex-colega sociólogo. Tão simples quanto isso, numa tradução vernaculamente pobre de "*as simple as that*". Terminamos? Ainda não, totalmente: falta comentar que de pecado capital a Vaidade foi rebaixada a prática pecaminosa venial portanto incapaz de arrebatar definitivamente uma alma ao reino de Al Pacino, não bem dele, mas nos abstemos de proferir mais de uma vez o nome do nefando personagem num único escrito e mesmo dia, cautelas...

Admitido assim que a vaidade seria combustível para "*manter a aspidistra em vôo*" ou, a quem ainda não leu essa pequena joia de Orwell, para prosseguir com afinco na tarefa comprometida até a sua conclusão cabal, dá no mesmo, acatou o escriba em tribulações essa, diga-se por verdadeiro que era, sensação reconfortante de reconhecimento e louvor. Conclusão: consultada a filha, Homero comunicou a Isabela que seguiriam em frente.

O que segue foi o material que, num dado momento, enviaram à *Ecos de Piratininga*, para atender ao convite formulado. Para evitar delongas aborrecidas, omitiremos agora os detalhes de como foi produzido e segundo qual lógica – vale mais agora percorrer os textos de Homero e Fernanda, abaixo apresentados em separado, depois veremos também por quê.

Notas enviadas por Homero

Crescimento e Vida

O fenômeno da vida é autopoiético, ou seja, traz intrínseca em si a capacidade de se perpetuar por meios próprios e se autorregular no seu desenvolvimento e comportamento. Isto vale para os indivíduos isoladamente, para as populações de indivíduos e para os ecossistemas. A

vida busca assim a vida, a autopoiésis, e isso passa, no plano dos indivíduos, por crescer da semente ou do embrião até o ser desenvolvido, seja planta ou animal, ou mesmo uma bactéria que se perpetua por cissiparidade. No plano das populações, passa também pelo aumento do número de indivíduos num bioma e pela expansão dos biomas num ecossistema – em todos os casos, estamos falando de tendências em condições normais do entorno, não de fatos inexoráveis em qualquer circunstância. O crescimento como fenômeno é uma pulsão enraizada em nossa psiquê como um processo de origem e natureza biológica que se transformou num *must*, num meme, ou seja, passou de pulsão a compulsão, instituindo-se numa categoria mental viral que se autorreproduz como ideia e traço coletivo de cultura.

Tamanho e Crescimento

Crescimento remete a tamanho, seja como proporções de um indivíduo, seja como numeral de indivíduos da mesma variedade. Ambas as categorias, proporção e numeral, adquirem o tamanho que apresentam mediante o crescimento que experimentam. Por sua vez, tamanho como proporções ou tamanho como numeral, ambos se associam a potência: neste caso, e contrariando o dito popular de que “tamanho não é documento!”, o tamanho de um indivíduo ou de um conjunto de indivíduos de uma mesma espécie, habilita-os a denotar a posse de poder, quer seja este real ou apenas atribuído. Isso se expressa de modo curioso, para ilustrar a colocação, em inúmeros animais que, para além do seu tamanho real, aumentam artificialmente sua silhueta para intimidar e afastar rivais ou predadores: várias espécies de cobras inflam a parte do corpo perto da cabeça, o peixe baiacu estufa o corpo transformando-se numa bola, aves esticam as asas para exibir toda a sua envergadura, o elefante estende as orelhas para parecer maior e mais imponente. É verificável também nos humanos: roupas com enchimento acrescentam volume a corpos franzinos para sugerir um porte que não possuem, os saltos altos das mulheres aumentam a sua estatura aparente, o desenvolvimento muscular atribui aparência intimidadora, independentemente da efetiva força física do portador, armaduras agigantavam os ombros dos soldados na Antiguidade e exércitos avançavam em extensa linha de frente na guerra convencional, para simular maior contingente bélico. Está na biologia, reforça-se nas culturas desde os primórdios: tamanho é poder, e poder, efetivo ou apenas percebido, é maior

probabilidade de sobrevivência e satisfação de necessidades e desejos. Essas são as bases experienciais do meme do crescimento, que o legitimam como eficaz no exercício da potência associada ao tamanho...

Crescimento e Progresso

A presença mais notável do meme do crescimento se encontra em outro meme subsidiário, o do crescimento econômico – talvez o mais eminente e impactante da série, pelos efeitos que acarreta no equilíbrio da sociedade e na continuidade do processo civilizatório. Suplanta de longe o meme do crescimento populacional, cujo controle é hoje geralmente aceito: é um meme em processo de desmanche. Como já é familiar a todos nós, pelo menos dos que acompanham de algum modo o noticiário, o tamanho de uma economia nacional e o seu crescimento no tempo é expresso pelo Produto Interno Bruto - PIB, cuja natureza é exclusivamente quantitativa, o que significa que as atividades que captura monetariamente não são de nenhum modo avaliadas em relação aos benefícios ou prejuízos que possam provocar no país em que são medidas – aliás, procedimento que de todo modo seria de difícil execução pelas subjetividades envolvidas. Todos os indivíduos informados e mesmo os mal informados, informados por ouvir dizer, costumam exaltar o crescimento de qualquer PIB, desde que não o de um país com o qual o próprio se rivalize, caprichos estes porém de ocorrência mais restrita: crescimento do PIB, o crescimento da atividade econômica, é sempre festejado por benfazejo a todos – mais emprego, mais renda, mais poder de compra, mais felicidade... Mais felicidade? Ah! não foi para isso que foi criado... O fato é que o cálculo do PIB foi instituído na década de 40 para medir a potência bélica na Segunda Grande Guerra e o crescimento comparativo desta entre nações, não foi criado para medir bem-estar, muito menos indicar algo que se pareça com felicidade. E se fixou como emblema indicativo de progresso das nações... E que de fato significa, nesse contexto, essa palavra mágica, progresso? Com certeza, não será bem-estar ou felicidade ou uma caminhada rumo à realização individual.

PIB, Consumo e Bem-estar

A economia com suas ferramentas quantitativas e suas atuais proposições de valor não dá conta de lidar eficazmente com a questão do bem-estar das populações, limitando-se a criar condições de satisfação de necessidades e anseios imediatos e passando ao largo da busca da felicidade. Não será por movimentos do tipo FIB-Felicidade Interna Bruta, mais uma ironia nos

termos em que se apresenta do que uma formulação propositiva consistente, que se fará a reformulação do modelo econômico, e o próprio IDH-Índice de Desenvolvimento Humano é contaminado pelo PIB *per capita*, um dos seus fatores de cálculo. Entretanto a Comissão SSF, composta pelos economistas Joseph Stiglitz, Amartya Sen, Jean-Paul Fitoussi e instituída pelo presidente francês Nicolas Sarkozy, poderá trazer inovações palpáveis e fundamentadas, na formulação de uma métrica alternativa que suplante o PIB e incorpore fatores que reflitam os efeitos de outros aspectos que não os meramente financeiros na avaliação das atividades econômicas – mas isso implica em abrir o escopo e o alcance da teoria econômica para captar fatores de bem-estar que efetivamente reflitam uma nova concepção de progresso. As limitações atuais do modelo econômico para incorporar novos aspectos da vida em sociedade foram já assinaladas no Espectro de Meios e Fins, de H. Daly e D. Meadows, no qual a economia se restringe a transformar os Meios Intermediários, gerados pelo capital natural, em Fins Intermediários, utilizando o capital humano e o capital construído. Esses Fins Intermediários se constituem *grosso modo* nos bens de consumo e nos serviços públicos de educação, saúde, segurança e similares – todos integrantes do complexo do PIB. Acima dos Fins Intermediários se encontram os Fins Últimos onde se situam conceitualmente os valores intangíveis que dão sentido à vida, todos conectados com a ideia de bem-estar e felicidade. A estes a economia não alcança porque sua atenção está voltada para o crescimento e, para tanto, termina, ironicamente, fazendo facilmente promessas do que em essência não poderá entregar, como o fazem um refrigerante – “abra a felicidade”, uma rede de lojas de varejo – “venha ser feliz” e uma cadeia de lojas de supermercado – “o que faz você feliz?”. Esse discurso no mínimo capcioso, na verdade falaz, que coloca a felicidade como um conjunto de pequenas e sucessivas satisfações imediatas no tempo, se inseriu no cotidiano das pessoas como uma linguagem figurada e sedutora que tem uma única motivação: aumentar o consumo e, por consequência, as vendas e o lucro das corporações. Se está dentro da lei – e às vezes passa raspando neste quesito –, na maioria das vezes acaba por assegurar para a corporação praticante aquilo que se convencionou chamar, no jargão da responsabilidade social, a sua “licença para operar”. Nesse sentido, vincular o consumo a um traço definidor da identidade dos indivíduos é a prática que prevalece nas comunicações comerciais, e os publicitários sabem muito bem acionar essa manivela.

Paradigmas Discutíveis e Economistas Devotados

Preocupante é a indisposição generalizada dos economistas de partir para uma revisão do construto teórico da ciência econômica, propondo na melhor das hipóteses meros ajustes no que já existe, assim mostrando mui baixa propensão a uma inovação disruptiva que amplie a abrangência do seu escopo. Talvez essa façanha deva mesmo provir de fora, por iniciativa de outras áreas do conhecimento, e é de todo desejável que se adote, para uma tal bem-vinda e inadiável revisão, a abordagem transdisciplinar, no mesmo diapasão que é vibrado por pensadores que, ainda que economistas alguns, se debruçaram sobre alternativas para o modelo econômico vigente, tais como Manfred Max-Neef, Herman Daly, Nicholas Georgescu-Roegen, José Eli da Veiga, Frederick Soddy, Donella Meadows e Phillip Bartlett Smith, os três últimos profissionais das ciências da natureza e o primeiro deles Prêmio Nobel de Química em 1.921. É de justiça registrar que se encontra no meio corporativo uma auspiciosa exceção, discreta no linguajar mas esperançosa na intenção: a gigante brasileira Fíbria, atuante no ramo de produtos florestais renováveis, faz constar nas definições institucionais do empreendimento a declaração da intenção de buscar o "lucro admirado", aquele capaz de produzir "benefícios para todos, a partir de recursos utilizados de forma sustentável". É um avanço... Mas há mais coisa por detrás de toda essa resistência à mudança: sustentam dois dos citados acima, Manfred Max-Neef e Phillip Smith, que a economia se atribuiu foros de ciência, avocando a si aspectos de verdades experimentais que não possui, como forma de manter, em conjunto com a lei, o domínio dos poderosos e ricos, ou poderosos porque ricos, sobre o povo pobre e destituído de poderes, em que pese o alegado governo do povo nas democracias, que acabam instrumentadas pela economia na dinâmica da liberdade dos mercados e da sujeição dos governos ao poder financeiro. Quanto ao lugar da economia como ramo do conhecimento, é intrigante a frase do francês Henry Saby, quando ainda Presidente do Comitê de Desenvolvimento do Parlamento Europeu, dita em entrevista concedida a *The Courier*, em 1991: "Não quero criar dificuldades com meus colegas e amigos economistas, mas tem-se que admitir que a Economia não é uma ciência. É uma técnica." Nessa mesma linha, pouca gente sabe, pois isso é mantido em obsequiosa reserva, o fato é que não existe algo como um Prêmio Nobel de Economia: o que se concede à categoria é o reconhecimento do Banco Nacional da Suécia do "melhor economista" do ano, que é anunciado juntamente com os

nomes dos ganhadores do autêntico Prêmio Nobel. Assim, a existência de um Prêmio Nobel de Economia propriamente dito é uma farsa que os economistas não desmentem nem a mídia ou a elite intelectual questionam, o que atesta o quanto a profissão goza de poder no mundo em que a economia dita as regras. Mas há os contestadores assumidos do pensamento econômico: a britânico-americana Hazel Henderson e o canadense David Suzuki são mais contundentes que Saby, ao coincidirem ambos na afirmação de que "a economia é uma forma de distúrbio mental"... Indo além, Max-Neef e Smith afirmam que a economia perpetua a segmentação da sociedade em classes – povo e poderosos – dentro da mesma estrutura lógica que prevaleceu no feudalismo. Citam ainda a obra clássica *Política*, na qual Aristóteles fazia a distinção entre *oikonomia* (a arte de gerir a casa) e *krematistiké* (a arte de adquirir bens) – a primeira se ocupando do valor de uso e do equilíbrio no suprimento de bens e do bem-estar das famílias, e a segunda, crematística, lidando com os bens desde o ponto de vista do valor de troca, de forma dissociada do seu valor de uso para uma comunidade. É a partir do conceito subjacente à crematística grega que se estabeleceu a teoria econômica atual, embora a economia tenha feito derivar sua denominação do vocábulo grego *oikonomia*, cujo significado, se se tivesse mantido fiel ao sentido original, lhe atribuiria outro perfil ético, aproximando seu foco e escopo às questões vinculadas aos Fins Últimos do Espectro de Meios e Fins.

Prognósticos e Adivinhação

É curioso que generalizadamente os economistas afirmem que Malthus fracassou em sua famosa teoria de descompasso dentre o crescimento da população humana e o aumento da produção de alimentos para nutri-la. De fato, se Malthus falhou foi dentro do dito segundo o qual "o raciocínio está certo, mas a resposta está errada", pois é um logro estatístico dizer que conseguimos produzir o suficiente para alimentar as pessoas no mundo, dado que pelo menos 50% dos habitantes do planeta, cerca de 3,5 milhões de pessoas, sofrem de subnutrição – subsistem na fome... Ou seja, há comida para todos mas está desigualmente distribuída nos pratos e, se todos tiverem que ser alimentados com suficiência, na linha louvável dos defensores da equidade dos direitos de segurança alimentar, bem aí Malthus volta a estar com a razão: os ecossistemas colapsam. Ainda a propósito de previsões econômicas, com muita frequência elas falham: não antecipam

crises e quebradeiras, ao passo que desacreditam possibilidades que acabam se tornando realidades vencedoras, e por aí afora. Por quê? Não é muito difícil explicar: essas aparentes incompetências das modernas pitonisas são na verdade resultado da incompletude dos modelos de previsão, vale dizer, do modelo econômico em si, pois este lida com um mero recorte da realidade que, primeiro, desconsidera o comportamento de variáveis de impacto ligadas à natureza, não sendo capaz de captar as incertezas de fatores dinâmicos, climáticos e geofísicos, e, complementarmente, descarta a ideia de finitude dos recursos naturais e falseia as verdadeiras preferências dos atores econômicos, todos considerados, em teoria, racionais nas suas escolhas, buscando sempre a maximização da utilidade dos seus interesses, enquanto a mera observação empírica indica o tanto que fatores emocionais e impulsivos condicionam o comportamento humano, relativizando nossa racionalidade.

Comida na mesa... qual o custo socioambiental?

Alimentar o mundo passou a ser um perverso “imperativo categórico”, para parafrasear Kant. Virou um passe livre para desmatar, transformar a agricultura familiar em monocultura agrícola intensiva, em que cada ganho em produtividade se transforma em incentivo para produzir mais em quantidade, avançando sobre a saúde do solo e desalojando os habitantes do campo, despossuindo-os ainda que legalmente das suas terras, anulando a sua cultura, sua dignidade, sua identidade, e jogando-os para as cidades onde decaem de vida e se marginalizam. Tudo sob o inatacável pretexto de alimentar as pessoas, que continuam ainda assim mundo afora morrendo de fome ou de obesidade... enquanto os fertilizantes químicos e os agrotóxicos destroem a fecundidade da terra, contaminam os aquíferos e agridem a saúde humana, e indo mais longe, eliminam progressivamente a biodiversidade que sustenta as várias formas de vida, inclusive a humana... Como disse Eric Hoffer, escritor e filósofo americano falecido em 1.983: “Toda grande causa”, e a segurança alimentar é sem dúvida uma grande causa, “começa como um movimento, torna-se um negócio e finalmente degenera numa fraude.” *“O tempora, o mores!*” repetiria o cônsul romano Cícero aos catilinas da hora atual.

O Outrora atuante no Hoje

Façamos uma viagem imaginária à pré-história pois tudo que existe deriva de uma raiz temporal, que é capaz de explicar o hoje na retrospectiva do

anteontem. À falta de dados que inexistem – dispomos apenas de indícios arqueológicos – restanos construir uma narrativa mítica, hipotética para tentar representar mentalmente como era, para o ser humano, nos primórdios, há milênios, lidar com a Natureza, temida como inimiga por sua rusticidade agressiva, pelas intempéries sem as modernas proteções, com a ameaça de feras e animais peçonhentos e letais, batalhando-se a comida em tocaias na mata virgem ou nas águas frias e revoltas dos rios e praias, as pragas destruindo os cultivos, territórios e víveres disputados ferozmente entre clãs, buscando a sobrevivência... Nesse cenário primitivo, cabia ao macho adulto ir à caça por comida e à guerra tribal, na disputa de territórios e recursos materiais, enfrentando as agruras do mundo natural, daí essa sua agressividade, atávica, contra a Natureza: era preciso anular sua periculosidade, domá-la e mostrar força afirmando-se no enfrentamento às adversidades com que ela o arrostava... e essa impetuosidade toda combina com testosterona! Para a fêmea, restava ficar no acampamento, cuidando das crianças e dos velhos, uns ainda – e outros já – ineptos para a excursão ao mundo externo e, na volta dos machos, preparar para a despensa as carnes escuras e os peixes, e pensar as feridas dos guerreiros caçadores: era a nutriz mantenedora e cuidadora. Vemos claramente aí se modelando, nesse cenário, a ousadia invasiva do macho, do masculino, embrião da moderna competitividade, possibilitada e amparada pelo cuidado nutritivo e mitigador da fêmea, que veio dando forma, nas incontáveis e sucessivas transformações ao longo de dezenas de séculos, ao que hoje constitui o cerne do ecofeminismo – um contraponto de desvelo e cooperação à lógica da competição –, inspirado na viabilização da vida presente da espécie e na preservação das condições que a assegurarão no futuro... Talvez nessa dinâmica de afirmação do poder é que se tenha forjado a psicologia subjacente ao pensamento econômico: desestimar a importância da Natureza na sustentação da vida – a abundância parecia que nunca terminaria, se se esgotava aqui, bastava mover-se para alhures onde de novo lá estava a fartura –, sendo ela tratada pelo macho do *Homo*, do *erectus* ao *sapiens*, como uma serva sempre pronta e disponível para ser abusada, saciando a sua ânsia de afirmação – e essa é uma forma de mascarar o medo de perecer, o medo do fim! E transponha-se essa postura de desconsideração para o equivalente arquetípico da Natureza, a mulher e tudo o que é feminino, que continua no mundo que dizemos civilizado alvo das agressões reiteradas pelo masculino que a mídia nos comunica

cotidianamente, já com um sabor de “é assim mesmo”... Essa distorção que se terá construído ao longo de milênios tem que ser revertida, mediante o resgate do ecofeminismo, numa reentronização de Gaia a partir da consciência da sua função na manutenção da teia complexa da vida, o que por certo se sintoniza com o que Hazel Henderson denominou de Economia do Amor. Nela, a testosterona daria o espaço devido à oxitocina, em direção a um harmônico equilíbrio taoístico.

Mercado e Democracia

O mundo não dispõe de uma governança global em que pesem as iniciativas pós-grandes guerras: a Liga das Nações, que durou até 1.942, e a Organização das Nações Unidas. O grande regulador das relações globalizadas, ou mundializadas, como preferem os franceses, na falta de uma instância formal – se é que ela pode um dia existir – tem sido o mercado. Há uma associação natural e implícita do que chamamos de mercado, o livre mercado, com democracia e liberdade. Mercado e democracia são os dois ícones sagrados da moderna civilização global, o deus Mercado é o grande motor das almas, hoje em dia... Mercado sabemos o que seja, é uma realidade bem concreta e diariamente experimentada. Democracia... bem, democracia é como liberdade e felicidade: um termo de infinitos significados, e muita força coercitiva – ninguém nunca é contra a liberdade e a felicidade nem contra a democracia, mas não se sabe bem o que ela é ou o que todos os três conceitos e seus modelos operativos sejam: tal é a variedade de acepções que assumem que acabam se diluindo como conteúdo. Que seria democracia, de fato? Governo do povo? Sabemos que os governos são eleitos ao arbítrio do poder das corporações... e estas são a ponta de lança do sistema econômico. Seria o sistema que Montaigne concebeu de equilíbrio dos três poderes? Mas e o povo, o *demos*, onde entra nesse equilíbrio se os poderes são constituídos e suportados pelo suprapoder econômico? Lembremos do que nos deixou Churchill, como lúcida reflexão: "A democracia é a pior forma de governo, salvo todas as demais formas que têm sido experimentadas de tempos em tempos" – o que não nos isenta de procurar entender de que estamos mesmo falando. A supremacia do mercado sustentada pela liberdade de escolha que a democracia assegura serve ao crescimento das economias, do consumo e do lucro, com os conhecidos efeitos desestabilizadores da sociedade e da Natureza – isso já

passou a lugar comum. Se o mercado é o moderno “ópio do povo”, é sob a tutela da democracia que se pratica o tráfico da droga.

Tecnologia e Ecologia

Pode-se argumentar, face à depleção ambiental progressiva, que, salvadoramente, cada vez mais a própria tecnologia criará meios para fazer mais ainda com muito menos, aliviando a carga imposta aos sistemas naturais, mas aí entra o famoso paradoxo de Jevons que, nos idos de 1.865, já se via às mãos com um barco furado, que tem a ver com a tão decantada ecoeficiência. Que apurou Jevons? Toda eficiência na utilização de um recurso, por exemplo uma diminuição no consumo de combustível por tonelada de produto, resulta numa redução de custo que, repassada aos preços, faz o produto mais acessível ao mercado, aumentando sua demanda e sua produção em unidades e, no final, resultando, em termos absolutos, em mais consumo do recurso que se conseguiu utilizar menos por unidade. Consegue-se vislumbrar nessa dinâmica perversa a sutil infiltração do meme do crescimento – mais é melhor!

Tempo e Vida

Foge-nos normalmente à percepção que a ciência – eis mais um dos integrantes da trindade moderna, o deus Ciência – que viabiliza aos humanos desenvolver as suas engenhocas tecnológicas, suas extensões potencializadoras da ação, nos conduz, e não porque deva ser assim mas pelo uso que dela fazemos, a uma inviabilização dos processos que sustentam a vida no planeta. Isso se manifesta no domínio do uso do tempo e da capacidade de trabalho, no sentido da física, com que a tecnologia nos brindou. Na verdade, os dois tipos se entrelaçam. As extensões exossomáticas que vimos criando desde o machado de pedra do neolítico, passando pela roda até a computação quântica, em fase de testes, fizeram com que nosso impacto, como indivíduos e sociedade, nos sistemas naturais, viesse a ser extraordinariamente desproporcional à nossa massa corporal – seria de se esperar que esse impacto se aproximasse do impacto de um não-humano de cerca de 70 quilos, peso mediano de um macho adulto. Mas somos, individualmente e usando os artefatos da tecnologia, capazes de impactar muitíssimo mais do que o mamífero de maior massa do planeta, o elefante asiático, que pesa em torno de 7.000 kg, 100 vezes a massa de 70 kg de um humano macho adulto. Um exemplo dado por Rob Hopkins, em seu livro *The Transition Handbook*, é o bastante para se ter

noção dessa desproporção: um litro de gasolina contém calorias capazes de mover um automóvel com motor a explosão interna, realizando um trabalho que equivale ao de um homem adulto por 40 dias. Indo além: um automóvel com um tanque de 40 litros, cheio de gasolina, rodando numa estrada à média de 100 km/hora e fazendo 12,5 km/litro, demoraria cinco horas para cumprir um percurso de 500 km, consumindo nisso todo o combustível; um homem adulto percorrendo a pé a mesma distância de 500 km, caminhando 8 horas/dia a uma velocidade média de 4 km/hora, demoraria cerca de 15,5 dias. Façamos as contas: o carro, um objeto de cerca de 1.000 kg, com uma massa portanto maior 14 vezes que um homem adulto, que na mediana pesa 70 kg, faria o mesmo percurso num tempo 75 vezes mais rápido do que o homem adulto a pé, sendo que este em contrapartida consumiria nesses 15 dias apenas 1% da energia utilizada pelo carro, em calorias. Resumo: o carro gastaria 100 vezes mais energia para fazer o mesmo percurso que o homem adulto a pé, porém deslocando uma massa 14 vezes maior e num tempo 75 vezes mais curto do que o solitário andarilho, que inevitavelmente teria que fazer paradas para alimentação e descanso, inclusive sono. Conclusão: um carro como esse do exemplo é uma poderosa extensão dos pés do ser humano, com 14 vezes mais massa física que este mas que põe, relativamente ao andarilho, mais vida no tempo do seu usuário ainda que a expensas de 100 vezes mais energia para realizar o mesmo trabalho. É assim, em processos baseados em capital construído e uso intensivo de energia, que a tecnologia alcançou manipular os tempos do mundo civilizado, fazendo com que tudo se acelere em relação ao tempo de relógio, realizando cada vez mais trabalho por unidade de tempo, a expensas do capital natural, que é finito e um dia se esgotará, e em um futuro perigosamente próximo no horizonte temporal... Essa ânsia de acelerar todos os processos econômicos e sociais busca, em última análise, vencer ainda que ilusoriamente a finitude da vida, fazendo o tempo, esse bem de oferta absolutamente inelástica, render subjetivamente mais do que marcam os relógios e calendários, num desconto frenético do futuro para, ao máximo, trazer tudo para usufruto presente, numa ambígua adoração submissa e temerosa ao deus Morte, o terceiro da trindade e soberano sobre os demais, que pode fazer a qualquer um de nós tudo acabar de repente...

Notas enviadas por Fernanda

Bloco 1

A ideia de associar as duas categorias – Crescimento e Vida – evoca uma citação de Friedrich Nietzsche: “Esse mundo é a vontade de potência – e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência – e nada além disso!” Há, segundo o filósofo, uma trama inextrincável em que crescimento, vida e vontade de potência se emaranham: quanto mais vontade de potência, mais valoroso um preceito, uma ação, um afeto; e mais vontade de potência significa vida crescendo, expandindo-se, aumentando. Tudo a ver com a ideia de crescimento como meme...

Cabe à vista disso uma indagação: se Nietzsche diz que crescer é bom e que há que expandir, progredir, aumentar, isso estaria significando que ele – posto que é considerado um crítico de nosso modelo civilizatório e do crescimento como compulsão – teria sido, em verdade, quem mais magistralmente expressou, tanto no meio erudito como no popular, nossa crônica predileção obsessiva pelo crescimento?

A resposta que redimirá Nietzsche dessa incômoda posição pode ser encontrada em sua noção de história pois esta, para ele, não tem uma direção preestabelecida e, sendo feita de acasos, remendada, enredada e não-linear, nada garante que estejamos na melhor nem na pior direção. Dirá ele que, ao não dispor de um *telos per se*, tudo o que projetarmos como horizonte e propósito para nossas ações nada mais será que invenção consoladora, até necessária, mas não a expressão de nenhuma fatalidade ou uma realidade passível de ser controlada por nossas ações. Mesmo o achar-se produtor da própria história seria, desde esse ponto de vista, uma falácia: não sabemos nunca onde vamos parar a cada passo dado, a estrada é instável, movediça, cambiante.

Essa visão da história embute um novo problema, no entanto. Se a história não tem uma finalidade definida, para onde ir? Se assumirmos que o sentido da história é uma projeção, quais valores deverão então nos orientar na construção fática de nossa existência? Aí nos acode, novamente, a ideia de crescimento, mas reformulada. Se a vontade de potência é querer a expansão da vida, há que crescer, mas não em qualquer direção. Se queremos nos orientar por valores mais nobres, devemos abraçar aqueles que favorecem a vida, e não dar as mãos àquilo que a faz fenecer. Aquilo que se coloca como horizonte quando nos orientamos apenas ao

crescimento econômico, como aqui tem sido aqui posto à exaustão, não expande, amplia ou favorece a vida. Deve-se crescer, sim, mas só há sentido em crescer quando esse crescimento faz expandir a vida. Entre o crescimento como pulsão e o crescimento como compulsão, a diferença fundamental seria, usando a terminologia nietzschiana, que o primeiro busca a efetiva expansão da vida e o segundo não o faz.

Bloco 2

Vida vivida em plenitude evoca a ideia de liberdade, dos vários ângulos da liberdade: de pensamento, de expressão, de culto religioso, de associação, de ir e vir, de escolher os governantes. Esse conjunto de atributos do homem livre, por sua vez, ocupa o cerne da ideia de democracia, se pensada esta em termos de sistema de governo. Um dos marcos civilizatórios mais determinantes do Ocidente, o surgimento da democracia, traz à arena a figura lendária do ateniense Platão – aliás, por quem Nietzsche nutria uma discordância declarada – que, há 2.500 anos, atacou a recém-nascida democracia em seu próprio berço. Não para endossar o seu rechaço, mas apenas para recuperar alguns de seus argumentos e ver a sua atualidade, tragamos à luz um dos diálogos em que Platão, na *República* critica a democracia. Nos argumentos que usa, Platão estabelece um paralelo entre a cidade e o indivíduo, associando três elementos, ou princípios anímicos, do indivíduo a três classes sociais: o elemento racional – no corpo, a cabeça – ao governante (no caso ideal, o Rei Filósofo); o elemento impetuoso – o peito – aos guardiões (os guerreiros); e o apetitivo – o ventre – ao povo (trabalhadores, comerciantes, escravos). A democracia seria criticável por ser inevitavelmente o governo do ventre, diz Platão: se um indivíduo se deixa levar prioritariamente por seus apetites, se desgoverna, perde a medida e portanto a saúde. O mesmo que acontece ao indivíduo se daria com a *polis*: governada pelos apetites, adoeceria. O remédio proposto por Platão é uma utópica monarquia, em que as decisões estariam nas mãos de um sábio, o Rei Filósofo.

De todo o discurso platônico, o que talvez interesse à nossa discussão é a associação “soberania dos apetites-democracia”. Talvez seja inevitável que o governo se constitua nessa trama de apetites variados. Subjugar os desejos a uma racionalidade elevada, uma espécie de “logocracia”, quiçá seja, além de utópico, indesejável. Mas então, o que fazer? Que tipos de desejos

deveriam ser cultivados na *polis*? Voltando à ideia nietzschiana de vida como critério de valor, não seriam aqueles desejos que incrementam a própria expansão desta? Como lidar com os desejos que não favorecem a vida? Eis o desafio que nossa democracia vem tentando equacionar, mas que, quem sabe, com a reflexão sobre a diferença entre crescimento como meme e a expansão da vida como critério, pode ganhar uma outra dimensão.

Bloco 3

Já que abordamos acima a indeterminação nietzschiana dos rumos da história, vale comentar a questão do gênero nas configurações socioculturais, pois entendemos que há mais de uma perspectiva sobre o tema. Diferentemente da versão que assinala uma certa linearidade desde os primórdios na maneira como o gênero se encaixa nos papéis sociais, é importante mencionar que há outras visões acerca do assunto. Alguns antropólogos, entre eles Margaret Mead, ressaltam, baseando-se em pesquisas etnográficas, que não é possível identificar nenhuma continuidade nas configurações sociais de gênero entre as diferentes culturas no mundo. Segundo esta visão, em outros lugares e em outros tempos há e houve várias outras maneiras de ver o masculino e o feminino, outras configurações no referente à divisão de atribuições sociais e outras mitologias associadas.

Disso, depreende-se que não haveria diferenças naturais, orgânicas atuando de maneira irreversível e imutável na maneira de ver o feminino e o masculino. Assim, podemos tirar da boca o gosto amargo de “é assim mesmo” e, ao não se pressupor que há “barreiras biológicas” que impossibilitam mudanças, pensar em alternativas àquela que é uma boa história para nos fazer refletir sobre este modo invasivo e predatório de constituir a sociedade.

Convém a esta altura cuidar um pouco das circunstâncias, que às vezes se sobrepõem em importância às instâncias que circunscrevem, visto que se criou um vácuo narrativo, é de se reconhecer até porque programado, entre a transcrição dos textos enviados à revista e o que aconteceu antes disso, que resultou no envio.

Desembrulhemos. No e-mail de sondagem, que Isabela enviou a ambos, escreveu: “...meu editor-chefe pediu que marcasse um almoço para conhecê-los

pessoalmente e comentarmos o espírito da reportagem a produzir, pois planejamos que a matéria de capa do mês próximo seja baseada na entrevista com vocês.” Pois então, queridos leitores, não se justifica com essa rara distinção jornalística o tal de envaidecimento que tornou Homero luminoso aos próprios olhos e juízo?

E foi assim que houve o almoço com Marcus Siqueira, o chefe de Isabela, que foi servido na sala VIP da revista. É bom que se diga que são a mesma pessoa nossa Isabela Bernardi e a repórter que optamos por designar com a sigla IB, na replicação, em capítulo anterior, de uma matéria por ela mesma produzida. Mais uma idiossincrasia: a Homero sempre rondava a difusa sensação de que jornalistas são seres que acham que sabem tudo mas se põem em posição de quem quase nada sabe para obter de você tudo que você sabe e depois escrever que você não sabe mesmo de quase nada – não são assim diretos, dão a entendê-lo pelas dúvidas que plantam no leitor, seu público-alvo, ao questionar tudo o que você disse que sabe. Marcus e Isabela demoliram nos primeiros minutos esse estereótipo, pela cortesia com que receberam os visitantes, temperada com uma postura inteligente de genuína investigação, marcada pelo modo sensível e colaborativo com que conduziram a conversa. Explicamos.

Com a lista dos 13 tópicos em mãos – aos leitores que estranhem a aparição dessa lista e o que se segue, sugerimos recorrer ao conteúdo do capítulo “Economistas, Anjos e Filósofos: uma Teoria de Todos” –, foram logo os quatro desistindo, em acordo e harmonia de visões, da ideia de trabalhar item por item. Propuseram preparar uma nova listagem que agrupasse os vários tópicos em eixos temáticos de itens afins. Os anfitriões, de moto próprio, propuseram afastar a ideia de uma resposta caso a caso pois acabaria por fragmentar a percepção do tema maior, e lembraram as ponderações do anjo Zahrus – referiam-se ao incidente da Chapada como fenômeno familiar, estudada e cortês condescendência, pode ser... – ponderações que fez, dizíamos, sobre os inconvenientes do fatiamento do saber e a necessidade de retomar um tratamento unificador, pontuando o quão importante seria não contradizer no como o que se quer afirmar nos quês, daí esse procedimento que rearranjaria as lâminas do leque sem despregá-las entretanto do pino articulador. Elegante deveras, avencemos, em forma e conteúdo!

Ao deixar finalmente a reunião, que se estendeu ainda por um par de horas na sala de Marcus após o almoço, os dois convidados levavam em mãos uma

espécie de lição de casa, no jargão jornalístico uma pauta de matéria, uma lista de tópicos que deveria ser desdobrada com as ideias e considerações de cada um em separado: nisso resultou o que seria de início uma entrevista, tarefas a cumprir, tudo muito acordado por todos e consentido pelos dois. A matéria final – a de capa, que beleza! – seria armada pela dupla, Marcus e Isabela, a partir das proposições de Homero e Fernanda. *Hélas*, haja-lhes fôlego aos dois!

PAUTA A DESENVOLVER	
Eixo 1	Distorções do Modelo Econômico
Eixo 2	Natureza, Vida e Bem-estar
Eixo 3	Mercado e Liberdade de Escolha
Eixo 4	Tecnologia e Mitigação Socioambiental
Eixo 5	Equidade de Direitos e a Explosão Populacional
Eixo 6	Escolhas Intemporais e o Futuro Descontado

S em mais volteios, revelamos na sequência aos abnegados seguidores desta escrita, para que não se amuem além do suportável com mais entretantos, a pauta recebida – está em destaque no quadro – e que deu origem aos dois textos que a esta altura conhecemos já de sobejo, tendo servido de guia geral para a produção. O que seguiu para a revista, é justo que se registre para os devidos louros, demandou um lavor de pai e filha que lhes abocanhou ao lazer todos os momentos de um inteiro fim de semana, incluídos aí pedaços das pontas, tarde de sexta e manhã de segunda-feira.

É licito desconfiar que Homero andou novamente consultando Zahrus, o seu anjo privativo, tal a desenvoltura com que organizou, como vimos, toda a sua argumentação em fatias, conforme solicitado; ou já estava tudo aí: foi Zahrus que ao partir deixou nos desvãos liminares entre distintos estados de consciência os embriões conceituais dos temas, restando não muito mais do que uma dedicada elaboração. Já Fernanda, no seu estilo desafiador, não deixou por menos: declarou que invocou Nietzsche, seu anjo eletivo, para que orientasse o rebusque de suas tiradas nas folhas dos seus livros, mesclados estes em subjetiva ordem, para não dizer desordem, com outros de variada natureza empilhados sobre a sua mesa de estudo, além dos espalhados nos arredores, chão, sofá, poltronas, porém em condição de pronta consulta para atender à frenética demanda acadêmica do dia a dia. E Nietzsche, tudo indica que marcou presença...

Retornemos agora do entreato para o epílogo, inteirando-nos do que sucedeu a partir de toda essa faina. A revista foi finalmente publicada e... vejam só como anda solto o logro: a matéria de capa ostentava o portentoso título de “Pensamentos Modernos sobre Temas Antigos: Economia combina com Progresso?” mas dentro – Homero contou e Fernanda recontou – nada mais que três citações dos dois diligentes e irremunerados colaboradores, coisa esparsa, nenhuma referência biográfica de ambos, o resto da matéria pinçando – ao ver dos dois, de forma estouvada – uma e outra ideia dos textos enviados, ao passo que inúmeras outras personalidades ganharam fala ao longo do texto, desfigurando a proposta original. Tudo aliás muito bem posto em forma e estilo: um produto de leitura fácil, acessível, e contudo sem nenhuma sustância, nada ou pouquíssimo a ver com o que foi entregue a Isabela e Marcus.

Mais ainda, receberam pelo correio um exemplar com as páginas da matéria realçadas pelo pinçamento com um clipe de plástico e uma cartinha, impessoal e impressa em tipografia, ofertando a revista e agradecendo a “inestimável colaboração, esperando poder contar com você(s) novamente etc., etc., etc.” – tudo muito convencional e, é mister assinalar, vulgar.

A Homero retornou como conselheira a passagem de Raul Pompéia: “a palavra é de prata e o silêncio é de ouro”, e se calou, Fernanda aderindo ao mutismo do pai. Uma lição e tanto para quem havia feito dois movimentos canhestros: render-se à vaidade, navegando no encantamento de se considerar portador do valor atribuído no convincente e tentador convite, e, não menos, ter desfeito sua agora reconfirmada impressão de como muitos jornalistas – concedamos que nem todos... – são desatentos a uma ética para com as suas fontes e colaboradores voluntários. Em consequência, estava retomando a sua antiga tese a respeito de como atuam tais profissionais – de novo, nem todos, e as exceções são emblemáticas.

Nesse emaranhado, foi a vaidade que obnubilou o juízo crítico do nosso escriba, que tudo fez, convencendo a sua parceira, para corresponder ao apreço com que, acreditava, os estavam distinguindo, embarcando os dois no preparo do extenuante trabalho em que se enfiaram. Mas as ideias foram pensadas, organizadas e ficaram ali registradas, e para alguma outra coisa haveriam de servir, porque serventia, pensavam, sem dúvida tinham!

Já Fernanda, habituada com as impessoalidades do mundo acadêmico, passou ao largo das emoções explícitas e murmurou um displicente “deixa pra lá” – talvez

uma forma descomplicada de ocultar uma decepção por algo irrecorrível. Além do mais, seus aposentos tinham várias outras janelas por onde mirar... o mundo do conhecimento formal é poliédrico.

Entretanto, quando soube pelo pai da sua penitência pela vaidade que cresceu em si, inflamou-o e ao cabo foi esfacelada em cacos como um espelho partido – poderia bem ser o espelho de Narciso, valha a retórica! –, sentiu uma fisgada na alma e, condoída, de uma só enfiada produziu este texto que julgamos pertinente aqui reproduzir, devotado a fazer ressurgir como fênix, das cinzas em que se tinha convertido, o escriba entristecido.

Sobre a Vaidade, por Maria Fernanda

“Ah! a Vaidade... Pecado capital ou venial, ou mera categoria laica, não importa quão controversa seja a sua classificação, quem alardeia que não a tem, está mentindo. Até para bater no peito e dizer ‘não sou vaidoso’ há que ter traços dela, um certo orgulho recôndito do despojamento que isso significa. Uns tem mais, outros menos. O excesso dela creio que todos podemos identificar e condenar... no entanto, há que se concordar que o elogiável ‘isento de vaidade’ talvez fosse um sujeito na realidade totalmente apático. ‘Pra que falar ou fazer algo se tudo é vão, inclusive eu mesmo, minha opinião e minhas ações?’, diria esse ser supostamente ideal. Sim, Vaidade, literalmente, se relaciona ao que é vão, inútil, efêmero, e à ação de vangloriar-se disso, e é por isso que um ser sem um pingo de vaidade teria que encontrar, para se salvar do absoluto niilismo, algo inquestionavelmente útil, eterno, de importância tal que realmente merecesse ser ostentado. O que seria? Pensando no assunto, apresentam-se tantas respostas possíveis, e cada uma delas tão singular, que a conclusão a que se chega é que ou tudo é absolutamente importante e nada é vão ou, ao contrário, tudo é vão.

“Em ambos os casos, concluo que o ato de vangloriar-se é inevitavelmente, como diz a própria palavra, vão. ‘Toda glória é efêmera’, era o que, dizem, os escravos tinham que sussurrar ao ouvido dos generais romanos enquanto estes desfilavam pela cidade comemorando suas vitórias. Se até mesmo a própria glória é efêmera, vangloriar-se o será em dobro! Como solução Hobbes propõe a simpática ‘justa glória’, em oposição a essa outra – inútil e pecaminosa até, segundo alguns. Interessante! A ‘justa glória’ é aquela que

nasce da consciência que o sujeito tem do seu próprio valor. No entanto, os inquietos não poderão furtar-se a outras perguntas, viciados que costumam ser em interrogações: o que vale, realmente, em si mesmo, como critério absoluto? Qual o critério para dizer que algo é melhor e então envaidecer-se disso? O que é valioso na medida certa e justa? Difícil responder...

“Se a ‘justa glória’ depende do quanto alguém está seguro do seu valor a ponto de dispensar a admiração alheia, me parece que aí se apresenta uma interminável discussão, pois até onde entendo não é possível valorizar-se de maneira totalmente independente da opinião alheia. Nossa subjetividade é sempre permeada pela nossa relação com os demais e isso inclui a imagem que estes nos devolvem de nós mesmos... difícil saber onde começa nossa opinião acerca de nós mesmos e onde termina a dos outros! A questão é que o fenômeno da vaidade, por isso mesmo, transcende o âmbito individual, e tem consequências sérias quando se associa à certeza de que a glória alardeada, seja ela qual for, é a expressão de uma verdade absoluta e incontestável. Este tipo de vaidade é a famosa vaidade intelectual.

“Quantos pensadores se gabam de finalmente terem chegado ‘ao ápice’ seja lá do que estejam estudando e a partir daí se dedicam menos a seguir pesquisando, abertos a novos pensamentos e pontos de vista, o que é o próprio fundamento da crítica, do que a defender a ‘sua’ verdade (com a qual se confundem, pois passa a ser mais do que uma ideia, torna-se ‘a descoberta’ que ele, o pensador, fez)? Já dizia o bardo inglês que ‘há mais coisas no céu e na terra do que supõe nossa *vã* filosofia’ – frase assim eternizada para nós, brasileiros, por conta da tradução que introduziu (até que oportunamente, no presente caso) a palavra ‘vã’, que no texto original não constava. O adjetivo posteriormente acrescentado e a frase em si talvez nos sinalizem um bom caminho para esquivar-nos dos estragos que um excesso de vaidade intelectual poderá causar. O pior deles: impossibilitar a autocrítica e com isso barrar o próprio processo de conhecimento. É por isso que se fala em uma douta ignorância, nome que os filósofos cristãos deram ao que é expresso por Sócrates em sua famosa frase que se vulgarizou como ‘só sei que nada sei’. Saber que não se sabe, admitir a possibilidade do erro – aí estão coisas que o vaidoso excessivo não é capaz de fazer. No entanto, aquele que duvida de tudo o que pensa, se paralisa e tampouco constrói

conhecimento nem ação. Qual a medida? Tem que haver uma ‘justa medida’.

“Aqui me atrevo a formular que, se há uma ‘justa glória’ será esta: a medida certa entre a autocrítica e a consciência do próprio valor. Se o critério de valor que temos se pauta pela vontade de potência, que leva à expansão da vida, a ‘justa glória’ será a do herói trágico, que se arrisca mesmo sem garantias e tem coragem de lutar na incerteza, já que de uma coisa ele sabe: tudo pode mudar a todo tempo, tudo é vão. Mas ainda assim há motivos para lutar. Quais motivos? Todos aqueles que levam à expansão da vida. É isso. São estas as palavras que tenho a ostentar, aceitando o risco de sejam vãs, sobre a Vaidade. Que ninguém se autoincrimine por sentir vaidade: ela pode ser redirecionada para uma saudável autoestima, que corresponde à ‘justa glória’ do filósofo. Fique em Paz, meu pai, confio na sua lucidez.”

Uma lágrima, que evocava a famosa ária de *Elixir de Amor*, de Donizete, aquela furtiva e inevitável lágrima de quem sente que foi acolhido, compreendido e relevado no seu infortúnio, fluiu do canto exterior do olho esquerdo, rolou discreta na vertical do rosto e se perdeu na gola azul cobalto da camiseta Polo de Homero, que ainda dispunha de neurônios intocados pela emoção para ensaiar um último pensamento, que emergiu silente de si para si: “As evidências me mostram que é a Vaidade dos que se julgam doutos e senhores do saber que cristaliza as crenças e mitos, fazendo-as verdades universais, que acabam subjugando os mesmos que as forjaram. Por isso, é tão difícil transformar velhos paradigmas em novas visões e renovar as mentes, reinventando a vida.” Certo que esse pensamento não saiu tão organizado e sintaticamente correto como se apresenta, fizemo-lo assim em consideração aos nossos leitores, para franquear-lhes o fácil entendimento que de outro modo se tornaria cabuloso ou seria nulo. Pela mesma consideração, encerramos aqui. Ponto e basta! por hoje, basta...

Quero Mamãe de Volta ou Construindo o Argumento do Retorno a *Physis*

Somos órfãos da ingenuidade e do encantamento dos primórdios. Ah! Que saudades...

“Aqui é o verdadeiro reino de Oxum! Salve Oxum, ai-ei-eu Oxum!” Debruçada sobre o gradil da serpenteante passarela, com um turbante branco deixando escapar aqui e ali madeixas loiras e sobre cuja silhueta esbelta se assentava um balandrau de linho alvo ornado com paetês dourados, aquela sacerdotisa caucasiana do candomblé, desgarrada do grupo de outros visitantes igualmente paramentados, exprimia maravilhada o seu encantamento pelas torrentes das Cataratas do Iguaçu, lado brasileiro, louvando o orixá da água doce. Os demais membros da excursão de pais e filhos-de-santo se agrupavam para as indefectíveis fotos, acima do barranco no pátio de paralelepípedos.

“Você ouviu o que ela disse?”, perguntou discretamente Fernanda a Homero à sua direita, o cotovelo esquerdo apoiado no beiral e fazendo concha com a mão para abafar a voz. Lentamente, ele balançou a cabeça e murmurou “hum, hum...”, aparentando um desinteresse que procurava disfarçar uma possível intromissão no momento de êxtase da jovem, a composição do seu tipo aparentando ser uma equede, uma zeladora de santos. No que a presumida equede foi se afastando em direção ao grupo, ele liberou para Fernanda o que aquela cândida presença lhe tinha desencadeado: “É admirável como esses cultos que chamamos de pagãos ou xamanísticos são reverentes para com o mundo natural, para com as majestades e delicadezas da Natureza. Os orixás, que constituem o panteão do candomblé, portam o status de guardiões de tudo aquilo que sustenta a existência: Oxóssi cuida das matas, Xangô, das pedras, raios e trovões, e alimenta o fogo, Iansã administra os ventos, Iemanjá é a Rainha do Mar, e a nossa Oxum, em expressão profusa aqui nestas cataratas, é quem manda nas águas doces e nas cachoeiras, representando a riqueza, o amor, a prosperidade e a beleza, é o feminino na sua manifestação mais emblemática e exuberante. E com isso os devotos do candomblé, trazido da África pelos escravos, ao cultuar os seus orixás desde a origem se fazem também guardiões e zeladores do mundo natural. O mais curioso é que todos os orixás, que se subordinam ao criador supremo Olodumaré, são expressões antropomórficas do divino, alguns até com passagens míticas pela Terra. Muito a ver ou tudo a ver com as nossas falas de hoje cedo... De novo, as coincidências, ou as sincronicidades, para ficar mais na moda, nos acompanham nas nossas peripécias...” Fernanda meneou algumas vezes a cabeça numa aparente

ponderação silenciosa, um nem sim nem não, aliás nada havia a concordar ou discordar, e disse: “Há paralelos aí. Os gregos denominavam de *physis* a Natureza e se viam como parte indissociável dela, aliás disse isso hoje cedo na minha fala.”

Na parte da manhã, temos que dizê-lo a essa altura sob pena de tornar ininteligível esse introito, ambos participaram, antes desse giro pelo Parque Nacional do Iguaçu, de um painel num congresso promovido por uma empresa prestadora de serviços de telecomunicações e informática, daquelas que atuam mundo afora, que reuniu cerca de quatrocentos de seus executivos da América Latina, México e Caribe inclusos, a maioria atuante na área de marketing e atendimento aos clientes, para botá-los a refletir sobre as questões ambientais que hoje assombram o mundo corporativo – ou o encantam pelas oportunidades de negócios com que o brindam –, coisas essas como a importância dos ativos ambientais, as mudanças climáticas, a escassez futura de água, o esgotamento dos solos e dos mares, tudo que, em suma, se inclui no já difundido conceito de pegada ecológica. O painel, inserido no conjunto de várias outras apresentações de nomes em alta no reino da sustentabilidade, reuniu quatro pessoas e um coordenador – entre as pessoas estavam Homero e Fernanda. Interessante a proposta: Homero abordaria, como o fez, as questões mais pragmáticas e ligadas à ecologia e à economia, e Fernanda, o que fez com brilho a despeito do desafio proposto, se incumbiu de resgatar a história do pensamento filosófico sobre a relação homem-natureza, ao longo dos séculos. Pretendia com tal inovação, a direção da empresa, incitar a audiência a exercitar o questionamento maiêutico – sem deixá-la suspeitar que praticava esse cometimento, é claro! –, tão distante dos afazeres cotidianos da lida empresarial, marcada pelo raciocínio recorrente de eficácia, eficiência, competição e sucesso: muita ação e uma impossível profundidade de percepções, preterida pela ânsia de dominação do tempo. Filosofar, foi entretanto entendido pela direção, deveria passar a integrar o rol de habilidades que garantiriam alargar o entendimento dos executivos sobre a complexidade do mundo atual, com reflexos positivos – um custo-benefício favorável, pois não! – na... eficácia, eficiência, competição e sucesso, olha eles aí de novo, fazer o quê... Melhor que nada!

Expurgada das perguntas e observações dos demais integrantes do painel e das questões colocadas pela plateia, aliás em número reduzido, compreende-se pelo teor do tema, a explanação de Fernanda está contida no resumo a seguir – pareceu-nos importante já ir de chofre a esse conteúdo, pois o demais que foi

versado por Homero e demais panelistas de uma maneira ou de outra, e em variados termos e combinações entre enfoques distintos, já é – supõe-se otimistamente – do conhecimento do leitor que tenha tirado bom proveito destes escritos todos, até o presente. Fernanda ao teclado, memória ativada, resultado abaixo.

***Physis*, *Nomos* e *Tékhne*: as Raízes Gregas do Pensamento Contemporâneo**

"Homem e Natureza. Duas realidades, dois mundos, uma disputa? O humano lutando contra as intempéries, desafiando a natureza que o acossa; a natureza como colo que maternalmente nos acolhe e alimenta; nós mesmos como natureza, animais humanos conduzidos por uma mescla de instintos, carga genética e interações com o meio; a humanidade construindo uma segunda natureza... Todas estas perspectivas são nuances de uma relação que não se define por um só modo, que abarca estes acima e outros mais, que vão ganhando destaque – alternada ou simultaneamente – em diferentes tempos e espaços, revelando em todos os casos uma problemática. De um lado o crescimento como *meme*, de outro o esgotamento e a finitude dos seus recursos, que presenciamos atônitos.

"Atônitos, quem sabe, porque esse esgotamento da natureza não condiz com uma ideia que dela se faz desde antanho. Já desde já a Antiga Grécia a natureza carrega essa marca da imortalidade no imaginário humano e é vista como oposta à nossa finitude como indivíduos, como contraponto à nossa curta existência, pois o existir humano se desmancha na eternidade dos ciclos em repetição que a natureza nos faz testemunhar. Podemos ler a história da nossa civilização ocidental como uma espécie de luta para driblar essa finitude através dos nossos feitos. De um lado a *tékhne* – técnica, aquilo que é provocado artificialmente pelo humano – e, de outro, a *physis* – natureza, o que se desenrola por si mesmo e se manifesta como um *logos*, um discurso com certa racionalidade e certas leis. Nesta dança entre os dois se faz nossa civilização, a cada momento em uma cadência e carregando sempre todos os demais passos. Para investigar como se construiu a ideia que hoje temos – nós, os ocidentais – acerca da relação homem-natureza, é essa história da dança entre *physis* e *tékhne*, longa e cheia de matizes, com alguns traços que sobressaem no quadro geral, que nos dará a paisagem necessária para repensar nosso tempo.

“Quando se fala em pensamento ocidental, inevitável é referir-se aos gregos de outrora, tempos em que as noções de natureza, de divino e de humanidade se mesclavam em uma rica e colorida trama mitológica e em que se ressaltava a pequenez humana perante forças que insistiam em lembrar a inexorabilidade de leis, tidas como expressão do destino. Em tempos homéricos, os feitos humanos eram vistos como vinculados às forças religiosas, estas por sua vez profundamente ligadas às da natureza. As histórias que hoje escutamos da mitologia grega nos dão muitos exemplos dessa trama em que *physis* e o divino – eternos e imortais – regem e iluminam a própria *tékhne*, em que cada ação humana se afina ou mesmo se opõe aos desígnios divinos, mas sempre em uma relação assimétrica, em que leis maiores e mais fortes do que o humano vêm mostrar sua potência.

“Com o surgimento da democracia por volta do século VI a.C. e o fortalecimento da *polis*, a relação *physis-tékhne* foi ganhando outra configuração. Para os sofistas, célebres adversários de Platão e Sócrates, *tékhne* se diferencia de *physis* por ser ligada a *nomos* – âmbito das leis, das convenções, das construções humanas. Essa distinção expressa, entre outras coisas, uma laicização da técnica, já que ao opô-la a *physis* a desvincula do dado (o que se dá por si mesmo) e do divino para situá-la como artifício humano, como aquilo que é feito deliberadamente, pelos e para os humanos. Assim, segundo essa visão, o desenvolvimento de *tékhne* – conjunto de técnicas e feitos humanos – não se daria a partir de nenhuma lei superior a eles: as técnicas seriam determinadas por experiências particulares e segundo a adequação a certas finalidades contingentes, que permitiriam avaliar a sua eficácia. Ora, se o sofista Protágoras dizia que ‘o Homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, e das coisas que não são, enquanto não são’, concluímos que há, nessa perspectiva, uma desvinculação entre a moral e as leis divinas e naturais (os assuntos humanos são estritamente humanos, têm apenas ao homem como medida). Como consequência disso, há também, nesse enfoque, uma independência do agir humano em relação à moralidade, de forma que não poderíamos falar, seguindo os pressupostos dos sofistas, em ações boas ou más em si mesmas.

“Diferentemente de seus contemporâneos sofistas, Platão postulava a necessidade de que *tékhne* estivesse relacionada à virtude. Para alcançar a virtude, dizia o filósofo através das palavras que atribuía ao seu mestre Sócrates,

cada indivíduo deveria buscar se vincular cada vez mais ao mundo das ideias, dos conceitos puros, universais. Para forjar técnicas e agir virtuosamente, por consequência, deveríamos procurar nos afastar das particularidades do mundo concreto, de forma que o saber (o saber em geral e aquele necessário para conceber técnicas virtuosas) era considerado por Platão como acessível ao indivíduo através da contemplação: para saber o que e como fazer, haveríamos que suspender a nossa própria ação. Isso faz com que, para essa visão, a técnica tenha um status moral por excelência – há ações boas e más em si mesmas – sendo considerada tanto mais virtuosa quanto mais afastada do campo empírico, da prática, e mais próxima à teoria, ao mundo das ideias, aos conceitos universais. E se hoje em dia é flagrante a separação entre teoria e prática, isso resulta de uma série de reinterpretações do pensamento grego, feitas pelo Cristianismo ao longo de séculos, que elaboraram seus preceitos a partir dessa concepção de virtude ligada à intelectualidade e à contemplação 'descontaminada' das particularidades da vida concreta.

"Para a nossa discussão, o que importa é essa espécie de exílio que physis sofre a partir daí. Se antes se misturava ao divino, a natureza-physis agora se encontra até mesmo abaixo do humano, humano que passa a ser uma espécie de ponte entre o divino (passível de contemplação, tal como o mundo das ideias) e a própria natureza, da qual passa a se destacar sobretudo seu aspecto concreto, degradável. No entanto, essa mudança na visão acerca da natureza-*physis* não é completa: mesmo depois dessa perda de status – pois já não está mais emparelhada ao divino – , ela ainda permanece no nosso imaginário com essa aura de eternidade, infinitude... de imortalidade! Como isso se dá?

"Talvez o que haja aí seja uma espécie de colagem em que se juntam perspectivas de tempos variados e que termina por nos oferecer esta imagem da natureza como, por um lado, infinita e imortal, e por outro, mero objeto científico, a partir do século XVI, com o advento da Revolução Científica, e recursos para a atividade humana, a partir do século XVIII, com a Revolução Industrial. De lá pra cá, o que vemos é uma mescla que vem se mostrando um tanto quanto perversa. Mantivemos, da noção de *physis* antiga, essa ideia de que a natureza nunca vai acabar, de que é fonte eterna de recursos, mas já não tememos, como antes, alterar seu fluxo pois a ideia de que ela é investida de um caráter divino não mais predomina. Assim, as intervenções humanas sobre a natureza ganharam livre chancela, em nome de uma visão do humano como

senhor do saber e do fazer, fazer esse associado à propensão progressiva ao crescimento econômico. O resultado são nossas mazelas, só recentemente atribuídas à repentina evidência de que os recursos da natureza não são infinitos.

“A relação homem-natureza passou por tantas e importantes modificações que a filósofa alemã Hannah Arendt fala em um ‘artificial crescimento do natural’, no qual passamos de um processo de *entendimento* do funcionamento da natureza à *produção* de condições naturais, a um ponto tal que o próprio milagre da vida passou a estar sob o domínio humano. Para ela, vivemos uma ‘naturalização da tecnologia’, uma diluição da diferença entre o natural e o artificial. A diluição da diferença entre o dado e o feito se estenderia também à própria relação com a exterioridade e a alteridade – é como se mais nada nos fosse externo, como se não existisse mais nada além de nós mesmos.

“Para Arendt, isso leva a um paradoxo fundamental da nossa época: enquanto os poderes humanos aumentam sob o estímulo do progresso tecnológico, cada vez menos nos colocamos como responsáveis das consequências de nossas ações – imprevisíveis para o universo humano e para as condições ambientais e orgânicas do planeta, ainda amplamente desconhecidas.

“Parece que com essa imprevisibilidade constatada da natureza se recupera algo do seu aspecto divino – é viva, se manifesta, se enraivece e castiga – mas se perde, com a temerosa constatação do esgotamento dos recursos naturais, a sensação de que é eterna e imortal. Nova-antiga configuração *physis-tékhne*. Por onde caminhar a partir dela? Essa é a pergunta que desponta.”

Vista essa erudita manifestação de Fernanda – espera-se que muitas cabecinhas na plateia a tenham acolhido e retido – voltemos ao senáculo onde tais coisas relatadas tiveram lugar. Ficamos assim sabendo que ao final do painel, que durou menos de uma hora, um jovem, idade baixa comparativamente ao restante da audiência que estava mais para os quarenta, procurou Homero, que já apeado do palco ia em direção à mesa externa do cafezinho. Após uma rápida introdução, começou: “Queria conferir com você. O Zé Eli adverte para as limitações do conceito de biocapacidade quando se trata de países e regiões”, numa clara alusão para o antenado Homero, ao que foi dito no livro de José Eli da Veiga *Sustentabilidade – A Legitimação de um Novo Valor*. E prosseguindo, explicou: “Diz ele que mensurações da biocapacidade locais só valem se definidas como

contribuição à biocapacidade global, no caso de serem positivas, nunca como uma vantagem comparativa". Para tornar mais compreensível a dúvida de Orlando, nome este com que se apresentou, deve-se esclarecer que é no cotejo da biocapacidade com a pegada ecológica que se determina se há capacidade no ecossistema de absorver os impactos das atividades antrópicas, caso em que se tem um superávit que significa resiliência preservada. "Oportuna a sua questão, Orlando", respondeu Homero. "Há um pessoal na Universidade de São Paulo que realizou uma interessante pesquisa sobre o tema, criando o conceito de Patrimônio Líquido Ambiental. Já ouviu falar?" Os olhos de Orlando brilharam de excitação e, gesticulando *a la italiana* com as mãos espalmadas para cima, os dedos abertos como se tocassem intermitentemente um objeto invisível, exclamou: "Moro em São Paulo, trabalho na filial de lá, e estou fazendo justamente meu MBA na USP, vejam que coincidência! Minha área é marketing. E quem é esse pessoal?" "Quem lidera o grupo é o Kassai, bem... professor doutor José Roberto Kassai, que integra, com mais uma dezena de professores, o NECMA/USP - Núcleo de Estudos em Contabilidade e Meio Ambiente da Universidade de São Paulo. Foi lá que desenvolveram esse estudo-pesquisa", foi logo Homero mitigando assim a ansiedade de Orlando, que emendou: "Nunca ouvi falar. Como posso ter acesso a isso?"

Olhando para Fernanda, que acompanhava o diálogo mordiscando um dos inevitáveis *croissants* de *coffee-break*, arriscou: "Olha, nós ficamos aqui em Foz até domingo, mas na volta vamos parar uns dias em São Paulo. Posso pedir ao Kassai um encontro conosco lá na USP mesmo, com nós três, para falar um pouco do modelo que desenvolveram. Almoçamos por lá, vocês se conhecem e depois continuam o diálogo. Que acha?" "Perfeito, Homero! Tenho uma aula no meio da manhã de terça-feira próxima, será que vai dar?", e daí pra frente prosseguiram acertando detalhes e trocando cartões, e-mails e telefones. Orlando Freitas Sidral era o nome que constava no cartão profissional, Desenvolvimento de Produtos e Mercados, o título em fonte menor abaixo do nome.

Terça-feira seguinte, meio dia e meia, lá estavam os três em pé na entrada do Restaurante da Poli na Cidade Universitária, esperando por Arthur Lima-Verde, um dos alunos da equipe do estudo *Os Monster Countries e o cenário de mudanças climáticas globais: uma análise a partir de seus balanços contábeis*, assim se intitulava o objeto da conversa, ou melhor explicando: aquilo de que iriam falar, e tentar transmitir a Orlando, fazia parte dessa desafiante formulação. Justificava-se a ausência de Kassai: tinha uma reunião na Reitoria justo nesse

horário e assim, impedido de comparecer mas muito cortês e pressuroso em atender ao amigo, enviou para o almoço-reunião um dos seus colaboradores mais dedicados e bastante enfronhado na complexa armação do assunto, o Arthur, que identificou seus, chamemo-los assim, instruendos sem muita dificuldade: ao chegar, assaz comunicativo, foi logo perguntando “vocês são os três amigos do professor Kassai?” e lá se foram juntos os quatro encontrar onde sentar, comer e conversar.

Essa espontaneidade facilitou muito a conversa pois, logo que começaram, Arthur avançava e voltava na teoria com vários exemplos e expunha os pontos principais sempre mostrando as lâminas impressas de um caderno com todo o material e que, mercê do restaurante ainda meio vazio àquela hora, era possível colocar bem no meio da mesa de seis lugares que escolheram, facilitando que todos acompanhassem.

Após comporem os pratos no bufê central de autosserviço e se assentarem, as bebidas já encomendadas, lá se foi Arthur desenrolando o complexo tema para um Orlando atento e uma Fernanda interessada em reforçar sua visão dessa engenhoca numérico-conceitual – a respeito, compreenda-se que, para filósofos, mexer com modelos quantitativos e contábeis não chega a constituir uma paixão central. Homero, já iniciado no construto, aproveitava para refinar seu entendimento do conjunto, sempre havia uma dúvida insuspeitada em aberto a ser banida. No essencial, o que se segue foi o teor geral da explanação de Arthur, registrada e editada por Homero para que pudesse contar com anotações prontas para outras oportunidades, tanto se valendo do que já conhecia do tema e de um dos cadernos a ele entregue por Arthur – o outro ficou com Orlando –, quanto dos inúmeros destaques com que foi rabiscando o seu bloco ao longo da animada conversação de que foi quase que apenas um observador.

Balanços Contábeis Ambientais

― Notas Explanatórias –

“O modelo se propõe a avaliar a capacidade do mundo e em particular das nações de fazerem face aos encargos de manter sob controle as suas emissões de gases causadores do efeito estufa – *GHG-Greenhouse Gases* –, a cuja crescente presença na atmosfera a comunidade científica mundial tem atribuído os distúrbios climáticos que vêm sendo observados em todo o planeta e que

apontam para um aumento preocupante da temperatura global. Olhando por outro lado, os cerca de 50% da pegada ecológica mundial que resultam da presença de CO_2 e gases equivalentes na atmosfera, os quais devem ser sequestrados pelas florestas, solo e mares, são os mesmos GHG a que nos referimos, sendo a possibilidade de capturá-los um dos atributos da biocapacidade. Nesse sentido, a biocapacidade é a porção do capital natural do planeta que sustenta a vida e que se distribui desigualmente pelas várias regiões e nações. O confronto entre essa biocapacidade e a pegada ecológica é que determina se há superávit ou déficit desse capital natural, e numa primeira definição isso equivaleria ao Patrimônio Líquido Ambiental, respectivamente positivo ou negativo.

"Claro que a pegada ecológica abrange outros aspectos, além da produção de carbono a ser capturado. Embora a necessidade de sequestrar CO_2 e gases equivalentes da atmosfera prevaleça, o impacto das terras construídas é, para dar um exemplo, qualitativamente tão ou mais importante do que a dimensão carbono da pegada, embora represente menos do que 3% desta: é como o sal na comida, que representa em peso uma mínima fração do prato inteiro mas que, ausente, transforma uma peixada ou um suflê numa gororoba insossa, intragável – semelhantemente, sem áreas construídas não há suporte mínimo para qualquer atividade humana organizada. Assim, a pegada de CO_2 predomina em quantidade mas não assume caráter absoluto quanto ao equilíbrio dos ecossistemas.

"De todo modo, dada a influência dos GHG nas mudanças climáticas, que, segundo o consenso da comunidade científica, tende a ir se agravando década após década, afetando todos os outros fatores de cálculo, a chamada pegada de carbono pode constituir-se numa variável *dummy*, num estimador representativo da pegada total. Se os cálculos da pegada ecológica e da biocapacidade trabalham com o denominador comum de área do planeta – hectares globais (GHa) e hectares *per capita* (Ha per person) –, a abordagem do Balanço Contábil das Nações trabalha com as emissões de CO_2 e equivalentes na atmosfera, os geradores dos GHG, apresentando essa situação em termos do quanto cada região utiliza da sua própria biocapacidade e do quanto o faz do resto do mundo, e qual sua capacidade econômica de neutralizar, no longo prazo, os impactos, no clima, do carbono emitido. Mas vamos ao modelo em si, na sua totalidade.

“Na impossibilidade ou mesmo irrelevância de realizar os cálculos para todos os países, tomaram-se cinco deles, os chamados *Monster Countries*, países de grande extensão territorial, de alto nível populacional e de economia desenvolvida: os quatro do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), mais os Estados Unidos. Tomados em conjunto, apresentam em termos planetários: 47,1% da população, 31,5% da área emersa, 42,9% do PIB e 40,6% da energia consumida – são portanto representativos para fazer certas generalizações, pois dificilmente outro grupo de cinco acumularia os mesmos níveis altos nas quatro categorias, que são as que interessam ao estudo.

”Para calcular os valores componentes do Balanço Ambiental, para cada um dos cinco países e para o mundo como um todo, são utilizados os seguintes blocos tradicionais da contabilidade, a saber, Ativos, Patrimônio Líquido e Passivos, agora aplicados à realidade ambiental:

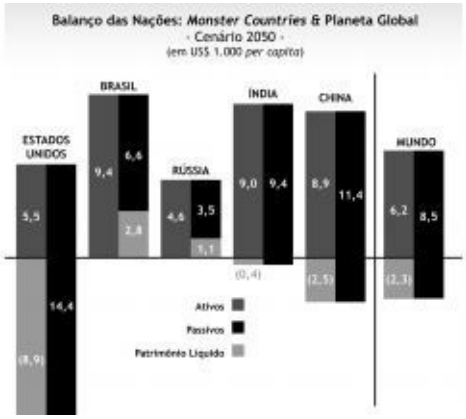


- A<u>tivos Ambientais</u>: toma-se o PIB, avaliado pelo método de Paridade do Poder de Compra (PPC), e se divide pela quantidade de unidades equivalentes de energia, ou seja, Toneladas Equivalentes de Petróleo (TEPs), que seja necessária para gerar cada US$ 1,00 de PIB. Com esse ajuste, os Ativos Ambientais representam os recursos naturais que os cidadãos de cada país possuem para gerar benefícios para o seu sustento e preservar o meio ambiente, uma vez pagos os encargos da energia consumida para fazer funcionar a economia. O valor resultante é, então, dividido pela população do país, para determinação do valor *per capita*.

- <u>Patrimônio Líquido Ambiental</u>: é o saldo residual do potencial de capturar CO_2, representado pelos estoques de florestas e do solo, calculado pelo quanto das emissões é neutralizado por essa captura – carbono evitado –, medido em mega-TEP, convertido o resultado em dólares americanos aos

preços por tonelada sugeridos pelo IPCC – Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, da ONU. Como no caso dos Ativos, o valor resultante é transformado em *per capita*.

- Passivos Ambientais: correspondem ao saldo de obrigações que cada cidadão de determinado país tem em relação ao seu sustento e à preservação do meio ambiente, sendo obtido por 'equivalência contábil', subtraindo-se do valor dos Ativos o valor do Patrimônio Líquido.

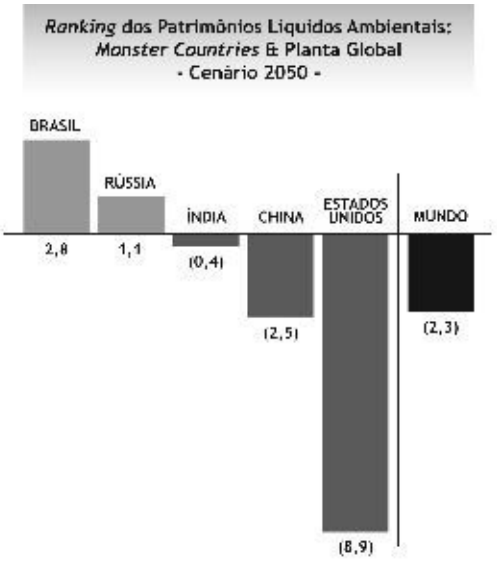


"Em todo esse processo, o que qualifica a situação do Patrimônio Líquido Ambiental favorável de um país é o seu sinal algébrico. Quando é positivo, isso significa que é gerada para cada cidadão do país uma renda suficiente para honrar seus compromissos com o meio ambiente e ainda sobram créditos de carbono. Temos aí a existência de uma externalidade positiva, que beneficia, além do país, todo o planeta. "Quando é negativo, isso assinala que é gerada para cada cidadão do país uma renda insuficiente para honrar seus compromissos com o meio ambiente, devendo teoricamente adquirir créditos de carbono de outras nações, reduzir as suas emissões de carbono, ou ambos. Temos neste caso a existência de uma externalidade negativa, uma transferência de ônus ambiental desse país ao resto do mundo.

"O quadro anterior nos mostra os balanços dos cinco países selecionados – Estados Unidos e BRICs – ao lado do consolidado mundial. É notável como o maior PIB do mundo, o dos Estados Unidos, termina situando-se abaixo da média mundial e apenas um pouco acima do da Rússia, quando expurgado dos gastos em energia para gerar o respectivo produto. Excetuado o da Rússia, os PIBs ajustados dos BRICs se equivalem com pequenas diferenças, situando-se ao nível de US$ 9.000 *per capita*, mas apenas Brasil e Rússia apresentam patrimônio líquido ambiental positivo, na perspectiva de 2.050.

“Quanto à referência temporal, construiu-se um cenário baseado em estudos do IPCC de 2.005, mesclando num termo médio, para 2.050, as ‘piores hipóteses’ – em que desmatamento e tecnologia de captura de carbono seguem a tendência atual, considerando taxas de desmatamento anual fixas e iguais às observadas em 2.005; e as ‘melhores hipóteses’ – que contemplam desmatamento zero e tecnologia de captura com taxas de eficiência crescentes ano a ano.

“Tomando apenas as posições dos patrimônios líquidos ambientais, conclui-se que, no cenário utilizado para 2.050, apenas dois países estarão gerando externalidades positivas, como se vê no quadro à direita: o Brasil e a Rússia – os demais integrantes dos *Monster Countries* apresentando posição deficitária, encabeçados nessa negatividade pelos Estados Unidos, e com o déficit da China se aproximando da média mundial.



“ Não obstante os superávits de Brasil e Rússia, bem como de outros países que não se encaixam no com-ceito de *Monster*, a posição consolidada mundial é deficitária, o que sinaliza uma insustentabilidade socioambiental de abrangência planetária nessa perspectiva de tempo.

“Se isso é motivo de segurança para os que aqui no Brasil habitam, acenando com esperança de vida futura viável para os nossos descendentes, é necessário entretanto reconhecer que nenhuma vantagem local ou regional se constitui, nesse tema, como garantia global para o futuro, pelo caráter interconectado das realidades ambientais e, por consequência, das climáticas. Ressalte-se, pelo seu

caráter ameaçador, que o principal efeito danoso de todo esse quadro deverá manifestar-se no tamanho da população mundial, que como consequência deveria sofrer algum tipo de redução.

"A base dessa afirmação é o fato de que o patrimônio líquido *per capita* expressa o montante de recursos com que cada cidadão pode contribuir para neutralizar o impacto dos GHG sobre as mudanças climáticas, atuando sobre a redução do aquecimento global. Considerando que toda a atividade econômica se realiza para atender, em última análise, ao consumo dos indivíduos, é razoável raciocinar que deverá recair sobre cada indivíduo, numa base média, o ônus de arcar com uma parcela do total da energia consumida para gerar tais produtos. A situação mundial projetada para 2.050 dá-nos conta de que os indivíduos, em nível mundial, carecerão de recursos para essa ação compensatória.

"Dentro da conhecida equação **I** = f (**P**, **A**, **T**) – o **I**mpacto ambiental é função de **P**opulação, **A**fluência e **T**ecnologia – e considerando que, nesse cenário desenhado para 2.050, Afluência e Tecnologia não sofrerão significativas mudanças atenuadoras do impacto no período, então resta imaginar que terá de haver uma inevitável redução de população para deter os efeitos das mudanças climáticas ou, o que seria mais dramático, em consequência dessas mesmas mudanças. De fato, registra o estudo do NECMA/USP que 'o passivo ambiental deverá ser pago com a (1) redução voluntária dos níveis de emissão de carbono, (2) com a redução forçada da população, ou (3) por meio de alguma combinação destas duas alternativas'.

"Reportando à questão que deu origem a todo este esforço de introduzir uma abordagem mais elaborada às limitações de tratar a pegada ecológica em termos regionais, torna-se evidente, com base em toda a teoria aqui sumarizada, que não obstante possam existir países com biocapacidade superavitária, com destaque para Brasil e Rússia dentre os *Monster Countries*, em que pese haver outros não incluídos nos *Monster* que também gozem desse atributo, essa possível vantagem é transitória e não se manterá na perspectiva de longo-prazo."

É hora agora de voltar à cena almoço no Restaurante da Poli, onde diga-se de passagem a tradição de abrigar papos-cabeça é rotina da casa. É de se frisar que naquele almoço, como se pode deduzir do que se relatou até aqui, mais uma vez se repetiu o "culto ao saber", se a expressão não soar demasiado solene, ainda

que o “culto ao sabor” não tenha sido um diferencial a registrar, aliás difícil de se manifestar onde o repasto se sujeita às regras do autosserviço, avessas à estética do paladar... Mas eis então que, terminado o encontro, o grupo se dispersou com as despedidas e trocas de cartões de hábito, e promessas de novas conversas. Homero e Fernanda seguiram juntos e decidiram ir a um *shopping* das imediações para um cafezinho arrematador da comilança e capaz de inspirar o fechamento do assunto, aquele velho papo em torno de percepções: “que é que você achou da conversa? foi boa a reunião? valeu o esforço?”

Sobre isso coincidiram, já em plena degustação de *cappuccinos* com minúsculos biscoitos de polvilho servidos no pires, em que foi um encontro interessante, que a coisa foi bastante elucidativa, que Orlando saiu do conversatório com uma visão clara e enriquecedora sobre o estudo e que a habilidade expositiva de Arthur logrou guiar a todos nos meandros capciosos do tema. Avaliada a eficácia cognitiva do encontro – e lembremos que o propósito era mostrar a Orlando ângulos novos de como interpretar o estado dos ecossistemas, com raiz naquela conversa pós-painel havida em Foz do Iguaçu –, entraram pai e filha em considerações mais especulativas ligadas à coerência extrínseca do modelo apresentado e a como distintas épocas conduzem a distintas percepções do mesmo fenômeno, algo como o direcionamento que o *zeitgeist* exerce no pensamento humano.

“Interessante, Fê, como o mesmo fenômeno, o impacto das atividades humanas nos sistemas naturais, pode ser avaliado por meio de abordagens tão diferentes”, principiou Homero as considerações. “Me refiro à metodologia do *Ecological Footprint Network*, que calcula a pegada ecológica, e que emprestou conceitos ao trabalho do Balanço das Nações. Em ambos os casos, lida-se com déficits e superávits, afinal tanto a pegada quanto o balanço obedecem a princípios contábeis. Curiosamente, ambos concluem com a indicação de credores e devedores ambientais, a metodologia da pegada indicando os países que são credores em biocapacidade, superavitários, e o modelo do balanço das nações apontando patrimônios líquidos ambientais positivos ou negativos, a maioria negativos. A diferença é que o modelo do balanço conecta a biocapacidade às medidas de desempenho da economia, mediante o nível de intensidade do consumo de energia embutida nos produtos consumidos, permitindo criar uma medida da capacidade de neutralizar carbono que a abordagem da pegada não oferece.”

Fernanda tinha uma restrição e atalhou o pai: “Isso de trabalhar em cima do consumo de energia, como variável representativa da saúde ambiental, me parece que mascara outros efeitos danosos da atividade humana sobre a Natureza, como é o caso da exaustão dos solos ou do esvaziamento biológico dos pesqueiros, além da acumulação de resíduos nos ecossistemas, minando a biodiversidade.”

“Certíssimo”, assentiu Homero, “essa é uma limitação séria a respeito da qual o próprio *Ecological Footprint Network* adverte em documento recém-publicado sobre o chamado Relatório da Comissão Stiglitz, criada para encontrar medidores de bem-estar, substitutivos do PIB, que de resto não o faz. Em termos de limitações, o próprio modelo do Balanço das Nações ao se restringir aos ‘países monstros’ desconsidera patrimônios líquidos positivos de uma grande quantidade de outros países, muito embora por não atenderem às condições que caracterizam os ‘monstros’ não tenham tão grande relevância na captura de carbono, em nível planetário. Mesmo assim, os chamados ‘outros’, que estão nessa condição de menor impacto individual, apresentam uma posição patrimonial negativa um terço menor que a média mundial de todos os países, onde se inserem também os ‘monstros’. Ainda, se considerarmos os excedentes de biocapacidade sobre a pegada dos países da América do Sul, por exemplo, onde o Brasil responde por 66% da posição credora – aliás, não podia ser tão diferente do que apontam os balanços nacionais, onde o Brasil lidera em patrimônio líquido ambiental –, vemos que a totalidade dos países da região são também ambientalmente credores, exceção da Venezuela, que é ligeiramente devedora. É curioso que, embora de pequena população e economia ainda precária, Bolívia e Paraguai têm, talvez por isso mesmo, posição credora superior à do Brasil, a Bolívia cerca de duas vezes e meia e o Paraguai maior, em torno de 30%."

“Acho uma situação muito intrigante toda essa barafunda de números, porcentagens, créditos, débitos e posições algébricas que se criou para entender algo vivo, complexo e tão inerente a nós, seres vivos”, investiu Fernanda, dando uma guinada na linha de raciocínio. “Essa parafernália embute uma deformação nossa no trato com as coisas naturais. E aí me vem a pergunta: onde foi que deixamos de conviver em harmonia com o chamado mundo natural – como se nós a ele não pertencêssemos – e passamos a encará-lo como apenas uma fonte de recursos? Minha pronta resposta seria: à medida que nos fomos despregando

de *physis*, no desdobramento do processo civilizatório. Foi em virtude da dominância gradativa de *tékhne*, na esteira do desenvolvimento tecnológico, que não apenas deixamos de nos sintonizar com os processos naturais como tornamos nosso próprio complexo somático, nosso endossoma, servo das extensões que nós mesmos criamos para facilitar nossa ação no mundo social e natural. Na linguagem que temos utilizado, foi o deus Ciência que nos outorgou a faculdade da inovação tecnológica cujos resultados, entregues aos cuidados do deus Mercado, se transformaram nos confortos civilizatórios que impulsionam a atividade econômica, que por sua vez avança sobre o mundo natural, *physis*, para daí sacar os recursos necessários à produção e aí despejar os poluentes gerados nesse processo e os rejeitos finais do pós-consumo. *Physis*, dona que é de muitas máscaras, parece que agora, depois de ter já mostrado e ocultado suas faces desafiadora e serva, está prestes a se tornar nossa algoz!" Demonstrando concordância, Homero completou: "Nós nos distanciamos e diferenciamos da Natureza e, nessa separação, perdemos a chance de nos tornar seus parceiros, com risco de tê-la contra nós, já sabemos como... Mas dela já falamos o suficiente. Há ainda um aspecto do modelo dos balanços, uma perspectiva que o Arthur apresentou, que meio que ficou entalada aqui no gogó, que é a questão da redução da população como consequência da incapacidade de lidar com a depleção ambiental." "Eu também não assimilei bem essa passagem", emendou Fernanda. "Vamos pedir mais uma rodada de *cappuccinos* e falamos um pouco sobre isso, que tal?"

Ao voltar do balcão com a bandejinha, Homero deu partida no novo tema referindo-se ao livro *Relatório Lugano*, uma ficção em que Susan George fala das ERPs – Estratégias de Redução de População, um estratagema extremado e selvagem para expurgar do mundo afluente os pobres que atrapalham com sua dependência e improdutividade a expressão plena do modelo capitalista. Não, não se tratava disso... Mas como seria então essa dinâmica: a população se reduziria programadamente para viabilizar a vida de todos? ou o futuro ambientalmente turbulento se encarregaria de ceifar os excedentes?

Meio fatigados com tanta cerebração nessa tarde que já começava a findar, fizeram ainda algumas especulações que não prometiam respostas consistentes: por que não seria possível reduzir o consumo para diminuir os impactos? ou mercê de tecnologias adequadas, e da própria nanotecnologia, por que não suplantar as instabilidades climáticas? Dessa falação já sem foco, emergiu, sacada por Fernanda, a indagação: "Estamos falando de população. Mas nunca

fica claro qual é o perfil da população do mundo de que estamos falando, você já notou isso, pai? Aliás, cabe perguntar, por que estamos sempre generalizando como se todos os humanos fossem um só bloco, cabe perguntar que tipo de gente de fato habita o planeta: culturas, etnias, crenças, geografia, traços individuais à vista do que julgamos civilizado? Falamos de gerações: *Baby Boomers*, Geração X, Geração Y, Geração Z, mas... essa tipologia corresponde a realidades concretas ou são criações mercadológicas para forjar identidades, segmentações imaginárias de consumidores, enfim ficções do mundo ocidental? Quem somos, demograficamente falando, afinal das contas?" A filósofa dialética atacava de novo!

Após alguns segundos e uma sorvida longa da bebida ainda intocada, as pupilas oscilantes perscrutando o teto à busca de uma resposta razoável, saiu-se Homero com um "hum, hum... parece um bom assunto para a semana que vem, acho que vou me ocupar disso". O papo estava, tacitamente, encerrado.

Pediram a conta, pagaram, e se foram em direção ao estacionamento, falando agora sobre frivolidades, dentre as quais se inseria a grave questão sobre onde jantariam nessa noite que já despontava. Haviam concordado que, depois da refrega conceitual do almoço com a espichada no cafezinho, uma comida mais com sabor de Brasil, quem sabe uma moqueca de badejo ou um bobó de camarão, harmonizados com um espumante da Serra Gaúcha, seria uma recompensa merecida. Mas Fernanda, após algumas hesitações supervenientes, desistiu da ceia tropical, preferindo recolher-se para um jantarzinho em família, na casa da mãe.

Homero deu um pulo até o hotel, passou por uma rápida chuveirada revigorante, adaptou a vestimenta à etiqueta da noite, pesquisou no Google 'restaurantes baianos em São Paulo' e se decidiu pelo recém-inaugurado Atabaque do Recôncavo.

Na entrada já se ouvia a canção: "Eu vi mamãe Oxum na cachoeira, sentada na beira do rio, colhendo lírio lírio-ê....", era a Semana dos Orixás e essa noite era dedicada a Oxum, a formosa mulher de Xangô. Aí, um espanto: quem cantava com a banda ao vivo era a misteriosa equede loura, inconfundível, agora de cabelos soltos, que na semana anterior se extasiava debruçada sobre o beiral do guarda-corpo, na contemplação das cataratas! Sim, sim... tudo muito natural... ou não? Seria de novo outra coincidência, uma sincronicidade ou... uma armadilha

do destino? Não temos a resposta. Como igualmente não temos registro detalhado do que aconteceu no jantar nem depois, nem se conseguiu saber ao certo o valor da conta: no balanço da noite, ficamos devedores dessas informações...

O Mundo e seu Povo ou Quem Somos Nós Afinal

A genética faz os humanos semelhantes e próximos entre si: são a tradição cultural e o poder econômico que instalam as rivalidades e os separam em castas.

O volume chegou à caixa postal de Homero como encomenda registrada. Dentro estavam acolchoadas em bolinhas de isopor várias publicações, algumas encadernadas, outras grampeadas no canto esquerdo – foram compostas a partir de arquivos impressos. Curioso, isso tudo poderia ter sido enviado por e-mail, em arquivos eletrônicos, pelo menos aquelas montadas com grampo pelo remetente. Parecia que o remetente quis se livrar de uma incômoda coleção de papéis talvez já inservíveis... mas por que então acondicionar tudo em uma caixa, ir até a agência do correio e ainda pagar por um porte registrado? O caso era outro: idiossincrasia. Jaques Timbaud já beirava os oitenta e cinco anos e tinha mantido velhos hábitos, nada de correio eletrônico, era avesso. Nascido em Haifa, estudou na França e Inglaterra, trabalhou em Nova Iorque, na ONU, casou com uma colega equatoriana que já havia trabalhado na FAO, órgão da ONU dedicado à agricultura e à alimentação, em Santiago, e que passara uma temporada no Brasil, a serviço. Na década de 90, Jaques foi convidado a exercer, em Brasília, a função de consultor de assuntos populacionais no PNUD, outra repartição da ONU, esta dedicada a temas do desenvolvimento. Letícia, sua mulher, muito se alegrou com essa oportunidade: o Brasil a punha mais próxima de sua terra natal, onde uma parentela numerosa sempre cobrava visitas mais frequentes.

Foi assim que Jaques se mudou com esposa e tudo para o Brasil. Muito adaptável e competente, em pouco tempo passou a lecionar na Universidade de Brasília, na pós-graduação de geografia, onde seu forte eram os movimentos migratórios, as suas implicações políticas, e os seus efeitos sobre a economia e a cultura dos países e regiões. Aposentando-se do PNUD, aceitou um convite para atuar como pesquisador da Universidade de Campinas, a Unicamp.

No meio tempo entre Nova Iorque e Brasília, Letícia após mais alguns anos de permanência na FAO já tinha redirecionado suas atividades e, socióloga que era, viu na onda de surgimento de ONGs no país uma oportunidade para atuar como consultora do terceiro setor. Vinte e cinco anos mais nova que Jaques, tinha ainda grande disposição para o trabalho, e a transferência com o marido para Campinas foi para ela até uma vantagem: estaria mais próxima do eixo

econômico São Paulo, Rio, Belo Horizonte, onde a maioria dos *prospects* do seu trabalho se sediava.

Foi Maria Eduarda, a Duda, quem trouxe para perto de Homero esse casal. Maria Eduarda – para ajudar o leitor na ativação das conexões neuronais – é a fiha-de-santo de Foz do Iguaçu com que Homero se deparou cantando no restaurante Atabaque do Recôncavo, onde jantou um dia desses. Agora vamos passear pelos meandros do que ocorreu naquela noite e desvendar algo que à época ficara meio nebuloso. As coisas sucederam como segue.

Finda a apresentação da cantora com a banda folclórica, Homero pediu ao garçom, alegando ser seu conhecido, que convidasse Duda para se sentar à mesa onde saboreava seu cobiçado bobó. Sua intenção era conferir todo aquele arranjo misterioso de encontros e reencontros que envolvia pai, filha e a personagem em questão. Gentil e comunicativa, Duda logo que terminou um ti ti ti com várias outras jovens de trajes similares ao seu baiano ritualístico, e que ocupavam uma mesa redonda próxima, foi até Homero, que já terminava a sua refeição. Apresentações onomásticas concluídas, Homero se referiu à cena das cataratas – ela se recordava vagamente – e conjecturou que, se houve tão insólita coincidência, gostaria que ela soubesse disso e, quiçá se pudesse, desvendasse algum desígnio oculto nesses encontros. Duda sentou-se e começou a ouvir com ar simpático toda a história que Homero ansiava para narrar. Para chegar aos poucos, optou a começar pelo final, relatando a parceria de trabalho com a filha, que os levara a Foz, o que ambos tinham feito durante todo aquele dia na USP e após, seu desejo de momentos de prazer e descontração como recompensa pelo "dever cumprido" no dia, e a decisão repentina de comer pratos baianos, que o trouxera ali. Duda então indagou, quase como em um mero gesto de delicadeza para manter viva a conversação – até agora só Homero falara –, quais seriam as próximas etapas do trabalho dos dois, o que abordaria agora a dupla. Quando soube dos propósitos de ambos de aprofundar estudos sobre o perfil da população mundial, seus olhos brilharam, e eis a revelação: "Parece que há mesmo uma lógica escondida em tudo isso. Vocês esbarram comigo em Foz, você vem ao restaurante onde estou em performance durante esta semana e... estou justamente neste momento concluindo meu mestrado em geografia humana na Unicamp: minha dissertação tem como tema perfis populacionais por áreas geopolíticas do mundo. Resido em São Paulo mas duas vezes por semana me desloco para lá para assistir às aulas. Só pra você entender melhor, faço canto por distração e prazer, e mantenho aqui em São Paulo minhas práticas religiosas,

minha devoção é antiga. O pessoal com quem eu estava lá quando vocês me viram contemplando as quedas é do Axé Ilê Oxum.”

Foi uma informação que pôs Homero em estado de certa perplexidade: “que coisa, tudo tão encaixadinho...”, pensou. Não resistiu e perguntou: “Como todas essas atividades acabaram entrando em sua vida, aliás como é mesmo o seu nome? Vi Duda no cartaz.” Nesse ponto do diálogo, os dois já se tratavam como velhos conhecidos. “Meu nome é Maria Eduarda Cedras Reich, mas Duda é como todos me chamam. Sou neta de uma negra que veio da Nigéria para o Brasil como escrava. Minha avó foi para o interior de Santa Catarina e lá, já alforriada, se casou com um português, com quem teve vários filhos. Um deles, minha mãe, casou-se por sua vez com um alemão de Pomerode. Daí meu sobrenome Cedras, do meu avô português, e Reich, do meu pai. Mudamo-nos para Joinville quando eu tinha oito anos. Mas logo a fatalidade nos atingiu: meus pais morreram num acidente de carro e fui então morar com a minha avó, a vovó Cachiba, que já velhinha preferiu terminar os seus dias na Nigéria, e assim pra lá fomos, eu com oito anos de idade. Ao chegar, nos fixamos em Yola, nas proximidades do rio Benue, afluente do Níger, quase na divisa com Camarões, bem longe do litoral e onde as práticas ancestrais eram mantidas ainda quase intactas. Já falava razoavelmente o alemão e logo-logo, prás crianças isso entra mais fácil, estava dominando o dialeto iorubá. Iniciei-me nos ritos do que aqui chamamos de candomblé, mas nunca incorporei orixás, apenas cuidava deles, da sua comida, da sua casinha, das suas vestes... Sou uma equede, que é o equivalente masculino do ogã. Uma equede que sempre chamou a atenção, pois meu tipo físico mistura alguns traços dos negros: os lábios, a cintura, a perna musculosa e o quadril – com a aparência clássica alemã: pele bem clara, olhos com essa cor azulada, nariz afilado e cabelos aloirados, bem... loiros ainda, que mantenho com idas periódicas ao salão. Mas fui bem aceita no local!”

Homero acompanhava fascinado toda essa peripécia incomum, e ela, sensível, percebia que estava sendo apropriada na narrativa, indo adiante: “Quando já dominava o essencial da língua local, passei a frequentar a escola, mas sentia muita dificuldade em compreender a divisão política, cultural e racial da África que estudávamos, e nem sempre os professores transmitiam isso com clareza. Então ali, e por isso, mas com muita espontaneidade, decidi estudar geografia, e de fato fiz o curso universitário na cidade de Lagos, me mudei para lá tão logo a minha avó faleceu. Trabalhei algum tempo no consulado brasileiro mas chegou uma hora em que senti que deveria voltar para o Brasil, e fui direto para Santa

Catarina, onde nasci – sempre voltamos às origens, ou tendemos a isso – e lá montei um pequeno negócio de turismo, em Florianópolis. Mas queria aprofundar-me na minha escolha, a geografia. Nessa época, faz uns dois anos, eu já então com quase 35, esperar mais poderia ser deixar pra nunca mais, e isso me preocupava. No campo religioso, continuei a minha missão, e isso me tem feito sempre muito bem. Um dia, através de contatos com companheiros de crença, fui convidada a estagiar num seminário iorubá em São Paulo que abriga pais e mães-de-santo, e para lá me transferi, logo me adaptei e lá moro hoje. Sou intérprete de línguas, como meio de me manter financeiramente. A história continua.... Um dos frequentadores do seminário – o destino nos põe as pessoas certas no caminho – é o atual orientador do meu mestrado em geografia humana, que ao seu convite resolvi fazer na Unicamp, o seu nome é Jaques Timbaud. Bem... não me entenda como intrusa... mas se quiser posso pôr vocês dois em contato, pois creio que ele poderá contribuir em muito com esse estudo sobre população que você mencionou, essa é a especialidade do professor Jaques.” E foi assim que se articulou a ida, por convite de Homero, dos três à fazenda onde habita, para uma conversa sobre o assunto e algum lazer complementar. Trocaram a seguir endereços, pré-agendaram datas e Homero se foi já na madrugada, saciado na fome e feliz com a porta que se abriu. Começou a querer acreditar que “as coincidências não existem”, frase que sempre lhe soara de gosto e fundamento duvidosos.

Passaram-se duas semanas. Vindos de Campinas, Jaques e Letícia Timbaud – viajavam juntos sempre que podiam – chegaram à estação rodoviária da cidade no meio da manhã de um sábado, Homero foi apanhá-los com seu *off road*. Cada um trazia apenas uma mochila, prática de quem viaja habitualmente e com desprendimento. Estava programado passarem na cabana envidraçada de Homero até o domingo. Como polinizadora desse encontro, Maria Eduarda, a nossa Duda, os acompanhava. Decidida a cumprir outros encargos além de intermediar a nova relação e participar das conversas sobre o tema eleito, veio com uma mala mais robusta na qual trazia a sua roupagem de filha-de-santo, além de uns poucos modelitos despojados mas muito *fashions* para ostentar no ambiente campestre – sabia-se dona de uma beleza exótica e era naturalmente vaidosa. No curto trajeto em estrada de terra da cidade à fazenda, Jaques e Homero alinharam a agenda do que fariam nessas pouco mais de vinte e quatro horas. Homero agradeceu a remessa do material postal e, ao perguntar com certas mesuras por que o havia enviado, Jaques respondeu com um cortante “é

bom ter à mão”.

Das conversas intermediárias que houve para acerto de datas, Duda já sabia de certas particularidades do local de habitação de Homero, entre as quais essa que suscita a narrativa que segue, mas de todo modo foi uma surpresa capaz de eletrizá-la o deparar-se com a sua devotada Oxum em estatueta, ornando o laguinho bem próximo da edificação principal, ladeada pelo seu mítico marido, Xangô, e mais acima, gerindo os ventos, a sua primeira esposa, Iansã, todos esculpidos em cerâmica. A homenagem a Oxum, que logo após a sua mudança para o local Homero queria realizar, derivou na decisão de reunir no mesmo recinto toda a família de orixás, o marido e as suas duas mulheres – uma saga de Gabriela às avessas –, providência que creu ser de bom alvitre para que a ira de um dos possíveis preteridos não lhe trouxesse mau agouro e desacertos. Duda, muito naturalmente, saudou o trio pelos seus respectivos apelativos ritualísticos. Havia um quê de estranho nessa liturgia que Duda cumpriu logo na chegada, mas a impressão que passou foi de que era um procedimento intencional para encaminhar auspiciosamente a relação que ali se construía...

Passados os momentos de acomodação dos visitantes na residência e feitas as higienes pessoais de hábito, deram uma esticada nas pernas e coluna mediante um rápido percurso pelas trilhas de cascalho que abrem clareiras transitáveis na vegetação circundante, e decidiram, cumpridas essas etapas de chegança, reunir-se ao ar livre – temperatura agradável e ar puro foram um convite que não comportou hesitações. No pátio, à frente da casa principal, estava disposta sobre as lajotas de pedra bruta, e justamente para abrigar encontros ao relento, uma mesa retangular de madeira rústica já bem castigada pelas intempéries, e para aí se dirigiram os quatro. A um canto, repousava a pilha de publicações que Homero trouxera do interior da casa, aquelas tais que vieram pelo correio. Mais para o centro, disputavam espaço com uma jarra de suco de cupuaçu adoçado com estévia quatro copos que se alinhavam dois a dois, em lados opostos, sinalizando lugares a ocupar, e uma tigela de cristal com rosquinhas à base de amaranto e mel. Os guardanapos de papel se comprimiam num pratinho sob uma drusa de gomos violáceos que fazia as vezes de peso preventivo de uma inevitável dispersão das peças pela brisa intermitente. Sob o céu azul de um meio-dia de temperatura hiemal, com o sol semicerrado pelas balouçantes copas das árvores circundantes e as estatuetas dos orixás velando na retaguarda, iniciou-se o bate-papo cuja temática era, em princípio, o dito conjunto das publicações empilhadas que abriu esta narrativa. Conheçamos a coleção

integrante da pilha: 1) uma maçaroca grampeada, de Estimativas de Projeções da População, do IBGE; 2) vários cadernos, do Grupo de Estudos Demográficos, da UFRN, vinculado ao CNPq; 3) uma pasta massuda com grampos, contendo dados populacionais de 267 entidades políticas mundiais compilados pelo *The World Factbook* da CIA; 4) várias monografias, do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais, Divisão de População, da ONU; 5) vários ensaios do Population Reference Bureau, sobre cortes específicos no tema; 6) estudos coletados na internet sobre o perfil da população de uma cidade imaginária que reproduzisse a estrutura habitacional do planeta, com 100 ou mil habitantes, baseados em iniciativa pioneira de Donella Meadows em 1990 – estes em uma pastinha de plástico, com uma presilha longitudinal na banda esquerda. Não faltava nem mesmo um *Ensaio sobre o Princípio da População*, de Thomas Robert Malthus, possivelmente exumado de uma absconsa prateleira de algum sebo, tal a sua avançada desintegração, apenas contida por um elástico aglomerador das páginas despregadas e da capa destacada do corpo; e um ainda pouco manuseado livro capa dura de Paul G. Hoel, *Estatística Elementar* – o que fazia nessa coletânea de que tanto se desassemelhava não ficava muito claro.

Não bastassem todas essas exóticas peças, Jaques retirou do bolso da jaqueta um papel dobrado que desamassou sobre a mesa, dizendo: “Aqui temos a situação atual do mundo resumida neste papelucho, é uma síntese do *Factbook* da CIA sobre a população. São só números, e números são mudos, nós é que fazemos o discurso em cima deles. Prefiro outras abordagens, mas vejam primeiro esta.”

À vista do papelucho, Homero começava a desconfiar de que toda aquela parafernália de papéis empilhados teria num certo momento à frente um destino menos nobre do que uma prateleira de estante, mas preferiu esperar pelas próximas cenas. Que vieram sem delongas...



POPULAÇÃO MUNDIAL Dados e estimativas do Factbook CIA 2011	
População Total	6,928 bilhões
Proporção entre sexos	50,4% homens 49,6% mulheres
Idade média	Total 28,4 anos H - 27,7 anos M - 29,0 anos
Faixas etárias	0 a 14 anos - 26,3% 15 a 64 anos - 65,9% 65 anos e acima - 7,9%
Expectativa de Vida ao Nascer	Mulheres - 69,05 anos Homens - 65,21 anos
Taxa anual de Crescimento	1,10%
Urbanização	População urbana 50,5% Taxa anual - 1,85%

“ Então... Você acha, Homero, que seja possível sabermos quem somos nós os humanos neste planeta, apenas contemplando números abstratos como estes? Sejam números consolidados como os dessa tabela, sejam números abertos por países ou regiões. Me refiro a aspectos demográfico-sociais, não à nossa natureza metafísica, é claro!”

Os quatro se assentavam em bancos inteiriços que acompanhavam a longitude da mesa: Jaques em frente a Homero, ambos um pouco afastados da beirada onde jazia o amontoado de publicações, as tais que vieram pelo correio; à direita de Jaques, sua mulher, Letícia, e à sua frente, Duda, que mal disfarçava seu inapelável interesse pelas estatuetas dos orixás na mata rala ao fundo, endereçando-lhes miradas constantes numa silenciosa conexão que intermitentemente a distraía do falatório. Quem sabe continuava ancorando energias para que o entendimento entre figuras tão díspares resultasse frutuoso...

“Bem, há um dado que tem significado especial nessa lista sua, Jaques, que é o tamanho da população total. Sabemos que a carga sobre os ecossistemas da Terra cresce de modo diretamente proporcional ao aumento da população, para não falar do imenso impacto que as dimensões atuais já acarretam”, disse Homero tentando entrar no espírito do tema. “Ainda mais se considerarmos que crescemos globalmente à taxa de 1,1 por cento ao ano, o que bota no planeta, vejamos, algo como 80 milhões de pessoas adicionais a cada ano, adição líquida, nascimentos menos óbitos. Em dez anos, teremos cerca de mais 800 milhões de companheirinhos de espécie, o que dá, em termos atuais, um contingente que equivale às populações...”

“...de cinco Nigérias ou quatro Brasis”, interveio Duda, dando mostras de que sua ausência contemplativa era apenas aparente. “Pouca gente sabe que meu país

adotivo de coração é quase tão populoso quanto meu país natal, o Brasil. A área geográfica do Brasil é pouco mais que nove vezes a da Nigéria, lá a densidade populacional é alta. Uma curiosidade! Naquela teoria da deriva dos continentes a partir da Pangeia, a Nigéria se encaixa na altura do cotovelo do Brasil, entre Rio Grande do Norte e Ceará...” Dito isto, Duda hauriu fundo o ar, num suspiro às avessas, sorveu um gole do suco que já estava à meia no copo e esboçou um sorriso relaxado de certa gratidão à acolhida dos demais à sua fala. Jaques acompanhou-a quase imóvel, rosto sereno com piscadelas ritmadas, insinuando que guardava para um momento oportuno várias revelações, aquelas que o levaram a enfrentar uma viagem pouco confortável até tal remoto recanto.

Perscrutando quem se aventurava a falar, Homero resolveu que devia ele emendar nas considerações de Duda e prosseguir. “Sim, Duda, é muita gente, mesmo que consideremos que há áreas semidesérticas mas habitáveis na América do Sul, na África e na Indonésia, apenas para citar alguns casos, capazes de abrigar ainda grandes contingentes. O que a mim me chama mais a atenção entretanto é que, segundo a lista do Jaques”, e Jaques fez deslizar o papel para o campo de visada de Homero, “e fazendo o mesmo tipo de comparação anterior, podemos estimar que ao final de dez anos à frente, desses 800 milhões adicionais que deveremos ter, cerca de...” e empunhando uma lapiseira extraída da gola da camiseta, fez umas continhas num canto da lista para se certificar da cifra, “sim, nos próximos dez anos cerca de 700 milhões estarão habitando cidades, sete oitavos, ou seja 88% do crescimento total, mais ou menos. Pudera: a taxa de crescimento de urbanização para o futuro será de 1,85% ao ano, contra o 1,1% referente à população total, algo ao redor de 75% superior. E hoje, neste exato momento, mais da metade do mundo vive em cidades. Andei garimpando uns dados no material que você me remeteu, Jaques, e no Brasil isso se aproxima dos 90%, nós um país ainda assentado economicamente em *commodities* agrícolas, o tal ‘celeiro do mundo’...” Ainda impassível, Jaques assentiu com a cabeça, leve sorriso nos olhos. Pela sua postura, não chegara ainda a sua vez de entrar em campo.

“Desculpe, gente, tenho que falar”, interveio então Letícia com seu leve acento hispânico. “A questão do êxodo rural é uma das pragas mais danosas, entre as muitas que nos assolam e que ameaçam a qualidade e a dignidade da vida. O aumento da população nos centros e conglomerados urbanos provém de duas causas principais: o avanço do agronegócio mecanizado de monoculturas, que expulsa legal ou ilicitamente o ocupante das terras onde a família realiza sua

autossubsistência; ou os apelos de vida melhor e mais confortável, e com mais oportunidades, que com que a comunicação de massa acaba atingindo o campo. A coisa é terrível porque, por esta, aquela ou ainda outra razão, o migrante, se não tem capacitação para exercer uma profissão no mercado de trabalho, acaba vivendo de forma miserável e se torna presa fácil das drogas e da criminalidade. Em 1.950, cerca de dois terços da população viviam no campo, éramos de fato um país agrícola, hoje chegamos a esses quase 90% nas cidades. Considerando os BRICs – Brasil, Rússia, Índia e China –, apenas a Índia ainda mantém, e os dados estão aqui nesta publicação da ONU, uma ocupação significativa do campo baseada na agricultura familiar: 70%, caindo um pouco dos 83% de 1.950. A China desabou de 88% de 1.950 para 53% hoje – vejam aqui – e a Rússia de 56% em 1.950 para 27% no presente. Não sei até que ponto a militância da indiana Vândana Shiva não terá sido um dos fatores de contenção das multinacionais de alimentos em seu país, evitando que desmantelassem, mais ainda do que já fizeram, as estruturas familiares tradicionais, sob o argumento de produzir alimentos de modo mais eficiente e menos custoso, e com preços competitivos, mercê porém das imensas externalidades econômicas que geram com aval do governo... e que toda a sociedade paga – em que se incluem os custos sociais da desagregação das comunidades.”

A peroração de Letícia fez Duda aprumar-se no banco, mordiscar uma rosquinha segura pela mão esquerda e, com o indicador direito em compasso que acompanhava as palavras, dizer: “Esse é um assunto que tenho seguido de perto. Das 100 maiores cidades do mundo, digo aglomerações urbanas, não divisões políticas municipais, 38 estão nos BRICs: 9 no Brasil, 10 na Índia, 17 na China e apenas 2 na Rússia. Os países mais desenvolvidos economicamente têm taxa de urbanização menor, o que nos leva a crer que transferem para os emergentes a tarefa de produzir mecanizadamente os alimentos que desejam, e com todos os possíveis aditivos químicos e manipulações genéticas para aumentar a produtividade, leia-se degradação ambiental, evitando assim congestionar as suas cidades mais ainda do que já estão.”

Conforme Duda concluía, Jaques foi movendo-se todo, em claro sinal de que ia falar. Reabasteceu seu copo de suco já esvaziado, deu uns goles e desandou: “Comecei com essa tabela numérica sintética para propositadamente fazermos o que de fato fizemos: nos entreter com indicadores meramente estatísticos. É o que todo mundo acaba fazendo... e sabemos que as estatísticas mais escondem do que revelam, não vou aqui repetir aquela piada do biquíni do Roberto

Campos sob o risco de que me considerem mais antigo e ultrapassado do que já sou e aparento.” Caramba! Eis afinal um gesto de jocosidade do nosso vetusto Ahasverus, que daí em diante prosseguiu em caminhada verbal acelerada, sotaque inexistente a não ser alguns ocasionais erres arrastados, mimetizados de mestrandos do interior paulistano a quem mentoreia.

“Nossa perspectiva daquilo que é o mundo é fortemente influenciada pelo que percebemos e vivenciamos no nosso entorno. Mesmo quando viajamos acabamos entrando em contato com as atrações turísticas, se a passeio, com as figuras humanas com quem interagimos, se vamos para uma missão específica, ou, se chegarmos a habitar outras regiões ou culturas diferentes, terminamos apenas incorporando mais uma visão às já existentes, comparando-as mas não integrando-as num todo significativo. Invariavelmente, a menos que nos determinemos a proceder de modo diferente, carecemos de uma visão abrangente que qualifique – ainda que para isso tenhamos que fazer quantificações que relativizem – a variedade de tipos, condições de vida e crenças que se encontram em cada espaço geográfico ou campo cultural. Quando começamos uma frase com ‘as pessoas são’ ou ‘a humanidade em geral se caracteriza por’ estamos correndo o sério risco de prosseguir com afirmações que refletem nosso viés dominante, que fatalmente sempre estará presente nas generalizações. Em nosso caso, nós brasileiros – sou naturalizado, viu! – tendemos a ver o mundo desde um ponto de vista **ocidental** quanto à identidade de interesses geopolíticos; **americanófilo**, se não por ideologia com certeza por hábitos culturais e condutas econômicas; **cristão**, em que pesem as práticas espíritas e animistas tão difundidas em todas as classes; e **caucasoide**, de novo, não obstante nossa tradição de povo acolhedor das diferenças raciais. E pra terminar, nos consideramos um povo de índole **pacifista**, e isto está proclamado como valor na nossa Constituição, artigo 4º, mas segundo a Organização Mundial de Saúde ocupamos o sexto lugar no *ranking* dos países mais violentos do mundo, com uma taxa média de homicídios de 25 por 100 mil habitantes, proporção que caracteriza o Brasil, para a mesma OMS, como uma zona de epidemia nesse trágico atributo.” Advirta-se que os negritos marcam as ênfases com que Jaques pontuou as palavras

Enquanto Jaques umedecia a garganta com mais uma golada de suco, Letícia interveio, pontuando: “A densidade de uso do solo e a superlotação das megacidades jogam aí como indutores da violência pois, além da exclusão socioeconômica que atinge os migrantes do campo ou de centros urbanos

menores, e que os convida ao crime e às drogas, exaltam os ânimos pelo estresse cotidiano que provocam: transportes coletivos precários e congestionados, lentidão nos deslocamentos para o trabalho, filas intermináveis para utilizar serviços públicos de saúde... Bem, não é à toa que o Brasil, com cerca de 90% de sua população vivendo nos conglomerados urbanos, seja o sexto país mais violento do mundo.” Todos fizeram sinal de concordância e Duda quase que como falando apenas para si, muxoxou: “...de todos os vieses que praticamos, o que mais me traz inquietudes, como geógrafa, é o antropocentrismo – o planeta, a natureza, a vida, tudo existe para servir ao homem... Dá no que deu: ultrapassamos a capacidade de resiliência da Terra e estamos como espécie todos ameaçados!” E voltando-se para Jaques, com o tom de voz uma oitava acima e um largo sorriso, surpreendeu o provecto mestre: “Essa minha generalização é válida, professor? Ou não?” Foi a deixa para Jaques retomar.

“Caríssima Maria Eduarda, você está certa. Talvez essa seja a única generalização sobre a espécie humana que seja incontestável: estamos a caminho de uma extinção, por certo não de todos os seres humanos do planeta, mas do nosso modelo de civilização baseado no uso intensivo e indiscriminado dos recursos naturais e que aposta temerariamente que a tecnologia, ao final, nos redimirá das nossas estripulias. Já circula por aí uma tese, levantada pelo holandês Prêmio Nobel de Química Paul Jozef Crutzen, de que estamos entrando no Antropoceno, uma nova era que sucederia ao Holoceno, quando a civilização humana iniciou a expansão que avança até o presente. A diferença em relação a outras eras em que houve notáveis transformações geofísicas no planeta é que na Era Antropocênica a destruição em massa da vida, como a que dizimou os dinossauros no Cretáceo Superior, ocorrerá por razões antropogênicas, obra e graça da ação humana.” E desviando o olhar de sobre Duda e se aprumando no banco como se procurasse um púlpito, prosseguiu: “Mas voltemos aos nossos vieses sobre quem somos nós, os habitantes da Terra. A tendência natural é visualizar o resto do mundo por nossas lentes, vejamos o caso brasileiro, que mencionei há pouco: os interesses do Ocidente se sobrepõe ao dos demais, afinal somos ocidentais; as coisas que se originam nos Estados Unidos rapidamente entram na moda, pois somos americanófilos; qualquer ameaça à crença cristã é uma afronta nacional, pois todo o mundo é ou deveria ser cristão; nós além de ocidentais somos brancos, o país foi construído para os brancos, somos caucasoides, as demais etnias são apenas acomodadas; e o banditismo é uma excrescência social alheia à nossa natureza, somos na essência pacifistas.”



Num vilarejo de 100 habitantes que reproduzisse as características do mundo, teríamos...	
61	Asiáticos
14	Africanos
12	Europeus
8	Latino-americanos
5	Americanos do Norte
18	Brancos
82	Não-brancos
89	Heterossexuais
11	Homossexuais
33	Cristãos (católicos, evangélicos, ortodóxicos)
67	Não-cristãos
...e ainda nos deparamos com esta situação:	
5	todos cidadãos norte-americanos, controlariam 1/3 de toda a riqueza do mundo
80	habitariam em condições precárias ou inseguras
67	seriam iletrados: incapazes de ler e escrever
50	sofreriam de subnutrição crônica
33	não teriam acesso a água potável
24	não disporiam de eletricidade doméstica
25	apenas teriam acesso à Internet
1	apenas teria curso superior

F azendo uma rápida parada, Jaques vasculhou os bolsos da jaqueta que a essa altura, consequência da incidência do sol, jazia já sobre uma das beiradas do banco, e finalmente dali sacou mais um papel dobrado em quatro, já bem castigado pelo transporte inadequado a que foi submetido. “Vejam mais esta tabelinha que preparei”, e abriu a folha amarrotada sobre a mesa, na verdade duas feitas uma por obra do adesivo no verso, e a desdobrou por cima daquela anterior, que já lá repousava esquecida. “Um alienígena sem conhecimentos prévios que viesse a aportar ao planeta nos veria como predominantemente asiáticos, boa parte dos quais de olhos rasgados... O mundo não é branco ou caucasiano, é uma mescla de cores, para nos atermos apenas à epiderme. O mundo não é cristão. O mundo não é ocidental!!! O mundo é um conjunto desconjuntado de variedades que temos que considerar no contexto em que existem. Se na segunda parte da tabela não estamos entre os 80 que vivem sub-humanamente, o que é evidente, nem somos do grupo dos 5 que detêm 33% da riqueza do mundo, o que é mais notório ainda, então nós quatro aqui, que podemos nos conectar à internet, temos curso superior, bebemos água de boa qualidade – estas aqui da fazenda, vindas direto das fontes locais, como você me informou, Homero, são verdadeira dádiva – e somos até um pouco sobrepesados, exceto, claro, a esbelta Maria Eduarda... he he he... então nós quatro aqui estamos entre os 15 mais bem aquinhoados do planeta. Como diriam os poucos alunos de graduação que ainda tenho: ‘que responsa, chefia!’, que responsabilidade a nossa, gente!” Duda pediu a palavra com um leve alçar do indicador direito: “Eu me vejo em três inserções especiais nesse quadro: não me

considero branca, pela minha mestiçagem remota com os negros provindos da Nigéria, me enquadro nos não-cristãos, pois professo a fé iorubá, e... estou entre os 11% homossexuais, pois compartilho meu afeto com uma companheira do seminário", concluiu candidamente. Se os dois amigos que Duda trouxera consigo já sabiam dessa sua preferência sexual, nenhuma reação por mais imperceptível que fosse se notou em ambos, porém a Homero, que desconhecia a particularidade, assomou um discreto desencanto, traduzido em melancólico e impronunciado laivo de pensamento: "Que sortuda a parceira dela!" E corou em seguida, como se a todos os três tivesse escancarado as intenções que acalentava. Sem pausa, prosseguiu Jaques.

"Creio que cabe uma conclusão a esta altura, porque a própria altura do sol já nos põe desprotegidos do anteparo das árvores... e o suco acabou! Aliás, delicioso enquanto durou!", esse era seu lado bem-humorado, sua boca em U invertido é que sugeria num primeiro contato alguém mais sisudo e lacônico, mas era naturalmente divertido. "Então, vamos lá: quando se fala das gerações *baby boomers*, X, Y, Z, Épsilon, Kapa-Pi, seja lá que letra for ou que nome se dê, estamos cometendo uma heresia míope contra a racionalidade. Essas gerações só existem para – quando muito – os 15 habitantes do vilarejo, os 15% que escaparam da subvida. Ou para os cinco que estão no comando das finanças do mundo, ou seja, a totalidade da população americana, se convertermos esses cinco em números absolutos da população mundial. Isso nunca seria representativo da nossa espécie, a menos que aceitássemos como aplicável ao caso a curva de Vilfredo Pareto, segundo a qual os 20% mais destacados, na ordem de importância, respondem por 80% dos efeitos naquilo em que se destacam. Seria o caso de acolher uma projeção estatística presuntiva, nunca uma realidade constatável."

"Ah, mas há a formação de redes sociais hoje em dia, que homogeneíza os seus participantes em torno de interesses comuns, e isso acaba unindo pessoas de distintas características culturais, sociais e até econômicas, aproximando-as", ponderou Letícia na temática mais afeita à sua experiência. "E o Facebook angariou em menos de um ano de existência mais de 200 milhões de conectados. Isso é notável e inédito!", completou Homero.

"Cuidado, muito cuidado, minha gente!", rapidamente atalhou Jaques. "Estar nas redes sociais hoje em dia é em essência fator identitário: quem não está pode

ser considerado excluído dos seus grupos de referência. Mas se somente 25% dos habitantes do planeta têm acesso à internet, em que tanto isso pode modificar? Na verdade, somente tomando hoje já 800 milhões de assinantes do Facebook – as demais redes têm características menos interativas – essa nova realidade apenas aproxima os iguais ou, vamos lá, os semelhantes que ainda não se conheciam. Integra quem já estava de certo modo integrado, acelera essa integração mas... e aí é que se encontra a armadilha potencial: se por um lado não posso conversar com todos os 800 milhões, pois não haveria tempo possível, assunto, idioma viável e mesmo capacidade computacional, sendo assim quem controla não só o Facebook mas todas as redes sociais – alguém as controla! – tem dados e informações de toda essa massa de gente. Não veem vocês nisso um risco de domínio totalitário, um agora verdadeiro *Big Brother*?" A indagação ficou ressoando no ar, sem resposta. E ao dizer isso Jaques foi lenta e educadamente levantando-se, ele mesmo dando o assunto por concluído, e nisso foi seguido pelos demais, Homero à frente para conduzi-los, passando à mesa do almoço já posta na sala de refeições. O passo seguinte foi descansar aproveitando as virtudes ambientais da vida campestre e, com o sol já abrandado das quatro da tarde, fazer um *tour* pela fazenda. À noite, com o friozinho úmido provindo dos lagos próximos e a lareira acesa, esbanjaram histórias de feitos e experiências pessoais, com vinhos, queijos caprinos e ovinos, e pãezinhos de variados tipos dando colorido às conversas e derrubando todos gradativamente ao sono, cujo momento apropriado foi indicado pelo cantar noturno dos galos – que deles havia vários nos arredores da casa, operando como relógios naturais.

Após o café matinal do dia seguinte, com frutas, granola e sucos, e antes da caminhada compensatória da ingestão extra de calorias do dia anterior, acharam os três convivas interessante a oportunidade de pôr Fernanda no circuito das conversas, via Skype. A essa altura, Duda toda paramentada já tinha ido cumprir as suas obrigações com os orixás numa cachoeirinha próxima da casa, Homero a acompanhou, guiando-a no caminho e velando-a com admiração durante o seu gestual devocional.

Agora muda o cenário: estão todos na sala de estar já conectados com Fernanda por meio de uma TV de plasma de 35 polegadas, um quase cinema até destoante da singeleza do ambiente – "instrumento de trabalho", justificou Homero –, e passam a contar-lhe o que em resumo abordaram na manhã do dia anterior, para poder fechar todo o assunto com suas considerações e percepções – os três já tinham sido postos a par do papel de Fernanda nessa peleja em que os dois

estavam envolvidos. Nada porém foi feito sem o cuidado de plugar antes no sistema um *call recorder*, engenhoca que registra tudo que se diz na conversa, em ambos os lados. No dia anterior, foi Homero quem cuidou de semelhante procedimento, utilizando um pequeno gravador portátil que manteve ao seu lado, a partir do qual transcreveu todo o vai e vem das falas havidas e editou o conjunto, sem o que não teríamos tido acesso a quanto aqui se relatou. Aí vai o texto literal da videoconferência, apenas a parte posterior aos papos introdutórios protocolares e ao relato da interlocução vespertina do dia anterior.

Fernanda: Uau!! Quisera ter estado aí pra ver e ouvir ao vivo tudo isso que vocês me contaram e ter participado também. Mas de algum modo entro na dinâmica com esta nossa conversa agora. Tantos pensamentos me ocorrem em função do que vocês disseram que nem sei por onde começar... bem, vou pelo primeiro que me surgiu, quem sabe no rastro de uma reflexão inicial não encontrarei mais outras?

De tudo o que disseram, uma coisa entrou pra mim no modo pisca-alerta. Você, Jaques, logo no começo do bate-papo, teria dito sobre a impossibilidade de sabermos “quem somos” apenas contemplando a lista de dados que trouxe consigo. E fez questão de frisar que com essa pergunta se referia não à nossa “natureza metafísica”, mas a aspectos demográfico-sociais.

Jaques: Sim, Fernanda! Faço a distinção entre as duas coisas... de um lado, indagações filosóficas, de outro, números, estatísticas... É verdade!

Fernanda: Pois é, queria me deter um pouco nisso. Bem, antes de tudo tenho que revelar que sigo uma linha de pensamento que considera que algo como a “natureza humana” não existe como tal, pois seria em verdade fruto de uma construção social, cultural, enredada em uma trama de relações várias, uma trama tensionada por vetores de poder que incidem sobre cada um de nós em particular, constituindo aquilo que chamamos de “eu”. Por isso, não falo aqui de “natureza metafísica”, o que não faria sentido pra minha perspectiva, mas gostaria de abordar a questão do quanto esses dados falam sobre nós como indivíduos.

Letícia: Interessante, Fernanda! Já mencionei que sou socióloga de formação, e andei estudando antropologia cultural para compreender melhor certas realidades. Pergunto: como vê você o processo que nos torna os indivíduos que somos? Somos seres sociais mas também biológicos e, como tal, chegamos ao

mundo com uma dada carga genética. A partir de que, então, nos construímos como indivíduos?

Fernanda: Para fundar aquilo que somos, é como eu entendo, confluem várias instâncias identitárias e de pertencimento. Benedict Anderson, um pensador contemporâneo da área de ciências políticas que tenho pesquisado, já falava em "comunidades imaginadas" para referir-se à conexão tácita, que faz com que membros de nações que jamais se conhecerão entre si tenham, não obstante esse desconhecimento, um sentimento de comunhão mútua.

Duda: Isso me interessa muito! É um cruzamento entre os aspectos humanos da geografia e a antropologia cultural. Estou certa?

Fernanda: Certíssima! E aí vem a pergunta: o que delineia esse sentimento? O que faz com que possamos falar em uma nação como uma comunidade se os limites, sabemos nós, são variados e atuam de formas singulares nessa construção identitária? Anderson narra que, embora num primeiro momento tenha atribuído essa construção aos fatores associados à ideologia nacionalista – fatores tais como meios de comunicação de massa, sistema educacional, regulamentações administrativas, *etc.* –, só mais tarde se deu conta da existência de três fatores cruciais para essa construção: o censo, o mapa e o museu.

Homero: Explica pra gente que fatores são esses. As palavras em si parecem metáforas de algo bem mais complexo...

Fernanda: Explico, claro! Essas três palavras isoladamente não dizem nada para o tema. Os três fatores estão absolutamente interligados mas me aterei ao "censo", para não aborrecê-los com volteios desnecessários a esta hora do dia... O que o censo faz, em termos gerais? Fornece categorias para representar a cada um de nós, ou abre espaço para que as reivindiquemos. O que é importante que levemos em conta, e que constantemente acabamos esquecendo, é que essas categorias não são exatamente causadas por determinadas realidades populacionais, mas têm como efeito que nos consideremos pertencentes a esta ou àquela comunidade imaginada. Nesse sentido, Jaques, volto a perguntar, como você fez: esses dados nos dizem algo sobre quem somos? E me aventuro a responder que não, por um lado, e sim, por outro: nos dizem sobre "como somos representados".

Jaques: Se estou captando adequadamente o que você diz, é que segmentamos a nossa identidade em fatias da realidade, em fatores, que é o termo que você

emprega, e depois, juntando esses fragmentos, esses fatores, cremos com isso estar compondo uma unidade com identidade definida. Talvez seja uma exceção matemática, em que o todo não seja a soma das partes, mas um aglomerado amorfo... ha ha há... É isso?

Fernanda: Não diria, Jaques, que é exatamente isso, mas o espírito geral da coisa é esse. Não há a possibilidade de um acesso definitivo a essa realidade, e não porque a entendemos somente parcialmente, mas porque, ainda que tivéssemos acesso à totalidade não fatiada desse real, estaríamos lidando com representações desse todo. Trabalho numa linha de pensamento que, na esteira de muitos pensadores – entre eles posso citar uma influência que me é dileta, Nietzsche – considera que o que se poderia chamar de realidade é uma série de interpretações. Não buscamos a verdade, mas estudamos as interpretações várias do que nos cerca, fazemos o que poderíamos chamar de filosofia hermenêutica... Mas se pensarmos matematicamente, talvez seja isso mesmo, Jaques: o aglomerado seria amorfo no sentido de que quem lhe dá forma somos nós, com as nossas interpretações. Bem, voltando à questão das categorias e comunidades imaginadas, me ocorreu um exemplo interessante, agora. Vejamos a questão das minorias étnicas. Aqui no Rio Grande do Norte, não havia, tempos atrás, a constatação da presença indígena. De repente, os índios começaram a aparecer como imagem pública, fruto de uma articulação política que acionou trabalhos feitos com o intuito de resgatar a cultura indígena, e isso deu origem a políticas bastante específicas de incentivo às minorias étnicas que, no cerne, incluíam a possibilidade de reivindicar territórios reservados. O mesmo ocorreu com os quilombolas. Num país miscigenado como o Brasil, a necessidade de ser representado como pertencente a determinadas categorias étnicas levou a certas distinções que antes passavam ao largo da vida das pessoas.

Letícia: Certas categorias passam, por assim dizer, a existir quando as elegemos como categorias, isso não é inerente a elas, mas surge de algum tipo de interesse ou propósito...

Fernanda: Tudo isso acabou em que os efeitos dessa política e da representação dessas categorias foram individualizantes, fizeram parte da constituição dessas subjetividades envolvidas que, a partir de então, passaram a se identificar como pertencentes a tais comunidades imaginadas – os índios, os potiguares... do Rio Grande do Norte; os quilombolas... do Rio Grande do Norte. Esse processo conduz, a partir desses efeitos, à pergunta sobre quem cada um desses membros

é, sobre a essência individual de cada um deles. Seria possível separar, pergunto agora eu, Jaques, o que da "natureza metafísica" de cada um desses, agora chamados índios, seria próprio deles e o que seria adquirido e construído através dessa categorização? Só um momentinho, gente, vou pegar uma citação de Foucault que fala disso...

Jaques: Estamos acrescentando nas nossas conversas algo que não constava de nossa agenda original mas que é muito pertinente e relevante. A Fernanda vai fundo nessas análises... Se estivesse comigo lá na universidade, seria uma excelente orientanda ou mestra, claro... ha ha ha...

Fernanda: Ah, aqui está o trecho do livro: "Esta forma de poder que se exerce sobre a vida cotidiana imediata, que classifica os indivíduos em categorias, designa-os por sua individualidade própria, prende-os à sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é preciso neles reconhecer. É esta forma de poder que transforma o indivíduo em sujeito." É isso! Esses dados falam de como somos representados, e isso não é um mero detalhe, como nos faz ver Foucault! Pronto, falei!

Homero: Aliás, já dizia Bertrand Russell, na primeira década do século passado, no seu livro *A Análise da Mente*, que tudo que conhecemos do mundo são representações da uma realidade neutra, à qual atribuímos significado. Na religião hinduísta, a deusa Maya nos ensina que a realidade é uma grande ilusão, nós é que a fazemos significativa. O ciberneticista galês Stafford Beer, em seu livro *Platform for Change*, foi mais longe ainda, ou melhor, seguiu por um caminho diferente: afirmou que tudo que nossa mente capta, o único fenômeno com que interage, são bits informacionais: uma montanha não é uma montanha, é um conjunto de bits... objetos sólidos ou líquidos, e pessoas, não são como são, são convenções a que atribuímos sentido pelos bits que delas captamos. Mas a boa notícia é que podemos comparar esses aglomerados de bits e estabelecer distinções entre eles, e não tratá-los apenas como estamos acostumados a fazer, a tudo assemelhando a nós mesmos, como se fôssemos o parâmetro do humano ideal e nossa cultura o único arquétipo válido: o resto seria uma massa difusa de exceções à regra. Essa é uma visão totalitária e imperial, acho eu...

Fernanda: Bem, antes de terminar, pois agora meu horário está começando a ficar apertado, queria só deixar claro, para escapar de ser mal interpretada, que não sou contra, por exemplo, essas políticas e trabalhos de resgate de tradições culturais, como no caso dos indígenas e quilombolas, e nem contra as políticas

de proteção que se delineiam a partir desses trabalhos. O que penso necessário é que se faça uma crítica dessas representações, um processo de reflexão que leve sempre em conta que estamos lidando com representações imaginadas, inventadas, construídas, que não correspondem a uma determinada realidade que seria verdadeiramente encontrada em algum momento.

Homero: Antes de desconectar, Fê, dá uma palavrinha pra nós sobre os outros dois primos-irmãos do "censo", que você tão minuciosamente expôs. Ou seja, dá uma visão geral dos outros dois fatores: o "mapa" e o "museu". Nada mais do que meia dúzia de palavrinhas...

Fernanda: Certo, pai, algumas palavrinhas sobre o "mapa" e o "museu", então... Em primeiro lugar, uma breve observação sobre o viés de Anderson ao falar desses conceitos. O autor foi motivado em sua pesquisa pela pergunta sobre como foi possível que tanta gente tenha se mostrado pronta a matar e sobretudo morrer em nome da nação. ao longo do século XX. Fazendo a genealogia dos nacionalismos do século passado, terminou por encontrar essas três formas sutis de construção do que ele chama de comunidade imaginada. Formas eficientes justamente por essa sutileza, que caminha pelas bordas dos processos que tomamos tradicionalmente como os Aparelhos Ideológicos do Estado. Acho que as "palavrinhas" serão muitas... sigo em frente?

Os três (em uníssono): Sim, sim, vamos em frente!

Fernanda: Bem... para formular assuas hipóteses, Anderson tomou como paradigma o colonialismo. Em relação ao "mapa", o que podemos dizer é que, da mesma maneira que o "censo" oferece categorias que são representações e não expressões de uma realidade em si, os territórios cartografados são fruto de uma divisão espacial imaginada, e representam certas relações de poder. Mapas coloniais, por exemplo, antecipavam um domínio político que ia se estabelecendo só com o tempo, e se sobrepunham a cartografias locais. O mesmo caso se dá...

Homero: Desculpe, Fê, é que me vieram ideias que têm a ver com algo sobre aquilo que conversamos aqui ontem e o que você explica agora. Lembra-se, Letícia, da sua menção a Vândana Shiva? Justamente... A estrutura agrícola da Índia, que entre os *monster contries* ainda é o país com mais gente no campo – já vimos isso –, secularmente se caracterizou pela agricultura familiar, e isso não mudou com a permanência dos ingleses: milhares de pequenas propriedades

autossustentáveis. Na onda do resgate aos subdesenvolvidos pelos organismos internacionais. que brotou nos anos sessenta, e com o patrocínio do governo indiano, foi decretado que os agricultores indianos viviam dentro de padrões internacionais de pobreza, aquela história de uma renda de menos de um, um e meio dólares por dia. Então, cabia “salvá-los” da miséria e, para isso, foram inundados de empréstimos para ampliar o seu pequeno negócio, serem mais eficientes e aumentar a sua renda mas eles não sabiam administrar essa realidade, não estava na sua cultura. O que se queria, de fato, eram duas coisas: despossuí-los da sua terra por inadimplência, instalando nesses territórios a agricultura intensiva, e inseri-los no mundo do consumo. Resultado: nos últimos quinze anos, uns 200 mil agricultores, patriarcas daquela estrutura rural, se suicidaram – sim, se suicidaram! Era a sua reação à honra perdida, à violação da sua identidade. O livro *The Stolen Harvest*, da Vândana, narra isso e outras coisas ligadas a essa etiquetagem que se faz de práticas e comunidades. Como ex-funcionária da FAO, Letícia, você sabe bem disso tudo, não?

Letícia: Sim! É triste, mas é real...

Fernanda: Fantástica essa conexão toda, enriqueceu a ideia. Mas, retomando o que dizia... O mesmo caso de categorização criado pelo “censo” se dá com o “museu”, que expõe os resquícios de um passado imaginado e que é descrito por Anderson como um instrumento que pode legitimar a tutela que o colonizador se considera capaz de exercer sobre o passado do colonizado, servindo também como constatação de que o passado, glorioso ou não, foi superado em prol de uma melhoria. Se foi glorioso, não foi bem administrado, e isso justificaria o domínio atual do colonizador; se não foi, fica óbvia a superioridade do que domina. Resumindo – “censo”, “mapa” e “museu” são documentos que não pintam de forma neutra a realidade, mas a representam de acordo com uma série de interesses e pressupostos políticos. Parece bastante evidente, mas na hora em que lidamos com os números tendemos a encará-los como expressões indiscutíveis da realidade. E é aí que esses estudos sobre o nacionalismo e o colonialismo nos servem de alimento para uma reflexão crítica acerca dos dados demográfico-sociais.

Jaques: Impressionante, Fernanda! Parece que isso tem a ver com o modo como a História foi escrita e é narrada... Desconhecia essa abordagem, vou buscar mais informações sobre essa teoria.

Homero: Ótimo! Fê, que livro você recomendaria para quem, como o Jaques, quiser saber mais sobre o assunto?

Fernanda: É no *Comunidades Imaginadas* que tenho buscado essas referências... Mas continuando e já encerrando. No caso desses movimentos de minorias étnicas, que mencionei, há quem proponha a adoção do que nomeiam como “identidades estratégicas“ – identidades com função política, a serviço de conquistas políticas específicas e que não devem ser tomadas como expressão de identidades, no sentido de “essência“ ou “natureza“.

Duda: Eu pertenço a uma minoria, uma minoria estatística, bem entendido. Na minha apresentação a você, Fê, já mencionei isso. Aliás, as minorias por definição são fenômenos marcados estatisticamente. O fato é que não sinto nem senti, em momento nenhum até hoje, a necessidade de que alguém ou alguma instância autoritária monitorasse meu bem-estar, por pertencer a essa minoria. Mas talvez eu tenha tido mais sorte do que as demais pessoas que integram minorias...

Fernanda: Bem, acho que minha intervenção já está nos limites aceitáveis... hum hum... Eu também vou precisar de um tempo para digerir e reprocessar todas essas informações. Nos falamos mais tarde, pai? Despeço-me de todos vocês! Foi um grande prazer conhecer o casal, Letícia e Jaques, ainda que virtualmente. No caso de Duda – foi um prazer te reconhecer, não é? Beijos pra todos, tenho que ir!!! Beijos, pai!

A atmosfera, finda a interlocução remota, era de fim de festa feliz, todos servidos, alegres e satisfeitos: era portanto hora de partir. Preferiram não almoçar, apanharam algumas frutas, cada qual as de sua preferência, para ir entretendo a fome no retorno, ajeitaram as poucas coisas que trouxeram e as acomodaram no veículo. Duda parou por instantes, voltando-se ao trio de orixás plantados no meio das árvores, e se despediu deles silenciosamente, tocando o chão de pedra com a palma das mãos.

Antes da partida, Homero entendeu que devia perguntar a Jaques se desejava levar consigo, de volta, todo o material que enviara pelo correio e que pouco fora usado. Curiosamente, Jaques pediu apenas as páginas impressas que transformaria em folhas de rascunho, o restante deixava como recordação de sua passagem pelo local. Homero sentiu afeto na oferta e a aceitou com certa emoção, deram-se um abraço.

Na plataforma da rodoviária, despediram-se com agradecimentos e promessas habituais de novos encontros. O casal subiu no ônibus à frente de Duda, que retornou do primeiro degrau, voltou-se para Homero que os acompanhara até a porta e disse, com ar inefável: “Seu orixá de frente é Xangô. Nosso encontro foi combinado entre Xangô e Oxum. Kaô-Kabecilê, Xangô!” “Ai-ei-eu, Oxum!”, replicou Homero. Girando o corpo esbelto, deu as costas a Homero e, fazendo agitar a cabeleira solta, tal como uma ventania dourada, subiu decidida a escada, e a porta do ônibus se fechou. No ar, flutuava um quê da cena final do clássico *Casablanca*...

EPÍLOGO

Da Cabeça ao Coração: transcendendo a Caveira

“*Eu vivo em seu coração como a Superalma, Arjuna.”*

Krishna, no Bhagavad Gîta

A cabeça e o coração têm em comum o fato de ambos serem estruturas ocas. Dentro da cabeça, anatomicamente, está o encéfalo, no qual se situa o telencéfalo, ou cérebro propriamente dito. O cérebro é a sede da função pensante ou, como outros preferem, da consciência. Ao encéfalo aportam as informações que chegam pelos nervos aferentes, as sensações, as quais, processadas internamente em combinação com os registros da memória já ali existentes, são despachadas pelos nervos eferentes como comandos motores. O computador eletrônico é uma metáfora do cérebro.

O coração é envolto em um conjunto de membranas que se denominam pericárdio, que protege o miocárdio – um complexo muscular, portanto de tecido mole – dos demais órgãos circunvizinhos. O miocárdio está para o pericárdio assim como o encéfalo está para o crânio.

O coração recebe o sangue das veias impregnado de gás carbônico, envia-o aos pulmões, onde é oxigenado, e os reenvia ao sistema circulatório através das artérias, para nutrir as células e garantir o seu funcionamento e a atividade das vísceras e músculos. Lida com líquidos e a metáfora preferida para representá-lo é uma bomba d’água.

A caveira, já sabemos: engloba o crânio e a mandíbula, podendo esta ser considerada um apenso do crânio ou uma edícula da caveira, como ousamos insinuar. O coração nada tem fora de si próprio, apenas contém o miocárdio, anatomicamente. A tradição hinduísta entretanto nos ensina de modo diferente: o coração é mais do que uma mera bomba hidráulica, pois tem instalado um adido diplomático no crânio, incrustado na testa, entre as sobrancelhas, pelo qual ele, coração, faz a vigilância do que seja invisível aos olhos bilaterais. É o Terceiro Olho! ele também invisível aos mesmos olhos, meramente energético...

Esse vigilante – assim ensinam as escrituras védicas e os textos tibetanos – se conecta com o coração como arauto da intuição e da nossa pertença ao cosmos: o que os olhos físicos e demais sentidos, assentados na carapaça craniana, não são aptos a discernir, a terceira visão pode captar, trazendo para a consciência realidades globais e integradas que são processadas sutilmente no coração, através do Anahata, o chacra, ou centro de força, cardíaco. Nesse processo, caberia ao coração decidir o que serve para o indivíduo, e o que não serve. Tudo isso se passaria num plano energético e os veículos portadores dessas impressões imateriais seriam os neutrinos, que por todo lado borbulham no cosmos.

Sri Chinmoy, líder espiritual indiano nascido na atual Bangladesh e portador mundo afora de mensagens incitando à busca interior, faz uma intrigante conexão entre terceiro olho, consciência – um atributo oficial do encéfalo! – e o coração: “Digamos que o coração é a Consciência e o terceiro olho é Luz, ainda que não haja diferença de fato entre ambos.”

Em um dos versos do Bhagavad Gîta, a “canção divina”, considerado como a essência do conhecimento védico, sabedoria essa que incorpora a filosofia, a religião e a mitologia hinduísta, afirma a divindade Krishna: “Resido no coração de todos, e de Mim procedem a memória, a sabedoria e a ausência de ambas.” Um deus que habita o corpo humano, o seu coração, é um deus imanente, em contraposição aos outros deuses conhecidos – os que estariam mortos! – que existem distantes, na sua transcendência celestial. Arriscaríamos dizer que esse deus que habita os corações humanos faz também morada em todas as partículas onde há vida e, se viva é a Terra, a Gaia de Lovelock e Margulis, esse verdadeiro Pã vive também pulsante nas suas entranhas: é um deus que põe nosso coração em comunhão com o planeta e tudo o que nele viceja.

Essa imanência atribuída à divindade nos textos hinduístas, não importa quão simbólica seja, pode nos estimular a enveredar por vias que escapam da trilogia fatalista da caveira, por caminhos que nos libertem da enrascada onde como humanos nos metemos nos nossos arroubos civilizatórios. Bastaria acionar aquelas capacidades que a sabedoria popular e a poesia atribuem ao coração: intuição, amor, compreensão, aceitação, fraternidade, cuidado, respeito – tudo isso podendo ser sintetizado numa única expressão: a adoção de uma nova Ética Planetária.

A Trindade Holística: Solo, Ser e Sociedade

A observação do mundo, desde que despojada da vigilância dos modelos mentais paradigmáticos, nos faculta tecer laços de intimidade com os integrantes da Comunidade da Vida.

A origem histórica dos ciganos é obscura para a maioria das pessoas que se depararam com um deles algum dia. São vistos com desconfiança talvez mesmo até por isso e porque as mulheres, principalmente, costumam exercer o mister da adivinhação, sempre passível de ser tomado como charlatanismo caça-níqueis. É curioso que corre no folclore o mito de que ciganos roubam crianças... Muito mistério envolve toda essa história, e é por nada.

Os ciganos têm origem bem conhecida e determinada: a Índia, mais precisamente o Rajastão, ao Noroeste do país, de onde começaram a migrar a partir do ano 1.000 d.C. Seu roteiro de diáspora se iniciou no Norte da Índia de onde acabaram emigrando para o Oeste, passando pela antiga Pérsia e indo parar no Egito, de onde se espalharam por quase todos os países do Ocidente. Não tinham na origem uma religião definida: cultuavam as forças da Natureza, poderíamos chamá-los de pagãos... ou xamanistas. À medida que foram se mesclando com outros povos, foram adotando discretamente as religiões locais.

Na linguagem coloquial, costuma-se designar como cigano uma pessoa que, por assim dizer, viva de lá para cá, viajando a toda hora ou parando pouco nos lugares. Vida cigana é uma vida livre e a expressão tem uma leve, imperceptível quase, conotação libertina. Pois bem! Podemos rotular Homero e sua filha Fernanda de ciganos, nesse sentido, extraída, claro, a conotação licenciosa que se apôs ao termo, que não era do hábito de nenhum dos dois meterem-se em práticas moralmente comprometedoras. Homero, vá lá, era afeito a transgressões depois que conheceu as proposições de Nilton Bonder em seu livro *A Alma Imoral* – “transgressões levam à evolução da alma”, ensina-nos o rabino – mas o sentido da transgressão que apreciava tinha um caráter mais ideológico do que algo no campo dos bons costumes. Cada qual calibra as suas convicções nos limites do universo em que se move...

Mas voltemos aos ciganos, que divagações dessa natureza podem confundir e afastar quem busca sentido em leituras deste jaez. “Ciganos”, então, Homero e sua filha Fernanda seriam, porque não “assentam o facho”, como se diz na gíria: vivem transmigrando de lá para cá, a serviço ou a passeio, ou a serviço criando brechas para o passeio. Disso têm resultado descobertas e revelações incomuns,

porque quando se está ao léu a mente meio que se desliga e o coração fica mais no comando, levando-nos a situações e lugares inesperados, que depois justificamos ter procurado e encontrado intencionalmente – coisas da alegada racionalidade do ser humano, que põe razões onde não as há. Pois bem! Desta vez a ciganice de dona Fernanda estava conduzindo-a à África do Sul, precisamente a Pretória. Concorrera com um trabalho num simpósio de filosofia neoclássica e fora selecionada, resultando isso na oportunidade de apresentar-se a um público internacional e, de quebra, ter todos os custos cobertos pelos organizadores. Coisa de sete mais sete dias – aí entra aquela história de criar a brecha para dar um pulinho ao Quênia, passar por Angola e, quem sabe – estava pendente – voltar pelo Cairo para, lógico, ser fotografada ao lado das Pirâmides e da Esfinge, de vero, sem manobras de *photoshop*. Ambos estavam no aeroporto, o embarque foi em Cumbica e o pai resolveu aparecer e dar aquele toque indefectível: “toma cuidado, hein!.” Esperavam a vocalização robótica dos alto-falantes avisando que o embarque estava liberado.

Despedidas, enfim. “Pai, sei que você está já pensando em outro texto mas, desta vez, vou passar...”, disse Fernanda toda manhosa nos trejeitos, mas com ar decidido. “Nem celular estou levando, quero ficar concentrada e desligada. O telefone que deixei é para emergências e só poderei atender à noite, e isso na primeira semana. Na segunda, aviso por onde vá passando”, completou. “Tudo bem, Fê, pode deixar comigo.” E lá se foi céu acima o Airbus da South African Airways, com Fernanda no seu bojo...

“Eta, cigana! Você vive em aeroportos...” “Oi Mero, chegando ou voltando?”, retrucou Toctoc, esse era o apelido que ganhou, porque no escritório onde trabalharam juntos ela sempre batia com delicado estilo próprio em todas as portas antes de entrar, mesmo quando estavam abertas. Doce nos gestos, era sua índole... Com quinze anos de diferença entre ambos, trabalharam juntos por uma década, ele já assessor sênior de organização, ela em ascensão na área de comunicações. Chegou a rolar um certo flerte entre ambos. Rápidos olhares de cumplicidade, alguns toques furtivos de dedos em *happy hours*, mas o *affaire* não progrediu, desacertos da astrologia, quem sabe... Mais recentemente, se encontraram no Schumacher College, onde ela cumpria um mestrado de dois anos e aonde ele foi para um *short course* de três semanas.

“Nem uma coisa, nem outra, Toc: fui despachar minha filha Fernanda pro exterior, vai ficar duas semanas lá fora. E você?” “Cheguei ontem, voltei agora à

busca de uma mala perdida, nada a ver com Proust... ha ha ha... Por enquanto, nadinha, droga!”

Sentaram-se para um café com pão de queijo, continuando o papo. “Por que você não foi ao jantar do Satish, na semana passada? Foi pros ex-alunos do Schumacher, ele passou por aqui para umas palestras...” “Eu soube, mas estava viajando, não deu!” “Olha, tenho umas coisas incríveis pra te contar, está com pressa?” Bem, resulta que conversaram por duas horas, cinco cafés e umas mil e quinhentas calorias ingeridas, ao todo.

Antecedentes indispensáveis para prosseguir: Satish Kumar, indiano como o nome sugere, nasceu, há pouco mais que sete décadas, no Rajastão, a mesma região onde se originou esse povo vagante, os ciganos. Coisas que intrigam pela imbricação: filho do Rajastão, Satish autodenomina-se um peregrino, um andarilho enfim como os ciganos, ou um tanto mais que isso. O peregrino anda por uma causa, como regra buscando chegar a um lugar sagrado, fazer uma visita a um sítio mágico ou poderoso, ou cumprir uma tradição religiosa. Um exemplo: os peregrinos muçulmanos indo uma vez na vida a Meca. Outro exemplo: executivos que deixam em casa a gravata de seda italiana e o BMW para buscar clarear no Caminho de Santiago a alma turvada pelo estresse corporativo.

Em Satish, a peregrinação tornou-se um modo de vida. A sua busca é o contato da alma, que ele sustenta residir no coração, com a fonte da vida, a Natureza, e com o viabilizador da condição humana, o outro ser humano, o conjunto dos humanos, a sociedade. O título de um de seus livros já fala por si sobre sua visão de mundo: *You Are, Therefore I Am - A Declaration of Dependence*, a antítese do cartesiano “*Cogito, ergo sum*”, que privilegia o pensar sobre todo o resto.

Satish reside no Reino Unido, onde é editor da revista *Ressurgence* e Diretor de Programas do Schumacher College, e foi, juntamente com a ambientalista Vândana Shiva, fundador do Bija Vidya Peeth, escola agrícola e banco de sementes do Noroeste da Índia. Foi lá na Fazenda Navdanya, em Dehradun, sede da Bija Vidta Peeth (em tâmil, ‘universidade da semente’), que Cid Alledi, professor de ética da Universidade Estadual Fluminense, amigo comum de Homero e Danuza Milani – este, o nome batismal de Toctoc, hoje uma jornalista – desenvolveu com Satish, durante um estágio que fez no local, um desenho de três círculos, que dá forma gráfica a um modelo de sustentabilidade que expressa

os valores de um peregrino – o peregrino que age no mundo pela sensibilidade do coração a partir da Terceira Visão, como Satish mesmo conceitua.

Na lanchonete do saguão, entre deglutições e sorvos, Danuza e Homero relembraram os remotos tempos de empresa e o passado mais recente: a inesperada graça do encontro e a breve convivência dos dois no Schumacher, situado em Dartington, vilarejo no distrito de Totnes que se notabiliza, não bastasse a escola, por ali circular a *Totnes Pound*, moeda criada pela comunidade local, e por ter sido o nascedouro do movimento *Transition Towns*. Na escola, de manhã Satish conduzia uma meditação com aqueles que para tanto madrugavam, e à noite, ao calor da lareira, dava palestras sobre a sua experiência como monge jainista, a sua peregrinação permanente em prol de várias causas que abraçou – sempre que podia, ia aos lugares caminhando –, a sua visão de mundo e a sua filosofia de vida, baseadas na compaixão e na conexão com o universo natural. Comentaram também como foi o jantar da turma, ao qual ela não pôde comparecer, quem estava lá e qual foi o papo que circulou. Num dado momento, Homero abriu uma pequena pasta de couro que trouxera com alguns documentos de que Fernanda poderia precisar para a viagem – obsessões paternas... – e retirou dois papéis, garimpados dentre uma dezena de outros em certa desordem: eram o modelo gráfico que o Cid ajudou a desenhar e as anotações da conversa que teve com Satish no jantar.



“Me explica esse desenho, estou superinteressada. Lá no Schumacher, mesmo lá, quando se falava de sustentabilidade acaba-vamos sempre caindo no *Triple Bottom Line* – Economia, Ambiente e Sociedade, um modelo criado para servir à atividade econômica, concebido para as empresas. Tanto que ainda é a base dos relatórios organizacionais do Global Reporting Initiative, aqui no Brasil todos tratam pela sigla ‘gê-erre-i’, acho gozado... Eu volta e meia reclamava de que não se podia colocar a economia com mesmo status que o meio ambiente, pois aprendíamos, também, que a economia era um

subsistema do meio ambiente, um deveria englobar a outra, e não integrar o mesmo modelo em nível de igualdade. Porém não havia uma resposta definitiva para isso. Mas... nesse modelo gráfico que você tem aí, sumiu a economia. Onde ficaria?" "Bem, a economia está presente em todo o modelo", esclareceu Homero, "pois a bactéria, a célula orgânica, o macro organismo, todos os sistemas vivos e abertos têm que obedecer aos princípios da economicidade, que se traduzem num equilíbrio entre entradas, consumo interno do sistema e saídas. Talvez você esteja se referindo às empresas, que não estão em destaque. É que aí fazem parte da sociedade, pois a ela devem servir, esse é o pressuposto do modelo..."

O burburinho do local, em que entravam e saíam aeromoças e comandantes, funcionários do local, e passageiros com malas e pacotes, acompanhados ou solitários, tornava às vezes a interlocução penosa, mas o assunto era eletrizante para Danuza, e Homero se encantava com o interesse da sua amiga Toctoc.

"Em inglês, os três elementos são "*Soil, Soul & Society*", que o Cid traduziu como está no gráfico, para manter os três S iniciais. As intersecções também dizem muito: entre Solo e Ser, deve haver uma atitude de comunhão, de identidade da nossa natureza com a Natureza como um todo; o Ser retribui em serviço a acolhida e o apoio que recebe da Sociedade, numa relação de reciprocidade; e à Sociedade cabe exercer a curadoria do Solo, do bem comum, dos recursos que sustentam a vida e viabilizam os confortos do dia a dia. Com tudo isso se mantendo em equilíbrio dinâmico, se traça o caminho para a verdadeira Sustentabilidade." Homero tomou fôlego e prosseguiu: "Como em todo jantar desse tipo, no do Satish o falatório, a barulhada mal permitia conversar de uma forma consequente. Quando houve uma oportunidade, me sentei à beirada da mesa dele e pedi ao Satish que me desse alguns esclarecimentos, eu faria umas três ou quatro perguntas. Ele, atencioso e sorridente, foi respondendo uma a uma, e anotei o que pude num bloquinho que levara para isso mesmo. Está tudo nesse papel. Vou ler pra você, Toc."

Registro da conversa com Satish Kumar – jantar da turma do Schumacher

H - Pode o coração ser o órgão pensante do corpo humano?

S - O coração está presente no corpo inteiro. Pensar e sentir começam juntos no corpo inteiro e então migram para o processo do cérebro.

H - O cérebro é como uma fábrica que apenas processa...

S - Sim, sim...

H - Você crê que os seres humanos são naturalmente compassivos?

S - Sim, porque os seres humanos somente sobrevivem em relacionamentos, nada pode acontecer sem a compaixão. Compaixão é sentir junto, e nos relacionamentos você sente junto.

H - Soil, Soul & Society – o que mesmo quer dizer isso, pode explicar melhor?

S - Necessitamos de uma filosofia que abrace o meio ambiente, o mundo natural, a espiritualidade e a sociedade. Todos os nossos relacionamentos ocorrem em três níveis: recebemos a nossa vida e nossa nutrição do mundo natural, mas temos que cuidar da nossa alma, dos nossos valores espirituais – compaixão, confiança e humildade, que são valores da alma – e levar isso para a sociedade.

“Que você acha disso, Toctoc?” “Quer que eu seja sincera, Mero? Bem... quando eu vejo uma abordagem dessas fico pensando em quanta enrolação, em quanto ‘mais do mesmo’ com nova roupagem têm essas novidades, como a *Green Economy*, ou Economia Verde, como se a sobrevivência da espécie dependesse dessa cor... ha-ha-ha... É uma maneira de continuar, por um tempo extra, sem mexer na essência do modelo econômico. O Zé Eli já disse, num de seus artigos recentes, que se alguma cor teria que ter essa economia pretensamente salvadora, que levaria à sustentabilidade, seria a cor turquesa, que é a combinação do verde com o azul celeste do ar e o azul escuro dos mares... Isso de Economia Verde é mais uma moratória com que o sistema instituído procura iludir a credulidade dos ingênuos, para que possa continuar no seu modo habitual de atuação, de vantagens máximas no mais curto lapso de tempo. Para outros, militantes e estudiosos até bem intencionados nos seus esforços, não vai além de um entretenimento, um passatempo intelectual; ou uma ilusão levada a sério que dá um propósito temporário à vida.”

“É, faz sentido. Difícil discordar de você, Toc! Mas voltando ao Satish, eu acho que o que ele nos procura fazer ver é que para além, para longe mesmo desses modelos racionais, essas fabricações engenhosas e manhosas, o que falta ao ser humano é agir com o coração, com esse nosso coração que inspira o cuidar, o respeito, a sensibilidade para com o semelhante, e a noção de que, afinal, dependemos uns dos outros. A aparente fragilidade dessa posição é ao contrário uma enorme força, a única capaz de nos transformar de verdade, porque é

mimética da Natureza e com ela sintônica, é ecológica. Os ‘três S’, enfim, são uma trindade holística, o oposto da trimúrti invertida, aquela onde se entronizam os deuses da modernidade: Morte, Ciência e Mercado.”

Já era mais de meia-noite e o movimento começava a rarear. Homero lembrou de contar a Toc que na linha do que falavam estava finalizando um livro, em parceria justamente com a filha Fernanda, aquela que havia acabado de embarcar. Ocorreu-lhe arriscar: “Você faria uma leitura crítica do livro? Gostaria da tua opinião, você que é do ramo.” Um sorriso acolhedor representou o sim que ele ansiava, para manter vínculos. “Então, te mando o manuscrito, aliás, os originais, logo que estiver pronto. Já ninguém mais manuscreve...”, concluiu com um ar meio sem graça. De repente, deram-se conta de que ainda tinham uns trinta quilômetros para chegar ao destino de cada qual e, já levantando-se para sair, atualizaram reciprocamente os telefones, que anotaram nos respectivos celulares. O livro passou a ser um bom pretexto à frente para continuar conversando sobre todas essas coisas... E, pelos olhares trocados, as piscadelas meio aceleradas pela emoção ao se fitarem e o abraço prolongado da despedida, também sobre “outras coisas” gostariam de conversar, aquelas que o passado havia posto em espera...

Cinco dias após, Homero rompeu com o combinado e chamou Fernanda no telefone que lhe deixara. Após breves trocas de atualidades entre os dois, ela denotando certa pressa e uma mal disfarçada contrariedade, Homero contou em linhas gerais a conversa que tivera com Danuza e perguntou se ela tinha algum comentário. A resposta de Fernanda foi curta e definitiva: “Anota aí essa frase de Blaise Pascal, é a minha contribuição ao seu texto: ‘**O coração tem razões que a própria razão desconhece**’. Boa noite, pai!” “Boa noite, filha! Te cuida... ”

Posfácio

Luiz Seabra
Fundador e Copresidente do Conselho de Administração da Natura Cosméticos

Definitivamente, uma meta-mensagem, um meta-livro. A partir do oximoro em torno do nome do autor, ‘Homero’. Oximoro? Bem, melhor dizer paradoxo. A palavra oximoro ficaria bem no texto do professor Homero, que muitos poderão, talvez, considerar erudito, denso, difícil de compreender, às vezes. Com o devido respeito e reverência, lembremos que Heráclito, mencionado não apenas neste livro, mas referência tão frequente, tanto filosófica, quanto literária, pela densidade de seu texto era considerado “o obscuro”. Mesmo assim, um de seus fragmentos, o *Panta Rhei*, fluxo universal dos seres, é uma das mais incontornáveis menções filosóficas, além, naturalmente, daquela: “não se pisa o mesmo rio duas vezes...” Embora mais conhecido como o filósofo do fluxo, a mensagem (logos) que Heráclito nos deixou também é a de unidade, altamente metalinguística: “Tudo é um” – aproximando este pré-socrático do neoplatônico Plotino: “o Uno está no Todo, o Todo está no Uno”, base do pensar e do sentir sistêmicos, essência da sustentabilidade.

Mas, sabemos todos, valeu o esforço que este livro possa ter representado para sua leitura. Esforço que será ainda mais válido para sua releitura, parcial ou total. Mais do que uma questão de estilo, de emprego de palavras, aqui é fundamental buscar-se o “o coração da matéria”. E, aqui, este coração busca, da forma mais altruísta, avaliar nosso processo civilizatório, considerando alternativas para a vida na Terra, diante de um inexorável impasse. Um coração generoso, doador, como certamente é o coração de seus autores. Mas, seja oximoro ou paradoxo a palavra empregada, voltemos ao que eu dizia: o nome Homero nos faz lembrar o maior historiador grego, que, pela grandeza e força de suas obras, Ilíada e Odisseia, passou ele próprio à vida mítica: há quem duvide que ele tenha existido! Homero, na etimologia, quer dizer “aquele que não vê”... Mas como vê este nosso Homero brasileiro!

Acho que chega a ser parte da metalinguística, aqui tão presente, o fato de este livro ter um autor e uma autora, Fernanda. Pai e filha falando da vida, dos deuses, da civilização humana dentro do labirinto do mundo, vivendo sua encruzilhada mais ameaçadora. Não conheço estatísticas a respeito, mas um livro, com o fôlego que este exigiu, sendo escrito por um pai e sua filha é algo não apenas raro, mas especialmente belo. Por maior que seja o amor e menor a tão frequente barreira geracional, a qualidade de relação necessária para um trabalho, como este, poder ser desenvolvido e chegar a bom termo (e que bom termo!) não é fácil de ser construída, nem mesmo imaginada. *C'est pas evident*, como dizem, recorrentemente, os franceses, tão amigos da filosofia, matéria na qual Fernanda é mestra. Pensando no pai, na filha, na filosofia e nos franceses, vem bem a propósito à lembrança a visita recente ao Brasil do filósofo Luc Ferry... Segundo ele, o sagrado, na vida moderna, pode ser encontrado no amor aos filhos, à família. Por eles podemos dar nossa própria vida, como, em tempos passados, ela foi dada por Deus (isso ainda ocorre no Oriente Médio), pela Pátria. Esta visão do sagrado, tão próxima de nossa intimidade, pode ser um interessante contraponto à crescente dessacralização que a vida moderna, invadida por tecnologias e todos os aparatos que a cultura dos excessos nos tem imposto – tema também abordado neste livro. Quem nos poderá afirmar que não foi, e é, o sagrado que mobilizou, inspirou pai e filha a entregarem ao mundo este livro, compartilhando tanto conhecimento, sabedoria, e porque não dizer, amor à vida?

Se este "sagrado" não é tão perceptível nas cotidianas relações entre pais e filhos, que podem tender a um distanciamento, encontramos também neste livro as possíveis razões, ao considerarmos o poder alienante sobre nossas vidas, exercidos por estes deuses da modernidade, que Homero e Fernanda nos apresentam: a tríade Mercado, Ciência e Morte.

Neste aspecto, podemos também evocar Felix Guatari, em *As Três Ecologias* (1.999): "as redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente "ossificada" por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas à sua mais pobre expressão".

Homero e Fernanda, pai e filha, redescobrem a força, as luzes, da dialética para nos esclarecer a dimensão e toda a complexidade derivadas da civilização da

qual somos produto. Nesta dialética amorosa, em um paradoxo complementar, Fernanda nos traz as luzes antigas da filosofia, revisitadas por seu intelecto e revigoradas por sua juventude. Homero, por sua vez, em seus anos de maturidade, nos contempla com uma privilegiada experiência centrada nessa jovem ciência, que busca soluções para o futuro humano e planetário, a Sustentabilidade. A propósito dos “anos maduros”, lembremos o que a milenar sabedoria chinesa considera como o ciclo possível de nossa existência: até os 30 anos, vivemos a infância e a prolongada adolescência, dos 30 aos 60 a vida adulta e seus embates, dos 60 aos 90, a maturidade e os frutos da existência e, a partir daí, cada vez mais lento, o envelhecimento, a descoberta da contemplação e das luzes do entardecer...

Mas, atenção! Lembremos, para contarmos para os amigos, que encontramos muito mais neste livro... Nele há aventuras, viagens, sonhos, poesia e – dom raro, especialmente na vida corporativa – muita imaginação!

E imaginação, minhas caras e caros, é a “matéria prima” imprescindível para viver estes nossos tempos de sombras e luzes. Somente ela nos permitirá invocar a esperança, aquele dom que deuses misericordiosos acrescentaram à caixa de Pandora, veículo de todas as vicissitudes que marcam a existência humana. Com imaginação e esperança, poderemos, homens, mulheres, pais, filhas, filhos, enfim, toda a humanidade, estabelecer nas relações humanas a graça e a alegria amorosa do conviver, vencendo lenta, mas progressiva e inexoravelmente, a avidez do individualismo exacerbado, do egoísmo do competir darwiniano, como base de uma real transformação civilizatória.

Concluo, deixando com vocês aquelas sublimes e simples palavras de Max Ehrmann, nascidas do coração e materializadas no poema *Desiderata,* de que reproduzo, de forma livre, alguns trechos:

“Tenha uma disciplina saudável, mas seja gentil para consigo mesmo. Você é um filho do Universo, tanto quanto as árvores e as estrelas. Você tem o direito de estar aqui. E, quer você saiba disto ou não, o fato é que o Universo caminha como deve. Por isso, esteja em paz com Deus, não importa como você pensa que ele é.

“A despeito da barulhenta confusão da vida, mantenha-se em paz com a sua alma.

“Com todos os seus enganos, labutas e sonhos não realizados, este continua a ser um belo mundo. Esforce-se por ser feliz.”

POST SCRIPTUM

Impressões Críticas

Carolina Daniel

Estudante de artes cênicas – 18 anos de idade

Somos seres em constante transformação. Nosso modo de pensar, nossos ideais, nossas “verdades”. Somos livres, em essência, para ser quem quisermos ser, pensar o que bem entendermos, questionar e desconstruir o que acharmos necessário. Talvez, por ter essa ideia de liberdade tão bem fundamentada em minha mente, senti um baque ao perceber, ao longo do livro, que estamos limitados a pensar de uma mesma maneira, sobre as mesmas coisas, chegando às mesmas conclusões.

Questionamos sim – intuitivamente – e talvez por isso tenhamos uma espécie de *déjà vu* ao nos deparar com certas questões durante a leitura. São perguntas que já fizemos e não desenvolvemos, postas de lado por nossa acomodação ou talvez pela falta de elocução para aprofundá-las propriamente. O livro as traz de volta, brilhantemente elaboradas e sem nenhuma pretensão de respondê-las. Afinal, desvendamos durante a leitura que o importante é não ter respostas – são as perguntas o elemento mais valioso que nos moldarão como indivíduos, e por consequência, aperfeiçoarão nosso convívio em sociedade. O quão melhor viveríamos – com nós mesmos e com o mundo – se questionássemos mais...

Pensamos em economia, vida, morte, filosofia e espiritualidade como elementos que se complementam – que se interligam e se explicam. Com a leitura cautelosa – lembre-se que se trata de uma linguagem menos imediata do que a maioria de nós estamos acostumados – percebemos a existência de um único tema, conectando assuntos que antes não saberíamos conectar: a Vida.

É um livro necessário para todos, pois tem como objetivo uma simples tarefa, tão necessária em uma sociedade tão acomodada: fazer pensar.

Sergio Vaisman

Médico clínico especialista em Medicina Preventiva,
professor universitário e autor

Que viagem!!! Surpreendi-me imensamente ao perceber as revelações reflexivas de Homero e Fernanda, num primoroso "dueto", quanto ao surgimento do Ser, sua longa trajetória evolutiva e a chegada até o HOJE, atravessando todos os percalços com os quais o ser humano teve que conviver e suplantar.

A narrativa de cunho predominantemente filosófico e recheada das emocionantes incursões oníricas, além das bem aplicadas metáforas, nos faz pensar e concluir a respeito do nosso caminho. Como será o AMANHÃ? Metaforicamente, é bem apresentada a trajetória do Homem na busca do seu Ser e como as interferências do Ter podem atrapalhar a compreensão aprofundada de si próprio.

A leitura desta obra é uma viagem e tanto! Sem qualquer duvida é proveitosa e nos conduz mais próximos do autoconhecimento.

Rita Mendonça

Educadora, consultora e escritora

Adorei o livro que você escreveu com a Fernanda. Nunca poderia imaginar que seria possível mergulhar em tantos temas importantes que envolvem o nosso presente e o nosso futuro com seriedade, profundidade e ao mesmo tempo de uma maneira tão bem humorada. Esses assuntos em geral são tão sisudos! Em alguns momentos ri muito e senti que estava junto de vocês, nas conversas e viagens! Achei isso muito sábio pois rir junto é algo que nos coloca num plano de conexão e identidade que, acredito, é o que mais precisamos fazer hoje em dia, principalmente no campo da sustentabilidade. De que adianta pensar e desenvolver estratégias fabulosas sem conseguirmos falar a partir de um mesmo lugar, nos complementarmos, nos entendermos, sentir que estamos juntos? Rir junto nos garante essa sintonia, presente no decorrer de todo o texto. Aquele princípio de que "se não for divertido não será sustentável" parece ter sido aplicado a fundo!

Os variados temas como crescimento e vida, entropia, liberdade, gênero, igualdade social, simplicidade, felicidade, dor, alegria, consumo são abordados de forma instigante convidando-nos a pensar junto, a olhar por diversos prismas, a evitar o enrijecimento das ideias, a aprofundar a reflexão e a nos auto observar, nos envolvendo de corpo e alma. Apesar da urgência dos temas vocês demonstraram a importância de não se tirar conclusões rápidas e superficiais. Além disso as reflexões não são propostas como abstrações, mas sim estão sempre dentro de um contexto, lugares interessantes, pessoas estimulantes, sugerindo que o que pensamos depende não só do nosso repertório como igualmente do contexto em que estamos e de como interagimos com ele.

E as conversas, são verdadeiros diálogos, no sentido proposto por David Bohm, que retoma sua origem grega onde dia significa "através" e logos "o sentido da palavra", ou seja, o diálogo como o fluir de sentidos a partir do qual emerge um sentido novo. Nos diálogos o novo não poderia ter ocorrido no início pois depende inteiramente do fluir dos pensamentos compartilhados. Assim vocês conversavam e nos conduziam a sempre novas percepções e aprendizados.

Bem, no final, quando li sua breve conversa com o Satish Kumar, em que o coração é visto como um órgão pensante que está presente em todo o corpo, me dei conta de que o texto todo tinha sido construído a partir do afeto, da dedicação, do interesse pela humanidade e de uma profunda experiência de conexão. O solo, a alma e a sociedade estiveram entrelaçados nessa viagem que fizemos com vocês. E com uma incrível liberdade, que nos orienta e fortalece!

Luciane Lucas

Pós-doutora em Sociologia e doutora em Comunicação

Homero tornou-se uma referência para muitos profissionais que tiveram na sustentabilidade sua bandeira. Assim, uma palavra sua sempre pede pausa para reflexão. Em A Caveira de Hamlet, que escreve com Maria Fernanda, ele nos incita a um questionamento mais profundo acerca de premissas que ganham evidência no mundo contemporâneo: a de que vivemos a compulsão pelo crescimento e a de que revigoramos novos deuses para representar os apetites da modernidade. Trata-se, na sua proposição, de uma trindade invertida, constituída pelo Mercado, pela Ciência e pela Morte.

Com uma prosa que prende o leitor do início ao fim, recheada de debates filosóficos, reflexões, conversas à distância, réplicas e notas de viagem, A Caveira de Hamlet propõe que reavaliemos a perigosa relação entre o canto sirênico do crescimento, as promessas de realização do consumo e o sentido de felicidade. Espécie de Tântalo Redivivo, sempre faminto de frutos que escapam de suas mãos, o homem contemporâneo parece preso entre a promessa do prazer imediato e a impossibilidade absoluta da satisfação plena.

Alertando-nos para esta teia que nos envolve a todos e que entrelaça presente e futuro, Homero e Maria Fernanda discutem externalidades econômicas, sociais e ambientais que ameaçam colapsar a civilização como a compreendemos hoje. Reflexões estas de que o debate atual sobre a sustentabilidade, frequentemente ancorado nas expectativas de um capitalismo verde, não consegue nem de longe dar conta.

Amaryllis Nogueira Santos

Estilista graduada em *Design* e Gestão de Moda

A leitura do livro me levou a inúmeras reflexões. Realmente nos tornamos seres desprovidos de crenças e valores que nos enriquecessem “espiritualmente”. Não descansamos, funcionamos 24 horas por dia para termos cada vez mais, onde o materialismo e o consumismo tornaram-se nosso combustível e acabamos esquecendo nossa própria essência. Estamos cegos diante de uma relação nada amigável com nosso planeta.

Me parece que a verdade assusta o homem, ele a evita, prefere viver algo que ele cria como a verdade, pois é mais cômodo face às suas crenças. No fundo, sabemos de toda a verdade, mas neste caso, ela pede por mudanças em nossos hábitos e comportamentos, mas... ganhamos o que com isso? E o nosso lucro? E as vendas? E o bem estar e o conforto? É esse culto exacerbado ao deus Mercado que nos faz tapar os olhos para a verdade, que é muito inconveniente para o atual estilo de vida do homem.

Que intensa toda essa discussão acerca do tema do Crescimento. E é incrível pensar que se hoje deixarmos de crescer, fábricas seriam fechadas, empresas chegariam ao seu fim, pessoas perderiam seus empregos e não teriam recursos para se alimentar, se vestir, morar, *etc.* Ficamos escravos de todo um sistema, que, ao meu ver, não tem volta. Será que poderemos reinventar o modo como crescemos?

Similitudes...



afeiçoamo-nos à morte. é como se fôssemos cortejando a confiança dessa desconhecida, para nos encantarmos, quem sabe. ou para percebermos como lhe poderemos escapar ainda. coisas diversas e complementares, porque os nossos sentimentos vão oscilando entre uma necessidade de ultrapassar o impasse do fim da vida, e o trágico de que isto se reveste. a coragem tem falhas sérias aqui e acolá. e nós, que não somos de modo algum feitos de ferro, falhamos talvez demasiado, o que nem por isso nos torna covardes, apenas os mesmos de sempre. os mesmos vulneráveis e atordoados seres humanos de sempre. tanta cultura e tanta fartura e ao pé da morte a igualdade frustrante e a mesma ciência.



Valter Hugo Mãe

“*A Máquina de Fazer Espanhóis”- Cap. 9*